



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS MULTIDISCIPLINARES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E
CIDADANIA - PPGDH

O meu último momento de
felicidade na verdade se
tornou em muitos momentos.

CASAS DE PAPELÃO:
O QUE É A RUA PRA QUEM
VIVE NELA?

O ~~As~~ são como se fossem
se ~~de~~ e ~~for~~ ~~no~~ ~~em~~

Obs: novo amigo, não colar que fiz

BRASÍLIA/DF
2023



Universidade de Brasília – UnB
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares – CEAM Programa
de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania – PPGDH

**CASAS DE PAPELÃO: O QUE É A RUA PRA QUEM
VIVE NELA?**

FILIPE LUNA JUCÁ DE CASTRO

Brasília/DF
2023

Filipe Luna Jucá de Castro

**CASAS DE PAPELÃO: O QUE É A RUA PRA QUEM
VIVE NELA?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Direitos Humanos e Cidadania, da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Direitos Humanos e Cidadania, da linha de pesquisa: Políticas Públicas, Movimentos Sociais, Diversidade Sexual e de Gênero, Raça e Etnia.

Orientadora: Prof. Dra. Vanessa
Maria de Castro

Brasília/DF
2023

Filipe Luna Jucá de Castro

CASAS DE PAPELÃO: O QUE É A RUA PRA QUEM VIVE NELA?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania, da Universidade de Brasília, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Mestre em Direitos Humanos e Cidadania, da Linha de pesquisa: Políticas Públicas, Movimentos Sociais, Diversidade Sexual e de Gênero, Raça e Etnia

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Vanessa Maria de Castro (orientadora)

Prof. Dr. José Geraldo de Souza Júnior (examinador interno)

Prof. Dr. David Sanchez Rubio (examinador externo)

Prof. Dr. Wellington Lourenço de Almeida (suplente)

Brasília/DF

2023

*À Ismênia, Fernando e
Gustavo, que partiram durante
a realização desse trabalho.
E à todas as pessoas que se
encontram nesse momento
vivendo nas ruas desse país,
dedico essa pesquisa.*

AGRADECIMENTOS

Em memória dos encantados que tanto me encantaram na vida, à Ismênia, Fernando, Paulo Luna, Gustavo, Tatiana, Tia Osa, Tia Gena, Antônio Maurício e Krystian, todos marcaram minha vida e também por vocês cheguei até aqui; entre lágrimas e sorrisos, minhas saudades eternas.

Devo adiantar que os agradecimentos aqui alinhavados foram deixados para o final e buscam apenas registrar, ainda que simbolicamente, meu reconhecimento a todas as pessoas que me fizeram chegar até a conclusão desse trabalho, a quem agradeço profundamente.

Mesmo ciente da impossibilidade de mencionar todos os nomes que merecem estar aqui, tomo a liberdade de destacar alguns, desde logo pedindo desculpas por eventuais ausências.

Aos meus pais, Rosi e Eduardo, por todo apoio e suporte e por terem me criado tornando possível ser quem eu sou, dedico o meu amor.

À minha família, no Rio, em Recife e no Maranhão, em especial à minha avó Olívia, minha tia avó Eunice e minha tia Liana, em nome de todos os meus tios e tias, primos e primas, agradeço por terem me ensinado este sentimento tão bonito que é o amor, saibam que os carrego comigo em meu coração.

À Bárbara, minha namorada, por dividir comigo as angústias e reflexões, os dias bons e ruins, e sobretudo por aceitar minhas ausências neste período desafiador de pesquisa e luto, minha eterna admiração e carinho.

À minha família do coração, Solange, Joaquim e Lucas Guilherme, por todo amor e cuidado. E também a quem me viu crescer, em nome de Alina, Regina e Tia Margô, minha lembrança e gratidão.

À todos os amigos e amigas que me acolheram mesmo estando distante, dividindo cada qual a sua forma o peso de encarar as perdas da vida e o pensar em um mundo melhor. Em especial, deixo expresso meu respeito e carinho em ordem que não é jamais de importância à Fernando, Sâmya, Camila, Thiago, Vinícius, Carlos, Caio, Lucas, Gabriel, José, Thales, Majoy, Pedro, Edilson e Gustavo.

À Henrique, que amo desde que nasceu, por me dar a certeza de um futuro melhor com sua sensibilidade de uma criança única que traz cor e alegria

para esse mundo.

À Matheus Tomaz, por dividir tantos momentos na rua comigo e eternizar com seu olhar a sensibilidade que vive nela.

À Abner, meu amigo sempre lembrado pelos meus avós, por partilhar comigo, mesmo do outro lado do Atlântico, as angústias do pesquisar.

À Hugo Campos, a quem meu avô tinha como irmão, dedico meu agradecimento como forma de deixar registrado meus votos de profunda consideração.

À minha querida orientadora, Prof. Dra. Vanessa Maria de Castro, que tanto dividiu comigo sua sabedoria e sensibilidade, me fazendo refletir sobre pontos sem os quais não haveria concluído esse trabalho.

Aos professores, colegas e aos funcionários do PPGDH, que em sua maioria conheci apenas virtualmente, por todo apoio. Em especial, meu obrigado à Maíra Brito, Rodrigo Dias, Bruna Garner, Gabriela Almeida e Júlio Lisboa.

Ao Prof. Dr. David Sanchez Rubio e ao Prof. Dr. José Geraldo de Souza Júnior, por terem aceitado participar de minha banca e engradecerem este trabalho com suas avaliações e conhecimentos.

À quem me inspirou a seguir lutando pelos Direitos Humanos, em especial à Renan Vinicius Sotto Mayor de Oliveira, Alessandra Benedito, Paulo Mariante, José Humberto, Pedro Peruzzo, Pedro Tourinho, Regina Pedroso, Soraia Spolidório.

À todos que foram mestres para mim no direito, em especial, a quem devo boa parte de minha experiência profissional e na escrita, meu respeito e minha consideração à Carlos de Araújo Pimentel Neto e André Rodrigues de Almeida.

Ao Entrega por Campinas e a quem conheci através do Campinas Invisível, estendendo os agradecimentos a todos que compartilharam comigo essas vivências nas pessoas de Samuel, Marcello, Serginho, Luan, Malu, Breno, Rodrigo, Dante, Léo e Tom. Ao Projeto Lavanderia, na pessoa de Lucas Brant, ao SP Invisível, em nome André e Vinicius e ao Projeto Tive Fome, na pessoa do David, seguimos juntos nessa caminhada.

À Alexandre, Adriana Lopes, Adriana Cavalcanti, Zé Maria, Soninha, Carlão, Roberto Carlos, Claudia, Mandela, e tantos outros por terem me ensinado sobre a vida e as ruas, meu eterno obrigado.

À Jacaré Livros por ser a ponte com a maior parte dos livros físicos que trabalhei nessa dissertação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES por ter concedido a bolsa que possibilitou a realização da pesquisa.

Por fim, agradeço àquele sentimento que causa arrepio quando algo nos toca, por me fazer seguir nessa busca por sentir o que sinto quando penso olhar a realidade nos olhos e me enxergar, ali, mais humano.

No meio da rua

A casa do passageiro
é o meio da rua
por isso esse ar de loucura

por isso esse andar
de banda. essa voz
que inflama. esse olhar
de lua

por isso essa dor que
não recua

A cama do passageiro
é o amor de campanha:
armar o dia
manter o fogo
cobrir a fuga

por isso esse chamado
quando passa adiante
essa vontade
que alguém lhe acompanhe

O medo do passageiro
é sentir-se um estranho
por isso sorri
enquanto morre de fome

(ele nasceu, teve um sonho
mas o caminho, longo demais
lhe rouba o sangue)

No meio da rua
o coração do passageiro
bate o bumbo

RESUMO

Este estudo de mestrado em Direitos Humanos busca compreender o fenômeno da população em situação de rua, focando na vida de pessoas que têm apenas a rua como espaço de moradia. O objetivo é analisar o significado da rua para esses indivíduos, suas estratégias de sobrevivência e como eles se percebem nesse contexto. A pesquisa destaca a necessidade de não universalizar as diversas situações que levam alguém a viver nas ruas, indo além das questões socioeconômicas, culturais ou de saúde mental. Com base em dados limitados sobre a população de rua no Brasil, o estudo argumenta que a ausência de estatísticas adequadas contribui para as múltiplas violências enfrentadas por essa população e para a negação de seus direitos humanos. A pesquisa enfatiza a importância de ouvir as histórias de vida das pessoas em situação de rua, permitindo que elas expressem não apenas suas dores, mas também suas vidas e potencialidades. O trabalho se baseia em experiências de campo, incluindo entrevistas com quatro pessoas em situação de rua no Bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro. Essas experiências pessoais do autor, suas interações e relacionamentos com pessoas em situação de rua, bem como seu envolvimento em projetos sociais relacionados ao tema, moldaram sua abordagem de pesquisa. A dissertação segue uma abordagem interdisciplinar, indo além das perspectivas jurídicas e legais para compreender a complexidade do fenômeno da população de rua. O autor destaca a importância de uma escuta atenta e ativa para compreender as histórias e experiências dessas pessoas, contribuindo para uma visão mais abrangente dessa realidade. O trabalho é dividido em seis partes, que abordam dados, marco teórico, metodologia, resultados, análise e discussões sobre o tema.

Palavras-chave: População em Situação de Rua; Histórias de Vida; Cidade; Direitos Humanos;

ABSTRACT

This Master's study in Human Rights aims to comprehend the phenomenon of the homeless population, focusing on the lives of individuals who have only the street as their place of residence. The objective is to analyze the meaning of the street for these individuals, their survival strategies, and how they perceive themselves in this context. The research emphasizes the need not to generalize the diverse situations that lead someone to live on the streets, going beyond socio-economic, cultural, or mental health issues. Based on limited data regarding the homeless population in Brazil, the study argues that the absence of adequate statistics contributes to the multiple forms of violence faced by this population and the denial of their human rights. The research underscores the importance of listening to the life stories of people living on the streets, allowing them to express not only their hardships but also their lives and potential. The work is based on field experiences, including interviews with four homeless individuals in the Flamengo neighborhood of Rio de Janeiro. The author's personal experiences, interactions, and relationships with homeless people, as well as their involvement in social projects related to the topic, have shaped their research approach. The dissertation adopts an interdisciplinary approach, going beyond legal perspectives to understand the complexity of the homeless population phenomenon. The author highlights the significance of attentive and active listening to comprehend the stories and experiences of these individuals, contributing to a more comprehensive understanding of this reality. The work is divided into six parts, covering data, theoretical framework, methodology, results, analysis, and discussions on the subject.

Keywords: Homeless; Life Stories; Cities; Human Rights;

Sumário

INTRODUÇÃO	13
PARTE I – A QUESTÃO ESTATÍSTICA.....	18
I.I A Escassez de Dados – O Invisível Quantificado.....	18
I.II - A Situação de Rua Para Além dos Números.....	27
PARTE II – O FENÔMENO: PESSOAS VIVENDO NAS RUAS DA HISTÓRIA	29
II.I. A Construção Histórica da Situação de Rua.....	29
II.II. – A Situação de Rua no Brasil:	42
II. III. O Imaginário Social e a Violência Histórica	53
II. IV. Entre a Rua e a Lei:	60
II. V. Direitos Humanos em Situação De Rua:	67
PARTE III - ESPAÇOS E VIDAS: O QUE É A RUA?	72
III.I. A Cidade Pulsante:	73
III.II. Direito à Cidade: Direito de quem e para qual cidade?	75
III.III. Entre O Público e o Privado	78
III.IV. O Passado Visível no Presente – A vida privada de sentidos:	83
III.V. Casa e Rua/Rua e Casa:	95
PARTE IV. PESQUISA DE CAMPO E O CAMINHO METODOLÓGICO:	99
IV.I. Botafogo: Um bairro, um clube, uma vida.....	106
IV.I.I. Um capítulo à parte: Um instante de felicidade chamado Dingo.....	117
IV.I.II. Um dia após o outro: a Vida e o luto que na rua é verbo.	144
IV.II. Mineiro – “Eu tenho que sorrir mesmo sem o dente, porque o sorriso vem de dentro pra fora.”	149
IV.III. Barba: “O falar são como janelas que se abrem e formam frases no entender daqueles que ouvem”	161
IV.IV. Sr. L. – “Porque ficção eu já tô cheio de ficção, eu sou uma ficção, né?”	172
PARTE V – OS RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO:	179
V.I. O Perfil dos Entrevistados.....	180
V.II. Temas Emergentes nas Entrevistas	183
V.II.I. A questão da Violência: Ruas perigosas.....	184
V.II.II. Cansaços e Descansos:	185
V.II.III. Perdas, ausências e rupturas: os laços	188
V.II.IV. Companhias, amizades e conversas: Os novos laços na rua.....	189
V.II.V. O olhar “de fora”: As quatro paredes do preconceito	191
V.II.VI. O álcool, as drogas e a rua: o que vem antes?	193
V.II.VII. O acolhimento público: A ordem sem progresso.....	195

V.II. VIII. A distância entre os direitos e os humanos na rua:.....	201
V.II.IX. A comida que nem sempre vem	202
V.II.X. Higiene x Limpeza: Por que não existem banheiros públicos?.....	203
V.II.XI. Alegrias e Felicidades, Palavras e Sorrisos: Nem tudo são lágrimas.....	205
V.II.XII. Os desafios da rua:	207
V.II.XIII. Rua: Os significados.....	208
PARTE VI – DISCUSSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	209
VI.I. Entre O Sujo E O Limpo: Uma População Sem Acesso A Banheiros	211
VI.II. Pessoas Em Situação De Fome No Rio De Janeiro	217
VI.III. Afinal, O Que É A Rua Pra Quem Mora Nela?	222
VI.IV. Considerações Finais.....	233
REFERÊNCIAS.....	238
ANEXOS.....	243
APÊNDICES.....	247

INTRODUÇÃO

A motivação desta pesquisa está ancorada na busca por conhecer as vidas de algumas pessoas que têm somente a rua como espaço de moradia.

Estas pessoas, usualmente, são denominadas ou chamadas de população em situação de rua ou moradores de rua, sendo certo que ao longo da história as nomenclaturas foram mudando¹.

O risco que se corre, em temas como esse, é universalizar uma pluralidade de situações que motivam uma pessoa a ter a rua como sua única possibilidade de moradia. Para além das questões socioeconômicas, culturais ou de saúde mental, há uma multiplicidade de fatores que levam a rua a se tornar uma alternativa de sobrevivência.

Esta pesquisa foca, dessa forma, no fenômeno sócio-histórico da situação de rua, que remete, sobretudo nos grandes centros urbanos, a uma realidade relegada à marginalidade da vida cotidiana, tornando por evidenciar profundas assimetrias sociais e econômicas que suprimem direitos, identidades e os discursos de toda uma população. Portanto, em suma, buscar-se-á compreender as relações entre os sujeitos que compõem essa população e a própria rua enquanto espaço que comporta definições diversas.

Por outro lado, o que se observa é que há um déficit de dados estatísticos relacionados à população que vive nas ruas no Brasil, o que a meu ver, em conjunto com o imaginário social existente sobre o assunto, contribui para as múltiplas violências sofridas por essa população e a ausência de garantia de seus direitos humanos.

De acordo com o Conselho dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), a situação de rua é uma crise global de direitos humanos que requer uma resposta global e urgente². Por sua vez, segundo Natalino (2023), o número de pessoas vivendo em situação de rua superou as 281 mil pessoas no Brasil em 2022, marcando um crescimento que, se comparado com os números obtidos em 2012, chega a 211%.

¹ Para aprofundar sobre as terminologias adotadas, ver: Snow e Anderson (1998), Escorel (2000), Mendes (2007), Santos (2009) e Robaina (2015).

² Relatório da Relatora Especial sobre moradia adequada como componente do direito a um padrão de vida adequado e sobre o direito a não discriminação neste contexto. Disponível em: https://terradedireitos.org.br/wpcontent/uploads/2016/11/Relat%C3%B3rio_Popula%C3%A7%C3%A3o-em-situa%C3%A7%C3%A3o-de-rua.pdf;

Diante dessa emergência social, é urgente voltarmos o olhar aos que vivem na rua e da rua. O desvendar desse olhar sob uma ótica própria, a partir de uma escuta atenta e ativa, possibilita que o sujeito se autorize a falar sobre aquilo que vive, mas nunca externou, permitindo-se discorrer não só das dores, mas também da vida e suas potencialidades.

Desse modo, a partir das experiências construídas no campo, dialogando com as histórias de vida de quatro pessoas que vivem em situação de rua no Bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro, buscou-se compreender o que é a rua para quem vive nela, as implicações do viver nesse espaço, além das visões de pessoas que compõe essa população sobre aspectos fundantes da vida delas.

A motivação para a escolha deste objeto de pesquisa de mestrado surge da incompreensão, originada desde a infância, quando a existência de pessoas morando nas ruas cruzava o meu caminho e suscitava-me reflexões sobre as diferentes trajetórias de suas histórias de vida.

Ainda adolescente, interpretei enquanto figurante uma criança sem-teto em um filme chamado: "*Topografia de um Desnudo*", que foi lançado em 2010 e dirigido por Teresa Aguiar. A obra trata justamente das inúmeras mortes de pessoas em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro na década de 1960, episódio que ficou conhecido como "operação mata-mendigos".

Em março de 2013, voltando de uma aula no primeiro ano da graduação em direito, conheci Rubens, um senhor que vivia em situação de rua em Campinas/SP após a perda de sua esposa. Rubens era formado em direito pela PUC-Campinas e conversou comigo por cerca de uma hora, contando de sua vida, da família, do sofrimento nas ruas e do que ele chamou de "pessoas boas".

Me senti impotente, como estudante e como ser humano. Éramos semelhantes, pois vivíamos no mesmo bairro, seguimos o mesmo curso e, ainda assim, estávamos em mundos muitos distantes, cada um com suas dores e histórias.

Após essa experiência, passei a ir para as ruas com o objetivo de conhecer e ouvir as principais necessidades de quem ali vivia subvertendo a lógica e reinventando os espaços pensados como de passagem para se situar. Nesse caminhar, criei em outubro de 2014 o projeto "Campinas Invisível". Este projeto buscava, através de histórias de vida das pessoas em situação de rua, encurtar a distância entre esses mundos que coexistem, da rua e da "casa".

De lá para cá foram muitas horas compartilhando a vida nas ruas, em diferentes

horários e dias. Este projeto conseguiu contar 72 histórias de vidas, sendo este material todo gravado por mim. Algumas das pessoas que me contaram suas histórias pude acompanhar por mais de cinco anos com periodicidade semanal.

Contribuímos, com a rede de apoio que se formou, para que Adriana Cavalcanti, mulher negra, trans e nordestina, prestasse o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em 2018, sendo ouvida por reportagens que buscaram conhecer sua história e seu vasto conhecimento sobre a literatura, fato que culminou em sua saída das ruas, naquele momento, após um financiamento coletivo.

Acompanhamos de perto a história da Adriana Lopes, que lutava e segue lutando contra a dependência química. Ela foi inscrita no programa Minha Casa Minha Vida sem comprovante de residência (exigido à época), se formou em curso como cuidadora de idosos, saiu das ruas algumas vezes, foi dar palestra sobre a vida nas ruas e participou de trabalhos acadêmicos, se tornando, segundo ela, protagonista da própria vida após alguns erros e decepções, como a perda do pai e a ida para o sistema carcerário.

Conheci a mãe e os filhos da Adriana, as equipes de referência da saúde e da assistência social que a atendiam, os locais que dormia, na rua e fora dela, seu dia a dia, suas estratégias de sobrevivência, seus sonhos, as rupturas e reconstruções, fato que sem dúvida contribuiu para moldar os contornos da pessoa e do pesquisador responsável por esta pesquisa.

No Rio de Janeiro, onde também busquei me dedicar a conhecer melhor as ruas e quem nela vivia, realizei alguns trabalhos exploratórios que consistiam em notar os movimentos, escutar as conversas, cumprimentar pessoas situadas nas calçadas e, sobretudo, ouvir. Desde o início dessa trajetória de escuta nas ruas, pude perceber o quão significativo é possibilitar essa escuta sem julgamentos, na condição de igual, cumprindo com um doar que visa preencher carências existenciais que muitas vezes são tão profundas quanto às carências de ordem material.

Em 2018, conheci José Marcos de Souza, que vendia livros na esquina da Rua Barão do Flamengo com a Praia do Flamengo. Após algumas conversas, em diferentes dias, ao ver um livro que queria, sobre o começo da carreira na advocacia americana, Marcos prontamente me deu o livro com a seguinte dedicatória: *“Amigo verdadeiro é aquele que sabe o que é viver com uma amizade verdadeira”*. No final, com as vendas em ritmo “devagar” naquele dia, não aceitando qualquer valor pelo livro, acertamos um almoço como agradecimento simbólico pelo presente.

Ali próximo, no aterro do flamengo, tive contato com um senhor chamado José Manoel, conhecido como “Seu Zé”, nascido em 28/12/1942, em Angra dos Reis/RJ. José Manoel vivia na Praia do Flamengo, situando-se em frente à barraca Estrela do Mar, bebia com frequência, tinha um reumatismo que, segundo ele, não o incomodava a ponto de ser um problema grave e não mantinha contato com sua família, apesar de ter parentes vivos. Seu Zé falava comigo sobre a vida com sinceridade e nunca pareceu se preocupar em falar o que eu queria ouvir. Me fez refletir sobre a experiência de escutar histórias de vida, sobre as perguntas a serem respondidas com relação a população em situação de rua e como obter tais respostas.

Seu Zé foi internado no início de 2022 e, após agradecer o contato meu e da dona Lourdes, proprietária da barraca Estrela do Mar, local em que viveu próximo por muitos anos, infelizmente veio a falecer, em situação de rua, deixando vazio o espaço à sombra de sua árvore favorita no Aterro do Flamengo.

Assim, ao longo dos anos, criei laços, ri, chorei, toquei e fui tocado, me choquei com a violência, me encantei com a delicadeza e resiliência e tentei compreender, nesse caminhar enquanto ser humano, advogado e aspirante a pesquisador, o poder de todas essas experiências.

Cabe aqui destacar, desde logo, que a perspectiva em que se funda o presente trabalho se fundamenta na interdisciplinaridade, de modo que, apesar da formação na área do direito e do exercício da advocacia como profissão, não serão utilizados conceitos exclusivamente oriundos da lógica jurídico-legal. Dito isso, no campo, busquei empregar um olhar amplo, permitindo que as contribuições de diferentes áreas do conhecimento dialogassem com os dados coletados nas entrevistas realizadas.

Tal colocação se faz necessária uma vez que, na área do direito, a escrita em primeira pessoa não é usual, contudo, diante da metodologia adotada e da proposta da presente pesquisa, será imprescindível adotar, em algumas passagens desta dissertação, a escrita em primeira pessoa, sobretudo com relação as experiências construídas no campo.

Pois bem, ainda nesse cenário de experiências anteriores que se relacionam ao tema da presente pesquisa, participei de alguns Fóruns de Rua, pude frequentar reuniões do Movimento Nacional de População de Rua em Campinas, além de acompanhar de perto inúmeras histórias, recaídas, tristezas, perdas, conquistas e

vivências. Frequentei serviços especializados, “mocós”³, cenas de uso e os mais variados espaços a que me confiaram estar, mas apesar de tudo, demorou muitos anos para que a fala de uma professora da graduação fizesse sentido para mim: “*Filipe, o trabalho que você faz na rua é pesquisa.*” E como diria o célebre professor Pedro Demo, com quem tive o prazer de ter aula: “Pesquisa é a atividade científica pela qual descobrimos a realidade” (1987, p. 23).

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania da UnB (PPGDH/UnB), buscava estudar a problemática ligada às pessoas em situação de rua, sua condição de invisibilidade social, os mitos e estigmas difundidos socialmente e a negativa de direitos humanos básicos. Contudo, passadas as orientações e leituras sobre o referencial teórico, optei junto a minha orientadora por outro recorte após muitas reflexões.

Dessa forma, o objetivo central dessa análise, será compreender o que é a rua para quem vive nela, quais as estratégias de sobrevivência desses sujeitos e como eles se enxergam no espaço da rua.

Esse projeto se dedica a explorar o abismo de uma realidade escancarada, de corpos controlados, histórias silenciadas, que se tornam públicas e esquecidas, não desejadas e sem semelhança com o mundo tido como oficial. Busca-se desta forma conhecer as vidas além dos números e entender algumas singularidades de pessoas que vivem reivindicando espaços privados no mundo público marcado pela ordem social.

Como o psicanalista Jorge Broide (2020) afirma, quando alguém se dispõe a oferecer uma escuta, a rua fala e fala de seus vínculos e suas histórias, de suas ancoragens e redes de sustentação, fala de sua realidade e dos seus códigos.⁴

É a partir dessa busca que se tenta compreender, ainda que em parte, a organização dessa população nas brechas da vida e as pulsações de uma cidade em constante transformação, dialogando diretamente com as próprias experiências, concepções, percepções e classificações do mundo.

Para tanto, a dissertação se desenvolve em 6 partes. Na primeira parte, trago alguns dados que se relacionam ao fenômeno no contexto brasileiro e em específico

³ Expressão informal comumente utilizada para definir um local secreto de guarda de algo ou de habitação “escondida”.

⁴ Broide, Jorge. A escuta nas Ruas. Youtube: Café Filosófico CPFL - 11 de out. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u782x1weUAI>

no Rio de Janeiro, na segunda e terceira parte, dedicada ao marco teórico, é debatida a formação histórica dessa população, o espaço da rua nas cidades e a relação do tema com o direito. Por sua vez, na quarta parte é discutida a metodologia adotada e apresentado o trabalho de campo. A quinta parte se propõe a analisar os resultados obtidos, os perfis dos entrevistados e os temas emergentes. E, por fim, na última parte proponho algumas discussões e teço minhas considerações finais de modo a concluir este trabalho.

PARTE I – A QUESTÃO ESTATÍSTICA

I.I A Escassez de Dados – O Invisível Quantificado

A miséria humana já é conhecida como parte da paisagem urbana, isso não é novo. O que se observa é que quanto maior a desigualdade maior é a precarização da vida na Era Moderna. Nesse contexto, chama a atenção a existência de um contingente cada vez maior de pessoas vivendo nas ruas das cidades brasileiras, em especial nas grandes metrópoles.

O Brasil, que atualmente ocupa a 87ª posição no ranking mundial que mede o índice de desenvolvimento humano⁵, atrás de países como Peru, Ucrânia, Kuwait e Arábia Saudita, figura no topo da tabela da desigualdade mundial. Conforme revela o relatório intitulado “*Além da renda, além das médias, além de hoje: desigualdades no desenvolvimento humano no século XXI*”, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), cujo Conselho Consultivo, é dirigido por Thomas Piketty e Tharman Shanmugaratnam, o Brasil está em segundo lugar entre os países com maior concentração de renda, atrás apenas do Catar, quando analisados os 1% mais ricos.⁶

No mesmo sentido, os dados do novo relatório da Oxfam⁷, apontam que, no mundo, a parcela 1% mais rica ficou com quase dois terços de toda riqueza gerada desde 2020 (cerca de US\$ 42 trilhões), montante seis vezes maior que o obtido por

⁵ Disponível em: <http://hdr.undp.org/en/content/latest-human-development-index-ranking>; Relevante mencionar, com relação ao índice de Desenvolvimento Humano, que segundo o Ranking Atlas Brasil, a cidade do Rio de Janeiro possui o 8º maior IDH do país e o bairro do Flamengo um dos maiores da cidade – Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/ranking>;

⁶ Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/publications/relat%C3%B3rio-do-desenvolvimento-humano-2019>;

⁷ <https://www.oxfam.org.br/forum-economico-de-davos/a-sobrevivencia-do-mais-rico/>;

90% da população global, isto é, 7 bilhões de pessoas, no mesmo período. Não obstante, na última década, metade da riqueza criada ficou com a parcela dos 1% mais ricos, de modo que, pela primeira vez em três décadas, a pobreza extrema e a riqueza extrema cresceram simultaneamente.

Outro estudo recente realizado junto à Fundação Getúlio Vargas (FGV), denominado “Mapa da Riqueza”, demonstrou-se que a desigualdade de renda no Brasil aumentou durante a pandemia da Covid-19 mesmo com o pagamento do auxílio emergencial.⁸

Tais indicadores, evidenciam parte da realidade existente no país, que se agrava a cada dia com a concentração de riquezas e a desigualdade de oportunidades, ocasionando, de igual modo, profundos impactos no fenômeno da situação de rua que, apesar de histórico, se aprofunda diante dos reflexos de um sistema forjado a extinguir formas de vida que não adequados ao modelo de vida dominante.

Para isso, a política traz entre seus objetivos: “instituir a contagem oficial da população em situação de rua” e “incentivar a pesquisa, produção e divulgação de conhecimentos sobre a população em situação de rua, contemplando a diversidade humana em toda a sua amplitude étnico-racial, sexual, de gênero e geracional, nas diversas áreas do conhecimento”.

Porém, essa contagem oficial das pessoas em situação de rua e a divulgação das informações sobre essa população não se concretizaram até o momento, como relatado na recente pesquisa do Ministério dos Direitos Humanos da Cidadania – MDHC (2023).⁹

Assim, presente atualmente no debate público, em especial pelo desconforto gerado em parte da sociedade, a problemática da situação de rua ganhou notoriedade nacional por volta de 1990, período em que foram realizados os primeiros estudos e a ampliação das iniciativas de enfrentamento da problemática em algumas cidades brasileiras (Argiles, 2012).

Desde então, a questão enxergada como um problema eminentemente urbano, vem crescendo de acordo com os dados existentes, como veremos a seguir,

⁸ “Mapa da Riqueza no Brasil”, Marcelo Neri, Rio de Janeiro, RJ - fevereiro/2023 – FGV Social – 40 páginas - www.fgv.br/cps/riqueza;

⁹ Disponível: https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/populacao-em-situacao-de-rua/publicacoes/relat_pop_rua_digital.pdf

fazendo com que o estado implemente medidas paliativas para disciplinar e “adequar” essa população, no caminho inverso da garantia de direitos e do enfrentamento das vulnerabilidades ligadas à situação de rua.

De modo a trazer dados que dimensionam a problemática que será abordada, segundo a mencionada pesquisa realizada por Marco Natalino (2023), pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o número estimado de pessoas em situação de rua no Brasil em 2022 era de 281.471. O crescimento exponencial dessa população segundo a mesma pesquisa é evidente quando se nota que em setembro de 2012 esse número estimado seria de 90.480 pessoas.

Tabela 01: Estimativa da população em situação de rua no Brasil (2012-2022)

Ano	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Brasil
2012	3.147	16.088	46.702	15.928	8.615	90.480
2013	3.290	17.062	50.576	16.423	8.895	96.246
2014	3.656	17.804	57.482	17.859	9.850	106.650
2015	4.089	24.754	63.914	19.544	10.803	123.104
2016	4.622	27.698	74.197	21.957	10.313	138.785
2017	5.674	26.590	89.173	27.296	11.881	160.614
2018	7.826	29.827	99.796	32.975	14.325	184.749
2019	8.002	34.705	114.413	32.731	14.809	204.660
2020	9.404	35.721	120.104	34.809	14.413	214.451
2021	17.695	43.723	122.255	32.562	15.912	232.147
2022	18.532	53.525	151.030	39.178	19.207	281.472

Fonte: IPEA (2023)

Nos resultados do estudo, o autor aponta que o número estimado de pessoas em situação de rua no Brasil em 2022 é 38% maior que o valor estimado em 2019 e 211% superior ao estimado uma década atrás, em 2012. Igualmente, destaca que a região sudeste segue concentrando mais de metade do total de pessoas que compõe esse contingente populacional, chamando a atenção, a partir do cenário de pandemia, os números da região Norte, sendo que uma das explicações para essa taxa de crescimento seja a questão ligada à existência de fronteiras na região.

Em paralelo, a pesquisa evidencia que o crescimento da população brasileira na última década, considerando as estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos anos de 2011 e 2021, foi de apenas 11%, podendo-se concluir

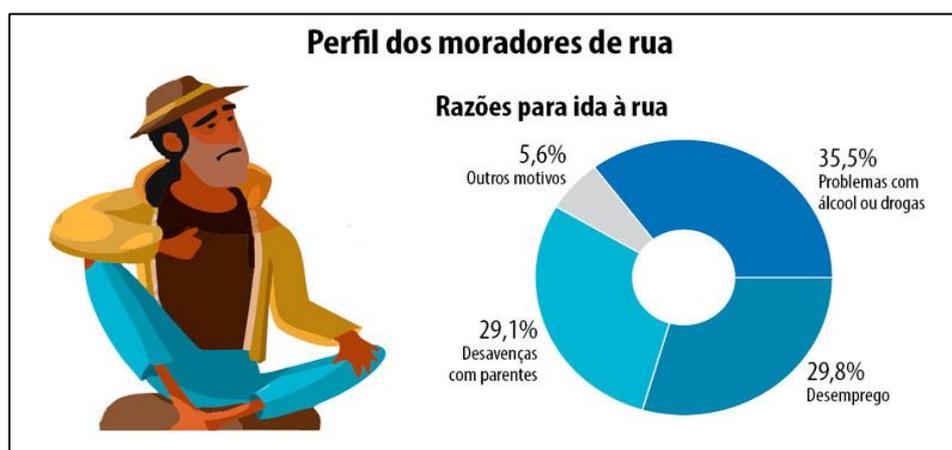
que “o crescimento da população em situação de rua no país se dá em magnitude superior ao crescimento vegetativo da população”, (IPEA, 2023, p. 13), inclusive tendo acelerado nos últimos anos.

E apesar do alarmante aumento nos números de pessoas em situação de rua no Brasil, há que se ressaltar a escassez de dados oficiais. Apesar da Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPR), instituída pelo Decreto no 7.053/2009, prever a contagem oficial desse contingente populacional, apesar dos esforços, os censos demográficos seguem computando apenas a realidade da população domiciliada.

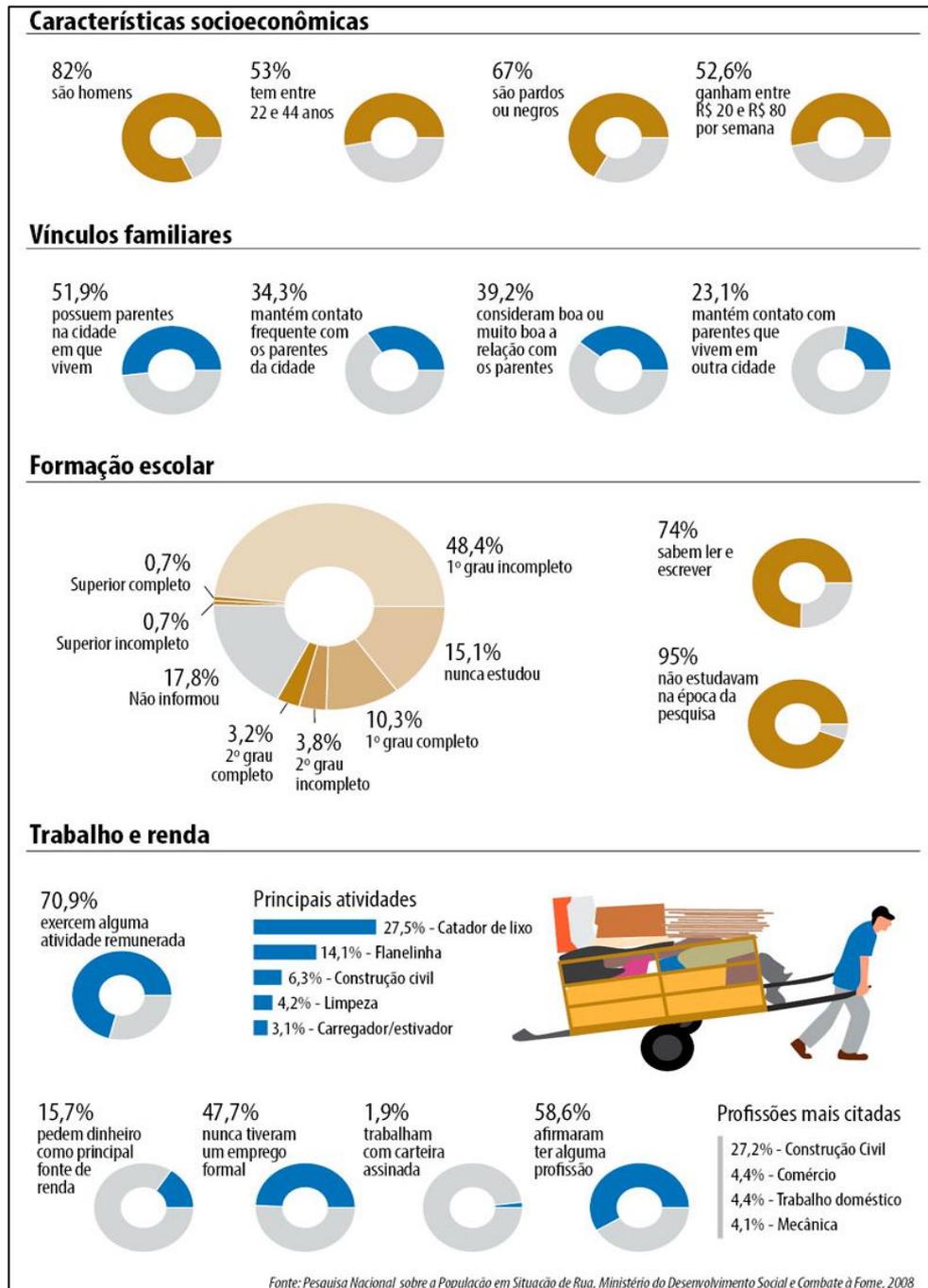
O primeiro e único censo oficial realizado, entre os anos de 2007 e 2008, isto é, há mais de 10 anos, resultou na Pesquisa Nacional Sobre a População em Situação de Rua, que levantou importantes informações sobre essa população.

Segundo a pesquisa, a população entrevistada era composta em sua maioria por homens (82%), sendo mais da metade situados na faixa etária entre 26 e 46 anos (53,41%), sendo que 39,1% dos entrevistados se declararam pardos, 29,5% brancos e 27,9% pretos e 63,5% não haviam terminado o primeiro grau. Dentre os principais motivos para a ida às ruas, foram elencados alcoolismo ou drogas (35,5%); desemprego (29,8%) e desavenças com pai/mãe/irmãos (29,1%)¹⁰.

Um dado que se mostra importante para evidenciar o que será explorado posteriormente na pesquisa com relação a cidadania e os direitos humanos dessa população, demonstra que 88,5% dos entrevistados não recebiam qualquer benefício do governo, ao passo que, em contrapartida, 60% já havia sido internado em alguma instituição pública. (BRASIL, 2008).



¹⁰ Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Rua: aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua – Brasília/DF: Mds: Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2009, p. 86/87.



Segundo a pesquisa, a população entrevistada era composta em sua maioria por homens (82%), sendo mais da metade situados na faixa etária entre 26 e 46 anos (53,41%), sendo que 39,1% dos entrevistados se declararam pardos, 29,5% brancos e 27,9% pretos e 63,5% não haviam terminado o primeiro grau. Dentre os principais motivos para a ida às ruas, foram elencados alcoolismo ou drogas (35,5%); desemprego (29,8%) e desavenças com pai/mãe/irmãos (29,1%)¹¹.

¹¹ Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Rua: aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua – Brasília/DF: Mds: Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2009, p. 86/87.

Um dado que se mostra importante para evidenciar o que será explorado posteriormente na pesquisa com relação a cidadania e os direitos humanos dessa população, demonstra que 88,5% dos entrevistados não recebiam qualquer benefício do governo, ao passo que, em contrapartida, 60% já havia sido internado em alguma instituição pública. (BRASIL, 2008).

Deve-se mencionar que, em 2014, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizou um pré-teste no município do Rio de Janeiro em que apontou diversas dificuldades em incluir este público no censo, como a exigência de metodologias de amostragem, logística de campo e abordagem dos entrevistados diversas das usualmente utilizadas (IBGE, 2014).

Contudo, relevante pontuar que está em trâmite uma ação civil pública (Processo n. 0019792-38.2018.4.02.5101/RJ), proposta pela Defensoria Pública da União para que a população em situação de rua seja incluída no Censo do IBGE. Referido processo, atualmente, tramita no Superior Tribunal de Justiça (REsp nº 1974492/RJ) e segue pendente de decisão definitiva.

De igual forma, como é de se imaginar, na cidade do Rio de Janeiro, que foi a sede do governo federal no período entre 1763 e 1960, a realidade não é diferente, ao passo que essa população se entrelaça e se confunde com a paisagem considerada uma das mais belas do mundo, e, por entre os movimentos da cidade, forma-se e rearranja-se uma disputa cotidiana pelo espaço público.

Na cidade, a obrigatoriedade de realização de um levantamento censitário da população em situação de rua (PSR) foi imposta por meio do Decreto Municipal nº 46.483/2019. Referido dispositivo legal, prevê que a Secretaria Municipal de Assistência Social - SMAS, em parceria com o Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos - IPP, deverá realizar um censo de população em situação de rua, a cada dois anos, devendo os dados oriundos do censo servirem como base para o aperfeiçoamento e desenvolvimento das políticas públicas voltadas para a população em situação de rua.

Segundo censo publicado em dezembro de 2020 pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro¹², existiam ao menos 7.272 pessoas em situação de rua no Rio. Desse número, a maior parte é composta por homens negros ou pardos, com

¹² <https://www.data.rio/apps/PCRJ::censo-de-popula%C3%A7%C3%A3o-em-situa%C3%A7%C3%A3o-de-rua-2020-1/explore;>

primeiro grau incompleto, idade média de 31 a 49 anos, que vivem em situação de rua há pelo menos um ano, cujo principal motivo para ida às ruas seria conflitos familiares.

Com relação a distribuição dessa população, a região central concentra o maior número de pessoas (1.488), seguida pela Zona Sul, que teria 1.021 pessoas, sendo 55 pessoas no Bairro do Flamengo, onde se realizará o estudo de campo proposto.

Durante a realização do estudo, no entanto, foi publicado o 2º Censo de População em situação de Rua (2022)¹³ da cidade do Rio de Janeiro. Segundo aponta o relatório, referido censo possui a finalidade de ir além de simplesmente definir o perfil da população em situação de rua (PSR), buscando, a partir do reconhecimento dessas pessoas como sujeitos de direito, captar questões subjetivas, como necessidades, visões sobre os serviços ofertados, anseios e etc.

A própria política nacional (art. 1º, parágrafo único - Decreto nº 7.053/09) divide a população em situação de rua em dois grupos: os que estão vivendo na rua e os que estão acolhidos em alguma instituição, razão pela qual o censo busca dados de ambos os cenários.

Portanto, o censo de 2022 estimou existirem 7.865 pessoas em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro, o que corresponderia a um aumento de 8,15% no número total com relação ao censo 2020. Contudo, se observado apenas o número de pessoas efetivamente vivendo em situação de rua, o aumento é de 18,39%, como se vê:

Ano	Total de PSR	Rua	Cenas de uso	Em Instituições
2020	7.272	4.245	1.190	1.439*
2022	7.865	5.026	1.227	1.612
Varição	8,15% ↑	18,39% ↑	3,11% ↑	12,02% ↑

Fonte: Prefeitura do Rio de Janeiro - IPP, SMAS e SMS

*Um total de 398 pessoas em situação de rua foram entrevistadas em unidades de acolhimento provisórias, totalizando 7272 pessoas em situação de rua.

Com relação aos dados mais recentes, o perfil da população em situação de rua se manteve similar ao dos anos anteriores. A maior parte dos entrevistados, isto é, 81,9%, era composta por homens, sendo que destes, 40,5% estavam na faixa

¹³ <https://censorua-pcrl.hub.arcgis.com/>

etária entre 31 e 49 anos. Outro ponto relevante de se mencionar, é que se constatou um aumento na proporção de idosos vivendo em situação de rua, correspondente a cerca de 26%.

Por sua vez, 83,7% dos entrevistados se declararam pretos ou pardos e 64% possuíam ensino fundamental incompleto, sendo que destes 10,8% não sabiam ler ou escrever um simples bilhete segundo apurado.

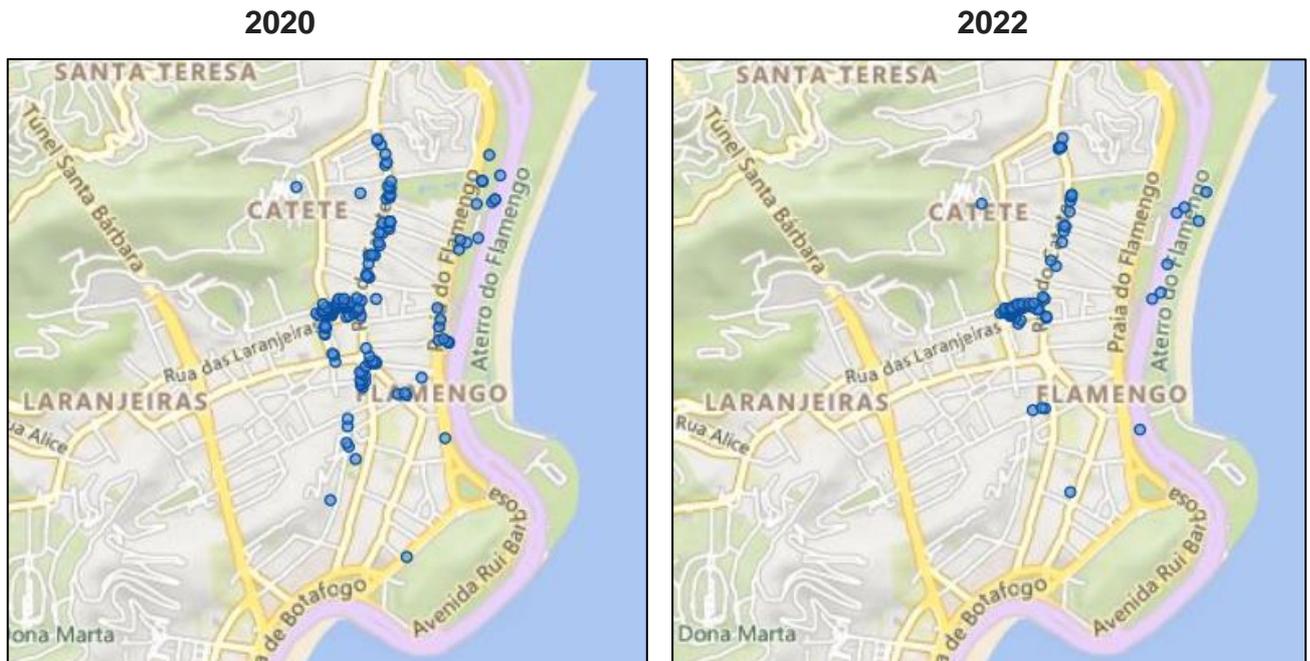
Dentre as principais causas apontadas pelos entrevistados como responsáveis a direcioná-los à situação de rua, 43% indicaram conflitos familiares, seguido de alcoolismo/uso de drogas (21,5%) e desemprego ou perda de renda (12,8%). Quando questionados sobre o que precisam para sair dessa situação, 41,2% responderam que precisam de emprego.

Há que se mencionar que, apesar do censo indicar uma redução significativa do número de pessoas em situação de rua no Bairro do Flamengo em 2022, o número parece muito distante da realidade observada nas ruas. Com efeito, essa possível “subcontagem” pode ser atribuída a um movimento constante das pessoas em situação de rua no bairro, percebido nas idas ao campo e a metodologia adotada, que buscou percorrer zonas extensas da cidade em apenas um dia, como se vê da metodologia apresentada.¹⁴

Total de Pessoas em Situação de Rua (PSR), Rio de Janeiro/RJ				Selecione o ano: 2020 2022	
79	13	-66	-83,54%	Avançar →	
Pessoas - Censo 2020	Pessoas - Censo 2022	Aumento de Pessoas	% de aumento	Capa	

Referida movimentação, como constatado, ocorre por fatores diversos como deslocamentos para locais mais seguros para dormir e descansar, locais com maior possibilidade de obter comida ou dinheiro e a busca de locais cobertos para chuva ou longe dos fluxos de usuários de drogas.

¹⁴ “A maior parte dos indivíduos, objeto deste estudo, apresenta características que são importantes condicionantes para realização do recenseamento. Em geral, são “não domiciliados” (exceção dos abrigados), movem-se com alguma constância pelo espaço urbano, podem estar em situações adversas para o trabalho do pesquisador e podem estar sem condições psíquicas ou físicas de dar respostas”; e “O trabalho de campo aconteceu entre 21 e 25 de novembro de 2022, de segunda a sexta-feira, com exceção do dia 24, quando houve jogo do Brasil na Copa do Mundo. A coleta de dados foi organizada espacialmente, considerando-se a quantidade de entrevistas e observações, previstas de serem efetuadas nos diferentes locais da cidade. O primeiro dia de trabalho se concentrou na área central, o segundo na Zona Sul, o terceiro na Zona Norte, incluindo as Regiões Administrativas (RA) da Tijuca e de Vila Isabel, e no último dia, toda a Zona Oeste e as RAs de Jacarepaguá e Barra da Tijuca” Disponível em: <https://censorua-pcrj.hub.arcgis.com/pages/metodologia-roteiros>;



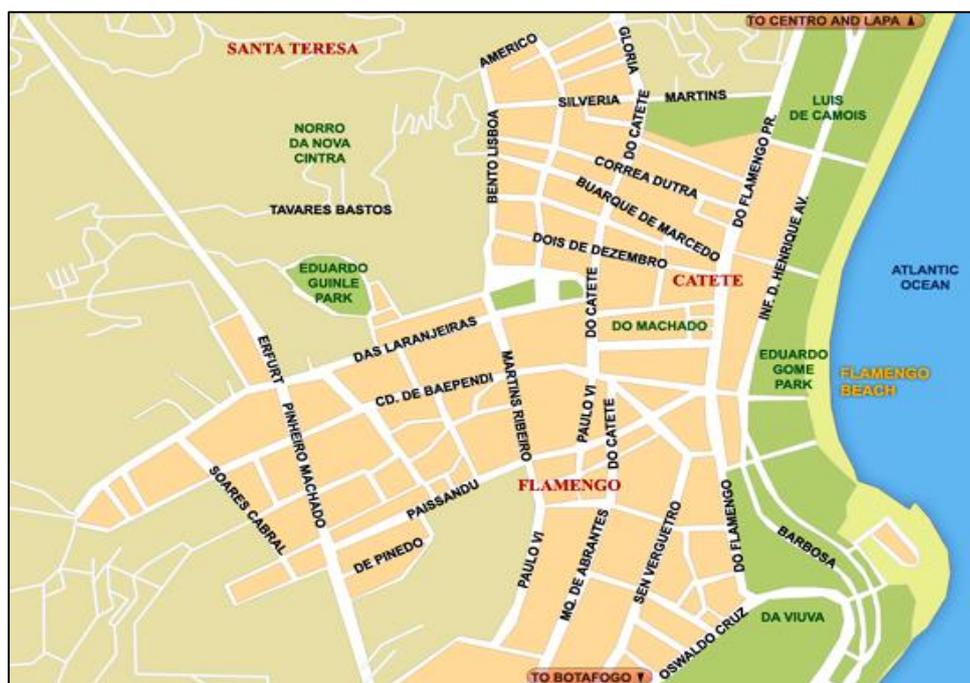
Mapas de concentração de pessoas em situação de rua no Bairro do Flamengo/RJ segundo os censos municipais 2020 e 2022

Em contrapartida, no presente trabalho, constatou-se um paradoxo com relação a fixação de pessoas em situação de rua em determinados locais, ao passo que, enquanto uns alternam os dias e horários em diferentes pontos para atingir grupos diferentes, outros percebem na fixação uma possibilidade de, a partir do contato constante e reiterado, crie-se laços e uma maior aceitação diante do “rosto conhecido”.

Diante dessa realidade, o presente trabalho tem como recorte a análise da população em situação de rua adulta, do sexo masculino, situada na área do bairro do Flamengo, uma vez que representam o perfil mais significativo do fenômeno. Contudo, não se desconhece a importância de serem abordadas as histórias de vida de mulheres, para análise das razões para a menor concentração do sexo feminino na rua, assim como as violências e dificuldades específicas sofridas por elas quando vivenciando essa realidade.

Em pesquisa exploratória prévia, sem o estabelecimento de entrevistas, foi possível dialogar com algumas dessas pessoas em situação de rua do Bairro do Flamengo. Além disso, adotando o método da observação não participante, foram realizadas constantes idas em áreas do bairro com maior concentração e fluxo de pessoas.

A partir dessas visitas ao campo da pesquisa, com o uso de um diário de campo, foram feitas anotações sobre o espaço em que se realizou o estudo de caso proposto na presente pesquisa, delimitando-se e conhecendo também melhor a área do recorte proposto¹⁵:



Ainda com relação ao limite territorial a ser explorado na presente pesquisa, em análise dos limites dos bairros no Mapa Digital do Rio de Janeiro, verificou-se que uma parte importante da pesquisa poderia se desdobrar nos limites com os bairros contíguos de Botafogo, Laranjeiras e Catete, razão pela qual é feita tal ponderação acerca sua inclusão na pesquisa.

I.II - A Situação de Rua Para Além dos Números

Há, no Brasil, mais de trezentas mil pessoas que padecem com meios precários para suprir suas carências materiais e existenciais, esquecidas pelos censos demográficos do IBGE, vivendo na marginalidade de uma cidadania clandestina em mundo não-oficial. Defende-se aqui, que a existência limitada de dados sobre essa realidade, contribui para as múltiplas violências enfrentadas por essa população e para a negação de seus direitos humanos. E sua presença,

¹⁵ Disponível em: https://www.braziltravelinformation.com/brazil_riodejaneiro_map_flamengo.htm

insistente e resiliente ao tempo, a fome e as diversas políticas punitivas, parece quase nunca suscitar mais do que o estranhamento e repulsa.

Assim, há, no Brasil, uma carência não só de dados, mas de escuta e atenção. O contato com pessoas em situação de rua geralmente é cotidiano, sendo comum que muitos debates sobre essa realidade não sejam efetivamente colocados para resposta da própria população em situação de rua.

O que se busca ressaltar, é que para além dos números expressivos e em crescimento há vários anos¹⁶, encontram-se vidas, narrativas e histórias que buscam, nas entrelinhas das cidades, um espaço para sobrevivência.

E como pontuam Igor Rodrigues e Dimitri Cerboncini Fernandes (2020), a situação de rua não é uma questão meramente quantitativa, que se revela por simples tradução numérica da quantidade de pessoas que vivem essa realidade, portanto, tal fenômeno deve ser analisado com profundidade, uma vez que a compreensão da problemática é parte tão importante da solução quanto às ações para lidar com seus efeitos.

O que se nota, é que a questão complexa e multicausal de existirem pessoas vivendo nas ruas, apesar de não ser restrita a realidade brasileira, deve aqui ser debatida e compreendida de maneira particular. Nesse cenário, Mattos e Ferreira (2004, p. 47) propõe uma análise sobre a representação social que se constrói acerca dessas pessoas, que contribui para sua exploração e dominação:

“Alguns as veem como perigosas, apressam o passo. Outros logo as consideram vagabundas e que ali estão por não quererem trabalhar, olhando-as com hostilidade. Muitos atravessam a rua com receio de serem abordados por pedido de esmola, ou mesmo por pré-conceberem que são pessoas sujas e mal-cheirosas. Há também aqueles que delas sentem pena e olham-nas com comoção ou piedade. [...] Habitados com suas presenças, parece que estamos dessensibilizados em relação à sua condição. [...] Observa-se, assim, a existência de representações sociais pejorativas, em relação à população em situação de rua, que se materializam nas relações sociais. Estes conteúdos interferem na constituição da identidade destas pessoas: é conhecimento socialmente compartilhado e utilizado como suporte para a construção de suas identidades pessoais. Trata-se de conteúdos simbólicos de cunho ideológico, na medida em que favorecem a cristalização de relações de exploração e dominação.”

Como afirma Costa Vieira (1995), “viver na rua é também viver da rua”,

¹⁶ <https://obpoprua.direito.ufmg.br/metadados.html>;

forjando a própria existência a partir dos meios disponíveis nela e diante dos mais diversos limites que são impostos a esse viver, ressignificando e adaptando-se à um modo de vida firmado no transitório e no público.

PARTE II – O FENÔMENO: PESSOAS VIVENDO NAS RUAS DA HISTÓRIA

Nesta parte, procuro contextualizar o fenômeno da situação de rua a partir do uma análise histórica que nos conduz ao contexto brasileiro e aos modelos sociais e arquitetônicos incorporados aqui, responsáveis, a meu ver, por criar um imaginário social que se relaciona aos muitos casos de violência que permeiam a realidade dessa população. Assim, para que posteriormente se faça uma análise do campo e seja debatida a questão dos direitos humanos na rua, faz-se necessário percorrer esse trajeto inicial.

II.I. A Construção Histórica da Situação de Rua

Como por vezes se afirma, todo problema tem suas raízes e, no caso da situação de rua, essa assertiva não é diferente. O número de pessoas sobre(vivendo) nessas condições está em crescimento por quase todo o mundo, o que evidencia que a questão não é um dilema enfrentado unicamente por países subdesenvolvidos. Tampouco seria correto afirmar que tal fenômeno se constitui como recente, uma vez que existem relatos, ao longo da história, que demonstram a existência de pessoas em situações de extrema vulnerabilidade vivendo às margens dos contextos sociais.

A Grécia Antiga: gênese histórica da mendicância

Na Odisseia de Homero, uma das principais obras da Grécia Antiga, o personagem Odisseu, também conhecido como Ulisses, é “transformado em mendigo”, usando essa identidade justamente como disfarce, visando não ser notado ou reconhecido em seu retorno a Ítaca, o que nos remete à historicidade do que depois passou a ser chamado de “invisibilidade social”.

Outro personagem relevante, marcado na história por subverter o campo da estética da existência, é Diógenes de Sínope, conhecido como o “Cínico”, termo derivado da palavra “cão” (*Kynos*), uma vez que, conforme os detalhes de sua trajetória conhecidos através de anedotas, este vivia uma vida simples, desapegada

de bens materiais, em um barril, justamente com um cachorro de rua.

Apesar de o filósofo “mendigar” para sobreviver, chocando a todos por viver nas ruas, aliviando-se em público e alimentando-se do que conseguia recolher ou do que lhe jogavam, era admirado por muitos, tendo sido escrito em sua lápide, conforme narra a obra de Diógenes Laércio (2008), os seguintes versos: “*o próprio bronze envelhece com o tempo, mas tua glória, Diógenes, nem toda a eternidade destruirá; pois só tu ensinaste aos mortais a lição da autossuficiência na vida e a maneira mais fácil de viver*” (78).¹⁷

Na mesma obra, consta que em uma ocasião, Diógenes pediu esmola a uma estátua e, quando perguntado sobre o motivo daquela atitude, teria respondido que era para habituar-se a pedir em vão (49). O filósofo que se autointitulava “cidadão do mundo”, outra vez foi perguntado por que as pessoas dão esmolas aos mendigos, mas não aos filósofos, momento que teria respondido: “*por que pensam que podem tornar-se um dia aleijados ou cegos, porém filósofos nunca.*” (56).

Um famoso episódio em sua vida, foi o encontro com o imperador Alexandre, o Grande. Enquanto o pensador tomava sol no Cranêion, Alexandre, o Grande, teria chegado e dito: “Pede-me o que quiseres!”, ao que Diógenes respondeu apenas: “Deixa-me o meu sol!” (38).

Diógenes, normalmente classificado como discípulo de Antístenes de Atenas, pai do cinismo, era definido como um homem “*sem cidade, sem lar, banido da pátria, mendigo, errante, na busca diuturna de um pedaço de pão*” (38). E ao aceitar, se assim podemos afirmar, o convívio aberto, direto e livre com a diversidade humana e incorporar sua existência de maneira indissociável ao seu pensamento e seus valores, Diógenes inspirou a análise de Foucault (1984) sobre o cinismo clássico e a prática de dizer tudo que acreditamos ser verdade (*parrhesía*).

Na Grécia antiga, aquele que se recolhia a vida privada, somente individual, era chamada de *idiotes*, termo que, em seu sentido primitivo, expressava a ideia de “homem privado”, distante da vida pública. Fazia-se uma oposição entre *koinón*, que representaria o público, e *ídion*, referente ao privado. Daí a expressão *idiótes* expressaria de certa maneira uma pessoa ignorante, que só se preocuparia com seus

¹⁷ Ver: Diógenes Laértios. Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres, 2ª ed., Brasília: Editora UnB, 2008, págs. 157/173 – Na obra, o capítulo 2 dedicado a Diógenes é subdividido entre os itens 20/81, mencionados acima;

interesses, em oposição ao *polítes*, ao cidadão.¹⁸

Diógenes, ao rejeitar essa vida estritamente privada, vivendo nos primórdios do que hoje concebemos como situação de rua, opta por encarnar a vida em sua realidade material cotidiana, diante do olhar dos outros, vivendo uma vida material e fisicamente pública. Nas palavras de Foucault:

“É Diógenes Laércio que conta: “Ele resolveu comer, dormir e falar em qualquer lugar.” Ausência de casa – sendo a casa, entenda-se, como é para nós, porém na Grécia mais ainda, o lugar do segredo, do isolamento, da proteção ao olhar dos outros. Ausência até de roupas: o Cínico Diógenes está nu, ou quase nu. É também a escolha de seus lugares de permanência: Corinto. (...) uma cidade pública, uma cidade em que se podia viver em público e encontrar nas esquinas, nos templos, marinheiros, viajantes, gente vinda de todos os cantos do mundo. Era ante esse olhar que Diógenes havia decidido viver. (...) O cinismo, aplicando ao pé da letra o princípio de não dissimulação, pôs pelos ares o código de pudor a que esse princípio de não dissimulação permanecia, implícita ou explicitamente, associado. É essa vida impudica, a vida da anaídeia (a vida desavergonhada).” (Michel Foucault, 1984 – A Coragem da Verdade)¹⁹

Diógenes representaria, assim, a figura do *outsider*²⁰, daquele refugiado dentro da própria sociedade, que usufrui do seu autoatribuído título de cosmopolita, de cidadão do mundo, como forma de resistência ao que via e reprovava à sua volta, o imperialismo alexandrino, as guerras, as leis que favoreciam o *status quo*, os caprichos dos grupos favorecidos e também as enormes riquezas geradas e acumuladas pelo suor das massas.

Segundo Foucault, a mendicância para um grego ou um romano, seria a “pobreza levada ao ponto de depender dos outros, da sua boa vontade, dos acasos do encontro”²¹, enquanto o gesto de estender a mão seria a expressão de uma pobreza infamante, da dependência em sua forma mais insuportável, que além da própria mendicância afronta a *adoxía* (desonra) em uma sociedade onde a boa reputação é tão cara.

Nesse contexto, segundo Marie-Ghislaine Stoffels (1977, p. 60), “vagabundos” e “mendigos” passaram a aparecer na Grécia antiga a partir da decomposição da sociedade arcaica, processo intimamente ligado ao surgimento da propriedade

¹⁸ Disponível em: http://maltez.info/respublica/Cepp/conceitos_politicos/idiotes.htm. Acesso em: 22/03/2023.

¹⁹ FOUCAULT, Michel. A coragem da verdade – São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2011, p. 223-224;

²⁰ Para aprofundar nos conceitos de outsider e grupo desviante ver: Becker, Howard Saul. Outsiders: estudos de sociologia do desvio – 1.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

²¹ Ibid. p. 229;

privada, ao advento da escravidão, a formação das cidades, à propagação do direito escrito e ao aparecimento da economia monetária e da divisão do trabalho.

Assim, a autora, que se dedicou ao estudo da gênese histórica do fenômeno, aponta que a mendicância, em particular na Europa Ocidental, teria vinculação histórica com a ideia de propriedade privada na medida em que, para consolidação e defesa desta, condicionou-se toda uma camada de *“excluídos e rejeitados pelo modo de produção, em todas as formações sociais; inaptos físicos ou psíquicos, vítimas de guerra e da própria estrutura econômica, como camponeses expulsos ou trabalhadores urbanos desempregados”* (1977, p. 59).

Mendigos, Vadios, Vagabundos: figuras abstratas

Os mendigos, representariam, assim, o contingente de pessoas expulsas de suas terras que são direcionadas as recém-constituídas cidades, ao passo que a mendicância, no espaço urbano, estaria ligada a uma atividade complementar ou alternativa aos pequenos ofícios. Nesse momento histórico, se desenvolvem o cinismo e o estoicismo, que se tornam, enquanto correntes filosóficas com discípulos imersos entre os mendigos e outros excluídos, porta-vozes desses grupos dominados (1977, p. 61).

Portanto, na antiguidade greco-romana, o surgimento da prática da mendicância se dá, então, como consequência ou efeito das sucessivas rupturas socioeconômicas, forjadas em correlação direta com a escravidão, a decadência romana, a expansão do cristianismo, prolongando-se por toda a chamada pré-Idade Média.

Na Idade Média, como é denominado o extenso período entre o século V e o século XV, marcada inicialmente pela queda do Império Romano e, em seu fim, pela tomada de Constantinopla, a mendicância enquanto organização desenvolve-se, segundo Marie-Ghislaine Stoffels (1977, p. 62), com contornos espaciais e de linguagem, criando um conjunto de técnicas que sustentam a sobrevivência social e econômica dessa camada popular.

É nesse período que, frente a um sistema de caridade fundado em ordens religiosas, o “pedinte” ou “mendigo”, tem sua existência conduzida a um paradoxo

conceitual que transitaria do corpo santificado do despossuído²², fruto da idealização da pobreza, à figura do vadio ocioso que deveria carregar o peso de sua desgraça por não trabalhar, aqui se inserindo uma discussão teórica da divisão em categorias dos que podiam e não podiam trabalhar por questões físicas e intelectuais, chamados de “mendigos válidos” e “inválidos”.

Constrói-se, então, na chamada era pré-industrial, a ideia de que “os ares da cidade libertam” (*Stadtluft macht frei*), aforismo alemão que representava a libertação camponesa, e de outros grupos submissos, dos vínculos instituídos pelos sistemas de dominação vigentes na época. Ir para a cidade significava dar luz a uma nova identidade em um espaço libertador para autonomia individual.

Nesse período, os “mendigos” compunham uma “população flutuante”, pobre, sem vínculos e que perambulava pelos espaços públicos. Contudo, as residências existentes (exceto das elites) costumavam ser apertadas e desagradáveis, fazendo com que a grande maioria da população urbana de fato optasse por passar mais tempo na rua em detrimento do enclausuramento das casas, fazendo com que uma grande parte da socialização ocorresse no espaço público.²³

As cidades então descortinavam os extremos, na parte mais baixa da pirâmide social, os miseráveis que, segundo Huberman (1981, p. 64), eram 20.000 em Florença em seus tempos áureos e, no topo, a burguesia que vivia os luxos daquele tempo. Diante das assimetrias percebidas nesse fluxo migratório do campo para as cidades em intenso crescimento, não só relacionadas aos miseráveis, mas a diversos grupos menos privilegiados, surgem inúmeros descontentamentos que desencadeiam uma série de levantes pela Europa Ocidental na última metade do século XIV, conhecidas sobretudo como revoltas camponesas.

Stoffels (1977, p. 38), explica que as categorias do “mendigo”, “vadio” e “vagabundo” eram frequentemente utilizadas na literatura sem delimitação específica. Enquanto o “mendigo” constituir-se-ia, em sua gênese histórica, como um tipo de “vagabundo”, errante, sem domicílio, que pede esmolas para sobreviver, o termo “vagabundo” aparece no século XIV sob a presunção de sua nocividade à ordem social. Usando a lei francesa como base, os “vagabundos” seriam os indivíduos sem

²² Beier (1985, pág. 4) *in*: SNOW, David A. Desafortunados: um estudo sobre o povo de rua/ David A. Snow, Leon Anderson; tradução de Sandra Vasconcelos. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 29.

²³ Lofland, Lyn H. A World of Strangers: Order and Action in Urban Public Space. Nova York: Basic Books, 1973, p. 40.

domicílio, meios de subsistência e que não exerciam profissão ou possuíam alguma ocupação habitual.

Segundo Geremek (1995, p. 303), em obra dedicada a examinar a presença de “vagabundos” e “miseráveis” na literatura europeia entre 1400 e 1700, as classificações literárias desses grupos no continente europeu desde a Idade Média, se davam com maior frequência sob a ótica da periculosidade, uma vez que a curiosidade pelo crime interessava mais por compor uma imagem idealizada e exagerada de um mundo diverso e desconhecido.

Essas representações literárias, no período, modelavam a diversidade de costumes e comportamentos dos grupos marginalizados atribuindo-lhes objetivos antissociais a partir de regramentos fictícios que, baseados em códigos morais, definiam esses modos de vida como infratores das normas vigentes.

Geremek (1995, p. 306), ao discorrer sobre as imagens particulares criadas pela literatura europeia acerca dos grupos sociais marginalizados, expõe que:

“Elas evidenciam filiações, tanto no tempo quanto no espaço, e durante um longo período a imagem do mundo da marginalidade conservou um caráter geral, sem dar lugar aos destinos individuais. O traço principal e mais freqüente desse modo de vida era a vida sem domicílio fixo, mas os vagabundos, que constituíam uma categoria fundamental do mundo dos marginais, aliavam à vida errante a recusa ao trabalho e a constituir um núcleo familiar. A mendicância apresentava-se como um verdadeiro artesanato, ou antes, como um conjunto de atividades artesanais em torno das quais se constituía uma morfologia específica desse meio social.”

Não obstante, o autor se propôs a suscitar uma importante reflexão sobre o lugar que o mundo da miséria e do crime ocupavam na consciência social da época, assim como da relação entre a descrição literária e a própria realidade. Nesse cenário, foi constatado por ele que não havia qualquer separação entre a narrativa ficcional e a realidade descrita, sendo o discurso literário responsável por representar individual e coletivamente os marginalizados como um “*amalgama social definido sobretudo por fatores negativos (o que não tinham, aquilo em que não acreditavam, o que não respeitavam)*”.²⁴

Portanto, como se observa, a partir desse contexto histórico formado desde a Idade Média, sobretudo no continente europeu, é possível traçar um paralelo com os discursos existentes até hoje, que continuam a representar a população em situação

²⁴ Geremek (1995, p. 307).

de rua a partir de seus defeitos e carências, mantendo-se a ligação dessas pessoas com a ideia de imoralidade, ócio e periculosidade.

Frangella (2009) afirma que é possível constatar que para cada período da história havia uma leitura do movimento itinerante de acordo com a organização social e política vigente, que formulava diferentes visões acerca dos indivíduos que se situavam nas camadas consideradas flutuantes, que eram formadas por “vagabundos”, “mendigos”, “migrantes”, “incapacitados”, “sem domicílio fixo”. E, assim, cada grupo articulava diferentes estratégias de transitar e estar nas ruas, articulando diferentes dinâmicas de experienciar o espaço urbano com o qual se confundiam.

Assim, apesar do generalismo existente nas categorias dos “mendigos”, “vadios”, “mendigos” e “sem-teto”, é certo que todos possuíam algo em comum: eram excluídos do mundo oficial, ainda que constantemente presentes nas cidades. No mesmo sentido, Hélène Thomas *apud* Frangella (2004, p. 38), propõe que:

“Desafiliado por excelência, modelo da dessocialização última, ele [o vagabundo] simboliza na análise do conhecimento, assim como na literatura, o eterno excluído. Cientistas e experts vêm em suas formas sucessivas e dentro de suas diferentes figuras (...) um universal atemporal (...) Sem emprego, sem recursos e também sem ligações territoriais, familiares, institucionais, é assim atemporal. A análise das configurações da vadiagem e do estatuto sociopolítico dos vagabundos demonstra, ao contrário, que as populações que compõem essa categoria, bem como a identidade de seus membros, longe de serem imóveis, mudaram continuamente durante os séculos. Sem jamais estar totalmente integrado – ou mais precisamente assimilado e assim invisível – na ordem social, o vagabundo vê seu estatuto se modificar totalmente em relação (e com) a organização social anterior; longe de desaparecer, ele permanece sempre inserido, ainda que colocado à parte”.

É nesse contexto que Bursztyn (2000) expõe o paradoxo da sociedade moderna com relação a exclusão de indivíduos e grupos que permanecem inseridos à sociedade, ainda que ignorados ou “invisibilizados”. Essas pessoas, apesar de tudo, seguem fazendo parte e ocupando um espaço simbólico ao reivindicar com a própria presença o direito de existir, transitar e permanecer ali:

“Cria-se, dessa forma, um paradoxo na sociedade moderna, pois o excluído sempre está dentro, na medida em que não existe mais o estar fora. Sempre está envolvido no processo de produção – consumo. Sempre ocupa um destes lugares, senão os dois. (...) Morador de rua ou catador de papel, mendigo ou biscateiro, todos estão inseridos, cada qual a sua maneira, no

processo de produção e consumo, desempenhando suas funções específicas. Excluídos, mas não exteriores à sociedade moderna. Excluídos porque não tem acesso aos bens materiais e simbólicos modernos ou não têm condições de participar da gestão pública, pelo simples fato de se encontrarem no patamar mínimo da sobrevivência. Além, evidentemente, de serem estigmatizados.”²⁵

Crises, Guerras e Revoluções: O início da criminalização e imposição da disciplina

Isto posto, como estudado por Cláudia Turra Magni (2006), a partir do contexto de intensas transformações ocorridas no século XIV, período onde foram vivenciadas epidemias, guerras e mudanças significativas nos meios de ocupação da terra, criou-se o entendimento de que, todos os sujeitos que viviam desfilados ou distantes do modelo padrão de vida estabelecido socialmente, precisavam ser disciplinados e normalizados, razão pela qual são instituídas medidas de criminalização e controle com relação a tais grupos.

Tais intervenções se voltavam a produção de normas e regras que visavam controlar os sujeitos enquadrados a partir de uma potencial ofensividade, isto é, aqueles que eram considerados “perigosos” por constituir uma ameaça aos bons costumes e a própria organização social. Assim, não obstante esses grupos serem enxergados unicamente sob o viés de seus fracassos e defeitos, passam a também ser inseridos como um perigo a ordem vigente, formando-se, dessa maneira, um vasto contingente de pessoas que não podem gozar de seus direitos, mas que tem a obrigação, moral e normativa, de cumprir com seus deveres.

Há que se destacar que um quarto da população de Paris era composta por “mendigos” na década de 1630, e o número registrado por toda Europa era substancial entre os séculos XVI e XVII. Com isso, os grupos dominantes e detentores do poder, buscam criar novos métodos para combatê-los como se fossem “pragas contagiosas” (Huberman, 1981).

O advento da revolução industrial, na segunda metade do século XVIII, provocou um intenso fluxo migratório de pessoas em busca não só de melhores condições de vida, mas também da própria sobrevivência. As cidades, que na Idade Média possuíam os ares de liberdade, agora possuíam o foco na civilidade (Pechman, 1991).

²⁵ Bursztyn, Marcel. No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

No entanto, o que se observava, é que os ares das cidades industriais que serviam para civilizar uns, eram os menos que barbarizavam outros. Berman (1989), coloca em sua obra a afirmação de Marx de que: “*a atmosfera sob a qual vivemos pesa uma tonelada sobre cada um de nós*”.

E esse peso a que se referia Marx pode ser sentido quase que em sua literalidade nos relatos que davam conta da realidade vivenciada na época em que a profusão a vapor das máquinas silenciava o sofrimento de uma massa imensa de pessoas reduzidas à um refugio de mão-de-obra barata e substituível, manipulada pelas elites como se fosse um produto, sendo este o retrato mais real e abjeto de uma nova forma de escravidão. Nas palavras de Mumford, (1998, p. 468):

“(...) por volta do século XVII, a miséria tinha sido aceita como destino normal da vida, por uma parte considerável da população. Sem o incentivo da pobreza e da penúria, não se poderia esperar que trabalhassem por salários de fome. A miséria, no fundo, constituía a base para o luxo no alto. Já se calculou que nada menos de uma quarta parte da população urbana, nas cidades maiores, consistia de marginais e mendigos: era esse excedente que explicava o que se considerava, pelo capitalismo clássico, um sadio mercado de trabalho, no qual o capitalista contratava a mão-de-obra dentro de suas próprias condições, ou despedia trabalhadores à vontade, sem aviso, sem se incomodar com o que acontecesse ao trabalhador ou à cidade, dentro de circunstâncias tão desumanas. Num memorando datado de 1648, o Chefe de Polícia de Paris referia-se à “espantosa miséria que aflige a maior parte da população desta grande cidade”. Havia quarenta mil e sessenta e cinco mil pessoas reduzidas à completa mendicância. Nada havia de excepcional quanto a Paris. Quando Herman Melville, ainda menino, visitou a próspera cidade de Liverpool, nos anos de 1830, encontrou, conforme descreve em *Redburn*, uma mulher com dois meninos ao seio, agonizando numa entrada de porão, abaixo do nível da calçada. A despeito de seus esforços para obter auxílio, ninguém quis socorrer aquelas criaturas. Só foram removidas quando seus corpos começaram a cheirar mal.”²⁶

Relevante asseverar, com enfoque comparativo, que apesar de se observar uma imensa massa de pobres ao longo da Idade Média, essas existências precárias, conforme expõe Castel (2008, p. 55), não rompiam o pertencimento comunitário. Desse modo, a questão da pobreza, coletiva e individualmente não se traduzia em uma questão social por não afetarem o fluxo cotidiano da vida social, fazendo parte da ordem do mundo.

No entanto, com as sucessivas crises e o acelerado crescimento demográfico,

²⁶ Mumford, L. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

os marginalizados passam a ser considerados um fator de desestabilização uma vez que tal desfiliação passa a se concentrar no âmago da rígida estrutura social. Isto é, a diferença entre as pessoas isoladas representadas ao longo da história e a figura dos “vagabundos” consiste na vinculação com a sociedade qual faz ou fazia parte. Sobre isso Robert Castel afirma que:

“É claro que já existem andarilhos e pessoas isoladas. Representam, mesmo desde antes do ano mil, uma constante da paisagem. Mas estão fora da comunidade e das áreas de vida “domesticadas” (organização como *domus*, como casas). Um mundo em que o homem é raro e os núcleos de moradia são rarefeitos deixa amplos espaços à andança. É o universo da floresta e das charnecas, frequentado pelo eremita, pelo cavaleiro errante, pelos carvoeiros, pelos salteadores, mas também pelas forças mágicas e maléficas. Mas estão fora das fronteiras e, falando em termos exatos, excluídos do mundo organizado. A representação do vagabundo será sobredeterminada pela reminiscência dessas figuras ameaçadoras. Entretanto, [o vagabundo] (...) tornou-se o outro, desfiliação em relação a uma ordem social que havia pertencido anteriormente. Em sentido estrito, a figura do vagabundo só pode aparecer em um mundo estruturado do qual se desatrelou. O estrangeiro e/ou andarilho, ao contrário, simbolizam a alteridade total em relação a um tipo de organização comunitária que ainda autogerencia suas turbulências.”²⁷

Logo, com a implantação do sistema capitalista nos séculos XVI e XVII, a assistência passa a se unir com a repressão, marcando a transição dos modos de produção feudal, que concebiam o corpo como um bem social passível de castigos físicos, para a implantação da fase mercantil do capitalismo que tem como foco o trabalho e a produção (Stoffels, 1977).

Ademais, no século XVIII, o sistema industrial impõe a necessidade da completa dissolução da mendicância e da vagabundagem e sua reposição enquanto força de trabalho. Sendo que no século XIX, as próprias medidas assistenciais passam a se estruturar em torno de princípios rigorosos de disciplina e correção.

Então, segundo Foucault (1978), o trabalho, no primeiro impulso do mundo industrial, parecia não compreender os efeitos que o ligavam com os problemas que ele mesmo suscitava, sendo percebido como solução geral e remédio para todas as formas de miséria. Trabalho e pobreza situar-se-iam em uma oposição simples, um sendo o inverso do outro. No entanto uma mudança ocorria:

“A miséria, aos poucos, se separa das velhas confusões morais. Viu-se o

²⁷ Castel, (2008), p. 55.

desemprego assumir, nas crises, um rosto que não podia mais ser confundido com o da preguiça; viu-se a indignação e a ociosidade forçada espalhando-se pelo interior, justamente onde se acreditava reconhecer as formas mais imediatas e mais seguras da vida moral; tudo isso revelou que a miséria não era talvez uma coisa que dependesse apenas da esfera da falta, do erro.”²⁸

A pobreza passa a ser compreendida enquanto elemento do processo de produção, isto é, a miséria como algo que não se conseguiria eliminar ainda que todo ócio fosse extinto e todos os “vagabundos” fossem empregados.

Pobres e Vagabundos: a ausência de espaços

Foucault ressalta que na economia mercantilista, o pobre não tinha lugar, o “*ocioso, vagabundo, desempregado, sua esfera era a do internamento, medida com a qual era exilado e como que abstraído da sociedade.*”²⁹ Com a indústria, que tem como necessidade a força dessa mão de obra vacante, insere-se novamente os desfilados como parte potencial da estrutura social.

Molda-se, com esse idealismo, que a internação, remédio provavelmente ineficaz, seria um contrassenso. De modo contrário, entendia-se que à população de pobres e miseráveis deveria ser concedida liberdade no espaço social, de modo que este a absorvesse e a forjasse enquanto mão-de-obra barata, resolvendo-se a miséria e a superpopulação “por conta própria”.

Nesse cenário, a concepção de pobreza passa a ser desvinculada do seu sentido moral no século XVIII, despontando como produto do sistema econômico, ao passo que a mendicância continua a ser percebida pelas linhas dos valores morais. No entanto, tanto o “pobre” quanto o “mendigo”, desde que estejam aptos ao trabalho, subsumem-se como fonte potencial de riqueza capaz de entrar no circuito econômico e superar sua condição. (Stoffels, 1977).

Por sua vez, Robert Castel (2008) destaca em sua obra, com base em estudos da época, um deles voltado a analisar o perfil sociológico dos albergados no depósito de mendicância de Soissons, na França, que a maior parte dos considerados “vagabundos” correspondia à desempregados subqualificados, ocupando esta posição de não-ocupação mais em razão da organização do sistema produtivo e das

²⁸ Foucault, M. História da Loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 81.

²⁹ Idem., p. 447.

relações de trabalho do que por vontade própria.

O autor identifica, ao propor discutir a real “face” dos chamados “vagabundos”, que a vagabundagem aparece então “*menos como uma condição sui generis, do que como o limite de um processo de desfiliação*”, que é concebido originariamente pela precarização das relações com o trabalho e a fragilidade das redes de solidariedade, comum a uma camada importante da população do campo e das cidades. (2008, p. 128).

Nesse sentido, os chamados “vagabundos”, nas sociedades pré-industriais seriam os imigrantes, que buscavam meios de sobreviver distantes de suas terras, momento em que se acentuaria a fragilidade dos laços comunitários a partir do prolongamento dessas trajetórias flutuantes. Desse modo:

“Um perfil de vagabundos, distinto de sua representação fantasmática, desenha-se assim: um pobre-diabo que não aprendeu no quadro dos “ofícios”, sem qualificação, que trabalha de vez em quando mas, frequentemente, está em busca de um pequeno serviço aleatório, dessocializando-se progressivamente ao longo de suas peregrinações, e apanhado pelo braço secular num momento desfavorável de sua trajetória errante.”

Neste cenário teórico, ainda que existam evidentes transformações no perfil do que se concebe hoje como população em situação de rua, válido destacar aqui a correlação entre a teoria e a realidade. Conforme abordado anteriormente no tópico acerca da escassez de dados, a única pesquisa oficial realizada em âmbito nacional sobre a população em situação de rua, apontou, conforme os gráficos expostos neste trabalho, que: 70,9% das pessoas entrevistadas exerciam alguma atividade remunerada, 58,6% afirmaram ter alguma profissão, sendo que 47,7% nunca tiveram emprego formal e apenas uma minoria de 15,7% pediam dinheiro como principal fonte de renda.

Tais indicadores evidenciam a permanência ou “refugos” de uma classe trabalhadora vulnerável que compõe um grupo que se considera “excedente”, “supranumerário”.

Escorel (1999, p. 206) ao discorrer sobre a existência de diferentes categorias de trabalhadores vulneráveis, expõe que essas classes populares “*englobam diferentes setores da população, o operariado ativo, o exército industrial de reserva, os miseráveis e o lumpemproletariado. Engloba também a pobreza abrigada e a*

pobreza desabrigada, seja o desabrigo ocasional, por calamidades públicas, seja este permanente, isto é, o trabalhador pobre morador de rua.”

Contudo, o que se nota na análise da gênese histórica do fenômeno, é que com o tempo, torna-se difícil discernir os diferentes agentes que contribuem para a ausência de pertencimento e a desfiliação dessas pessoas das estruturas sociais. Ainda que trabalhador, os efeitos do estigma do “morador de rua”, parecem conduzir o indivíduo a ser visto unicamente por sua indigência.

Bronislaw Geremek nos remete, portanto, a conclusão de que: “*A passagem para marginalidade se dá como numa gradação de cores; não há barreiras rígidas entre a sociedade e suas margens, entre os indivíduos e os grupos que respeitam as normas estabelecidas e aqueles que as infringem*”.³⁰

E nas palavras de Castel (2008, p. 134) sobre a ausência de informações para que se entenda precisamente quem fazia parte dessas categorias sociais:

“Os mais carentes, como se diz hoje em dia, empregando-se um amável eufemismo, são efetivamente carentes de tudo. A historiografia não fornece senão dados fragmentários – interrogatórios de vagabundos presos, informações anotadas *post mortem* em registros paroquiais. Porém, permitem adivinhar, com frequência, o drama de uma existência inteira.”

Por fim, merece destaque o trabalho de Gonçalves (2009), que ao discorrer sobre a diminuta bibliografia existente com relação a política social da Revolução Francesa e destacar a emergência, a partir do século XVIII, de uma identidade forçada aos pobres na condição de indigentes, mendigos e vagabundos, cita a fala do filantropo Rochefoucauld-Liancourt que expressa a importante transição da assistência como caridade para se tornar um direito fundamental:

“A extinção da mendicidade é o mais importante problema político a resolver; mas sua solução se torna um dever para uma nação sábia e esclarecida, que, construindo uma constituição sob as bases da justiça e da liberdade, reconhecia que as classes numerosas daqueles que não têm nada dos chamados direitos do homem, o olhar da lei. Nenhum estado ainda considerou os pobres na constituição. Muitos se ocuparam de lhes dar segurança, outros os princípios para uma administração, alguns se aproximaram mais, mas em nenhum país as leis que estabeleceram são constitucionais. Pensa-se sempre em fazer a caridade aos pobres e, não em fazer valer os direitos do homem pobre na sociedade e os da sociedade

³⁰ Citado por Castel, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. 7. Ed. – Petrópolis: Vozes, 2008, p. 133.

sobre ele. Eis o grande dever da constituição francesa”³¹

Nesse sentido, para que seja possível analisar os diferentes perfis que compõe a população em situação de rua, sob as circunstâncias individuais e sociais, bem como a relação da miséria com a dessocialização e as diferentes experiências de habitar o mundo, é necessário olhar de perto, evocando o próprio sujeito perdido na história como interlocutor do que se pretende descobrir, sendo esse o enfoque do presente trabalho.

A contextualização histórica, que será remetida no próximo tópico ao contexto do cenário brasileiro e, mais especificamente, da cidade do Rio de Janeiro, onde se propôs o estudo de campo que compõe a presente investigação, não possui o intento de esgotar as categorias e fatos relacionados à existência dessas pessoas ao longo da história, mas apenas desenhar o contexto no qual se insere a problemática que será debatida diante dos contornos estabelecidos pela realidade atual.

II.II. – A Situação de Rua no Brasil:

A cidade maravilhosa:

Em 1913 é lançada uma coletânea de poemas sobre o Rio de Janeiro chamada “La Ville Merveilleuse” pela poetisa francesa Jane Catulle-Mendès. Os poemas refletiam a visão da autora sobre as belezas cariocas na *Belle Époque* brasileira após inúmeras reformas promovidas, que serão delineadas neste tópico. A autora, apesar de não ser a primeira a usar efetivamente a expressão “cidade maravilhosa”, foi a pioneira em empregar o título em uma obra literária, impulsionando o uso de um termo hoje consagrado, que foi abraçado pelos jornalistas e se tornou parte do vocabulário brasileiro.³²

Dito isso, apesar de possuir traços únicos, ligados as particularidades da historicidade, da formação estrutural do povo brasileiro e do próprio país enquanto nação, a situação de rua na chamada “cidade maravilhosa” se vincula a conceitos e

³¹ Procès-verbaux du comité de mendicité de la constituante 1790-1791. Paris: Imprimerie Nationale, 1911. In: Collection de documents inédits sur l'histoire de la Revolution Française; Citado por GONÇALVES, J. W. A revolução francesa e a invenção social da pobreza. BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 23, n. 1, p. 9-24, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/23405>. Acesso em: 06 jun. 2023.

³² Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/cidade-maravilhosa-expressao-que-deu-nome-ao-hino-carioca-tem-origem-misteriosa-24904185>;

estratégias de se pensar e lidar com o fenômeno das pessoas vivendo nas ruas no contexto europeu, em especial por ideias trazidas pela colonização e pelos imigrantes.

A pobreza urbana surge como um problema relevante para a elite nacional brasileira apenas no século XIX, em meio ao processo de transição para o sistema capitalista e no contexto de uma acelerada urbanização canalizada em apenas um único centro urbano: o Rio de Janeiro.

Tal preocupação, no entanto, emergiu associada a outros temas centrais em âmbito nacional e local, como a abolição da escravidão, a Proclamação da República, a questão da higienização da cidade (discurso médico-higienista) e a necessidade de estabelecer uma ordem social, que passava também pelo controle da classe trabalhadora (Valladares, 1991).

A demografia urbana era a expressão mais evidente das transformações sociais ocorridas no final do século XIX e início do século XX na cidade do Rio de Janeiro. Estima-se que entre 1872 e 1906, a capital tenha passado de 274.972 para 811.443 habitantes, sendo a única cidade do Brasil, no último ano do mencionado período, com mais de 500 mil habitantes.³³

A questão racial na formação da situação de rua: reflexos da abolição

Esse crescimento exponencial da população estaria ligado, segundo aponta o historiador Sidney Chalhoub, à intensificação da imigração, sobretudo no contexto de crises portuguesas (desemprego e estagnação econômica), ao fluxo de escravos libertos do campo para as cidades e às melhorias nas condições de saneamento da cidade.³⁴

Os censos realizados na época, tornam evidente tanto o fluxo migratório intenso, como a omissão da questão racial diante da tentativa de “embranquecer” a população do país, sendo que, na época, segundo demonstra o censo de 1890, o Rio de Janeiro reunia o maior contingente de pessoas negras e mulatas de todo o Sudeste.³⁵

Assim, o regime republicano instaurado no ano de 1889, tinha como um dos

³³ Citador por: Chalhoub (2012): Eulalia Maria Lahmeyer Lobo, História do Rio de Janeiro (do capital comercial ao capital industrial e financeiro). Rio de Janeiro: Ibmec, 1978, vol. 2, p. 469.

³⁴ Ibidem, citado por Chalhoub (2012)

³⁵ Recenseamento geral da República dos Estados Unidos do Brasil, ano de 1890, e Recenseamento do Rio de Janeiro (Distrito Federal), realizado em 1906.

seus principais projetos a urgência de se transformar o homem livre – imigrante pobre ou ex-escravo – em trabalhador assalariado.

O que se pontua com relação ao tema, é que desde os primórdios da transição do trabalho escravo para o trabalho livre, já se forjava uma clara intenção política no sentido de consolidar um projeto de manutenção da dominação social desses indivíduos por parte das classes dominantes, em especial pelos proprietários dos meios de produção.

Na obra *“Trabalho, lar e botequim”*, Sidney Chalhoub faz a análise desse processo social de transformação relacionada ao trabalho, destacando dois movimentos essenciais e simultâneos: *“a construção de uma nova ideologia do trabalho e a vigilância e pressão contínuas exercidas pelas autoridades policiais e judiciais.”* (2012, p. 47).

Segundo o autor, a iminência do fim da escravidão colocou a questão da disponibilidade de mão-de-obra como chave para os detentores do capital, que entendiam a necessidade incontornável de promover profundas mudanças no conceito de trabalho, atribuindo, diversamente do consolidado nas sociedades escravistas, uma valoração positiva que ligasse o trabalho a noções dignificantes e civilizadoras.

A lógica que se buscava consolidar, era de exaltação da força de trabalho atribuída aos recém-libertos que, destituídos de outras posses, deveriam contentar-se com esse “bem valioso” que deveria ser vendido em troca do sustento próprio.

Com esse novo conceito de trabalho, como bem expõe Chalhoub (2012, p. 49):

“Desejava-se, na verdade, que os homens livres internalizassem a noção de que o trabalho era um bem, o valor supremo regulador do pacto social. Note-se, ainda, que este movimento de controle de espíritos e mentes lançava suas garras muito além da disciplinarização do tempo e do espaço estritamente do trabalho — isto é, da produção —, pois a definição do homem de bem, do homem trabalhador, passa também pelo seu enquadramento em padrões de conduta familiar e social compatíveis com sua situação de indivíduo integrado à sociedade, à nação.”

Nesse contexto, Maria Alice Rezende de Carvalho (1983, p. 65), narra que os segmentos expropriados assistiram, sob a tentativa de manter-lhes sob a “camisa de força da nacionalidade”, à afirmação do Estado e da ordem burguesa em suas versões mais excludentes. A partir disso, segundo a autora, a rua é transformada em um verdadeiro “espaço de guerra” com a institucionalização de mecanismos

explicitamente repressivos.

No período, marcado pela transição para o Brasil República, inúmeras intervenções urbanas foram implementadas, como a chamada “Reforma Pereira Passos”, responsável, no Rio de Janeiro, por expulsar a população negra e pobre do centro da cidade. Sobre ela, Tomazine (2016) explicita que:

“Sob o pretexto de modernizar a capital da nascente república, eliminar seus traços coloniais que tanto envergonhavam nossas elites perante o mundo e ajudar o país a sair da crise econômica, levaram-se a cabo intervenções que resultaram na expulsão dos negros e imigrantes pobres da área central da cidade [...] uma série de posturas e leis que tiveram o efeito prático e interditar o direito ao espaço público àqueles elementos não ajustados à normalidade burguesa e branca. Estavam proibidos, por exemplo, andar descalço na nova Avenida Central (hoje Avenida Rio Branco), bem como o comércio ambulante. Práticas religiosas que não fossem as católicas eram consideradas crime, do mesmo modo que outras coisas aparentemente banais, a exemplo de carregar pela rua um violão, atitude enquadrada no crime da vadiagem.” (Tomazine, 2016, p. 186)

Referida reforma, conhecida amplamente pelo termo “bota-abaixo”, buscava, diante de uma inspiração urbanística europeia de um “Rio que queria ser Paris”, lidar com as questões do saneamento e do embelezamento da cidade para dar novos ares a um território que se entendia que precisava ser modernizado.

O que se pretendia, na realidade, era a expulsão dos conflitos evidenciados nas cidades com a marginalização dos grupos considerados perigosos e atrasados, que contrastavam, segundo a visão oficial estabelecida, com as pessoas civilizadas e a paisagem cada vez mais europeia e ligada aos ideais de progresso.

São implementadas, nesse momento, inúmeras medidas de higienização das cidades que buscavam limpar o centro urbano carioca ao varrer os indivíduos com má reputação. No entanto, como observado à época pelo jornalista Olavo Bilac em uma de suas crônicas, a reforma apenas produzia novas desigualdades:

“Não há quem ignore que, com as demolições e reconstruções que o aformoseamento da cidade exigiu, houve no Rio uma verdadeira ‘crise de habitação’. O número de casas habitáveis diminuiu em geral, porque a reconstrução é morosa. Além disso, diminuiu especialmente, e de modo notável, o número de casas modestas, destinadas à moradia de gente pobre, porque, substituindo as ruas estreitas e humildes em que havia prédios pequenos e baratos, rasgaram-se ruas largas e suntuosas, em que se edificaram palacetes elegantes e caros. E que fizeram os proprietários dos casebres e dos cochicholos que as picaretas demolidoras pouparam? Viram na agonia da gente pobre uma boa fonte de renda, e aumentando o

preço dos seus prédios. É uma crise completa e terrível: há poucas casas para os humildes, e essas mesmas poucas casas alugam-se por um preço que não é acessível ao que possuem os poucos desfavorecidos da fortuna, os que apenas podem ganhar ordenado exíguo ou minguado salário. (...) Mas deixemos de parte a ironia! A ironia é descabida quando há sofrimento real dos que se queixam. A crise existe, e os que tudo podem, os que mandam e governam, os que têm dinheiro e força nada querem fazer em favor dos que não acham onde morar. As casas pequenas escasseiam. As que há estão todas ocupadas. As que se esvaziam, por morte ou despejo dos locatários, são logo alugadas por preços altos... Que há de fazer a gente pobre? Se ao menos essa gente pudesse morar ao ar livre, sob o teto piedoso do céu, sob o pálio misericordioso das estrelas!... Transformar-se-iam a avenida Central, a avenida Beira-Mar, o Campo de São Cristóvão, o Parque da República, os terrenos acrescidos do Mangue, o largo do Paço, a Copacabana, a Tijuca, em imensos caravançarás descobertos, em vastos acampamentos, onde os que não pudessem pagar um conto de réis mensalmente por uma casa, ficassem dormindo ao sereno... Mas a polícia é feroz: a Lei manda considerar vagabundo todo indivíduo que não tem domicílio certo — e não quer saber se esse indivíduo tem ou não tem a probabilidade de arranjar qualquer domicílio. Conheceis porventura pessoa ou cousa mais estupidamente atroz e mais atrozmente estúpida do que essa abominável entidade que se chama A Lei? O problema da casa, da habitação, do teto! Esse é decididamente, ainda hoje, como em primitivas eras, o mais terrível dos problemas que agoniam o homem; mais sério do que o problema da comida, e mais temeroso que o problema do amor. Bem mais feliz que o homem é o caramujo, que já nasce com a sua casa às costas, e que a leva consigo por onde quer que vá — sem pagar um vintém pelo aluguel por essa habitação confortável que a Natureza lhe deu! (Kosmos, outubro de 1907)³⁶

Como demonstra uma edição da revista Fon-Fon datada de julho de 1909³⁷, o Conselho Municipal vigente buscava implementar uma lei ou “projeto sanitário” que aspirava pôr termo à “vergonha e a imundice injustificáveis e inadmissíveis” dos que andavam em vestimentas simples ou descalços, chegando a afirmar que tais “cafajestes” usavam o pretexto hipócrita da pobreza para justificar tais práticas. Por fim, a reportagem ressalta que, na Europa, “absolutamente ninguém” teria a insolência e o despudor de ir às ruas em pés no chão ou em “mangas de camisa”.

O que se nota, além de uma clara exaltação dos valores eurocêntricos, é a idealização do que se vivenciava em países como França e Inglaterra, que, na mesma época, também sofriam com a miséria e as péssimas condições habitacionais da classe trabalhadora e pobre em plena efervescência do industrialismo. O recém-instalado regime republicano, assim, demonstrava que faltava ao Brasil uma identidade nacional que superasse o fato de que a própria independência nacional foi

³⁶ BILAC, Olavo. Vossa insolência: crônicas, SP: Cia. das Letras, 1996.

³⁷ Revista Fon-Fon, 24/07/1909 – Disponível em:

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1909/fonfon_1909.htm;

proclamada por um herdeiro do trono português e, a República, através de um golpe que uniu civis e militares para expulsar a família real e a monarquia.

RIO EM FLACRANSE – Os nossos instantaneos :



Alcindo Guanabara festejou, a 19 do corrente, o 29.º aniversário da sua estréia no jornalismo, e *Fon-Fon* na desprezeção destas linhas, rende a homenagem merecida a Pangloss, pelo brilho distinto com que tem illustrado a rude e ardua carreira de jornalista.

Ça marche....

Passou já em 2.ª discussão no Conselho Municipal o projecto sanitario que põe termo á vergonha e á immundicie injustificaveis e inadmissiveis dos em-mangas-de-camisa e descalços nas ruas da cidade, projecto do qual é autor o sympathico intendente Sr. Tertuliano Coelho, actual Presidente do referido Conselho.

A população do Rio que na sua quasi unanimidade, felizmente ama o asseio e a compostura, espera anciosa pela terminação d'esse habito selvagem e abjecto que nos impunham das sovaqueiras suadas e apenas defendidas por uma simples camisa de meia rã e emojante de suja, pelo nariz do proximo, e do vexame de succia de cafagêstes em pés no chão (sob pretexto hypocrita de pouca bresa quando o calçado está hoje até a 55 o par e ha tamancos para todos os preços) pelas ruas mais centraes e limpas de uma grande cidade.

Essas exigencias – é bem que se note – são, ha muito tempo feitas e respeitavelmente observadas, em attenção voluntaria a proprios costumes adiantados, em todas as cidades que se prezão do velho mundo e em quasi todas as da America.

Na Europa ninguem, absolutamente ninguem, tem a insolencia e o despudor de vir para as ruas de Paris, de Berlim, de Roma, de Lisboa, etc., em pés no chão e desavergonhadamente em mangas de camisa.

Fon-Fon envia parabens ao Sr. Tertuliano Coelho pelo andamento do seu necessario projecto de lei e parabens á população do Rio por mais esse avanço.

Um cumulo.
Sentir frio no calor de uma discussão.

ANGICO COMPOSTO
RUA DA URUGUAYANA, 105—Rio de Janeiro

Cura radicalmente, qualquer tosse antiga ou recente
A' venda na **PHARMACIA BRAGANTIN**
e em todas as farmacias e drogarias

Isto posto, a submissão do homem livre pobre à essa sociedade ordenada e estruturalmente voltada aos padrões de civilidade e progresso se dá através da coerção direta desses corpos “despossuídos”, que eram estigmatizados pelas autoridades policiais e judiciárias como “vadios”, “mendigos”, “promíscuos” e “desordeiros”, sendo lançados na cadeia, instituição responsável pela “correção”, que, na época, se voltava a impor a transformação destes indivíduos em trabalhadores (Chalhoub, 2012, p. 50).

De modo a ilustrar esse cenário social, aponta-se o projeto de repressão à ociosidade elaborado em 1888 pelo ministro Ferreira Viana diante de uma narrativa muito difundida e consensualmente clara entre os congressistas de que a ordem social estava ameaçada e, essa ameaça, entendia-se, possuía correlação direta com a abolição. Nesse sentido, conforme explicita Chalhoub (2012, p. 68):

“Em primeiro lugar, os libertos eram em geral pensados como indivíduos que estavam despreparados para a vida em sociedade. A escravidão não havia dado a esses homens nenhuma noção de justiça, de respeito à propriedade, de liberdade. A liberdade do cativo não significava para o liberto a responsabilidade pelos seus atos, e sim a possibilidade de se tornar ocioso, furtar, roubar etc. Os libertos traziam em si os vícios de seu estado anterior, não tinham a ambição de fazer o bem e de obter um trabalho honesto e não

eram “civilizados” o suficiente para se tornarem cidadãos plenos em poucos meses. Era necessário, portanto, evitar que os libertos comprometessem a ordem, e para isso havia de se reprimir os seus vícios. Esses vícios seriam vencidos através da educação, e educar libertos significava criar o hábito do trabalho através da repressão, da obrigatoriedade.”

A abolição da escravidão, como se evidencia, não acabou a consciência escravista, atribuindo as pessoas libertas do cárcere da escravidão, um espaço social marginal e controlado. Institucionalmente, a partir do discurso de deputados, o que se previa era a necessidade de proteção da sociedade civilizada com o combate ao ócio, a vadiagem e a mendicância “desnecessária”.

O conflito com esses indivíduos nascia como uma forma hoje muito clara de perpetuar a segregação dos ex-escravos até sua disciplinarização. Era a classe dominante que deveria ditar, então, como e onde deveriam viver esses corpos, sempre segundo seus próprios conceitos de civilidade, moralidade e trabalho. A elite brasileira, então, é uma das responsáveis pela maioria expressiva de negros e pardos na população em situação de rua no país hoje.

A questão sanitária:

Há que se mencionar também que, assim como na Europa, a questão sanitária-higienista, que estava em plena evidência nas sociedades industriais, serviu como subterfúgio para intervenção e controle sobre a pobreza.

O Rio de Janeiro, com meio milhão de habitantes, palco de inúmeras transformações e avanços, era a capital de epidemias como febre amarela, peste, cólera, tuberculose, varíola e outras doenças que na época eram fatais.

É pacífico na literatura que estudava a cidade na época, como em Sevckenko (1983), Chalhoub (1986) e Costa (1979), que a propagação dessas doenças estava diretamente ligada às precárias condições de higiene da população que vivia imersa em habitações coletivas e sem saneamento básico como no caso dos cortiços.

Na primeira década do século XIX, grupos médicos buscavam, junto ao poder público, a ordenação da cidade e a higienização do espaço urbano. Com isso, além do combate aos miasmas e às epidemias, passou-se a buscar a extinção das habitações insalubres (Valladares, 1991).

No dia 26 de janeiro de 1893, na rua Barão de São Félix nº 154, por volta das seis horas da tarde, teve início a derrubada do mais famoso e resiliente cortiço carioca,

chamado de “Cabeça de Porco” (em referência a um adorno do portal de entrada)³⁸. Constituído originalmente por volta de 1858 e, mantendo-se inderrubável apesar das diversas investidas imperiais para seu fechamento, o maior cortiço do Rio, com seus sobrados multifamiliares insalubres chegou, segundo lendas urbanas, a abrigar de 2 a 4 mil pessoas.

Como destaca Sidney Chalhoub (1996, p. 19), em obra destinada a estudar justamente os cortiços e epidemias no período, o que mais impressiona é a “torturante contemporaneidade” das intervenções violentas:

“O que mais impressiona no episódio do Cabeça de Porco é sua torturante contemporaneidade. Intervenções violentas das autoridades constituídas no cotidiano dos habitantes da cidade, sob todas as alegações possíveis e imagináveis, são hoje um lugar-comum nos centros urbanos brasileiros”

Assim, essa tentativa de “desinfecção” das cidades, responsável pela guerra aos cortiços, explicitou, inclusive nos meios de comunicação da época, a busca por uma limpeza social que visava livrar o mundo da “imundice” como expresso na reportagem da revista Fon-Fon mencionada anteriormente. O discurso era um só: eliminar o “outro” indesejado que passa a ser associado a uma ideia fantasiada de sujeira.

O episódio da destruição do Cabeça de Porco marcou não só a erradicação dos cortiços cariocas e o próprio combate à pobreza, mas o surgimento do século das favelas. Poucos anos mais tarde, em uma encosta perto de onde existia o maior cortiço do Rio, surge então o “Morro da Favela”, hoje conhecido como Morro da Providência, que foi ocupado por soldados enviados à Guerra de Canudos.³⁹

Nesse cenário de eliminação dos cortiços através de um discurso sanitário que

³⁸ Associação Rio Memórias: “Um Rio de remoções: Cabeça de Porco”. Disponível em: <https://riomemorias.com.br/memoria/cabeca-de-porco/>;

³⁹ “Embora o Morro da Providência já fosse habitado antes, a favela surgiu a partir de uma promessa que o governo fez aos soldados do Rio de Janeiro enviados à Guerra de Canudos, que consistia em entregar-lhes residências caso saíssem vitoriosos. Ao retornarem ao Rio de Janeiro em 1897 e verem a promessa não ser cumprida, os soldados ocuparam uma região do morro. O Morro da Providência passou a ser chamado de Morro da Favela em referência a um dos morros junto aos quais a cidadela de Canudos foi construída, assim batizado em virtude da planta que encobria a região. A partir da associação do nome “favela” com o morro, popularmente passou a ser conhecido como morro da Favela. A ocupação deflagrou-se entre o final do século XIX e o início do XX, a partir da grande reforma urbana imposta pelo engenheiro Pereira Passos, quando vários cortiços e habitações populares do centro foram devastados e a população pobre, transferida para os morros nas adjacências do centro” “Morro da Providência.” Dicionário de Favelas Marielle Franco. Disponível em: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Morro da Provid%C3%Aancia](https://wikifavelas.com.br/index.php/Morro_da_Provid%C3%Aancia)

buscava higienizar as cidades das ideias de perigo que eram construídas, não só relacionadas a doenças, mas também a pobreza, funda-se um discurso político que, sob o falso pretexto de “manutenção da ordem social”, passa a associar o conceito de “classes perigosas” como sinônimo de “classes pobres”.

A expressão “classes perigosas” surge aparentemente na primeira metade do século XIX, na Inglaterra, e é rapidamente incorporada pelos legisladores brasileiros no contexto da abolição da escravidão. O termo estaria relacionado a um grupo social marginalizado, formado por pessoas com passagem pela prisão ou que teriam adotado uma estratégia de sobrevivência incompatível com a noção de trabalho vigente e à margem da própria lei (Chalhoub, 1996).

Com efeito, isso implica dizer que todos aqueles indivíduos considerados desviantes, errantes ou simplesmente pobres, passam a ser percebidos, diante dessa associação direta e abstrata, como seres perigosos que precisavam ser controlados com rigidez e atenção.

É correto afirmar que a criação de um novo conceito de trabalho, com objetivos essencialmente mercantilistas, mas sob as vestes da manutenção da ordem e do progresso, tornou as categorias de pobreza, ociosidade e criminalidade como correlatas. Tais atributos, construídos a partir das interpretações das classes dominantes, se basearam, igualmente, em visões distorcidas que eram incorporadas a partir do contexto europeu.

Desse modo, as transformações do período eram intensas não somente do ponto de vista estrutural e institucional, mas sobretudo com o surgimento de novos conflitos sociais e a tentativa de certos grupos de sobreviver à margem da ordem oficial estabelecida em condições evidentemente precárias e desfavoráveis. Essas tensões ditavam a tônica de uma realidade que produzia profundas assimetrias sociais e raciais.

A ociosidade como perigo a ordem social:

O que se coloca em questão, com relação ao tema do presente trabalho, é a existência forjada de uma “*incompatibilidade irreduzível entre a manutenção da ordem e a ociosidade*” ou vadiagem (Chalhoub, 2012, p. 74).

Deve-se mencionar, de modo a evidenciar o cenário conceitual que se liga a temática do ócio no final do século XIX, que em 20 de junho de 1888, foi apresentado

na Câmara dos Deputados o projeto nº 33, que versava sobre a repressão à ociosidade, proposto pelo então Ministro da Justiça Antônio Ferreira Viana.

A ideia que se difundia era muito clara e já mencionada anteriormente: era essencial obrigar o indivíduo ao trabalho, em especial a massa de homens livres – que estava em crescimento diante das leis que antecederam a abolição da escravidão de fato – uma vez que a ociosidade era um perigo à ordem e uma “tentação irresistível”.

O ocioso era, portanto, um ser imoral, pervertido e uma ameaça clara aos bons costumes e ao progresso, ainda que ociosidade e a vadiagem se confundissem em suas definições imprecisas, sendo conceitos interligados pela ausência de ocupação e de meios considerados válidos para sobreviver.

Assim, na perspectiva histórica, parece evidente que, sem uma definição clara do que se buscava impor, trabalhar era aceitar condições precárias de emprego por uma remuneração baixa e questionável, que implicaria apenas em garantir a sobrevivência desse trabalhador nos locais de moradia afastados e insalubres disponíveis para essa classe.

De modo inverso, o desempregado, o não-inserido, o marginal, isto é, todos aqueles que não vendiam sua força de trabalho por razões diversas e, pela lógica, não se integravam a estrutura social conforme os locais e papéis pré-determinados, eram considerados criminosos em potencial. Nesse cenário, deve-se mencionar que as crises relacionadas a oferta de emprego no contexto industrial, suscitaram discussões relacionadas aos subempregos⁴⁰.

Com relação ao referido projeto de lei, Chalhoub exalta a relação estabelecida em seu texto entre ociosidade e pobreza. Na norma, dois requisitos elementares foram firmados para caracterização do delito de vadiagem: o hábito e a indigência, sendo a última mais relevante uma vez que, um indivíduo ocioso que possuía meios de garantir sua sobrevivência não era considerado uma ameaça à ordem estabelecida (2012, p. 75).

Nesse sentido, havia uma clara divisão entre a ociosidade aceitável e a inaceitável, a que deveria ser combatida e a não apresentava potencial risco, tudo a

⁴⁰ Para aprofundar a temática ver: Hoffman, Helga. Desemprego e Subemprego do Brasil. São Paulo: Ática, 1977 e Valladares, Lícia. Cem Anos Pensando a Pobreza (Urbana) no Brasil, in: Corporativismo e desigualdade: a construção do espaço público no Brasil/organizador. Renato R. Boschi – Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed. IUPERJ, 1991.

depende da capacidade de prover o próprio sustento, sendo a habitualidade, assim, uma questão suplementar.

O que se pontua, portanto, é o reconhecimento público e expresso, por boa parte dos parlamentares da época, do seu desejo de reprimir os miseráveis, incorporando o conceito europeu de “classes perigosas” como meio de atribuir aos pobres, características inatas ligadas à ociosidade, aos vícios e a potencial inclinação a criminalidade (Chalhoub, 2012).

Assim, segundo o discurso construído pelas classes dominantes (incluindo-se aqui também a classe política) o mundo social estaria dividido em dois:

“O universo ideológico das classes dominantes brasileiras na agonia do Segundo Reinado e, depois, durante a República Velha parece estar dividido em dois mundos que se definem por sua oposição um ao outro: de um lado, há o mundo do trabalho; de outro, há o da ociosidade e do crime. No discurso dominante, o mundo da ociosidade e do crime está à margem da sociedade civil — isto é, trata-se de um mundo marginal, que é concebido como imagem invertida do mundo virtuoso da moral, do trabalho e da ordem. Este mundo às avessas — amoral, vadio e caótico — é percebido como uma aberração, devendo ser reprimido e controlado para que não comprometa a ordem. Portanto, um discurso ideológico dualista e profundamente maniqueísta — baseado na tradição cristã ocidental de procurar distinguir sempre o bem do mal, o certo do errado etc. — parece ser a característica fundamental da visão de mundo das classes dominantes brasileiras no período estudado.”⁴¹

Esse paralelismo, entretanto, é questionado pelo próprio historiador, que defende que, na prática, não existiria um mundo do trabalho e outro da ociosidade e do crime, mas sim apenas um mundo interligado em sua dimensão ideológica. Dessa forma, em oposição a visão tradicional firmada pelas classes dominantes brasileiras, no passado e no presente, que ligam o ocioso e o criminoso como marginais à ordem estabelecida, entende-se que estes são produto da falibilidade do sistema e estão inseridos no mundo da ordem (Chalhoub, 2012).

Não obstante, concordando com a hipótese lançada pelo autor, a vadiagem e o crime, inseridos na ordem social vigente, possuem a função de justificar os mecanismos de controle e sujeição das classes mais pobres diante da ideia de “classes perigosas” e suas implicações decorrentes.

Isto significa dizer que, qualquer medida arbitrária perpetrada pelo Estado,

⁴¹ Chalhoub, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 3a ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012, p. 78.

estaria plenamente fundamentada na busca pela garantia da ordem, resguardando, por via de consequência, o bem-estar geral, a propriedade individual e a manutenção do mundo como ele é (*status quo*).

Por sua vez, a rua, a que esse trabalho dedicará um capítulo próprio, era considerada então uma extensão dos cortiços, servindo “*como espaço-mor de socialização dos personagens que ameaçavam a lei e os bons costumes*” (Valladares, 1991, p. 87).

II. III. O Imaginário Social e a Violência Histórica

Analisar e buscar compreender a vida das pessoas que vivem a situação de rua nos propõe refletir sobre a complexidade das relações socioespaciais da vida cotidiana e o contexto na qual estas estão inseridas. O corpo de uma pessoa em situação de rua parece distante de ser livre, sofrendo constantes coações e violências das mais variadas ordens, inclusive do espaço que habitam, onde se impede a existência de um espaço íntimo e privado, tornando as vidas da população em situação de rua um acontecimento público e irrestrito aos olhares de todos.

E essa noção está ligada a ideia de que as sociedades são formadas essencialmente por pessoas, histórias e corpos. Corpos estes com características próprias, que se tornam alvo, que são objetificados, corpos que falam por si, corpos que são controlados, corpos que são excluídos, que possuem uma história e que ditam os lugares de cada um no mundo. Segundo Naomi Scheman (1993, p. 186):

“As maneiras pelas quais as pessoas conheciam seus lugares no mundo estavam relacionadas com seus corpos e as histórias desses corpos, e quando violavam as prescrições para esses lugares, seus corpos eram punidos, muitas vezes, de forma espetacularizada. O lugar de alguém no corpo político era tão natural quanto a localização dos órgãos em um corpo e a desordem política (era) tão antinatural quanto a mudança e o deslocamento desses órgãos.”

Se pensarmos na perspectiva histórica mencionada, a prescrição de lugares específicos e as punições espetacularizadas foram uma constante entre as camadas populares que eram ligadas à ideia de vício e criminalidade. Assim, a população pobre no Brasil, quando não servia aos interesses das classes dominantes, era punida por desrespeitar as regras estabelecidas por quem gozava

dos privilégios de um país moldado para poucos.

O que se pretende colocar aqui, é que não só havia, como exposto, uma associação legislativa e oficial, que passava pela institucionalização desses discursos estigmatizantes dessas categorias populares, como também os meios de comunicação foram responsáveis por difundir os discursos que consolidaram um imaginário social que relacionava – e segue relacionando – a população em situação de rua como uma ameaça à ordem social estabelecida.

A título de exemplificação da histórica representação e continuidade do fenômeno da população em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro, encontrou-se, nos jornais Última Hora e Gazeta da Manhã⁴², somente no período de intensas transformações da década de 50, conhecido como “anos dourados”, diversas reportagens que permitiram identificar a construção do incômodo gerado pela presença dessas pessoas, assim como da histórica criminalização e busca pela institucionalização desse contingente populacional. Seguem alguns exemplos:

Jornal Última Hora, Rio de Janeiro, Sexta-feira, 26 de novembro de 1954 – Dois Mendigos [Reportagem que descrevia dois indivíduos], um “Era um mendigo com um certo ar de nobreza que os pobres farrapos que o cobriam não logravam esconder, antes ressaltavam pelo contraste flagrante entre a miséria dos andrajos e o porte altivo. Diziam dêle coisas estranhas e misteriosas. Por exemplo: que já fora grã senhor e milionário, dono de terras e pessoas, mas uma vida dissoluta o arrastara àquele estado de plena necessidade. Ninguém sabe como ele veio parar ali, naquele desvão da rua sombria, onde instalou seu mundo, ou antes, o que restava de seu mundo: alguns trapos e a sua altivez. (...)”, o outro, “Era um pobre diabo, sujo e repelente, sem qualquer nobreza humana, além de sua miséria ostensiva e mal cheirosa. (...)”. Por fim, o texto relata o conflito ocorrido entre os dois, noticiando que o “mendigo de ar nobre” teria ateado fogo enquanto o outro dormia.

Jornal Última Hora, Rio de Janeiro, Quarta-feira, 13 de julho de 1955 – Refôrço do Policiamento da Cidade Durante o Congresso Eucarístico – Os Mendigos – “*Conforme está anunciado, haverá no Congresso uma solenidade consagrada aos doentes. Para estes foi instituída uma fita de identificação fornecida pelo Congresso, que realizará aquela solenidade no dia 19 às 9,20 horas. Os que não apresentarem tal identificação serão presos e levados para um alojamento já preparado, ou então para o Abrigo Cristo Redentor.*”

Jornal Última Hora, Rio de Janeiro, Segunda-feira, 24 de dezembro de 1956 – Cada vez mais forte a tradição marginal: Não deixarão as Ruas do Rio os Camelôs, Bicheiros e Mendigos – Mendigos: Problema Social – “*A seção de Repressão à Mendicância, subordinada à Delegacia de*

⁴² Acervo completo disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>;

Vigilância, colocou seus quinze policiais à rua. Objetivo: prender todos os mendigos que estivessem esmolando, quer fossem verdadeiros, quer fossem falsos. A “safra” como se diz na gíria policial o número de detidos, foi razoável: 70 presos. Desses, 30 foram considerados “falsos mendigos”. Por que? Apresentavam-se com bom físico, pernas e braços sãos, como se podia diagnosticar a olho nu. Entretanto, desses “falsos mendigos”, quatro foram enviados ao Abrigo Cristo Redentor. Estavam doentes, embora ligeiramente. Mas os 65 restantes, entre “falsos” e verdadeiros, ficaram no cárcere, aguardando que chegue o Natal, quando será cumprida a magnânima instrução do Chefe de Polícia: serão postos em liberdade para passar as festas de fim de ano com seus familiares... Combater a miséria que realmente existe com estas simples medidas policiais de repressão é algo chocante. Colocar no xadrez uma chaga social sem atacar-lhe as causas, é remédio primário e tolo, porque não serão os xadrezes que acabarão com o exôdo rural, com a miséria no campo e as “tentações” da Capital. Entretanto, quanto não são tomadas providências concretas e, ao que tudo indica, simples, para fixar o homem ao solo, podiam ser estudadas medidas paliativas: ao invés de prisões, albergues sem grades! Não seria possível dar aos mendigos em liberdade as mesmas refeições com que se alimentam nos cárceres?”

Jornal Última Hora, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1957 – Quando brilham as luzes na “cidade maravilhosa” – Rio Noturno: Albergue dos Flagelados e Miseráveis – Dois repórteres do ÚLTIMA HORA descem ao submundo dos deserdados da sorte – A tragédia dos que não têm rumo – Cabem na noite todos os restos da miséria humana – *A história da mendiga Walmira que mora na rua com três filhos – Onde estão as obras da assistência – “Walmira Rangel, a mendiga da Cinelândia, tem três filhos, um ainda mamando, e a sua cara é a rua. Flagelados e vagabundos fizeram do Rio de Janeiro um imenso albergue noturno, onde os bancos dos jardins despolicados, as soleiras dos edifícios ou mesmo o simples meio-fio foram transformados em camas que não exigem teto, porque o verão carioca é mesmo o melhor abrigo. (...) Centenas de outras walmiras perambulam pelas ruas do Rio. Milhares de operários, como o companheiro de Walmira que trabalhava com T.N.T., já foram mortos e deixaram suas famílias na miséria mais completa. Quem se aventurasse a registrar as tragédias e os dramas dos mendigos que entulham as ruas do Rio encheria volumes e mais volumes de histórias como Zola e Gorki não conseguiram gravar. (...)”*

Jornal Última Hora, Rio de Janeiro, 22 de julho de 1957 – Há mais mendigos no Rio que no resto do Brasil! – Feia e Repugnante “Decoração” Que a Cidade Condena – Exibição Permanente Aos Que Nos Visitam – O Problema se Agrava e Nenhuma Providência Certa é Tomada – Vítimas de Desgraça ou Farsantes Que Não Querem Trabalhar – Divisão na “Classe” Dos Mendigos” – *“Todo mendigo é um drama, é vítima de alguma injustiça. A mulher com uma criança no colo, as duas maltratadas e sujas, se queixa da maldade do espôso, que a abandonou quando ficou doente. Diz a verdade ou a mentira? É realmente uma infeliz, desamparada e pobre, ou uma impostora inteligente que preferiu viver de modo fácil, explorando a piedade pública? Somente um levantamento honesto poderia responder a essas perguntas, trazendo alguma luz ao problema que se agiganta a cada dia. Isto, entretanto, ainda não foi feito e as respostas cômodas e simplistas situam a totalidade dos mendigos como desgraçadas vítimas da sociedade e, noutro extremo, como incorrigíveis farsantes que precisam ser eliminados de qualquer maneira. (...)”*

Jornal Última Hora, Rio de Janeiro, Quarta-feira, 30 de julho de 1958 – Prossegue a Batalha aos Mendigos e Malandros – Esmolar é um Negócio – *Embora o Serviço de Assistência à Mendicância, e o Departamento de Recreação, prestem aos mendigos uma ampla assistência, internando-os em hospitais, asilos, escolas e arranjando-lhes emprego e passagem, comprovou-se que eles preferem explorar o povo, expondo nas vias públicas as cenas mais deprimentes, com a visível intenção de comover o próximo e facilitar sua tarefa de esmolar. Conforme informou à reportagem o Sr. Francisco Santana, a campanha de repressão à falsa mendicância continuará agora, em ritmo mais acelerado e contará com a ajuda da guarda-civil e de uma equipe médica da Secretaria Geral de Saúde, chefiada pelo Sr. Joel Bretas. Espera-se, com as inovações que estão sendo postas em prática, a redução da mendicância no Distrito Federal, a fim de que o turista ou forasteiro, que faz do Rio uma cidade eminentemente turística, não presencie a espetáculos chocantes, dados por mendigos. (...)*

Tais reportagens, veiculadas no principal meio de comunicação da época junto aos rádios, nos permitem identificar com clareza os traços de uma construção longínqua da associação da população em situação de rua com a violência, a doença, a sujeira, a imoralidade e a criminalidade. Mais do que atacar as causas que levavam pessoas a morar nas ruas, entendendo os reflexos da formação acelerada das cidades e a construção de um imaginário de abundância de oportunidades nas capitais, condenava-se a miséria como desvio moral. Eis um retrato direto e abjeto da criminalização histórica da pobreza no Brasil.

Esse cenário nos leva a realidade atual, onde os “bancos dos jardins despolicados” que outrora transformados em camas, reivindicados para o repouso daqueles que viviam sem espaço, hoje estão divididos, ao passo que as marquises dos edifícios que desde então protegiam da chuva - e seguem protegendo - hoje estão cercadas por grades, espinhos e barreiras arquitetônicas físicas. A realidade da arquitetura hostil floresceu justamente do solo onde entendeu-se que devia-se combater o pobre e não a pobreza, combatendo-se assim a população de rua e não as vulnerabilidades que faziam surgir esse contexto de vida.

Igualmente, apesar de referidas como vítimas da sociedade, eram vistas também, desde muito antes, diante das categorias dos vagabundos, incorrigíveis delinquentes que, nas palavras expressas no tabloide, precisariam ser “eliminados de qualquer maneira”.

A própria concepção de assistência, como se extrai das reportagens, era formulada a partir da ótica da internação. O mencionado Abrigo Cristo Redentor, local

de destino quando essas pessoas não eram direcionadas ao cárcere, possuía um cenário muito distante da garantia de direitos e da ideia de cidadania, como se vê do trecho publicado no jornal Correio da manhã, no dia 1 de março de 1940:

O Abrigo propriamente dito é um asylo de mendigos. Em pavilhões amplos, cada dia multiplicados, recolhe-se o triste lixo humano das ruas da cidade. Trata-se então de aproveitar o lixo. O mendigo é submetido a cuidados médicos e vai depois ocupar seu posto, em verdade seu leito, no pavilhão. Se continua enfermo, recebe tratamento. Se pôde, ou quando pôde, locomover-se, começa a trabalhar nos encargos da manutenção do Abrigo, de acordo com as aptidões reveladas. Alguns chegam, por certos serviços, a ganhar pequena paga, e, como o Abrigo não é uma prisão, nem em seu regimen, nem em suas installações de portas abertas, os mais resistentes, sejam homens, sejam mulheres, têm sempre a possibilidade de volver a uma profissão ou buscar um amparo fóra delle.

O valor da instituição manifesta-se, assim, em seu caracter menos de recolhimento que de reeducação dos vencidos. Se ao mendigo nada mais resta que esperar o fim da vida, lá terá o recolhimento; se forças lhe sobram capazes de enfrentar nova luta, partirá livremente; se, com as sobras das forças, lhe faltará tratar o animo de emprezas, ficará servindo no estabelecimento.

“O Abrigo propriamente dito é um asylo de mendigos. Em pavilhões amplos, cada dia multiplicados, recolhe-se o triste lixo humano das ruas da cidade. Trata-se de aproveitar o lixo. O mendigo é submetido a cuidados médicos e vai depois ocupar seu posto, em verdade seu leito, no pavilhão. (...)”

“Se ao mendigo nada mais resta que esperar o fim da vida, lá terá o recolhimento; se forças lhe sobram capazes de enfrentar nova luta, partirá livremente; (...)”

E essa associação da mendicância como “lixo humano” que era recolhido aos abrigos, evidencia o cenário de construção do imaginário social com o tema das pessoas em situação de rua e dos próprios abrigos como depósitos, distantes da concepção de sujeitos possuidores de direitos ou de qualquer ideia de cidadania. Os registros históricos demonstram que a população em situação de rua no Rio de Janeiro sempre foi vista como problema a ser resolvido, de modo a evitar, assim, que turistas presenciassem os mencionados “*espetáculos chocantes dados por mendigos*”.

A construção desse pensamento, difundida socialmente e pelos meios de comunicação, culminou no ápice da violência sofrida por essa população, como nos casos da chamada “Operação Mata-Mendigos”, da “Chacina da Candelária”, do assassinato indígena Galdino Jesus dos Santos e do “Massacre da Sé”, dois deles ocorridos na cidade do Rio de Janeiro.

A “Operação Mata-Mendigos”, que ocorreu entre 1962 e 1963, foi descrita, nas palavras de Mariana Dias Antonio (2020), da seguinte forma:

“Em linhas gerais, a "Operação mata-mendigos" consistiu no extermínio de várias pessoas em situação de rua pelo Serviço de Repressão à Mendicância (SRM) do estado da Guanabara no início da década de 1960, durante a gestão de Carlos Frederico Werneck de Lacerda. O caso veio à tona através do jornal Última Hora, quando uma moradora de rua conseguiu escapar com vida e denunciar seus algozes, criando uma crise nas instâncias policiais, administrativas e políticas da Guanabara e culminando na instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). Ao longo da polêmica e das investigações, diversos corpos foram encontrados nos rios Guandu e da Guarda com sinais de tortura, e o episódio marcou tanto a história do Rio de Janeiro quanto as trajetórias do Última Hora, de Carlos Lacerda e das demais figuras que ocuparam cargos públicos na Guanabara à época.”⁴³

A chacina da Candelária ocorreu na madrugada do dia 23 de julho de 1993, no centro do Rio, mais precisamente nos arredores da Igreja Nossa Senhora da Candelária, onde várias pessoas em situação de rua, entre jovens e adultos, foram atacadas a tiros por homens posteriormente identificados como policiais militares. Oito pessoas morreram (sendo seis menores com idade entre 11 e 17 anos) e atualmente nenhum dos envolvidos está preso.

O assassinato do indígena da etnia Pataxó Galdino Jesus dos Santos, que estava em Brasília para as atividades relacionadas ao dia dos povos indígenas, ocorreu na madrugada de 20 de abril de 1997. Após não conseguir acessar a pensão na qual estava hospedado, que possuía horário de fechamento noturno, Galdino deitou-se sobre um banco de cimento de um ponto de ônibus na avenida W3, altura da 503 Sul, região central de Brasília, quando cinco jovens de classe média alta jogaram produto inflamável sobre o corpo do indígena e atearam fogo em seguida.

Em seus depoimentos à justiça, os jovens afirmaram que o objetivo era apenas “dar um susto” em Galdino, como forma de “brincadeira” para que ele corresse atrás deles. Foi dito por eles, ainda, que o grupo pensou que Galdino era “um mendigo” e que, por isso, haviam cometido o crime. Apesar de tamanha atrocidade e das condenações judiciais, nenhum dos envolvidos ficou muitos anos preso, sendo que, na atualidade, todos são funcionários públicos com altos salários.

Por sua vez, o episódio conhecido como “Massacre da Sé”, marcou a

⁴³ A “Operação mata-mendigos” (Rio de Janeiro, 1962-1963) às margens de alguns livros Simbiótica. Revista Eletrônica, vol. 7, núm. 2, pp. 163-180, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5759/575965958011/html/>. Acesso em: 21/03/2023;

madrugada dos dias 19 e 22 de agosto de 2004 após uma série de ataques violentos às pessoas em situação de rua que dormiam na Praça da Sé, em São Paulo. Os ataques com madeiras e barras de ferro, enquanto as vítimas dormiam, deixaram sete mortos e outros seis feridos. Ninguém foi preso pelos crimes e não há investigação em curso para apurar o ocorrido.

Em reportagem sobre o caso, publicada na plataforma UOL recentemente no ano de 2022, noticiou-se que após serem questionados pela Defensoria Pública, as Secretarias de Segurança Pública (Estadual), Saúde e Assistência Social (Municipais) não souberam informar quantos, quem são e do que morreram as pessoas em situação de rua entre abril de 2021 e abril de 2022 em São Paulo. O texto aponta que muitas pessoas em situação de rua são enterradas em vala comum, sem identificação, de modo a completar o espiral de desumanização que marca suas trajetórias de vida.⁴⁴

Em virtude da gravidade e da proporção que tomou o caso, foi criado o Movimento Nacional de População em Situação de Rua, e instituído, no dia 19 de agosto, o “Dia Nacional de Luta da População em Situação de Rua”.

Dos episódios, se constata a predominância, no tempo e no espaço, da violência contra o grupo das pessoas em situação de rua, que deixa transparecer um projeto muito claro de extermínio dessa população. Mudam-se as capas dos jornais, as décadas e até os governos, mas permanece a violência:



⁴⁴ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/opinia/coluna/2022/08/19/massacre-da-se-18-anos.htm>. Acesso em: 22/04/2023;

Isto posto, muito embora tais análises históricas e bibliográficas tenham contribuído sobremaneira com avanços no desenho da pesquisa, como já destacado, entendi que era preciso ir para as ruas dialogar com a população em situação de rua e trazer a perspectiva própria de quem vive essa realidade ao ocupar os espaços urbanos.

II. IV. Entre a Rua e a Lei:

Tratar da relação entre a rua e a lei me parece constituir um desafio, sobretudo quando analisamos a questão na perspectiva de buscar reconhecer direitos possíveis em meio a uma realidade mistificada. As palavras “rua” e “lei”, quando associadas, tendem a nos conduzir, na prática, mais ao caminho da ordem, da repressão e do controle, do que ao da existência de direitos reais e garantias concretas.

Como já discutido, a formação do Brasil passa pela criação de um projeto de nação abstrato, permeado por muitos mitos que até hoje parecem impedir que o país se evidencie enquanto aquilo que é, o “Brasil real”. Nas palavras de Machado de Assis: *“O país real, esse é bom, revela os melhores instintos; mas o país oficial, esse é caricato e burlesco”*.

Fundado no ideal europeu, restou estabelecida aqui a implementação de uma ordem pseudocientífica que busca excluir e extinguir tudo aquilo que não se enquadre na regra desse “país oficial”.

Tratando da lei, sobretudo em sua feição repressiva, Thomas Holloway buscou estudar a evolução histórica da polícia do Rio de Janeiro, através de uma dialética de repressão e resistência, exercida tradicionalmente através das hierarquias privadas e que transiciona para o exercício moderno do poder através das instituições públicas. (1997, p. 19).

Nesse cenário, o Brasil, na *“periferia do capitalismo mundial”*, negando seu passado colonial e praticamente sem modelos consolidados em virtude talvez da incompletude do seu processo de modernização, buscou através da elite brasileira criar soluções para o problema da desordem nas ruas, surgindo assim as primeiras instituições policiais genéricas em sua capital (1997, p. 22).

Aqui, atravessando o pensamento do autor, deve-se desde logo destacar que essa rua vista como palco do crime e da desordem, era a ideia rua concebida na versão oficial e elitista. Para quem vive nela, o sinônimo de violência e repressão surge justamente da expressão dessa “ordem” oficial. É a rua da polícia, da prisão e da

vigilância. É a rua onde a pessoa em situação de rua é sempre autora potencial de um crime, mas nunca a vítima.

Feitas essas considerações, como destaca Holloway, as instituições policiais criadas aqui se baseavam também em modelos europeus, mais especificamente nos juízes de paz ingleses, a guarda nacional francesa e os policiais civis uniformizados em rondas como visto na Inglaterra e nos Estados Unidos (1997, p. 22).

Assim, o autor destaca que a carência social de outros atributos fundamentais da modernidade, provocava atritos na imposição de instituições burocráticas de controle que eram aparentemente modernas, gerando a hostilidade entre as forças de repressão e as fontes de resistência (1997, p. 23).

Nisso se situa uma importante constatação da obra, de que a igualdade perante a lei no Brasil, ratificada desde a Constituição de 1824, isto é, anteriormente até a Proclamação da República, nunca deixou de ser inteiramente um “slogan” para impressionar os países europeus que aqui se tentava copiar. Diante dessa constatação, tem-se que o cidadão brasileiro estaria submetido constantemente a leis impessoais e ao poder desmedido da polícia, que sob o viés de proteger a ordem e com fundamento legal, por vezes comete crimes para evitar que crimes sejam cometidos.

Portanto, essa contradição expressa uma característica ainda atual que se situa na distância entre a lei formal positivada, as instituições encarregadas do seu cumprimento e aplicação e as normas que vão ditar o comportamento individual e a ordem social tida como oficial.

Fica claro no pensamento de Holloway que, apesar da existência de inúmeras leis para justificar as ações policiais, outros tantos atos reiterados e “inequívocos” foram praticados sem base legal, a exemplo da criminalização da capoeira, atividade que só se tornou ilegal em 1890, mas que foi motivo de milhares de prisões e chibatadas no século XIX. Sob outro enfoque, apesar da proibição legal do comércio transatlântico de escravos após o ano de 1831, centenas de milhares de pessoas foram ilegalmente escravizadas nos anos seguintes, com “o conhecimento e a aquiescência das autoridades” (1997, p. 25).

Esse sistema normativo que escapa a igualdade formal perante a lei, que prendeu e puniu capoeiras sem qualquer fundamento legal ao passo que permitia o tráfico de escravos em indeclinável afronta à lei, foi base para o atual modelo que criminaliza a população em situação de rua e a vadiagem ao invés de reconhecer a

violação diária de seus direitos fundamentais e humanos.

Por sua vez, convém mencionar que a capoeira, quando tornada ilegal, foi enquadrada no rol das chamadas “ofensas à ordem pública”, que, como colocado por Holloway, “*em si mesmas não atentavam contra o indivíduo nem contra a propriedade, mas que aqueles que ditaram as regras e criaram a polícia julgavam inaceitáveis.*” (1997, p. 25).

O que se busca pontuar, de modo a atribuir luz a uma gênese histórica que tenha constituído um padrão, é que o sistema policial empregava muitos de seus esforços na repressão dos comportamentos não-oficiais onde se incluem a vadiagem, a mendicância, a própria capoeira, a embriaguez pública, entre outros.

Outro ponto de que deve ser explicitado, é que a lei criada beneficiava uma parcela privilegiada da população que buscava a manutenção do mundo como ele era. Estes grupos criaram, também, as noções de obediência à lei como algo positivo e elevado e de desobediência como ato imoral.

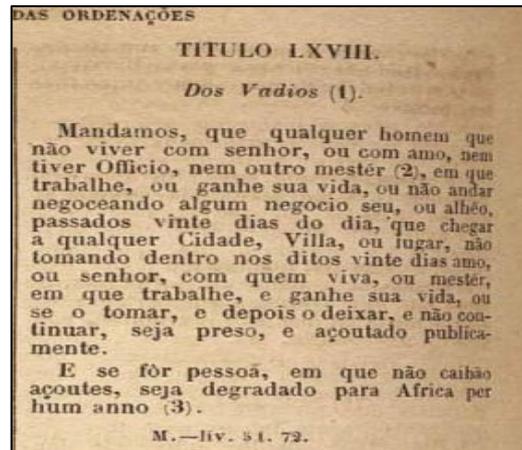
Michel Foucault, em uma de suas famosas obras, “Vigiar e Punir”, narra a passagem do castigo como uma “arte de sensações insuportáveis” a uma “economia dos direitos suspensos” (1987, p. 17). Assim, os suplícios em praça pública e o domínio sobre o corpo passam a ter como foco a perda de um bem ou direito. O autor afirma que, quando não mais ao corpo se dirige a punição, é sobre a alma que se inscreve o castigo de modo a noticiar o poder absoluto e soberano dos que detém o poder.

Segundo aponta Stoffels (1977, p. 38), desde o ano de 1350 a vadiagem é considerada um delito, e, referido delito, ainda aplicável até os dias de hoje, sob a velha presunção de que o indivíduo “vagabundo” representa uma ameaça à ordem social.

Dentre muitos países que preveem tais atividades como ilícitos, o Brasil é um dos que diferencia (ao menos hipoteticamente) os delitos de vadiagem e de mendicância, sendo que, no caso brasileiro, essa herança europeia de aversão ao ócio vem expressa desde as Ordenações Filipinas (1603), que disciplinava, em seu título LXVIII, a sanções aos considerados “vadios”.

Tais proibições, como já se demonstrou, possuem raízes históricas e foram sucedidas também pelo Código Penal do Império (1830), que, no capítulo denominado “Vadios e Mendigos”, previa a contravenção de vadiagem em seu artigo 295 e da mendicância no artigo 296. Já no Código Penal de 1890, nos capítulos XII e XIII, eram

criminalizadas inúmeras condutas atribuídas aos “Mendigos e Ébrios” e “Vadios e Capoeiras”.



Ordenações Filipinas (1603) – Disponível em: Biblioteca Digital do Senado Federal

Por sua vez, no período republicano brasileiro, os direitos políticos daqueles condenados por vadiagem e/ou mendicância eram suprimidos, dialogando com as novas formas de punição apontadas por Foucault. Em 1893, o Decreto-Lei n. 145, previa a criação de colônias correccionais voltadas disciplinarização, através do trabalho, de vadios, vagabundos e capoeiras que fossem encontrados na capital federal, à época localizada na cidade do Rio de Janeiro.

Portanto, essa constante criminalização de condutas que não se dirigia a proteger pessoas ou a propriedade, mas a uma suposta ordem social urbana, foi implementada pela classe dominante que não só criava as regras, como também criou a instituição policial responsável por protegê-las.

Entendia-se que a vida cotidiana funcionaria apenas com esse abstrato combate da desordem, do perigo e dos medos incertos e potenciais. Os grupos marginalizados eram então, por si só subjugados e dominados constantemente sob o pretexto de evitar novas brechas no mundo urbano visível e invisível.

Quando se usa os termos “incertos” e “potenciais”, se aponta para a prática comum a época, exposta por Holloway, no sentido de que a vadiagem passou a ser usada pelas autoridades quando estas tinham dificuldade de provar atos criminosos mais específicos ou quando buscavam retirar alguém da rua apenas como forma de disciplinarização (1997, p.129).

Em 1838, Eusébio de Queirós, então chefe de polícia da cidade do Rio de Janeiro, afirmou ter uma solução parcial para a mendicância nas ruas, uma vez sua

extinção seria, segundo ele, impossível (1997, p.129).

Dialogando com o tema, Robert Castel (2008, p. 136), sustenta que:

“Essa construção de um paradigma negativo do vagabundo é um discurso de poder. Com isso, quero dizer que ela é, primeiro, um ato dos responsáveis encarregados da gestão dessas populações e que é o instrumento desta gestão. A política repressiva com respeito à vagabundagem representa a solução para uma situação que não comporta solução. Que fazer com indivíduos que suscitam problemas inextricáveis, por não estarem em seu lugar mas que não têm, em parte alguma, um lugar na estrutura social?”

Divergindo de ambos, particularmente me parece ilógico afirmar-se que o problema relacionado a população em situação de rua seja “sem solução”, sobretudo se analisarmos que a história aponta que a busca por enfrentar o problema nunca passou pela compreensão desses sujeitos ou a criação de novos espaços nas sociedades, mas tão somente pela via repressiva-disciplinar.

Igualmente, afirmar que essas pessoas não têm lugar na estrutura social, seria o mesmo que dizer que não há espaço para humanos dentro da própria humanidade, o que não me parece correto ainda que reconheçamos que, na visão oficial, de fato, a tentativa de expulsão desses grupos para as periferias seja uma forma de negar suas existências.

No entanto, ainda que se discuta todo um processo de estigmatização e tentativa de negar estes sujeitos enquanto pessoas de carne e osso, é certo que a ausência de escuta nas ruas me parece ser fator determinante para a perpetuação da ideia de que o fenômeno é sem solução, sendo também mais um reducionismo gerado em um país extremamente desigual que nega historicamente direitos à camada mais pobre da população vista como uma ameaça.

Como afirma Bertold Brecht em uma de suas poesias chamada “Nada é impossível de mudar”:

Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente: não aceiteis
o que é de hábito como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural

nada deve parecer impossível de mudar.⁴⁵

Nesse cenário, diante dessa ausência de diálogo com a população em situação de rua passou-se a adotar o termo invisibilidade social para se referir ao grupo. Contudo, uma vez que esse grupo é notadamente invisível para gozar de direitos, mas visível para sofrer opressões, opto por pegar emprestada a expressão utilizada por Ligia Costa Leite em seu trabalho sobre os meninos de rua⁴⁶, tratando a população em situação de rua com invencível.

Invencível não porque superam a morte, mas porque apesar de toda violência e repressão mostram-se resistentes à uma domesticação que lhes nega personalidade e aos castigos que atingem também suas almas.

São estes os que prefiro chamar de invencíveis ao dobrar a própria tentativa de exclusão para viver em um mundo sem paredes. Dito isso, de modo a acessar a rua enquanto um mundo inacessível que justamente entendo ser necessário enxergar o que está circunscrito na própria ideia de rua para quem mora nela.

Nessa linha, retomando o que aponta Holloway, o problema da mendicância persistia apesar dos esforços, ora paternalistas, ora repressivos, empregados pelas autoridades policiais. A figura do mendigo se relacionava com a falta de higiene e imoralidade e a vida nas ruas era incompatível com as qualidades morais e hábitos do trabalho, como já discutido em tópico anterior. Dessa forma, vendo que apesar das prisões o problema não era solucionado, o sistema judicial e policial passou a adotar postura mais permissiva com relação aos pedintes que não criassem problemas (1997, p. 195).

De modo a direcionar a discussão aqui apresentada entre a rua e a lei, mais especificamente dos crimes relacionados a população em situação de rua, aponta Foucault, em aula ministrada em janeiro de 1973, mencionada na obra “A Sociedade Punitiva” (1973), que segundo um modelo de análise existente, a vagabundagem se apresentaria como matriz geral do crime, enquanto a ociosidade seria a mãe de todos os vícios e, por assim ser, também seria de todos os crimes. Por sua vez, a mendicância seria o elemento essencial que convém punir como um tipo de existência comum “contrassocial”.

⁴⁵ BRECHT, Bertolt. Antologia poética. Rio de Janeiro: ELO Editora, 1982.

⁴⁶ Leite, Ligia Costa. A razão dos invencíveis: meninos de rua – o rompimento da ordem (1554-1994) – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

Segundo ele, o crime começaria na ausência da situação civil, isto é, na ausência de localização geográfica dentro de determinada comunidade. E propõe a seguinte questão:

Eu me pergunto se não seria possível tentar classificar as sociedades de acordo com o destino que reservam não aos defuntos, mas aos vivos dos quais querem se livrar, da maneira que elas controlam aqueles que lentam escapar ao poder, como reagem àqueles que transgridem, infringem ou evitam as leis, de uma forma ou de outra. (2015, p. 03)

O grande contraponto que o presente trabalho busca esmiuçar, é entender se a rua corresponde a essa ausência de lugar apenas por não se amoldar aos interesses dominantes. A vagabundagem e a mendicância, são historicamente criminalizadas na tentativa de punir aquele que perturba a ordem e a produção, mas, ao atribuir o problema à uma ausência de fixação, jamais conseguiram criar esse lugar ideal para os interesses oficiais. Não foi a cadeia, nem os hospícios, como não parecem ser as favelas e periferias cada vez mais lotadas, restou-lhes aceitar que fosse a rua, desde que respeitadas regras mínimas.

Um elemento para se entender a questão, reside justamente no espaço entre a tolerância criada e a ausência de soluções para combater o problema. Ocorre que, como se aponta, tentar disciplinar e punir não foi sido eficaz, enquanto buscar ouvir e compreender jamais foi colocado como possibilidade. Me parece que, mais do que ampliar esse aparato repressivo estatal, há uma necessidade do Estado de escutar as pessoas que moram nessa rua que é objeto de controle, mas que sequer se conhece com profundidade por essa perspectiva própria.

Por fim, do ponto de vista normativo, é possível conceber que a evidência discutida aponte para a exclusão desse grupo como uma pena perpétua. A negativa de habitual de direitos, as violências cotidianas, a ausência de acesso a serviços públicos e privados, impõe a população em situação de rua uma punição diária por não se adequarem, sendo esta uma pena não estabelecida em lei, mas que vai no sentido de que o direito é apenas um dos bens que lhes falta.

A rua, no entanto, parece sim ter uma lei: a lei que garante a ordem em detrimento de garantir os direitos dessa população. A lei que respalda o incômodo gerado por uma busca institucional e arquetada de higienismo social àqueles que se recusam a se dirigir aos espaços destinados a si: periferias, favelas, abrigos. Essa é a lei que faz uma pessoa acordar e a obriga a sair andando quando os comércios se

abrem; ou a lei que, em um dia qualquer, joga seus pertences fora de modo que você tenha que buscar outros. A lei da rua é aquela onde o indivíduo precisa justificar a todo momento o motivo de estar ali e não em outro lugar que sequer sabem definir qual é. A população em situação de rua é vista como uma população que ocupa o lugar errado sem que nunca tenha sido dito qual seria o lugar certo para ela viver.

II. V. Direitos Humanos em Situação De Rua:

Quando morar é um privilégio, ocupar é um direito?

Dentre muitas questões que se relacionam aos direitos de quem vive em situação de rua, duas parecem mais substanciais, a primeira, se morar na rua é, de fato, um direito. Deve-se destacar que a situação de rua não pode ser entendida meramente como desabrigo, uma vez que essa visão não considera a multicausalidade do fenômeno e acaba se tornando reducionista e simplista.

Na legislação brasileira o direito à moradia se insere nos chamados direitos sociais, mais especificamente foi incluída pela Emenda Constitucional nº 26/2000, que estabeleceu o seguinte: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a **moradia**, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados”.

Por sua vez, no âmbito internacional, o Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais se insere como instrumento de proteção ao que se chama de direito à moradia adequada, nos moldes da Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU⁴⁷, sendo o direito à moradia um componente do direito a um padrão de vida adequado.

Nesse sentido, segundo comentário feito pelo Comitê de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais com relação ao artigo do mencionado pacto que trata do direito à moradia adequada, este direito não deve ser interpretado em sentido “estrito ou restrito”, ou seja, como apenas quatro paredes e um teto sobre a cabeça. Por esse entendimento, o direito à habitação se constitui como um direito a viver, onde quer que seja, com segurança, paz e dignidade.⁴⁸

⁴⁷ Direito à moradia adequada. – Brasília: Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000225430>.

⁴⁸ Ibidem, p. 35.

No cenário brasileiro, para se pensar na questão proposta, deve-se ter em mente: os altos índices de déficit habitacional⁴⁹, onde se inclui a população em situação de rua (ainda que teoricamente) mas também outras famílias de baixa renda que se situam em moradias improvisadas; as diretrizes dos serviços de acolhimento institucional; os preços de imóveis e aluguéis e, por fim, a tentativa histórica de segregação espacial e social de determinados grupos populares por parte dos setores dominantes.

Com isso, ainda que a temática represente um tópico sensível que deve ser debatido com maior profundidade, parece seguro afirmar que morar hoje no Brasil é mais um privilégio do que um direito garantido. Por outro lado, há que se considerar ainda, que pessoas com longas trajetórias de rua possivelmente podem ter dificuldade de sair da rua uma vez que já ressignificaram esse espaço como sendo seu habitat, reconstruindo muitas vezes alguns laços e constituindo rotinas que vão sendo moldadas com o passar do tempo e que talvez não sejam acolhidos por uma noção de lar privado que há muito lhes foi tirada.

Em cartilha lançada pelo Ministério Público de Minas Gerais, intitulada “Direitos do Morador de Rua”, constam alguns depoimentos que apresentam uma visão da própria população em situação de rua sobre a questão da moradia, como se destaca:

“O nosso teto é o céu estrelado. As cortinas das nossas paredes são os ventos, a fumaça poluente e a nossa cama é o papelão umedecido pelo orvalho.” (A.G., mais de 25 anos de rua)

“Tô cheia de certificado, mas não tenho parede para pendurar.” (E.C. morou durante 15 anos na rua)

“A minha família é a rua, é a minha casa... foi o que me restou... não tive pai, nem mãe... fui criado de mão em mão.” (C.E. mora há seis meses na rua)”

⁵⁰

Assim, diante da inegável violação aos direitos à moradia, entendo que este direito não pode representar apenas uma garantia abstrata de um teto e quatro paredes (muitas vezes em um lugar periférico), devendo servir como garantia de morar em um local adequado, sem medo de ser removido ou sofrer violências inesperadas, que proteja do frio, da chuva e da umidade, que conte com acesso à rede de água, saneamento básico, gás e energia elétrica e que seja próximo a serviços públicos que

⁴⁹ <https://www.fundacao1demaio.org.br/artigo/deficit-habitacional-reflete-a-desigualdade-do-pais;>

⁵⁰ Disponível em: <https://www.mpes.mp.br/Arquivos/Anexos/5e6c64e9-3655-4170-98b0-4a7092a9bc99.pdf>.

garantam saúde, lazer e bem-estar, sempre na perspectiva de que direitos não são “favores” destinados “a quem merece”.

A vadiagem nos dias de hoje

Por sua vez, do ponto de vista normativo, outra questão importante é responder se o delito de vadiagem é ainda aplicável. Em 2009, através da Lei n. 11.983/09, o ato de mendigar, que era enquadrado como uma contravenção, deixou de ser considerado um ilícito penal. Contudo, segundo o art. 59 da Lei das Contravenções Penais (Decreto-Lei nº 3.688/41), enquadra-se como delito de vadiagem quem: *“Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover à própria subsistência mediante ocupação ilícita”*.

Neste ponto, a meu ver, diante do cenário brasileiro de profundas desigualdades sociais e de significativos índices de desemprego, não há como se sustentar o disposto no delito de vadiagem sem deixar de, com isso, criminalizar a própria pobreza.

No entanto, como destacam Nonato & Raiol (2016), em estudo que buscou analisar a jurisprudência brasileira, nota-se que a população em situação de rua é inserida quase que exclusivamente na esfera do direito penal, sendo essas pessoas, em alguns casos, mantidas encarceradas sob o argumento de possuírem domicílio próprio. De modo inverso, a pesquisa demonstrou ser inexpressivo o número de casos cíveis voltados para proteção de direitos dessas pessoas segundo os casos analisados.

Com relação ao tema, porém, há que se pontuar que atualmente está tramitando na Câmara dos Deputados, o Projeto de Lei n. 3158/21, que busca justamente revogar o trecho da Lei de Contravenções Penais que pune a vadiagem. Em 2012, foi aprovada proposta similar em plenário, que acabou arquivada pelo Senado em razão do término da legislatura, conforme previsão das regras regimentais.⁵¹

⁵¹ <https://www.camara.leg.br/noticias/845847-proposta-retira-vadiagem-da-lei-de-contravencoes-penais/>;

A questão dos direitos humanos

Me parece seguro dizer que o direito à vida e todos os demais direitos humanos a ele ligados, no caso da população em situação de rua, são mais uma luta do que uma garantia, sendo possível concluir que essa luta pelo “direito a ter direitos” ou pelo direito de pertencer à humanidade, como propõe Hannah Arendt⁵², é a expressão mais objetiva da luta pela sobrevivência dessa população. Conforme a autora complementa, “*só em uma humanidade completamente organizada, a perda do lar e da condição política de um homem pode equivaler à sua expulsão da humanidade*” (2009, p. 330).

Nesse cenário, concordo aqui com a ideia proposta por Joaquim Herrera Flores (2009, p. 95), no sentido de que ao conhecer determinada realidade, vamos aprendendo a compreender e transformar o mundo em que vivemos. Entretanto, o autor destaca a necessidade de se reconstruir uma interpretação não reduzida ao mero formalismo das regras, capaz de nos dirigir a um saber estratégico que não avance só ao descobrimento e aos efeitos dos conflitos sociais, mas que se aprofunde em suas causas, de modo que seja possível atuar de forma crítica em face da ordem social hegemônica.

Herrera Flores nos convida a pensar na garantia dos direitos sob sua lógica puramente formal e estreita, estabelecendo o direito como uma técnica particular de domínio social:

“O direito não é apenas um reflexo das relações sociais e culturais dominantes; pode também atuar, ou, melhor dizendo, pode ser usado, e assim tem sido, historicamente, tanto por tendências conservadoras quanto revolucionárias, para transformar tradições, costumes e inércias axiológicas [...] o direito é uma técnica particular de domínio social que lida com os conflitos neutralizando-os da perspectiva da ordem dominante [...] é uma técnica especializada que determina a priori quem está legitimado a produzi-lo e quais são os parâmetros a partir dos quais julgá-lo. Daí a imensa força de quem controla – em outras palavras, quem é dotado de autoridade para a – tarefa de “dizer” o direito [...] nem desprezo pela luta jurídica, nem confiança de que só através dela se chegará a um tipo de sociedade justa na qual caibam todas as expectativas, não só as hegemônicas.” (HERRERA FLORES, 2010, p. 88).

Para ele, então, os direitos humanos devem ser concebidos como racionalidade

⁵² ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo – Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 330.

de resistência que se traduz na abertura e consolidação de espaços de luta pela dignidade humana, isto é, a luta do ser humano na busca por seus desejos e necessidades diante do contexto no qual está inserido. Daí, a ética dos direitos humanos, segundo Herrera Flores (2009, p. 15):

“é a ética que vê no outro um ser merecedor de igual consideração e profundo respeito, dotado do direito de apropriar-se e desenvolver as potencialidades humanas de forma livre, autônoma e plena. É a ética orientada pela afirmação da dignidade e pela prevenção ao sofrimento humano.”

Portanto, como o autor coloca, diante desse universo de contrastes e entrecruzamentos, que não aceita visões e nos impõe o universal como reto e microscópico, é nosso papel buscar concepções que nos possibilitem abandonar os fechamentos e percorrer diferentes pontos de vista sem a pretensão de negação da possibilidade de luta pela dignidade humana (Herrera Flores, 2009, p. 159).

Essa prática anti-hegemônica, que se volta a contrariar o sistema de valores dominantes que entende como natural conceder direitos a uns e negar a outros nos leva, como pensado por Herrera Flores (2009, p. 80)., no sentido de criar uma teoria que molde uma forma de pensar nosso mundo como um mundo real, permeado por desigualdades, diferenças e disparidades que nunca devemos ocultar.

Igualmente, o autor explicita a necessidade de se conhecer os direitos humanos sobretudo de modo a denunciar que os privilegiados por essa ordem de desigualdades se negam a assumir suas responsabilidades:

[...] o conhecimento deve ter presente a pirâmide social em que excluídos e explorados conformam uma base amplíssima, tremendamente empobrecida e perigosamente em expansão. Igualmente, deve denunciar que os privilegiados por essa ordem de desigualdades negam-se a assumir suas responsabilidades apegando-se ao dogma ideológico que visualiza a pobreza e a marginalização como falta de vontade dos afetados para saírem de sua posição subordinada (HERRERA FLORES, 2009, p. 101).

Entendendo a necessidade de se reconhecer os direitos humanos a partir de sua lógica que pode ser, tanto uma prática libertadora, que provoca e garante lutas sociais por dignidade, como um instrumento para garantir e reforçar processo de opressão, legitimando-os. Nesse cenário que Sánchez Rubio nos apresenta as instancias de encanto e desencanto dos Direitos Humanos (2014, p. 15):

“Como toda produção humana, deve-se partir da ideia de que Direitos Humanos podem ser uma instância de luta libertadora por uma dignidade que emancipa, como também podem ser um instrumento de dominação que legitima distintas formas de exclusão e inferiorização humanas, e aí está seu duplo efeito, encantador e de desencanto. [...] Direitos Humanos, entendidos a partir da lúcida expressão de Joaquín Herrera Flores, como processos de abertura e consolidação de espaços de luta pela dignidade humana, fazem alusão a diversas expressões de reivindicações políticas, sociais, econômicas, sexuais, culturais etc. Com o intuito de que os seres humanos sejam reconhecidos como sujeitos diferenciados. Expressam formas de humanidade múltiplas e plurais, individuais e coletivas, sempre em relação ao contexto em que cada indivíduo ou cada coletivo esteja situado. Por isso, são veículos de expressão e de produções representativas de dinâmicas emancipadoras e libertadoras. Mas também podem ser manifestações de tendências e lógicas que limitam e aniquilam humanidades. A dimensão encantadora se une com o potencial emancipador e o horizonte de esperança que possibilita a existência de condições de autoestima, responsabilidade e autonomia diferenciadas e plurais. A dimensão que desencanta pode aparecer no instante em que os Direitos Humanos se fixam sobre discursos e teorias, instituições e sistemas estruturais que sociocultural e sociomaterialmente não permitem que estes sejam factíveis e nem possíveis, devidos às assimetrias e hierarquias desiguais sobre as quais se mantêm. Além disso, através de diversos mecanismos de ocultação, pode-se construir um imaginário aparentemente emancipador e, por isso, com um encanto sedutor, falsamente universal.”⁵³

Os direitos humanos da população em situação de rua, assim, não são as normas, mas a luta diária. Ao reivindicar espaços, provocar diálogos e garantir sua própria existência diante de uma prática sensível à insensibilidade que os cerca, esses sujeitos advogam em favor do próprio direito de estar e de ser o que são e o que pretendem ser.

PARTE III - ESPAÇOS E VIDAS: O QUE É A RUA?

Conceitos emaranhados

Após promover uma análise acerca da formação histórica da população em situação de rua, passando por aspectos particulares do contexto brasileiro, além de tratar das categorias e visões relacionadas ao tema e da relação do direito e da ordem com essa realidade, para os fins dessa investigação, fazia-se necessário compreender um pouco mais sobre o espaço da rua que, em instância última, se torna o local de sobrevivência dessas pessoas.

⁵³ RUBIO, David Sánchez. Encantos e desencantos dos Direitos Humanos. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2014.

Tomei como ponto de partida o pensamento colocado por Prates & Machado (2012, p. 194), no sentido de que estar em situação de rua ou habitar esse espaço, é diferente de pertencer propriamente a ele:

“considerar que um sujeito é de rua seria o mesmo que considerar que alguém é de casa ou de apartamento. Vive-se em casas, apartamentos ou, no caso do segmento analisado, no espaço da rua, e esta pode ser uma situação contingente. Ver essa situação como estado e não como processo é um modo de reiterá-la, sem reconhecer a perspectiva do movimento de superação – e essa parece ser uma questão central. Estar em situação de rua ou habitar a rua é diferente de ser de rua.”

Um dos principais objetivos dessa investigação é compreender as implicações de se viver nas ruas e quais as significações atribuídas a esse espaço pela população em situação de rua, assim, nos diálogos realizados no campo, a questões do “ser” ou “estar” na rua, e a relação da rua com a casa, foram propostas aos quatro sujeitos dessa pesquisa e serão expostas na próxima parte desse trabalho.

Nesse sentido, serão analisados nesta parte o conceito de cidade e do que se concebe como direito à cidade, a formação das esferas do público e do privado, comumente relacionados à situação de rua e, aqui, também, propondo um debate sobre a formação dessas esferas na realidade brasileira, além das discussões principais entre a ideia de casa e de rua como instâncias antagônicas que podem se confundir. Todos esses pontos, a meu ver, contribuem para que se possa tentar compreender o que é a rua para quem mora nela.

III.I. A Cidade Pulsante:



A construção da cidade é reflexo da pulsação da vida.⁵⁴

Certo dia, no trabalho de campo, ouvi o barulho de uma obra que me remeteu

⁵⁴ Áudio gravado durante a pesquisa de campo também disponível em: https://drive.google.com/file/d/1iHuuZYiAiloHHgit7kTF-BBSJVvxK_YH/view?usp=sharing.

a um barulho ritmado que, no meio da cidade, me fez pensar em um coração pulsante. Aquele som, que trago aqui, foi talvez o maior exemplo que tive de que as cidades são organismos vivos.

Desse modo, como explicita Gilberto Velho, grande parte das teorias que analisam a cidade enquanto fenômeno social, a consideram como uma variável autônoma, dissociada do amplo processo social. Os autores que defendem essa linha de pensamento, sugerem que o modo de vida originado pela cidade, além de diversos outros fenômenos que ocorrem em seu interior, seriam uma consequência notória dessa distinção enquanto variável independente (Velho, 1980).

Contudo, o antropólogo entende como equivocada essa visão por confundir a cidade com a “causa de vários processos sociais, quando ela é muito mais consequência deles e/ou lugar onde eles ocorrem”⁵⁵. Outra limitação apontada, com relação a essa corrente de pensamento, se concentraria na dificuldade em definir o que é o urbano e o que é o rural, sobretudo em contextos como o brasileiro.

É nesse sentido que o autor defende que a cidade “*passa a ser o contexto no qual se desenvolvem vários processos e fenômenos sociais*”, não sendo a principal causa destes, mas podendo intervir em seus desenvolvimentos.⁵⁶

Como bem define o sociólogo americano Robert Park:

“a cidade é algo mais do que um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais - ruas, prédios, luzes elétricas, bondes e telefones, etc; somando, também, mais do que uma mera constelação de instituições e dispositivos administrativos - tribunais, hospitais, escolas, polícias e funcionários públicos de diversas proveniências. A cidade é antes um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições, e das atitudes e sentimentos organizados que são inerentes a esses costumes e são transmitidos por essa tradição. A cidade não é, em outras palavras, apenas um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana.”⁵⁷

Igualmente, David Harvey, ao citar outro pensamento de Robert Park, sugere que a cidade é “*a tentativa mais bem-sucedida do homem de reconstruir o mundo em que vive o mais próximo do seu desejo. Mas, se a cidade é o mundo que o homem criou, doravante ela é o mundo onde ele está condenado a viver. Assim, indiretamente,*

⁵⁵ Velho, Gilberto. O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira – Rio de Janeiro: Campus, 1980, p. 29.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Park, Robert E. et al. The City. Chicago: The University of Chicago Press, 1925.

*e sem qualquer percepção clara da natureza da sua tarefa, ao construir a cidade o homem reconstruiu a si mesmo.*⁵⁸

Como bem expõe Milton Santos (1959), definir o que é cidade é um problema antigo que tem ocupado sociólogos, economistas e outros profissionais das mais diversas áreas. Para ele, como geógrafo, interessavam as particularidades de organização do espaço e as relações de um espaço maior, isto é, o que chamou de paisagens e zonas de influência.

Para além do que se pode conceber e definir como sendo cidade, Milton (1959, p. 07) menciona que a cidade é:

“antes de tudo, definida por suas funções e por um gênero de vida, ou mais simples, por uma certa paisagem que reflete ao mesmo tempo essas funções, esse gênero de vida e os elementos menos visíveis, mas inseparáveis da noção de “cidade”: passado histórico ou forma de civilização, concepção e mentalidade dos habitantes”.

Além disso, Milton Santos (1988) define que a cidade é o local da co-presença, que ensina aos homens a diferença, sendo ao mesmo tempo uma região e um lugar da heterogeneidade de formas subordinadas a um movimento global. A paisagem das cidades é aquela construída e superposta pela lógica da produção.⁵⁹

Desse modo, ainda que seja difícil definir o que faz do Rio de Janeiro uma cidade, é certo que seus movimentos, suas pulsações e a vida que há em cada canto de suas ruas, compondo o que se entende por “alma carioca”, mais do que seus tijolos, fazem o Rio ser o que é: uma cidade vendida como maravilhosa que tem sua desigualdade evidente como produto de seu passado histórico e da mentalidade de seus habitantes.

III.II. Direito à Cidade: Direito de quem e para qual cidade?

Para Harvey, tratar do direito à cidade é abordar um tipo específico e contra-hegemônico de direito humano, é superar a esfera individual e pensar em um direito comum de mudança de cada um através da transformação do lugar onde se vive, isto é, da transformação da cidade. O direito à cidade constituiria, assim, a liberdade de

⁵⁸ Robert Park (1967, p. 03) *apud* Harvey, David. Harvey, D. (2012). O direito à cidade. Lutas Sociais, n. 29, pág. 73–89.

⁵⁹ SANTOS, Milton [1988]. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo, Edusp, 2008.

“*construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos*”.⁶⁰

Portanto, essa possibilidade de construção e reconstrução, individual e geral, é para o autor um dos mais valiosos e negligenciados direitos humanos. Harvey defende que as cidades emergem a partir da reunião de um produto excedente que se concentra social e geograficamente, sendo assim, a urbanização constituir-se-ia como um fenômeno essencialmente de classes, vinculado ao sistema capitalista, cujo foco é produzir excedentes para obter mais-valia e reinvesti-la continuamente de modo a ampliar a acumulação de capital (2012, p. 74).

É nesse contexto que se coloca que a qualidade de vida nas cidades se transformou em mercadoria, assim como a própria cidade, imersa em um mundo consumista e marcado pela lógica do capital, que é dividido e propício a conflitos e contrastes. E essa fragmentação influencia as formas espaciais das cidades enquanto comunidades fechadas e espaços públicos privatizados são mantidos sob constante vigilância. A cidade hoje é formada por partes separadas e com diferentes concepções de cidadania e de pertencimento (2012, p. 81).

Nesse contexto, o autor menciona que “*a redistribuição privada através da atividade criminal ameaça a segurança individual a cada momento, induzindo demandas populares por repressão policial*” (2012, p. 82).

O autor destaca que há movimentos sociais que buscam superar o isolamento das sociedades fragmentadas e “*remodelar a cidade segundo uma imagem diferente da que apresentam os empreendedores, que são apoiados pelas finanças, pelo capital corporativo e um aparato local do Estado*” (2012, p. 82).

De igual forma, há algo de obscuro mencionado por Harvey, quando destaca que a absorção desses excedentes por meio da mudança urbana, tem costumeiramente um aspecto de classe, uma vez que o pobre, o marginalizado e os desprivilegiados do poder político, são os que primeiro sofrem com este processo de violência tida como necessária para construir “*o novo mundo urbano sobre os escombros do velho*” (2012, p. 82).

Trazendo a reflexão as obras urbanas realizadas por Georges-Eugène Haussmann na cidade de Paris em meados de 1853, David Harvey sugere que este teria deliberadamente planejado “*a remoção de grande parte da classe trabalhadora e outros elementos rebeldes do centro da cidade, onde constituíam uma ameaça à*

⁶⁰ David. Harvey, D. (2012). O direito à cidade. *Lutas Sociais*, n. 29, p.73-89, jul./dez. 2012, p. 74.

ordem pública e ao poder político" (2012, p. 82), o que, como se viu, foi mais tarde também implementado na cidade do Rio de Janeiro.

Contudo, no caso parisiense, se verificou justamente como consequência de tais reformas, revoltas e desordem nos subúrbios isolados que abrigavam trabalhadores, jovens desempregados e imigrantes marginalizados (2012, p. 83).

Como se nota, às margens de ruas e avenidas, ou em qualquer outro espaço exíguo, isolado e distante, a população pobre era - e segue sendo - a todo momento desapropriada dos espaços que ocupa. E Harvey traz como exemplo o caso das favelas cariocas para pontuar que os efeitos da privatização da habitação social podem fazer com que "todas aquelas ladeiras ocupadas por favelas no Rio de Janeiro" sejam cobertas por condomínios de alto padrão "com fabulosa vista para a idílica baía, enquanto os primeiros moradores terão sido removidos para alguma periferia remota" (2012, p. 85).

A pobreza carioca que não subiu o morro segue sendo perseguida na cidade das ruas habitadas que não escapa ao controle da ordem. Dividida e fragmentada, a população em situação de rua parece ser constantemente assediada para ser realocada em equipamentos precários e distantes. Vê-se, assim, nos dias de hoje, a busca por controle daqueles que até então não possuem um lugar no mundo pra chamar de seu apesar de reivindicarem todos os dias um espaço de sobrevivência nas brechas das cidades.

E "vivendo de teimosos", como no termo usado por Sarah Escorel, que afirma que a população em situação de rua é personagem e cenário do drama social das grandes cidades brasileiras (2003, p. 139), essas pessoas seguem no contrafluxo da exclusão imposta, reinventando casas ao ar livre e privatizando espaços, insistindo, afinal, na luta pela vida, ainda que o preço que se pague seja a exposição pública de suas existências.

Feito esse aparte, Harvey conclui que esse direito à cidade, tal como constituído atualmente, está "*extremamente confinado, restrito na maioria dos casos à pequena elite política e econômica, que está em posição de moldar as cidades cada vez mais ao seu gosto*" (2012, p. 87).

Por sua vez, nas palavras de Lefebvre (1968. p. 124), o direito à cidade seria um direito superior manifestado através de muitos outros, inclusive do direito à apropriação:

“[...] se manifesta como a forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade.”

O direito à cidade que deveria ser, também, o direito à apropriação e à liberdade, parece ser, no entanto, o retrato de uma colonização que se opera também nos espaços sociais. Democratizar esse direito e entendê-lo também como prática, é pensar a continuidade de um movimento que já existe - talvez com menor grau de organização e maior grau de espontaneidade - dos despossuídos de espaços oficiais que enfrentando resistências e transpondo barreiras, reivindicam para si o que parece historicamente lhes ter sido negado: um espaço no mundo para chamar de seu.

Orlando Santos Jr. (2015 *apud* Rodrigues 2016, p. 40) ao sintetizar a dualidade existente no conceito de direito à cidade para Lefebvre, propõe que:

“para Lefebvre, o direito à cidade é fundado em uma dupla dimensão, por um lado é um clamor, uma necessidade, e por outro lado é um projeto utópico de cidade. Na primeira dimensão, estamos falando da necessidade de todos e de todas de reclamarem, de gritarem, de demandarem direitos fundamentais para a sua reprodução na cidade. Estamos falando de todos os direitos: à mobilidade, ao saneamento, à saúde, educação, à habitação, a falar, a viver, vestir, comer etc. (...) e isso se reflete tanto nas disputas em torno da lei – como, por exemplo, o plano diretor – como também na luta pela apropriação, no sentido de garantir esses direitos fundamentais. No entanto, esta é apenas uma das dimensões do direito à cidade. Para Lefebvre, o direito à cidade diz respeito a poder criar uma cidade totalmente diferente desta, deixar de ser uma cidade produzida pelo capital e para o capital, e criar uma cidade que seja produzida para as pessoas. Do ponto de vista lefebvriano o direito à cidade é um ideário anticapitalista. Nesse sentido o direito à cidade jamais pode ser institucionalizado, jamais pode ser expresso em uma lei.”

III.III. Entre O Público e o Privado

A Esfera Pública: Mundo Comum

Em “A Condição Humana”, Hannah Arendt trabalha duas esferas da vida, a pública e privada. Segundo propõe, a esfera pública seria a esfera do comum, do lugar em que tudo pode ser visto ou ouvido por todos e teria a maior divulgação possível (2007, p. 59)

Nossa realidade, consoante enuncia a autora, deriva da aparência, do que é

visto e ouvido por todos, isto é, pelos outros e por nós mesmos. Nesse sentido, aspectos fundamentais da vida íntima, como as “paixões do coração, os pensamentos da mente, os deleites dos sentidos”, viveriam uma existência incerta e obscura até serem transformadas, desprivatizadas e desindividualizadas, passando por um processo de adequação para a aparição pública (2007, p. 59).

Portanto, segundo Arendt, “a presença dos outros que veem o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos”, essa vida privada desenvolvida sobretudo na Era Moderna, com um “declínio da esfera pública”, intensifica a escala de emoções subjetivas e sentimentos privados (2007, p. 60).

No mesmo sentido, a autora pontua que o sentimento mais intenso que conhecemos, da dor física, é ao mesmo tempo o mais privado e menos comunicável de todos. Ele privaria a percepção de realidade, uma vez que essa dor, experiência limítrofe entre a vida e a morte, é subjetiva e alheia ao mundo das coisas e dos homens que não pode assumir qualquer tipo de aparência. (2007, p. 60/61)

Nossa percepção da realidade depende totalmente da aparência e, com isso, da existência de uma esfera pública na qual possam emergir questões da vida privada e íntima. Contudo, essa visibilidade “crua e implacável”, nas palavras da autora, só deve se dirigir ao que é relevante, digno de ser visto ou ouvido, sendo passível de ser tolerado (2007, p. 61).

Arendt assinala que *“o que a esfera pública considera irrelevante pode ter um encanto tão extraordinário e contagiante que todo um povo pode adotá-lo como modo de vida, sem com isso alterar-lhe o caráter essencialmente privado.”* (2007, p. 61)

Ela menciona o encantamento francês que surge com o declínio da vida privada com relação as pequenas coisas, ou seja, que se situa na arte de encontrar felicidade dentro dos espaços de quatro paredes: “entre o armário e a cama, a mesa e a cadeira, o cão, o gato, o quadro, o vaso de flores”, dedicando a todos esses elementos da casa e do privado, uma ternura que, no mundo industrializado, se esvai e perece constantemente (2007, p. 62).

A autora pontua que esse alargamento da esfera pública não é objetivamente espacial, mas um embate simbólico, de modo que a grandeza do público cedeu ou perdeu espaço ao encantamento capaz de abrigar o íntimo e também o irrelevante aos olhos públicos (2007, p. 62).

Para a Arendt, o termo público significa “o próprio mundo”, na medida em que

é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. Assim: “conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que nele habitam em comum, como uma mesa que se interpõe entre os que se assentam ao seu redor”. O mundo, dessa forma, no intermédio, seria responsável por estabelecer uma relação entre os homens na própria divisão imposta entre eles. (2007, p. 62)

Essa esfera pública, do mundo comum, é a que reúne toda a humanidade, mas também evita a colisão entre uns e outros. O difícil de suportar nessa sociedade das massas, segundo Arendt, não é o número de pessoas, mas o fato de que “o mundo entre elas perdeu a força de mantê-las juntas, de relacioná-las umas às outras e de separá-las”. (2007, p. 62).

Essa necessidade de se substituir o mundo como intermediador e estabelecer um vínculo suficientemente forte entre os homens, deu origem a antiga filosofia cristã e é, até hoje, um desafio posto a todos que coexistem socialmente, habitando os mesmos espaços e se cruzando, sem necessariamente possuírem interesses num mundo comum e interrelacionado.

Esse mundo comum é, no pensamento de Arendt, aquele que partilhamos ao nascer e que deixamos para trás quando morremos, ele transcende a duração da nossa vida tanto no passado quanto no futuro, sendo preexistente e superveniente à nossa breve permanência nele (2007, p. 65). E a sobrevivência desse mundo comum depende da existência dessa esfera pública que outrora era o local onde os homens buscavam ter algo que perdurasse além de suas “vidas terrenas” (2007, p. 65).

Nesse contexto, a escravidão era a privação não só da liberdade, mas da visibilidade, marcada pelo morrer sem deixar vestígios, quase sem ter de fato existido. A polis, que era para os gregos o que a res publica era para os romanos, implicava a garantia contra a “futilidade da vida individual” (2007, p. 66).

No entanto, para Arendt, embora esse mundo comum seja o espaço de todos, aqueles que o habitam possuem diferentes espaços que não podem coincidir. Desse modo, o significado da vida pública se dá no prolongamento do indivíduo em suas perspectivas, a realidade da família, do privado, jamais pode substituir a realidade que resulta da “soma total de aspectos apresentados por um objeto a multidão de espectadores” (2007, p. 67).

Esse mundo comum, então, deixa de existir, segundo Hannah Arendt, quando os homens são privados de ver e ouvir os outros e de serem vistos e ouvidos por

eles. O mundo comum acaba “*quando é visto somente sob um aspecto e só se lhe permite uma perspectiva*” (2007, p. 67/68).

A Esfera privada:

A concepção da esfera privada decorre da própria multiplicidade de significados que se liga à esfera pública anteriormente debatida. Viver uma vida inteiramente privada significa, segundo a Arendt, a destituição de coisas essenciais à vida humana, como ser privado da realidade que deriva dessa relação de ser visto ou ouvido por outros e, portanto, em instância última, ser privado de “fazer algo mais permanente que a própria vida”. (2007, p. 68).

O privado reside na ausência de outros, e o homem privado, para Arendt, é aquele que não se conhece, como se não existisse: “*o que quer que ele faça permanece sem importância ou consequência para os outros, e o que tem importância para ele é desprovido de interesse para outros*” (2007, p. 68).

A autora menciona que o fenômeno de massa da solidão é extremo justamente por não apenas destruir a esfera pública e a privada, mas por privar ainda os homens de seus lugares no mundo e, também, de seu lar privado, no qual paira o sentimento de estar resguardado do mundo. Esse lar privado é o espaço onde até mesmo os excluídos do mundo poderiam ressignificar eventuais ausências (2007, p. 68).

Arendt coloca que o desenvolvimento da vida no lar e na família, como espaço interior e privado, se deu ao senso político romano que jamais sacrificou o privado em benefício do público, justamente por reconhecer a possibilidade ambas as esferas coexistirem (2007, p. 69).

A grande relação entre o público e o privado, que se verifica na questão da propriedade privada, segundo a autora, corre o risco de ser mal interpretada diante da construída relação social entre propriedade e riqueza e, de modo inverso, da relação entre a inexistência de propriedade e a pobreza (2007, p. 70/71).

De igual forma, se por um lado a propriedade privada constituiu as bases das civilizações, a riqueza, por outro lado, como aponta Arendt, nunca antes foi sagrada. A propriedade no sentido originalmente concebido, implicava apenas que o indivíduo possuía seu lugar em determinada parte do mundo e, portanto, fazia parte desta parte do mundo com donos privados (2007, p. 71). E essa parte do mundo era tão igual à família a qual este pertencia que “*a expulsão do cidadão podia significar não apenas*

o confisco de sua propriedade mas a destruição de sua própria morada” (2007, p. 71).

Antigamente, quem perdia seu lugar no mundo, perdia automaticamente a cidadania e a proteção da lei. (2007, p. 72). Segundo Arendt, a esfera doméstica, isto é, o espaço da casa e do lar, é a esfera do nascimento e da morte, que devia “ser escondida da esfera pública por abrigar coisas ocultas aos olhos humanos”. Oculta sobretudo porque não se sabe de onde vem quando se nasce para onde vai quando se morre. (2007, p. 72/73)

É nas cidades que, conforme a autora, essa esfera oculta mas com aparência externa estabelece seus limites, os limites “entre uma casa e outra”, e a lei servia como marco divisório, que separava os espaços e as esferas do privado e do público. Segundo ela, a lei na polis era um muro, sem o qual poderia existir um “*aglomerado de casas, um povoado mas não uma cidade*”. (2007, p. 73).

Com isso, atribuía-se um caráter sagrado à privacidade como um outro lado da esfera pública, e, portanto, “*não possuir um lugar próprio e privado (como no caso do escravo) significava deixar de ser humano.*” (2007, p. 74). De modo inverso, possuir propriedades significava “*dominar as próprias necessidades vitais e ser potencialmente livre, livre para transcender a existência e ingressar no mundo comum*” (2007, p. 75).

Ao tratar da questão do social e do privado, Hannah Arendt menciona que a preocupação com a propriedade privada, que se tornou pública, fez com que a sociedade assumisse o “disfarce de uma organização de proprietários que, ao invés de se arrogarem acesso à esfera pública em virtude de sua riqueza, exigiram dela proteção para acúmulo de mais riqueza” (2007, p. 78). A comunidade, assim, como aponta a autora, existia em grande parte em benefício da riqueza.

Por outro lado, a descoberta da intimidade “*parece constituir uma fuga do mundo exterior como um todo para a subjetividade interior de cada indivíduo, subjetividade esta que antes fora abrigada e protegida pela esfera privada*” (2007, p. 79).

Arendt, ao tratar da importância da feição não privativa da privacidade, aponta que:

“as quatro paredes da propriedade particular de uma pessoa oferecem o único refúgio seguro contra o mundo público comum – não só contra tudo o que nele ocorre mas também contra a sua própria publicidade, contra o fato de ser visto e ouvido. Uma existência vivida inteiramente em público, na

presença de outros, torna-se, como diríamos, superficial.”

Os sujeitos que se situam no exterior, ao mesmo tempo que fogem desse obscuro interior, não conseguem, por consequência, um espaço pra fugir desse mundo exterior que os atravessa e atribui os sentidos que quer, lhes falta um lugar só seu que sirva como esconderijo contra a “luz da publicidade” (2007, p. 81).

A ida para o mundo exterior, como fuga da esfera íntima ou não aceitação à algum conjunto de regras imposto, parece libertar ao mesmo tempo que aprisiona, na medida em que o sujeito se vê livre de um sofrimento em detrimento de outros, se vê distante de uma necessidade ao passo que surgem muitas outras.

Subsistir na rua impõe correr atrás da própria sobrevivência diariamente, preço que se mostra, segundo acredito, profundamente desgastante. Igualmente, traçando um paralelo com as esferas trazidas pela autora, me parece que a busca pela fuga da realidade, que não pode ser abrigada ou ocultada em uma esfera privada, se faz na subversão do público, pelas categorias do bêbado ou do dependente químico que passam a se confundir, na visão oficial, com a da própria pessoa em situação de rua.

Enquanto se condena a prática que leva a essa fuga de uma realidade notadamente fatigante, não se pensa nos motivos que levam um contingente gigante de pessoas a viverem em fugas sucessivas. No fim, parece um caminho constante o julgamento dos fins em detrimento da não a compreensão dos meios. Condenam-se os efeitos, mas me parece que não se busca entender as causas.

III.IV. O Passado Visível no Presente – A vida privada de sentidos:

A criação da vida privada:

Antoine Prost, ao trabalhar as fronteiras e o espaço da vida privada, aponta que o século XX apresenta a criação e o conseqüente domínio de um espaço privado destinado a plena realização individual, um espaço cujas paredes permitiam a vivência do indivíduo separado até mesmo daqueles que viviam com ele o universo doméstico e familiar (2009, p. 54).

Contudo, desde os exemplos existentes na França, que mais tarde serviram de modelo ao cenário brasileiro, segundo o autor é possível verificar que havia uma clara distinção entre os lares burgueses e os populares. Enquanto nos primeiros, havia amplitude e separação de diversos espaços (sala de visitas, cozinha, quartos

individuais ligados por corredores, etc.), nos segundos havia a aglomeração dos espaços em um ou dois cômodos. (2009, p. 54)

A casa dos operários, desde então, era onde se fazia caber em um cômodo tudo que seria necessário para a vida: os locais de comer, receber os amigos, dormir, guardar seus objetos, cuidar da higiene e ser quem se é.

Fogão, cama, mesa, armário, família, tudo no singular, como é o espaço, único e diminuto, onde as camadas populares desenvolviam seu viver no mundo. A aglomeração era regra⁶¹, como destaca Prost, mas aos poucos uma revolução habitacional vai surgindo, de cima pra baixo, das classes mais abastadas acostumadas a ter seu espaço privado até as menos favorecidas que sequer conheciam esse “lugar”, fazendo com que fosse criado uma nova configuração de lar onde cada membro da família teria direito à própria vida privada, eis o surgimento do individual no âmbito familiar. (2009, p. 59)

Assim, ainda que talvez seja difícil hoje conceber essa limitação, antes desse período do início do século XX, era inviável pensar em intimidade mesmo que no espaço doméstico, não havia banheiro ou espaço para se isolar, sobretudo nos lares pobres. Os trabalhadores lavam-se nas salas e uma mesma cama abrigava vários membros da mesma família, representando o que Antoine Prost passa a chamar de “intimidade impossível” (2009, p. 59).

A vida privada das camadas populares se confundia no espaço (ou na falta dele) com a parte privativa dos que viviam em conjunto. Na época, valorizava-se a posse de pequenos objetos simbólicos que podiam ser reivindicados como próprios (por exemplo um cachimbo ou um rosário) e havia uma relação forte dos camponeses com seus animais, que muitas vezes levavam os nomes de seus donos (2009, p. 61).

Os espaços disponíveis para as populações menos favorecidas eram, por assim dizer, privados de múltiplas possibilidades, enquanto, em paralelo, a burguesia podia gozar plenamente dos espaços que se dividiam em cômodos, possibilitando uma vida privada mais ampla e bem organizada.

Vale dizer que o espaço privado é também o espaço onde reuniam-se os segredos, espaço das coisas silenciadas, dos sonhos, das saudades, dos medos e também das vontades, era onde abrigavam-se os pensamentos (2009, p. 61).

Para Prost, as mudanças na habitação, não só dividiram os cômodos em vários

⁶¹ 2009, p. 55. Vida privada vol .5

aposentos, mas também possibilitaram um espaço pessoal a cada membro das famílias. A vida familiar passa a se concentrar nas refeições, nas salas, no domingo, assim como nos programas familiares tais como ir à igreja. Essa divisão, como se aponta, divide a existência em três categorias: “*a vida pública, essencialmente profissional, a vida privada familiar e a vida pessoal, ainda mais privada*”. (2009, p. 63)

Portanto, nessa perspectiva histórica, o autor aponta que com o surgimento desse espaço privado individual, as pessoas passam, dentro do âmbito doméstico do lar e das famílias, a buscar o espaço de uma vida pessoal, no entanto, este não se torna possível para todos e nem tampouco de igual forma.

Outro ponto que relevante para as discussões do presente trabalho, como aponta Antonie Prost, ao abordar o choque da transição do espaço privado para o público, que é, segundo ele, vivenciado por uma maioria todas as manhãs, quando saem forçadas de suas casas e se veem consumidas por um espaço impessoal e congestionado, é a percepção dos bairros como espaços de transição que se formam como um espaço aberto familiar, um espaço que, apesar de público, tem um pouco de lar, de intimidade, de familiaridade com aqueles que o habitam (2009, p. 100).

Apesar de serem lugares públicos, onde não se pode prever o encontro, é nos bairros onde se verifica um maior domínio de quem são seus vizinhos, quais são suas rotinas e, com isso, se faz possível estabelecer regulamentações e ordenamentos locais e um menor estranhamento ao sair dessa casa íntima e se expor ao público, que guarda o desconhecido e por vezes o hostil.

Nuances do surgimento de uma vida privada no Brasil:

Pensando na realidade brasileira, de um país cuja modernização tardia e desigual se inspirou nos modelos europeus abordados anteriormente, temos um processo particular de constituição dos espaços privados, sobretudo pelas classes mais pobres e marginalizadas, que eram compostas, ao final do século XIX, também por escravos recém-libertos que não tinham sequer tido qualquer autonomia sobre suas vidas até então.

Como propõe Maria Cristina Cortez Wissenbach, é certo que a reconstrução do viver pelos ex-escravos no período pós-abolição foi moldada por uma série de fatores que passavam pela necessidade de se atribuir inclusive significado à liberdade recém conquistada (2021, p. 38).

O sentido dessa liberdade, como a autora pontua na obra “A história da Vida Privada no Brasil”, foi em direção diversa das imaginadas pelos antigos senhores e pelos grupos dominantes que visavam atribuir novo significado ao trabalho para as novas formas de vida “carentes de disciplina” na visão dominante.

A liberdade e a condição de homem livre, materializava-se, de imediato aos libertos, através da conquista de objetos e desejos que lhes eram anteriormente negados (2021, p. 39). Um desses objetos foi, segundo Wissenbach, logo após a libertação, o sapato que era adquirido para vestir os pés descalços e ainda não adaptados ao seu uso, mas que possibilitava aos recém-libertos uma proximidade aos seus antigos senhores que também os calçava (2021, p. 40).

Referido contexto histórico, inaugurado diante da inserção abrupta de todo um contingente de pessoas até então privadas de suas liberdades e possibilidades, aprofundou, como se pode imaginar, a miscigenação das camadas pobres da população brasileira. Referidos grupos “mestiços”, espalharam-se pelo país estabelecendo diferentes meios de vida que estavam sempre à margem da sociedade formal (2021, p. 41).

Nessa busca por alternativas para a própria sobrevivência, a autora aponta que esses grupos não se fixavam por muito tempo nas terras alheias onde em geral residiam e trabalhavam provisoriamente (2021, p. 41). Desse modo, essas populações eram tidas como “nômades” e marcadas pela infixidez de um viver em constante deslocamento.

Contudo, como assinala Wissenbach, essa mobilidade além de intensificada pelo monopólio da propriedade da terra, era “*provocada, sem dúvida, por um sistema que relegava aos homens livres um viver à margem e um aproveitamento residual*” (2021, p. 42), desse modo, a estrutura social criou esses homens andarilhos que com vínculos frágeis, “a nenhum lugar pertenceram e a toda parte se acomodaram” (2021, p. 42).

Nesse cenário, a miscigenação e a mobilidade dos homens agora tidos como livres, impuseram novos contornos ao surgimento da privacidade desses grupos e dos fatores que passam a moldar o dia a dia de uma grande parcela da população brasileira. Segundo a autora, “*mais do que formas de convívio íntimo, dizem respeito a estratégias de sobrevivência*” (2021, p. 45).

Esse enfoque passa, assim, na visão da autora, pelo reconhecimento de que essas vidas buscavam se organizar escapando aos resquícios prevalecentes do

domínio escravista, ao mesmo tempo em que se estabelecia uma fuga dos flagelos da fome, das secas e dos projetos de exclusão e desenraizamento buscados pelas elites brasileiras (2021, p. 45).

Em paralelo, verificava-se nesse período de transição do século XIX para o século XX, um crescimento atropelado dos centros urbanos cada vez mais populosos e densos, que sofriam pela falta de infraestrutura, de moradias, de empregos e também pela falta de espaços em seus sentidos mais diversos. Como Wissenbach coloca, esse crescimento das grandes cidades era “*menos um desenvolvimento e mais um inchaço*” (2021, p. 70).

Sobre o período, ainda, a autora afirma que “*essas transformações se deram no contexto de uma urbanização abrupta que se cimentava em formas improvisadas, levando o viver nas cidades a ser marcado pelas contingências de um provisório que muitas vezes se convertia em estruturas perenes*” (2021, p. 71).

Com isso, diante dessa realidade social que aglomerava as camadas mais populares em um conglomerado miscigenado e diverso, ampliava-se a sensação de desordem que incomodava as autoridades e os setores dominantes da sociedade. Nesse período, como discutido anteriormente, havia clara associação das classes pobres às classes perigosas.

Desse modo, como assinala Wissenbach, o temor direcionado a figura do escravo rebelde, lentamente passa a assumir novas feições:

“espraiava-se agora na direção de figuras multifacetadas de diferentes etnias e composições de mestiçagem que iam do branco estrangeiro ou nacional pobre, passando pelo mulato, chegando ao negro retinto, localizados indistintamente nas moradias coletivas e nos cortiços, nas áreas insalubres da cidade, invadindo cotidianamente as ruas, os mercados e as praças públicas.” (2021, p. 71/72).

Para a autora, um primeiro olhar direcionado a sociedade urbana do início do século, não permitia identificar com clareza as distinções entre os diversos segmentos que compunham as classes pobres. E a cidade brasileira moderna, imersa em seu sonho de ser europeia, entendia não possuir espaços para as aglomerações insalubres desses grupos que ficavam, na visão oficial, “no caminho” da modernização (2021, p. 77).

Nesse período, a ocupação desordenada do solo “instalou-se nos interstícios das cidades”, invadindo as zonas centrais, tomando as periferias e também as zonas

rurais (2021, p. 77). Esse adensamento do viver em espaço limitados e limitantes, por certo, implicava uma série de questões não só sanitárias, mas também da constituição da intimidade e da impossibilidade de constituir essa esfera privado dentro de habitações coletivas e superlotadas.

Por outro lado, Wissenbach aponta que, desde o século XIX, em muitas cidades brasileiras - onde se inclui a cidade do Rio de Janeiro - as zonas centrais deixadas pelos habitantes originais, sobretudo por conta da insalubridade, das epidemias e da sensação desordem, foram então sendo ocupadas também pelas camadas populares e pobres em habitações coletivas (2021, p. 79).

Portanto, como destaca a autora, *“a ideia de lar, de fato, tal como preceituada na época, não encontrava aí ressonância e nem mesmo se constituía em núcleo organizador de suas vidas, da mesma forma que as ruas não eram simplesmente espaço de circulação”* (2021, p. 81).

Assim, havia um choque entre a concepção popular de moradia e a representação de lar dos discursos urbanísticos, de modo que, segundo ela, com isso *“as favelas e os cortiços passaram a ser conceituados como “não casas”, vistos como núcleos de desordem, insalubridade e promiscuidade”* (2021, p. 81).

Como já mencionado, nesse cenário se verifica o surgimento de um discurso médico-sanitarista que visava, sob o viés da saúde pública, combater não só as aglomerações, mas, em sua essência, a própria pobreza.

Estabelece-se uma guerra aos cortiços e as habitações coletivas insalubres que, no entanto, não enfrentava os problemas na sua origem, apenas fazendo com que as populações mais pobres tivessem que se deslocar e formar novos *“antros de miséria, no dizer dos sanitaristas”* (2021, p. 83).

Nesse sentido, Wissenbach destaca-se que:

“para além de uma conceituação estreita e unívoca que aprisiona os comportamentos das classes populares em avaliações que privilegiam seu aspecto desordeiro, promíscuo e sobretudo anárquico, em diferentes níveis de sua organização, faziam-se manifestas concepções próprias que se adequavam às contingências singulares e nelas configuravam as estratégias que garantiriam sua sobrevivência” (2021, p. 87)

Portanto, segundo a autora, apesar de conflitantes com o que propunha o projeto modernizador, essas camadas da população eram reflexo da diversidade e miscigenação do povo brasileiro. Com isso, diante do insucesso em tentar extinguir

essa parte da nação que não era vista reconhecida como nossa, que se impôs a negativa de suas existências a partir de um discurso que buscava a homogeneização dessa nação em construção. No entanto, apesar dessa exclusão discursiva e oficial, nunca houve a extinção real desses tipos negados que, a contragosto, passaram a ser presença constante no cenário urbano brasileiro (2021, p. 87).

Neste ponto, me parece possível estabelecer uma correlação entre esses tipos negados e a população em situação de rua que, sendo igualmente figura presente no cenário urbano, pode ser enxergada em categorias diversas que se estabeleciam, como a do vadio, do mendigo e do ocioso. Excluída também do discurso oficial, ou relatada parcialmente, segundo os interesses dominantes, parece que sempre se colocou o grupo de “moradores de rua” como sendo “uma coisa só”, ainda que nem mesmo as classes dominantes soubessem definir o quê.

Não só essa categoria do sujeito que vive nas ruas herda a preocupação direcionada sobretudo aos escravos indisciplinados que se viam agora livres e sem espaço formal na sociedade, como se vê imersa na ideia de desordem das camadas populares construída pelas elites.

Há que se destacar que, ao que me parece, os laços do lar e da casa, que muitas vezes se rompem levando a pessoa a morar nas ruas, não parecem ser os laços sólidos e bem divididos do lar burguês, mas do espaço historicamente mais social do que privado das habitações coletivas que eram a todo momento combatidas com a mensagem oficial de que a sociedade não reconhecia ali parte de si.

Assim, a distância da rua e dessa vida privada de intimidades precária das camadas populares, é muito menor do que se imagina quando se pensa no problema da situação de rua a partir do espaço das casas privilegiadas e com espaços amplos para divisão completa das mais diversas esferas da vida.

Por outro lado, me parece haver desde esse período e, em parte, talvez também por conta dessa proximidade da rua e da casa popular, a tentativa política e institucional de disciplinar as ruas e os hábitos populares desses grupos, que ao não se fixarem justamente por uma impossibilidade forjada pelos setores dominantes, ainda eram considerados, por este motivo, como um perigo a ordem estabelecida.

Paulo Cesar Garcez Marins propõe que o contexto dessa aurora republicana trazia novos habitantes para as grandes cidades, que aprendiam, em meio as transformações no período, demográficas e sociais, a sobreviver diante dessa instabilidade que marcava suas vidas e seus novos hábitos (2021, p. 102).

As ruas, nesse contexto, eram um emaranhado vultoso de pessoas em busca de emprego e de um teto acessível para se abrigar, no que o autor chama de “*deslocamento contínuo que fundia vivências, experiências, tensões – e espaços*”. (2021, p. 102)

Segundo ele afirma:

“Acreditar na adjetivação que as intenções normativas das elites atribuíam à aparência das ruas e casas das antigas cidades, (...) inviabiliza a possibilidade de compreender essas cidades e as experiências humanas, ali vividas em seus múltiplos espaços.” (2021, p. 103)

Casa e rua fundiam-se assim em uma “*dinâmica plasmada e difusa*”⁶². E o quadro instável das cidades brasileiras, teve com a abolição somente um incremento na massa de “cidadãos” pobres e vistos como potencialmente perigosos, que viviam nessas diversas habitações como cortiços, palafitas e mocambos dessa cidade herdada do Império. Tais populações eram, como já se afirmou, perseguidas pela ocupação que faziam também na rua e condenadas por morar no espaço que lhes restava (2021, p. 103).

Dada a inspiração europeia, sobretudo situada na experiência parisiense de intensas transformações na cidade promovidas por Haussmann, o cenário brasileiro fez com que as casas e os espaços domésticos fossem submetidos a uma “*ordem estável, necessária as novas funções urbanas promovidas pelo capitalismo industrial*”.⁶³ Com isso, o privado passa a ser controlado “*não apenas pelos desígnios do indivíduo, mas pela ordem imposta pelo Estado*”⁶⁴.

No Rio de Janeiro e em outras capitais, segundo narra Paulo César Marins, o Estado buscou definir os espaços públicos como destinados apenas a circulação e ao lazer controlado. Por sua vez, os espaços privados seriam aqueles “*reservados à prática da intimidade institucionalizada pelos códigos de comportamento específicos e rígidos, a serem mantidos e promovidos pela família nuclear*” (2021, p. 106).

Segundo o autor, como se verifica, havia uma ordem oficial estabelecida para as ruas, representativas do espaço público e outra para as casas que corresponderiam aos espaços privados. E essa diferenciação de casa e rua como representação do público e do privado, passava também pela exclusão geográfica e

⁶² 2021, p. 103

⁶³ 2021, p. 105

⁶⁴ 2021, p. 105

a segregação social da parte mais pobre da população que era separada em diversos (e mais periféricos) bairros e zonas (2021, p. 106).

Nesse cenário, o conceito de privacidade escaparia, segundo o autor, dos limites singelos da casa, passando a se referir não somente ao âmbito doméstico, mas passando a englobar os convívios e os vizinhos, “todos sujeitos a uma mesma gramática de comportamento” (2021, p. 106).

Essa organização que buscava institucionalizar as casas, ruas, bairros e a própria cidade, surgia, como se coloca, da dificuldade da República em organizar e constituir o seu corpo de cidadãos (2021, p. 106).

À vista disso, o que deve ser explicitado, como menciona Marins, é que se por um lado a tônica da expansão das grandes metrópoles, já na chamada “*Belle Époque*”, passava por múltiplos processos de exclusão e pela formação de periferias sem infraestrutura, de outro havia uma ilusão do controle total das convivências e da dinâmica social nos espaços públicos (2021, p. 107).

Inúmeros indivíduos enfrentavam e escapavam essa tentativa de controle ao praticar e inventar suas próprias identidades e formas diversas de habitar o mundo, dentre eles, como se pode imaginar, incluem-se as pessoas em situação de rua que, longe de terem, antes e agora, um perfil homogêneo, fizeram parte - ao mesmo tempo que eram colocadas à parte - do processo de construção da cidade moderna e da própria noção de coisa pública - *Res Pública*.

Outro ponto importante para discussão dessa temática, é o fato de que ter uma vida privada, representava mais um dos privilégios das elites, seja do ponto de vista da moradia, como também do espaço privado como destinado à significação e determinação de uma vida individual possível e autorizada.

Dessa forma, segundo o autor, para as classes que sobreviviam de maneira improvisada a essa diluição de espaços e ao cotidiano difícil, a casa e o espaço doméstico eram uma referência móvel, assim como eram essas populações marcadas por uma provocada infixidez (2021, p. 108).

Nesse contexto, o que Marins trata como “profilaxia dos espaços públicos e dos corpos”, passava também pela limpeza e controle dos lares, dos bairros e dos centros, que deveriam se ver livres das populações ligadas ao perigo e a insalubridade (2021, p. 112).

E, como menciona o autor, de todos os cômodos instituídos no espaço dessa casa vista como padrão de habitação, é o quarto individual que se apresenta como

espaço maior de privacidade. Nele, “o corpo dispõe de um abrigo fechado de onde pode estirar-se, dormir, fugir do barulho, dos olhares, da presença de outras pessoas, garantir suas funções e seu entretenimento mais íntimo” (2021, p. 404). A ausência de moradia e de quartos individuais, inviabiliza alguns, se não todos dos pontos elencados. De toda forma, o que se coloca, por fim, é certeza do movimento contínuo entre quarto e sala, e também entre casa e rua.

A Rua como abrigo de teorias: A questão habitacional

Se por um lado defendo que a situação de rua se configura como um fenômeno mais complexo que o desabrigo ou a mera ausência de moradia, que deve ser entendido diante de sua multicausalidade, é necessário debater aqui os aspectos teóricos que tratam dessa rua que passa a ser um lugar de fixação para alguns.

Como visto, a subversão de seus usos, traz uma confusão entre as esferas do público e do privado que é constantemente recriminada. De início, devemos rememorar, mais uma vez, que a noção de rua “pública” não significa que ninguém possa ser seu dono, mas, em sentido diametralmente oposto, impõe dizer que ela é de todos, como a própria noção de coisa pública nos ensina.

Ainda que o fato de pessoas morarem nas ruas nos remeta a uma reflexão mais profunda que a questão habitacional, é certo que a rua tem duas características significativas claras: uma delas é que nela reside um espaço de interação social que impõe relações entre uns e outros, onde se vê a vida e onde se é visto, ainda que por vezes de maneira negativa. Por outro lado, me parece haver nela uma possibilidade de reconhecimento que se fosse deslocado outro para outro espaço, talvez não existisse, a exemplo das populações que vivem em locais de risco (geralmente afastados) que só são percebidas oficialmente quando alguma tragédia é noticiada nos meios de comunicação.

A outra característica que me parece significativa com relação a rua, é que esta, por ser pública e um destino diário de muitos, se torna mais passível de apropriação do que qualquer espaço privatizado. Como alerta Jane Jacobs em sua obra “Morte e Vida nas Cidades”, existe um conjunto de pessoas que historicamente não são abrigadas pela iniciativa privada, seja pela ausência de condições financeiras para aquisição de uma moradia própria, seja pela tentativa de expulsão e limpeza de certos grupos dos núcleos urbanos, como já debatido (1961, p. 218).

As ruas assim, se tornam alternativa também – mas não somente – por conta de uma antiga lacuna criada nas grandes metrópoles do mundo: apesar do combate às moradias populares e superlotadas e, da contínua expulsão dessas camadas pobres para as periferias e demais zonas menos valorizadas das cidades, não se criou uma alternativa habitacional que fizesse viável toda e qualquer pessoa ter um lugar para morar.

Os aluguéis são expressivos, no caso do Rio de Janeiro até dentro das comunidades, os preços dos imóveis parecem sempre estar em disparada com a especulação imobiliária de um mercado em constante expansão, até mesmo para além dos limites da cidade e, ainda assim, um ou outro programa é criado para pensar habitações pequenas e distantes com algum subsídio público: a tolerância dos Estados com as pessoas em situação de rua, é mais uma falta de solução: tentaram expulsar, disciplinar e até matar, mas nunca se propôs uma solução para a questão da moradia popular ou da situação de rua.

À vista disso, Jacobs propõe a subvenção de moradias para atender aos segmentos incapazes de arcar com os custos habitacionais. Para a autora, trata-se de uma estratégia para viabilizar construções gradativamente e não de maneira drástica, inserindo a diversidade dos bairros e não uma padronização, trazendo também a iniciativa privada para os distritos boicotados e a recuperação de áreas “abandonadas” ou que vem sendo combatidas (1961, p. 221).

Jacob propõe o que chama de “método da renda garantida”, onde edifícios – e não conjuntos habitacionais – se misturem entre velhos e novos nas ruas das cidades englobando diferentes tipos de vizinhança e classificações diversas de moradias e um aluguel proporcional, que seja possível pagar.⁶⁵ De toda forma, conclui a autora sobre a necessidade de novas táticas para subvenção de moradias, com diferentes metas para urbanização e uma nova estratégia para manter a diversidade populacional e a disponibilidade de moradias coletivas também onde já se encontram extintas (1961, p. 227).

Como afirma Jane Jacob: “*As ruas constituem as principais paisagens das cidades*”⁶⁶. Dito isso, trazendo a discussão para a categoria teórica da rua, temos

⁶⁵ Para saber mais do método proposto, ver a obra completa: JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*; trad. e rev. – 3 ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2011;

⁶⁶ JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*; trad. e rev. – 3 ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2011, p. 253;

como partida também o pensamento de Henri Lefebvre (1961, p. 309), que afirma que a rua:

“(...) movimentada e ativa, sem outra relação com a natureza que o céu e as nuvens, ou algumas árvores e algumas flores, a rua representa a vida cotidiana em nossa vida social. É sua figuração quase completa, o resumo tornado interessante por sua condensação. E isso embora externo às existências individuais e sociais, ou porque externo. Lugar de passagem, de inversão surpreendente o reflexo das coisas que ele liga, mais vivo que as coisas. Torna-se o microcosmo da vida moderna. O que está escondido, ela arranca da escuridão. Ela torna isso público. Despojando-o de seu caráter privado, ela o arrasta para o palco de um teatro espontâneo, onde, além disso, os atores representam apenas uma peça informe. A rua publica o que aconteceu em outro lugar, em segredo. Ela o deforma, mas o insere no texto social.”

Por sua vez, concordando com o que pontua Delma Pessanha Neves (1999, p. 112), a rua não é um lugar abandonado, mas um espaço social que deve ser compreendido para além do olhar externo que “descreve o vaivém dos usuários e define direitos e deveres”. Segundo ela:

“O entendimento das relações que aí se desenrolam depende da compreensão das instituições e do sistema de hierarquias que definem e legitimam os papéis que neste espaço vão sendo construídos e reconhecidos. A coexistência de pluralidade de usos, de interesses e de atividades se torna possível por negociações recorrentes, que objetivam a construção de acordos ou consentimentos forçados (obtidos por formas violentas de imposição de modos de apropriação).”⁶⁷

Lefebvre por sua vez, ao abordar a rua, fala igualmente que ela, como representante da vida cotidiana, está em constante transformação e repetição, para ele não é possível enxergar seus espetáculos e divisões com a pressa que parece ser regra nos dias atuais:

“Na modificação incessante de horas, pessoas, objetos e luzes, incansável, ela se repete. A rua é espetáculo, quase só espetáculo, não é bem porque estamos lá, caminhamos, paramos, participamos. Quem se apressa não vê o espetáculo e está lá mesmo assim. Espetáculo quase absoluto, não é bem assim, é um livro ou melhor, um diário aberto de notícias, banalidades, espantos, publicidade. A rua e o jornal, análogos ou homólogos, aliam-se no nosso cotidiano que, simultaneamente, fazem e representam. Mutável e idêntica, a rua oferece apenas surpresas limitadas. O sensacional

⁶⁷ NEVES, D. Os miseráveis e a ocupação dos espaços públicos. Caderno CRH, Salvador, n. 31, jan/dez, 1999, p. 112.

(realmente sensacional), o extravagante, o absurdo, o abominável, o sublime, as vagas interrupções passam ali despercebidas. (...) A rua põe diante dos nossos olhos um texto social geralmente bom, denso e legível. Todos os tipos de pessoas se misturam e se misturam com ela. No passado, quando as diferenças de classe não eram tão nítidas como hoje, quando havia estamentos e castas em vez de classes, essas diferenças eram expressas abertamente. A rua era expressiva.”⁶⁸

Essa rua de classes e gente, marcada por passos e mais passos, por sonhos, por um caminhar que leva a vida adiante, parece ser o sentido imediato do viver de quem nunca teve pra si um espaço próprio, externo ou interno, público ou privado. A rua é real, cansativa, sorridente, onde se vê fome e alimento, onde se vê a manhã esperançosa, a tarde quieta que se faz agitada e a noite silenciosa e seus perigos. A rua é abstrata e concreta, categoria que me parece indefinível e, ainda assim, reconhecível em tudo que se vê.

A rua, como a cidade, nos apresenta mesmo um estado de espírito, uma alma sua, que parece ser também uma alma nossa. É palco da vida real, da gente de carne e osso que, com seus diferentes usos, reivindica nela seu espaço, faz seus usos, inventa seus CEP's. A rua é um mundo, assim como todo sujeito é um, não há algo comum na alma das ruas, desde que a vida é vida, ela existe em algum lugar com um significado próprio. Como já dito, ninguém é da rua ou de casa, habita-se a rua, reinventa-se seus usos, suas cores, seus espaços. A rua é uma pulsação, um palco de autobiografias escritas nas palavras dos corpos na vida cotidiana, mas é, também, o lugar único: onde a vida de alguns parece se tornar possível, até que algum outro seja inventado.

III.V. Casa e Rua/Rua e Casa:

A importância da discussão entre as categorias de casa e rua se justifica na medida em que, como coloca Roberto DaMatta, estas palavras não nos remetem unicamente a espaços geográficos ou locais físicos, ideias fundadas somente no sentido material, mas correspondem acima de tudo entidades morais, esferas de ação e significação e domínios culturais, e, por assim ser, são capazes de despertar emoções, reações, leis, músicas, imagens, conceitos (1997, p. 15).

⁶⁸ Lefebvre, Henri. Critique de la vie quotidienne, vol.II. Paris: L'Arche Éditeur, 1961, p. 309 (Trad. minha).

Nesse universo da casa, que parece surgir, segundo o autor, de um local privilegiado, o espaço que só vem a ser definido ideologicamente pelo contraste com outros espaços, isto é, em oposição ao universo exterior representado pela rua. Tanto rua como casa são espaços morais de difícil definição, como coloca DaMatta, uma vez que não podem ser medidos por fitas métricas, e acabam sendo definidos por intermédio de contrastes, a partir de suas similaridades complementares, mas também de suas contradições (1997, p. 16).

Casa – espaço íntimo e privativo – parece representar efetivamente mais do que quatro paredes e um teto, pode ser a própria construção, um local, um bairro, um país, a casa, assim, pode ser um pouco do quarto de cada um em oposição aos dos outros, como também pode ser todo lugar que propicie esse sentimento de pertencimento e de possibilidade de ser e existir, próprios, ao que parece, desse espaço (1997, p. 16).

Fato é que se o universo da casa comporta múltiplas definições, o da rua, por outro lado, também. Desse modo, a rua pode ser concebida como um logradouro público, um espaço onde o carro passa, como também pode ser representada pelas calçadas, pelo seu entorno, pelas ruas asfaltadas e as de terra, me parecendo sempre que, no fim, a rua nunca deixa de ser um espaço de gente: gente que passa, mas também de gente que fica.

As sociedades são, como diz Roberto, “coisas vivas”, e, portanto, em constante movimento, o que implica um rearranjo contínuo de suas categorias, combinações e significados, mas referidas sociedades são também englobadas pelo que o autor chama de “*eixo das leis impessoais (e pelo mundo da rua)*” (1997, p. 17).

O mundo cotidiano parece ser feito nos interstícios da casa e da rua, espaços que permitem leituras diferenciadas, possibilidades múltiplas. É na rua onde passamos por indivíduos anônimos (uns mais do que outros), pelo perigo do incerto e pelos sentimentos diferenciados que são propiciados por cada paisagem.

Para DaMatta, é possível ler o Brasil do ponto de vista da casa e da rua (1997, p. 19), mas, como proponho aqui, se faz também necessário ler o Brasil do ponto de vista marginal, isto é, a partir dos olhos de quem não só presencia os acontecimentos da sociedade, mas os vive e é acometido por eles. Roberto DaMatta adverte, no entanto, que a leitura pelo ângulo da rua impõe discursos muito mais rígidos: “*É o idioma do decreto, da letra dura da lei, da emoção disciplinada que, por isso mesmo, permite a exclusão, a cassação, o banimento, a condenação*” (1997, p. 19).

Mas é dos discursos que, apesar de submetidos a essa lógica, lhe escapam, que trataremos na pesquisa de campo deste trabalho, isto é, da população em situação de rua vive esse espaço, ao mesmo tempo em que é capturada e submetida ao idioma da lei. As leis se transformaram, assim como as formas de punições, mas essa população não deixou de existir na história, sofrendo sim, mas sendo vencida por essa disciplina e exclusão imposta.

Como aponta DaMatta, em casa fazemos coisas que são condenadas na rua, como exigir atenção a nossa presença (1997, p. 20). E a realidade de quem vive a rua como habitat, parece demonstrar que, de fato, exigir atenção é algo oficialmente condenável na esfera pública.

Parece, como propõe o autor, existir uma cidadania em casa e uma cidadania na rua (1997, p. 21). É preciso, então, construir pontes simbólicas para que se torne possível pensar as noções de cidadania a partir de um outro lugar, ou, quem sabe, de um lugar já conhecido, mas que agora enxergado sob uma perspectiva nunca antes considerada como válida.

Para DaMatta, “o espaço se confunde com a própria ordem social de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido” (1997, p. 30).

Desse modo, o espaço da rua não existiria como uma dimensão social independente e individualizada, estando sempre misturado, interligado, embebido com outros valores que servem de orientação (1997, p. 32).

E no Brasil, como aponta o autor, a demarcação espacial e social “se faz sempre no sentido de uma gradação ou hierarquia entre centro e periferia, dentro e fora”⁶⁹. No entanto, como é fato apontado por DaMatta, tempo e espaço constroem e são construídos por essa sociedade de coisas vivas (1997, p. 33). Nas sociedades capitalistas, segundo o autor, tanto o tempo como o espaço se apresentam de maneira individualizada, homogênea e hegemônica:

“tempo é mesmo dinheiro num sistema que acabou por individualizar tudo, tornando hegemônica sua concepção como uma forma quantificável de “coisa” social ou bem de consumo que, nestas civilizações, pode ser sempre e a todo momento comprado e vendido (Cf. Thompson, 1965)”

E, por assim ser, as divisões sociais e do tempo influenciam diretamente no

⁶⁹ 1997, p. 32

espaço. A divisão dos dias da semana, como dias úteis, voltados ao trabalho, e finais de semana, voltados ao descanso, à família e ao lazer, influenciam no trânsito das cidades, nas concentrações espaciais e, assim, na oferta de possibilidades positivas ou negativas, de modo que cada sociedade tem sua “*gramática de espaços e temporalidades*” (1997, p. 36).

Por outro lado, DaMatta reivindica que “*nas rotinas, os espaços específicos estão socialmente equacionados as atividades específicas*” e por isso “*não dormimos na rua*” (1997, p. 41).

Assim, o autor sugere que casa e rua são esferas de significação social que “*contêm visões de mundo ou éticas particulares*” (1997, p. 47). Dito isso, qualquer evento poderia ser interpretado por meio do código da casa ou pelo código da rua, que, na visão de sua obra, representa aquilo que se abre ao legalismo jurídico, à história linear e ao progresso individualizado (1997, p. 48).

Do mesmo modo, DaMatta afirma não existir a possibilidade de se misturar o espaço da rua com o da casa sem criar alguma forma grave de confusão ou conflito (1997, p. 50).

Certo é que, nesse cenário, a rua como lugar para morar se apresenta como um espaço singular, transitório (por isso a nomenclatura hoje usa o termo “situação de rua”), visto como problemático e que transborda os conflitos e contradições que a sociedade tenta esconder em suas periferias e morros.

Ainda que se reconheça que casa e rua não são categorias homogêneas e únicas ou verdades absolutas, parece seguro afirmar que as quatro paredes de uma casa não necessariamente carregam seu significado, que vai ser próprio para cada indivíduo, sobretudo no campo do universo simbólico.

Diante disso, não se busca definir, aqui, a rua enquanto uma categoria teórica, mas justamente entender seus significados múltiplos a partir de um olhar não domesticado, mas que é atravessado pela lógica domesticadora de uma visão de mundo oficial.

Como já colocado, diante do dualismo existente entre a rua e a casa como únicas possibilidades imediatas para se viver e, das diferentes interpretações de suas significações, as sociedades parecem não ter conseguido criar a possibilidade de que todos tenham a possibilidade de construir não só uma casa, mas um espaço que represente a possibilidade de se criar um espaço íntimo e pessoal, como o que talvez resida na ideia de lar.

Ao abordar o tema específico das pessoas em situação de rua, que é o foco do presente trabalho, DaMatta afirma ser necessário reconhecer que a oposição de casa e rua tem aspectos complexos, assim:

“É uma oposição que nada tem de estática e de absoluta. Ao contrário, é dinâmica e relativa porque, na gramaticidade dos espaços brasileiros, rua e casa se reproduzem mutuamente, posto que há espaços na rua que podem ser fechados ou apropriados por um grupo, categoria social ou pessoas, tornando-se sua “casa”, ou seu “ponto”.” (1997, p. 55)

Desse modo, o autor diz não ser necessário acentuar que é na rua que devem viver os malandros, os meliantes, os pilantras e os marginais em geral, ainda que estes possam ser seres humanos decentes. A rua se forma então, como local de destino dos tipos confusos e abstratos que se formam no imaginário social. Contudo, paradoxal pensar que a mesma sociedade que entende ser a rua o local dessa malandragem, tentou e tenta expulsar essas pessoas continuamente de outros lugares, negando-lhes um espaço no mundo que é disputado e a apropriado como próprio.

A rua é, então, o palco que guarda essas e outras contradições sociais, de forma que, segundo acredito, parte desse mal-estar social é gerado pelo fato de que nas ruas a sociedade se vê forçada a enxergar a parte de si que procura negar. Nessa rua habitada até mesmo as elites são constantemente confrontadas pelas limitações e imperfeições dos nossos próprios mundos.

Esse espaço da rua fluída e repleta de movimentos é construído então como um local perigoso, incompatível com a calma e o repouso, com o amor e a delicadeza que residem no conforto das casas (1997, p. 57). O mundo da rua seria assim “o mundo lá fora”, impessoal, vasto e incerto. É o mundo de outros mundos diversos dos que a sociedade reconhece como seus, é o mundo de quem muito provavelmente não lerá esse trabalho ainda que seja parte fundamental dele. Defendo, aqui, também, a necessidade de (re)conhecimento desses outros mundos, de olhares a esses outros laços, forjados nessa rua da ordem e da lei que exclui das sociedades uma parte de si.

PARTE IV. PESQUISA DE CAMPO E O CAMINHO METODOLÓGICO:

Problema da pesquisa

A situação de rua no Bairro do Flamengo, Rio de Janeiro, representa uma realidade complexa e desafiadora que suscita questões fundamentais relacionadas aos Direitos Humanos e as possibilidades de sobrevivência das pessoas que vivem essa realidade com implicações singulares.

Perguntas da pesquisa

O que significa morar na rua para a população em situação de rua no Bairro do Flamengo, como suas vidas são afetadas por violações de direitos humanos e quais são as estratégias para garantir a própria sobrevivência?

Hipótese de pesquisa

A hipótese da pesquisa sugere que a rua representa um espaço simbólico importante para a população em situação de rua, com semelhanças e distinções a ideia de casa, e que as estratégias de sobrevivência adotadas pelas pessoas em situação de rua no Bairro do Flamengo, durante os anos de 2022 e 2023, estão intimamente relacionadas com as violações de direitos humanos que enfrentam, onde se inclui a falta de moradia adequada, o acesso limitado a serviços de saúde, alimentação e renda, além da discriminação social. Acredita-se que políticas públicas eficazes e ações de organizações não governamentais podem desempenhar um papel significativo na redução dessas violações, ao promover a inclusão social e garantir a proteção dos direitos fundamentais dessa população vulnerável. A pesquisa visa validar ou refutar essa hipótese por meio da análise detalhada das experiências e perspectivas individuais dos quatro interlocutores entrevistados, bem como da avaliação das políticas e ações relacionadas à situação de rua no Bairro do Flamengo durante o período mencionado.

Objetivo Geral:

O objetivo geral desta pesquisa é investigar e compreender o que é a rua para as pessoas que vivem nela, ao mesmo tempo que se busca identificar as estratégias desenvolvidas por pessoas em situação de rua no Bairro do Flamengo, Rio de Janeiro, durante os anos de 2022 e 2023, para sobreviver em meio às violações de direitos humanos que enfrentam.

Objetivos Específicos:

Os objetivos específicos desse trabalho consistem em investigar os significados de estar na rua para os quatro interlocutores da pesquisa, descrever as estratégias de sobrevivência na rua adotadas por eles no Bairro do Flamengo; identificar as violações de direitos humanos enfrentadas; e, por fim, analisar as políticas públicas e ações relacionadas à situação de rua também no Bairro de Flamengo.

Entre o caminho e o caminhar: a metodologia da pesquisa

A presente dissertação adotou uma abordagem qualitativa de investigação para tornar possível responder às questões das pesquisas e atingir os objetivos elencados. Dentre as técnicas utilizadas estão as entrevistas semiestruturadas e a observação, todas colocadas em prática no trabalho de campo que ocorreu no bairro do Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 2022 e 2023.

Em um primeiro momento, a partir do segundo semestre de 2022, utilizei a técnica da observação não participante para compreender o espaço e o cotidiano das pessoas que viviam em situação de rua no bairro. Esta parte do trabalho de sondagem foi fundamental para a posterior realização do estudo de campo.

A pesquisa seguiu todos os procedimentos exigidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa e pela Plataforma Brasil, bem como pelo Comitê de Ética da Universidade de Brasília, em relação à submissão do trabalho. O trabalho de campo foi realizado somente após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS), a partir de fevereiro de 2023 e se estendeu até a conclusão da última palavra deste trabalho, incluindo as entrevistas e diálogos realizados durante esse período.

A pesquisa de campo envolveu diálogos com quatro indivíduos que tem a rua como seu espaço de moradia. Não se trata, evidentemente, de buscar, a partir de quatro interlocutores inseridos em um campo espacial limitado, definir todo um conjunto complexo e heterogêneo de pessoas, mas de buscar compreensões comuns acerca do universo simbólico da rua para todos aqueles que vivem nela, em especial, no Bairro do Flamengo.

Igualmente, me parecia vital compreender as especificidades do viver nas ruas, lançando um olhar atento sobre a subversão do espaço da rua que acaba por condensar as dimensões públicas e privadas da vida dessas pessoas. Desse modo,

ouvir as visões próprias de quem vive a rua sob uma outra perspectiva, foi fundamental para buscar analisar o que é a rua para quem vive nela, assim como compreender o que significa morar nesses espaços e diante de quais concepções de direitos humanos e cidadania estão inseridas estas pessoas. A partir da escolha da metodologia, então, busquei nas inquietudes do pesquisar a possibilidade de construir, em conjunto, e com proximidade, as análises a serem exploradas.

A escolha da metodologia, então, vai de encontro ao que Gil (2002, p. 150) bem assinala, a partir do pensamento de Le Boterf, no sentido de que a descoberta do universo vivido por um população implica compreender o ponto de vista dos indivíduos e grupos acerca das situação que vivem, de modo que os pesquisadores devem adotar uma atitude positiva e de escuta e de empatia, e isso implicaria: “*ouvir, em vez de tomar notas ou fazer registros; ver e observar, em vez de filmar; sentir, tocar em vez de estudar; viver junto' em vez de visitar* (Le Boterf, 1984, p. 58)”.

Igualmente, a busca deste trabalho em conhecer parte complexa de nossa sociedade, propondo discussões ao invés de tentar impor pensamentos lineares, se escora no pensamento do Prof. Pedro Demo sobre a pesquisa social (2008, p. 22):

“O que mais bem sustenta a pesquisa social, entretanto, é o desejo crescente de conhecer a sociedade melhor, tanto em suas faces quantitativas, quanto sobretudo qualitativas. Em sua complexidade dramática, não linearidade exuberante, a sociedade se manifesta e esconde, salta e se anestesia a torto e a direito, irrompe e submerge cá e lá, de tal sorte que, quanto mais sabemos, sabemos principalmente que nada sabemos, com dizia Sócrates. Aprendemos também que o melhor resultado da pesquisa é alimentar a discussão, não acabar com polêmicas, estabelecer a verdade, impor linhas retas.”

Dito isso, na pesquisa empírica, percorri diferentes ruas do Flamengo buscando conhecer projetos, serviços e locais de concentração, não encontrando grandes dificuldades para construir diálogos com pessoas que se encaixavam no perfil da pesquisa. Acredito que grande parcela disso se relacione à uma questão de aparência - uma vez que era comumente visto como um estudante/pesquisador jovem e não uma ameaça - e talvez aos contatos anteriores com a população em situação de rua.

Nas ruas, busquei dialogar com pessoas que pudessem apresentar uma leitura particular da rua, não construindo, neste trabalho, entrevistas com pessoas que estivessem em uso de drogas além do álcool e do cigarro, apesar de ter dialogado e observado alguns usuários ao longo do trabalho de campo. Tal proposta de não

realizar entrevistas se fundamenta no objetivo de não abordar questões relacionadas à dependência química que, por possuírem profundidade particular, ensejariam um estudo próprio e voltado para essa temática.

As idas às ruas ocorreram em diferentes períodos do dia, em especial no fim da manhã e início da tarde, momento em que o trânsito de pessoas é menor e há menor incidência de pessoas em situação de rua dormindo. Neste ponto, destaco que experiências pregressas me permitiram identificar que muitas pessoas em situação de rua optam por dormir durante o dia por ser mais seguro, uma vez que a rua é também espaço de violência constante e os fluxos de usuários de drogas e demais atores se intensifica no momento de repouso das cidades.

No campo, consegui realizar o que havia pensado, encontrando com todos os sujeitos de pesquisa em mais de uma oportunidade. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro sujeitos em situação de rua, todas aplicadas no chão das calçadas onde estabeleceu-se o contato com essas pessoas que aceitaram participar desse trabalho.

Os contatos em mais de uma oportunidade se mostraram muito válidos para aprofundar algumas questões, responder outras perguntas que surgiram, bem como analisar suas práticas e modos de viver no cotidiano das cidades.

Por sua vez, a finalidade do questionário era permitir obter informações e respostas que dialogassem entre os interlocutores que fizeram parte do trabalho, evidenciando os significados comuns e diversos que eram atribuídos na leitura da situação de rua e da própria rua enquanto realidade.

Dentre os itens, estavam uma parte de identificação opcional dos entrevistados, questões sobre suas trajetórias, trabalho e renda, saúde, educação, autopercepção e questões centrais e complementares ao estudo, voltadas a entender os significados simbólicos e próprios da rua para cada um dos sujeitos participantes.

O Campo da Pesquisa: Bairro do Flamengo

As ruas do flamengo não foram escolhidas por serem mais ou menos importantes em relação as demais, tampouco por possuírem uma concentração de pessoas muito maior que a de demais localidades da cidade do Rio de Janeiro.

Ocorre que, além de já conhecer desde a infância muitos dos espaços e ruas que foram pesquisados por mim, percebi uma questão fundamental que era a

existência de uma singularidade no bairro do Flamengo, que se situa na abastada Zona Sul carioca, mas com proximidade muito grande à região central, constituindo-se assim como um espaço de intenso fluxo de pessoas em busca de possibilidades. O bairro de classe média com amplas condições e suas ruas que levam ao Palácio Guanabara, sede do governo estadual, geograficamente se encontra em uma região limítrofe entre bairros mais abastados e as regiões da Glória, Lapa e Centro, que há tempos vem sofrendo algumas degradações.

Assim, esses contrastes existentes no Flamengo, permitem enxergar diversas realidades distintas que coexistem num mesmo espaço. É neste bairro que tem seus encantos na vista para o Pão de Açúcar e para sua calma praia de onde se pode acompanhar aeronaves que parecem quase tocar o mar ao pousar no Aeroporto Santos Dumont.

As ruas do bairro são agitadas e com diferentes movimentos, há as mais movimentadas por carros como a rua conde de Baependi, assim como as repletas de pedestres como a rua Marques de Abrantes, mencionada por João do Rio em sua crônica sobre a alma encantadora das ruas⁷⁰. Existem ruas essencialmente residenciais como a Rua Paissandu com suas palmeiras imperiais. O Flamengo também tem algumas praças, onde se veem jornaleiros, barracas, idosos, animais, crianças e pessoas dormindo.

A Avenida Oswaldo Cruz oferece a imponência e riqueza de grandes prédios, mas, ao longo do bairro, que é permeado por árvores em muitos cantos, ouve-se também o cantar dos pássaros que se misturam com o bradar das ofertas dos vendedores de ovos e dos compradores de sucata.

As calçadas do bairro são feitas, em geral, de pedras portuguesas com manutenção questionável e existem poucas marquises ainda abertas ou espaços sem grades que sirvam de abrigo a quem precisa. O que se nota no Flamengo, é o uso dos “espaços que restam” por parte da população em situação de rua, sendo o dormir em dias de chuva no bairro uma atividade complexa e que requer criatividade, devendo-se considerar, também, que as passarelas do aterro do flamengo costumam ser colocados como locais isolados e perigosos por essa população.

O bairro do Flamengo pode ser resumido como um mar de prédios que

⁷⁰ “Oh! sim, a rua faz o indivíduo, nós bem o sentimos. Um cidadão que tenha passado metade da existência na Rua do Pau Ferro não se habitua jamais à Rua Marquês de Abrantes!” – A alma encantadora das ruas: crônicas/João do Rio – 2ª edição. – São Paulo: Martin Claret, 2013, p. 31.

convivem com o que restou de uma ainda significativa vegetação verde. A disposição do bairro não é linear e mostrou-se até confuso delimitar o que era o bairro do Flamengo e o que eram os bairros vizinhos ao longo da fase exploratória do campo.

Fato é que, tão presente quantos os edifícios, é a existência de pessoas deitadas em algum papelão, com cobertas ou lençóis e roupas muitas vezes sujas, com aparência sofrida e relatando as necessidades que estão passando. Muitas, possivelmente diante da condenação moral ao ato dar esmolas, passaram a vender balas e doces como forma de mediar essa ajuda e exercer alguma atividade vista como “digna”.

Observei que no bairro existem muitos mercados, tendo passado na frente de ao menos sete deles e muitos outros restaurantes e padarias. Essa comunidade local é fonte importante da subsistência, sendo algumas práticas percebidas a partir das rotinas, como o dia e horário de descarte dos pães e doces que não são vendidos por um estabelecimento da Rua Ministro Tavares Lira ou do horário que um restaurante doa a comida que não foi vendida na Rua Bento Lisboa (que se situam em bairros vizinhos ao Flamengo).

Pode-se dizer que vida no bairro é rica, não só pela condição dos seus habitantes, mas pelo transpassar de crianças, idosos, pedestres, animais e todo tipo de gente. É um bairro residencial que tem inúmeros comércios e grandes prédios corporativos, tudo isso a 5 minutos do Centro da cidade e a 7 minutos da região de Copacabana⁷¹.

Os diálogos: Entre os dados e os objetivos

A presente pesquisa visa privilegiar a expressão dos sujeitos que vivem a situação de rua para dar visibilidade a alguns aspectos incompreendidos ou ignorados para desvelar a realidade da rua sob a perspectiva de quem a vive em seu sentido mais imediato.

Os dados foram coletados por meio da gravação em áudio das entrevistas semiestruturadas que firmaram diálogos com os sujeitos dessa pesquisa, que somaram mais de 30h de material e foram posteriormente transcritas exatamente com os termos trazidos pelos sujeitos da pesquisa, razão pela qual serão feitas citações

⁷¹ Estimativa de tempo de deslocamento utilizando veículos automotores.

em linguagem direta e informal para privilegiar as formas como foram expressadas.

Foram entrevistados quatro homens em situação de rua, já apresentados anteriormente, com idade entre 37 e 65 anos, que foram fundamentais para responder às questões principais da pesquisa:

- O que é a rua pra quem vive nela?
- Quais as estratégias de sobrevivência usadas por quem está em situação de rua no Bairro do Flamengo/RJ.
- Quais noções de direitos humanos existem na rua.

A escolha dos perfis dos sujeitos se deu na própria fase exploratória, buscando o contato com homens, por ser o perfil majoritário dessa população, com idades variadas, sem relato de uso constante de entorpecentes e com quem talvez fosse possível um contato recorrente, isto é, em mais de uma oportunidade, o que ocorreu com todos eles.

A seguir será apresentado o trabalho de campo realizado no bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro, a partir do ponto de vista de quatro sujeitos em situação da rua que aceitaram participar dessa pesquisa:

IV.I. Botafogo: Um bairro, um clube, uma vida.



Áudio que serve para ilustrar os detalhes e sons ambientes do campo.⁷²

Era fim de tarde de uma quarta-feira, o relógio marcava dezessete e quarenta enquanto a cidade se agitava no alvoroço barulhento dos que faziam seus trajetos cotidianos. Carros, ônibus e ruas apinhadas de gente, em um fluxo ininterrupto que parecia até ritmado, mas foi uma pessoa em especial que me chamou a atenção.

O homem com rosto magro, barba rala e cabelo grisalho penteado para o lado, se situava na penumbra de uma calçada onde as luzes ainda não haviam sido acessas. Sentado em um papelão enquanto escorava as costas em um vaso de

⁷² Áudio gravado durante a pesquisa de campo também disponível em: https://drive.google.com/file/d/1U0uJ77YyXAe7ezWZ-DlltrC24IZ3E1U3/view?usp=drive_link.

cimento, ele olhava as pessoas passarem por ele: o homem era Botafogo.

Botafogo tem 61 anos e um sorriso fácil, é nascido e criado no bairro que leva o mesmo nome de seu apelido, além de ser um ex-militar que teve outras diversas ocupações profissionais anteriores. Desde a primeira, conversa se abriu comigo sobre sua vida, que há alguns anos se situa nas ruas da cidade do Rio de Janeiro.

Quase ao final da nossa primeira conversa, Botafogo começa a falar e no meio da frase, faz uma pausa de oito segundos, olhando para o lado, para rua e, enfim, dando espaço para as lágrimas percorrerem seu rosto, ele me diz: “*Vocês é que fazem eu me sentir vivo*”, me contando sobre a luta de estar na rua.

Após nosso primeiro diálogo, o encontrei novamente quando ele organizava o que se chama de “feira de chão”, onde diversos livros, discos e tudo mais que possa parecer descartável para quem tem casa, mas muito valioso para quem vive na rua, fica disposto no chão a procura de algum interessado formando uma espécie de comércio popular.

Desde logo percebi que Botafogo não tem esse apelido somente por ser “cria”⁷³ do bairro, mas também por ser torcedor fanático do clube de futebol com o mesmo nome, que após longo jejum, vive uma boa fase no ano de 2023, o que lhe rende muitas risadas e interações com os pedestres que passam vestindo a camiseta de seus clubes de coração, algo muito comum no Rio de Janeiro.

Outro fator importante sobre Botafogo é sua relação com o rádio. Ele faz questão declarar que é ouvinte assíduo da Rádio Tupi quando não lhe tiram o aparelho sonoro movido por pilhas palito “AA” ou este porventura “escangalha”. Ele costuma sorrir para todos que passam e sempre desejar um cordial “bom dia, boa tarde ou boa noite”. Botafogo tem seus horários e lugares para pedir, atividade que desenvolve hoje habitualmente por conta de uma hérnia inguinal que limitou suas possibilidades de se locomover e trabalhar.

Na terceira vez que nos encontramos, o Botafogo Clube de Regatas havia ganhado de virada seu jogo com o Audax, mas ele tinha “perdido” os discos e livros

⁷³ “Cria é uma gíria bastante comum de ser escutada, principalmente entre os jovens, para definir um lugar de onde uma pessoa é. A palavra se popularizou através de músicas dos gêneros rap e funk, além das redes sociais. (...) Um dos termos mais comuns e que ajudou a gíria a se popularizar foi “cria de favela”. Ela é utilizada pelas pessoas que nasceram, cresceram e vivem nas periferias, conhecendo a todos do lugar. Fonte: Dicionário Popular, disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/significado-giria-cria/#:~:text=Um%20dos%20termos%20mais%20comuns,%2C%20%22amigo%20de%20inf%C3%A2ncia%22>.

para o poder público. Segundo ele, após uma ação da Guarda Municipal, esses pertences teriam sido jogados na “Comlurb”, isto é, em um caminhão de lixo. Quando pergunto se essa ação das forças de segurança de tomar pertences é uma operação recorrente, ele diz: *“Não sei, só sei que é perturbação”*.

Passamos a conversar, pergunto como ele está naquele dia e ele me responde logo *“tô cheio de fome”*, me dizendo que ainda não comeu nada. O relógio marca meio-dia e sete de uma segunda-feira. Ele me conta sobre seu dia até aquele momento, acordou 9:30, assustado com a Guarda Municipal que chegou em vários carros querendo, segundo ele, que se levantasse do lugar em que estava, ele diz:

Botafogo:

“Não queria levantar, aí eu falei: Tô com sono, quer levar essas tralhas, leva! Já tinham levado o mais importante [os discos], tentei entocar alguma coisa, mas não deu certo, maior covardia, né, mano?”

Noto uma tatuagem em seu antebraço que diz: “Alex e Roberta, amor eterno”, Botafogo me conta que a fez em Belém do Pará, de onde é sua família. Segundo ele, sua mãe veio aos 13 anos para o Rio de Janeiro, acompanhada de seus irmãos, quando a Avó de Botafogo decidiu se mudar. Ele faz questão de ressaltar sobre a avó: *“véia guerreira”*, e ri. Ele passa a me contar então de sua vida no edifício “Rajah”, onde morou por muitos anos:

Botafogo:

“O Rajah é enorme, já entrou lá dentro? Mano, tu abre um portão, tem mais um corredor, vai lá na frente, mais um portão, cheio de apartamento.” E continua depois: *“Minha avó vendia doce, ia de porta em porta, arrebatava. Minha avó era safá, Maria Emília, essa foi a mulher que... Essa foi a véia que me ensinou tudo: Seja honesto que o resto... Nunca roubei ninguém, nunca... Entendeu?”*

O prédio mencionado, que atualmente é conhecido como “Edifício Solymar”, fica na Praia de Botafogo e é considerado uma “opção barata” dentro de um bairro de classe média da Zona Sul carioca, sendo formado por um emaranhado de apartamentos e vidas que eram constantemente alvo de notícias sob o nome anterior. O prédio, conforme consta, também foi durante anos o ponto de concentração da Torcida Jovem, a principal do Botafogo Futebol e Regatas.

Continuamos a conversa e ele me explica como foi levando sua vida após sua mãe ter tomado a decisão de voltar para Belém e ele ter decidido não a acompanhar por não gostar de lá. Segundo ele, “*lá é fraco*” para trabalhar e completa: “*Como é que eu vou trabalhar num lugar onde não tem trabalho? Chega lá vagabundo quer te dar um emprego de... Que isso, não dá.*”

Durante o trabalho de campo, levei biscoitos, doces e sucos para oferecer a quem quisesse. Botafogo os aceitou, mas disse que não comeria os doces porque senão sua pressão ia abaixar. Ele afirmou, naquele momento, que “*tava cheio de fome*”, precisando “*comer um sal*”, digo então que vou comprar um salgado e ele pergunta se não daria pra ser uma comida de “*quinze merréis*”, faço que sim e vou até a lanchonete da esquina atrás de um almoço. Botafogo, algum tempo depois, me conta que só comer salgado costuma lhe dar azia.

Entrego os papéis do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e ele lê os objetivos do trabalho em voz alta: “*Conhecer ... de algumas pessoas que estão em situação de rua. Tem como objetivo compreender o que é a rua como viver receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa. E lhe asseguramos que seu nome não aparecerá... [ele ri] sendo mantido...*”

Ele diz: “*Eu sou formado em administração pela Unigranrio*”, e continua lendo até o final. Volto com a comida, Botafogo me conta que o restaurante da esquina tem o defeito de economizar no feijão e que “*aqui no Rio o carro chefe é o feijão*”. Ele volta a falar sobre seu gosto por rádio, seu programa favorito, “*Patrulha da Cidade*”, estava sendo transmitido na Rádio Tupi (96,5 FM) enquanto conversávamos.

Além do rádio, o barulho de ônibus e caminhões é intenso, ele diz que esse movimento é frequente: “*muito, o tempo todo*”. Botafogo me conta que não nasceu no Rio porque: “*senão eu morria afogado, nasci lá no Miguel Couto, lá no Leblon*”, damos risada. Ele afirma ter só o RG como documento e que fala com a mãe aos domingos através do celular de um amigo que mora no Leme, bairro para onde ele vai às vezes.

Um homem passa por nós e fala para Botafogo: “*Tá passeando, né? Não te vejo mais aqui*”, ele ri e explica que ficou três dias no Leme e diz “*tamo junto*”. Pergunto onde ele ficou no Leme esses três dias e ele responde: “*na rua mesmo*”. Aproveitando o tópico, questiono há quanto tempo Botafogo está em situação de rua, ele para refletir e me fala:

Botafogo:

“Bota vinte aí, o resto eu esqueci.”

Segundo ele, durante a pandemia sua vida não mudou muito, tendo conseguido um auxílio que pouco tempo depois foi cancelado. Ele me explica, então, que não dorme ali naquela calçada onde costuma passar os dias, repousando geralmente: *“Ou aqui na [rua] Marquês [de Abrantes], ou na [rua] Paulo VI ou na [rua] Farani. Eu prefiro a Farani, porque lá é mais sossegado.”* Pergunto se lá é mais seguro e ele diz:

Botafogo:

- “Não, seguro não existe lugar.”

Botafogo, conforme vai me contando, opta por dormir as vezes sozinho e as vezes com conhecidos. Dois anos atrás pegou uma tuberculose e achou que ia morrer, sendo tratado inicialmente no Hospital Municipal Rocha Maia e, depois, sendo obrigado a pedir transferência para um centro de saúde no bairro da Taquara, por ser mais próximo do abrigo que ficou. Ele conta que experiência no abrigo não foi ruim, mas que *“só pode ficar três meses, aí desanima”*. Ele me conta que com dois meses disse para um funcionário lá no serviço: *“Vinte anos de rua, você quer que eu resolva minha vida em três meses? Tá de sacanagem, né?”*.

Pergunto mais sobre essa experiência e ele diz que a convivência no lugar era com *“um bando de maluco”*, que o serviço era básico, sem integração ou profissionais das áreas como assistência social. Pergunto se existia tratamento de saúde ele diz: *“se tu enguiçasse eles te levavam pro hospital. Mas lá dentro mesmo, não. Nem remédio pra dor de cabeça tinha.”*

A comida no abrigo localizado em Jacarepaguá, segundo Botafogo, era às vezes boa e às vezes péssima ou *“mixuruca”*, como ele afirma. Quando pergunto sobre sua situação atual, se a assistência social passava ali na calçada onde ele costuma ficar, ele diz que não, afirmando que para obter renda tem que *“ficar pedindo”*. Sobre o assunto da renda, questiono se ele chegou a catar latinhas e ele diz que sim, durante uns cinco anos, mas que tem que ter disposição e na condição atual (hérnia) ele não conseguiria.

Botafogo me conta que água para beber ele consegue com alguma facilidade por ser criado no bairro, segundo ele é possível conseguir *“até gelada”*, o que faz diferença no verão. Para tomar banho, a alternativa é um posto de gasolina onde

também já lhe conhecem, mas existem outras alternativas, como baldes enchidos pelos porteiros das imediações quando ele “está no perrengue”. Ele para a explicação e fala: “*pegou a visão? vai virar maloqueiro*”, nós rimos.

O assunto volta a paixão pelo rádio e ele aumenta um pouco o volume: “*sou viciado, ouço o dia inteiro*”. Enquanto a rádio toca, pergunto sobre o prédio que se situa atrás de nós na calçada, onde ele costuma passar os dias em frente, e ele diz: “*ninguém gosta de mim aí, é um ou outro*”. Nos outros prédios, no entanto, afirma ter muita gente que gosta dele. Botafogo então fala de sua formação, contando ter se formado na faculdade com 36 anos, aos trancos e barrancos, mas que a experiência foi boa. Sobre o tema, eu pergunto:

Filipe:

Se fosse estudar alguma coisa hoje? Teria alguma coisa que você pensa em fazer?

Botafogo:

“*Nada, tô aposentado. Chega pô, tô na rua massacrado, vou estudar o que, não dá, né?*”, ele ri.

Filipe:

Tem vontade de sair da rua?

Botafogo:

“*É, sim.*”

Filipe:

O que você acha que é o mais difícil? Muita coisa pra resolver?

Botafogo:

“*Sim. É só alugar uma cobertura na atlântica, me dar a chave e deixa o resto comigo*”, ambos rimos. “*Mas é assim mesmo, ó, eu tenho promessas aí à beça.*”

Filipe:

Você que fez essas promessas?

Botafogo:

- “*Não, fizeram para mim.*”

Filipe:

Quais promessas?

Botafogo:

“Que vão me tirar da rua.”

Filipe:

Quem fez essas promessas?

Botafogo:

“Uns moradores aí, uns tão vendo ali, outros lá, aí eu tô no aguardo.”

Filipe:

Qual você acha que é o principal desafio na rua?

Botafogo:

“Pra mim não tem mais. Superei todos, tuberculose, frio, guerra.”

Filipe:

Tem um lado bom?

Botafogo:

“Não tem”

Botafogo conta que muita gente o cumprimenta na rua e que, para ele, quem o cumprimenta o respeita. Procuo saber se esse respeito sempre existiu, mesmo quando ele era mais novo, sobretudo na rua, e ele me diz que foi uma questão de tempo: *“as pessoas elas têm que ganhar o seu respeito, não é assim, chegar aqui, eu sento: “eu quero respeito”, vai ganhar é uma bolacha na orelha”*. Nesse momento, um grupo passa com crachás de uma empresa trazendo uma Coca-Cola quase cheia na mão. Botafogo grita rindo: *“tá sobrando aí, meu brother?”*, o homem faz que não.

Ele me conta que o refrigerante ia bem com a comida que ganhou, mas que o importante era o arroz e feijão que desde o dia anterior estava com vontade e não tinha conseguido. Pergunto o que ele comeu no dia que passou e ele diz: *“pães, sanduiches e salgado...”*.

Nesse momento, a conversa fluía bem e passava por assuntos ligados à sua situação de rua, então, olho para ele e pergunto se ele saberia definir o que a rua representava para ele, ele responde que sim, mas fala rindo antes de responder: *“calma, não se apresse, que a resposta vai ser boa”*. Ele segue pensando, seus olhos caminham, suas expressões mudam, mas subsiste um sorriso de canto de rosto que parece querer escapar enquanto, naquele momento, Botafogo demonstra refletir profundamente sobre a questão que lhe trouxe. Então ele diz:

Botafogo:

“A rua é assim... Pra mim, né? Pra mim é um subterfúgio de fugir. É uma fuga, cara. Na verdade, é uma fuga, sabia? Podia ter escolhido outros caminhos, aí já entra a liberdade. A liberdade que na verdade não é a liberdade, né? É complexo. Acho que é uma fuga, brother. Eu demorei dez anos pra poder me libertar da minha esposa. Mulher doida. Cara, doido eu fiquei com ela. É isso, é uma fuga.”

Pergunto se, na opinião dele, é possível ter direito na rua e ele diz que “*depende a quê*”, me perguntando sobre o que eu me referia. Explico então se ele entendia ser possível algum direito na rua, direito de dormir onde quiser, direito a ter acesso a água e ele diz: “*Não, só isso mesmo, é aquela história...*”

Um homem passa falando com Botafogo, e ele, que por alguns instantes estava mais sério, ri e brinca: “*foi ele que me deu o rádio, já me deu dois, um eu escangalhei e ele falou assim pra mim: “Pô, Botafogo, você tá me dando prejuízo”*”, passamos a falar disso e ele me conta que o que mais gosta no rádio são as notícias, que não é muito de música. Pergunto se não tem muita notícia ruim e ele diz: “*sim, mas faz parte...*”.

Ele afirma que o rádio o ajuda a estar inteirado: “*a gente precisa estar inteirado, sei até a escalação*”. O assunto seguinte é sobre algo que, assim como o rádio, parece representar uma parcela significativa de sua vida, mas não só da dele como também de muitos brasileiros: o futebol. Para ele, e tantos outros, o futebol parece representar mais do que um esporte que se dá apenas dentro das quatro linhas de um campo. Assim, a importância de um time transcenderia os onze jogadores que vestem sua camisa e, a bola, girando pra lá e pra cá em movimentos sublimes, de alguma forma parece tornar possível o fazer de uma vida mais leve ao menos por noventa minutos.

O futebol, durante a pesquisa de campo, foi motivo de muitos diálogos. Constantemente pessoas passavam e, vendo a camisa do time que Botafogo quase sempre veste, dirigiam palavras como: “*Fala, Fogão!*”, “*Segue o líder*”, ou provocações do tipo “*E aí, Mengão*” e “*Olha o tricolor aí*”, em menção aos rivais.

Pergunto como ele “*virou Botafogo*”, me referindo a escolha do time, e ele me conta que foi por nascer e ter sido criado ali: “*não tive nem escolha*”. Dentre as curiosidades da vida, duas me trouxeram profundas reflexões: Botafogo, que foi batizado na igreja Basílica Imaculada Conceição, a mesma que eu, quase que sem escolha passou a torcer e amar o time que tem como símbolo maior sua estrela solitária.

Quando pergunto o que é felicidade para Botafogo, ele me diz:

Botafogo:

“Não existe. São momentos felizes. Felicidades plenas só no céu da glória. Felicidade plena todos buscam, ninguém acha. [ele ri]. Quem é feliz o tempo todo?”

Filipe:

E sonhos? Se tivesse que elencar um sonho. Dá pra ter?

Botafogo:

- “Sim, só que eu nunca mais consegui sonhar, porque eu só durmo “bebo” [bêbado], aí não consigo lembrar dos sonhos. Não, tô brincando. Os sonhos são projetos e planos, não é isso? Assim, cara, gostaria muito de me operar, de ir pra um lugar onde eu realmente pudesse não só ser realmente atendido, como pudesse ajudar também. Tem pessoas que, por mais que eu esteja nessa situação, tem pessoas que não tem esclarecimento, entendeu? Eu gostaria de ser ajudado pra poder ajudar, esse é meu sonho, ser ajudado pra poder ajudar de alguma forma.”

Depois de questionado sobre o que o mantém vivo, ele aponta para o céu fazendo menção a Deus e complementa: *“Não tem como. Rádio, Botafogo, me mantém ativo. Vivo, só o mestre, enquanto ele quiser estou por aqui”.*

Ele diz que lê todos os dias um provérbio e que as vezes quando está “boladão” [irritado] ele atravessa a rua e vai meditar lendo salmos na grama. Quando pergunto se ele tem ódio de alguma coisa, ele responde: *“Tenho, muita coisa. Porra, tenho um ódio da SEOP, Secretaria de ordenância pública”.* Questiono o motivo da raiva por eles e ele diz: *“Porque eles têm raiva de mim e eu não sei por causa de quê. Eu tô há muito tempo na rua e eles acham que eu tenho que ir pra um internato pra um abrigo e eu não quero ir.”*

Botafogo conta que não quer ir para o abrigo por conta do “bando de malucos” e, quando pergunto sobre a existência de um espaço individual no serviço, ele narra a experiência que teve quando saiu das ruas para morar sozinho em um espaço alugado por sua família:

Botafogo:

“Já tentei, mas não consegui. Minha família alugou, mas eu não consigo mais ficar...”

Filipe:

Dentro de casa?

Botafogo:

“Não consigo mais.”

Filipe:

O que foi o mais difícil?

Botafogo:

“Ah, sei lá. Tem que cozinhar... Não, cozinhar eu até gosto, fazer meu ranguinho, mas daí come enche a barriga e dá vontade de vir pra rua.”

Filipe:

Falta um movimento?

Botafogo:

“Não sei, só sei que não gostei.”

Filipe:

Ficou quanto tempo?

Botafogo:

“Seis meses, foi o prazo do contrato. Liguei pra minha madrinha e falei “olha, não dá mais não”, cansei dessa vida de cinderelo, passarinho velho não aceito mais gaiola, vou voltar pra rua.”

Botafogo me conta que essa experiência longe das ruas foi há cinco anos e, quando questiono se alguma história na rua o marcou, ele diz: *“porra... todo dia é uma”*. Peço que ele escolha uma palavra para se definir e ele fala: *“Sobrevivente...”*. Para ele, um dia bom na rua é um dia em que não falte o “basicão”. Sobre ser muito conhecido por ali, ele afirma ser bom, revelando o peso de receber um sorriso, quando diz:

Botafogo:

- “Sim! Ajuda porque as vezes um sorriso.... Às vezes eu sento aqui, doido pra agarrar no pescoço de um, no sentido assim.... Sabe? Cheio de tristeza, de angústia, sempre tem uns azarão, né? Mas um sorriso ajuda a melhorar muita coisa. Mas uma das coisas que eu mais tenho vontade, nunca mais fiz, mas que vontade que eu tô de fazer isso, é ir pra um hotel dormir, ficar o dia inteiro assim só sozinho mesmo, só tem uma televisãozinha, nem que seja um ventiladorzinho, sabe? Ficar ali ó, isolado...”

Filipe:

- Chegou a fazer isso alguma vez?

Botafogo:

- *“Já... Tão bom! Sabe, tipo assim, não escutar nada, pô, tem um tempo que eu não faço isso, porque o dinheiro também não dá, né? Cinquenta reais. Onde que eu vou arrumar cinquenta reais? Com os dois real e cinquenta que eu tinha aqui eu fui ali comprar um feijão”*

Filipe:

O que você gosta de comer?

Botafogo:

“Arroz e feijão, o resto o que vier é lucro... Mas que saudade que eu tenho, aí, me deu até vontade, só de lembrar... Pô, abrir uma chave assim na porta, fechar e: agora só eu... Tão bom!”

Botafogo me conta que se sente ouvido por algumas pessoas e fala *“ainda bem”* e afirma que só pede quando está mais *“agoniado”*, termo que usa com frequência. Ele segue me falando sobre a sensação de ter um controle remoto para ir mudando os canais e me diz que só isso para ele já seria uma alegria enorme. Ele me conta que ainda tem várias histórias do quartel para compartilhar e, que se não fossem essas experiências acha que não *“sustentaria não”*, se referindo a vida nas ruas. Ele afirma que teve apoio da família e que não passou sufoco, mas que nunca gostou de ser *“bancado”*.

Botafogo explica que foi para a rua quando se separou de sua ex-esposa, que sua família estava em Belém do Pará e que manteve contato só com seus filhos, um menino e uma menina que hoje já são um homem e uma mulher. O rapaz tem o nome igual ao seu, enquanto sua filha se chama Vitória, nome escolhido depois que sua primeira filha, Manuela, faleceu aos oito meses de vida: *“Carreguei o caixão da minha filha debaixo do braço, isso aí foi doído”*.

Pergunto para ele se foi sua maior dor e ele concorda respondendo: *“Depois da minha avó ter morrido... Minha avó e minha filha!”*, então questiono qual seria seu maior amor e ele diz: *“Meu maior amor? Já não existe mais”*, confirmando com a cabeça que se referia a sua avó. Nesse momento, digo que lhe entendo e conto para ele que poucos meses antes havia perdido minha avó. Ele me olha como se entendesse também e conversamos uns instantes pelo olhar.

Quando Botafogo entrega o resto de sua marmita para dois rapazes que passavam e pediram para ele algo para comer, ele reafirma que muita gente o conhece por ali, *“fora os que já morreram”*. Questiono se morre muita gente na rua e ele diz: *“Um montão, já perdi mais de vinte [amigos]. Uns morrem de cirrose, o outro é tiro, o outro é facada, o outro vacilou não sei onde.”*

Passamos a falar dos dias de chuva, que costumam ser difíceis na rua, Botafogo me explica que na Rua Farani tem uma marquise que dá pra “se entocar” quando é necessário correr da chuva, ele explicita que com mais de uma década na rua, já aprendeu muitas coisas: “*dou aula, né?*”. Pergunto se algum aprendizado ele considera fundamental para se viver nas ruas e ele afirma: “*Sim, papo reto, eu acho que é o autocontrole, senão você... Quantos você vê aí passando, gritando, com o saco nas costas? Tem que procurar ter a cabeça boa.*”

Esse relato, talvez longo, mas com certeza intenso, que aborda vários dos tópicos desse trabalho, ainda assim está longe de resumir uma vida. Caberia talvez um trabalho só sobre ele, mas o destino - ou qualquer outra coisa - quis que nos encontrássemos muitas outras vezes depois. Naquele dia, encerramos a conversa e Botafogo me agradece, digo que sou eu quem tenho a agradecer. Volto para casa a pé e, Botafogo, fica ali, no mesmo lugar.

IV.I.I. Um capítulo à parte: Um instante de felicidade chamado Dingo.



Este áudio busca representar os sons da vida de Dingo.⁷⁴

Alguns dias se passaram enquanto me dedicava a refletir sobre os aspectos teóricos desse trabalho e seus objetivos, procurando entender o que cada uma das quatro vidas me dizia através dos diálogos construídos nas ruas e calçadas do bairro do Flamengo.

Então, encontro Botafogo sorridente, no meio do dia, em seu lugar habitual. Ele transparece uma calma e um sossego que pareciam diferentes de certa forma. Naquele momento, notei uma mistura de ansiedade e excitação que contrastavam com um sorriso sereno que aguardava para me contar uma novidade boa. Sua vida, em poucos dias, parecia ter mudado completamente.

Botafogo estava acompanhado de um filhote de cachorro com pelos claros e uniformes no tom dourado. Ele, como qualquer filhote, é agitado e brincalhão,

⁷⁴ Áudio gravado durante a pesquisa de campo também disponível em: https://drive.google.com/file/d/1BEcCDr4T7YclwyMPdtQXfqrEFenciGEK/view?usp=drive_link

trazendo consigo um olhar que, de baixo para cima, parecia convidar a partilhar de suas travessuras. O cãozinho vira-lata era cheio de vida, chamando a atenção de todos com suas estripulias, quase como se colocasse holofotes em uma calçada que antes parecia comum. Pergunto o nome dele e Botafogo responde: “*É Dingo.*”

Dingo estava como Botafogo há uma semana, ele me explica que ganhou de um amigo que não conseguia cuidar direito do filhote. Questiono se o amigo também estava em situação de rua e ele diz:

Botafogo:

“Sim, isso não é motivo, eu levei até no veterinário, sem nem um tostão no bolso, fui lá entrei na cara de pau e desenrolei, no “apaixonado por quatro patas” [nome do lugar]. Fui lá e ele já tomou remédio pra verme... mês que vem... aliás, final desse mês, que já virou o mês, ele vai vacinar.”

Segundo ele Dingo já estava habituado e dormia coladinho com ele, me contado: “*Já acostumou comigo, pegou a visão que o cara não cuidava direito*”. Botafogo explica que seu nome original era Mailon, mas que não teria gostado do nome por parecer de “cantor americano”. Quando pergunto o motivo de ter escolhido aquele nome, ele afirma rindo: “*Dingo de mendigo, é só de deboche.*”

Um rapaz se aproxima e grita: “*Aí, Dingo!!!*”, nós três damos risada e Botafogo complementa: “*Ele já está famoso, já está até nas redes sociais*”. Enquanto conversamos, Dingo segue enérgico, tentando morder tudo que vê, provavelmente em razão dos seus dentes que pareciam estar nascendo. Botafogo, que já estava com o braço cheio de marcas das mordidas do novo amigo, diz que no petshop estimaram que ele não teria mais que 90 dias de vida. Ele me conta que uma moça ficou com pena ao ver seu braço e teria comprado brinquedos para Dingo morder.

Botafogo, por sua vez, havia ganhado um celular de um rapaz chamado Felipe, passando a assistir filmes no *Youtube*, me dizendo: “*Um tempão que eu não assistia televisão*”. Ele me explica que, apesar dessas conquistas, existe na rua um preconceito, onde apesar de alguns até fazerem questão que você se sinta mais confortável:

Botafogo:

“Tem pessoas que acham que você tem que sofrer mesmo. Que você não pode ter nada.”

Botafogo:

“Uma vez eu tava lá... porque assim como eu fico sentado aqui, eu ficava lá na [rua] Lauro Muller, no Shopping Rio Sul. Aí eu deitado assim, num dia de domingo, aí a senhora me viu deitado, eu tinha um colchonetezinho, ainda botava um edredom, tava no mó luxo mermo, travesseirão e tal. Aí tô eu assim, escutando rádio, de perna cruzada, com uma garrafa de refrigerante do lado, porra, tem que ver o comentário da mulher mermão. Achou um absurdo aquilo. Eu tá ali, no meio da rua, com aquele conforto todo e ela tendo que ir no mercado fazer compra. Falou isso: “Eu tenho que sair da minha casa... Aí o rapaz do estacionamento ainda falou pra mim: “Qual é botafogo, deixa pra lá.”, mas quando ela voltou não aguentei, eu falei: “Engraçado, né, senhora? A senhora acha que isso aqui é muito luxo, então vamos fazer o seguinte, uma semana a senhora aqui, pode trazer marido, segurança, mas a senhora vai ter que passar o que eu passo. Comida se derem, entendeu? Se chover, problema é seu... É isso.”

Apesar de já ter perguntado sobre essa questão outro dia, refaço a pergunta pra entender como eram agora os dias de chuva com Dingo:

Botafogo:

“É uma merda. Ainda mais agora, eu com ele [Dingo], não posso dar mole. Por quê? O cachorro não pode tomar chuva? [pergunta retórica] Pode... Se a gente toma, mas assim, uma chuvinha, né. Mas as pessoas olham e acham que você tá maltratando o animal. Tudo pro morador de rua, tem um peso e uma medida diferente. Pras pessoas mais evoluídas, digamos, eles... me tratam como igual, porque eu sou igual, a diferença é quatro paredes.”

Dingo, enquanto conversamos, não para de morder um segundo e, inclusive, me morde, fazendo com que eu interrompa Botafogo, que apenas comenta: “Só *dentada firme*”, nós rimos. Pergunto se o fato de ter ganhado o celular o fez lembrar da história que me contou e ele diz que sim, me pedindo, com bom humor, pra lhe trazer um braço já que os ossos do Dingo não estavam “dando conta do recado”.

Botafogo lembra e me conta que, poucos dias antes de ganhar o Dingo, estava dormindo na grama, do outro lado da rua onde costuma ficar, quando foi surpreendido pela SEOP (Secretaria de Ordem Pública) e um caminhão da Comlurb, que levou uma de suas sacolas. Ele afirma que o pior foi terem levado junto a camisa do Botafogo e conta de outro episódio recente:

Botafogo:

“Outro dia, antes, eles [agentes] vieram sorrateiramente e já vieram de longe gritando assim: “Aí, Botafogo, nem adianta que hoje tu não vai levar nada.” Mano, esse dia eu tava que tava, já tinha tomado uns “bereguedegue”, eu falei: O QUÊ? NUM VOU LEVAR? EU QUERO É VER! Caraca, até os menó da rua: “Caraca, Botafogo, tu pegou tudo tão rápido que os caras ficou até desnortado”, eram uns oito ainda”.

Pergunto se chegam a tirar objetos da mão das pessoas em situação de rua e ele responde que dependendo do que for o objeto eles tiram, complementando: *“/sso aqui eu rodo: balde, nem adianta desenrolar”*, e aponta para alguns objetos, incluindo um balde de margarina com dimensões industriais que encontrou depois das forças de segurança terem levado seu balde. Quando faz frio, ele conta que a tolerância com as cobertas e roupas é maior, no sentido de serem menos levados objetos assim.

Botafogo conta que as ações policiais ocorrem nas mais variadas horas, inclusive de madrugada, afirmando já ter sido acordado por agentes de segurança em diversas oportunidades. Mudando de assunto, me conta que às vezes gosta de atravessar e ir se deitar na grama da praça que fica em frente a calçada onde costuma ficar e completa: *“Maior visual, não dá nem vontade de sair dali. Eu não enjoa desse visual.”*

Botafogo, dando continuidade a conversa, afirma estar sujo por conta da correria com o Dingo, ele diz:

Botafogo:

“Eu já ia tomar banho, quase que tu não me encontra. Agora já não dá mais, agora tenho que esperar lá pras duas [horas], que é a hora aqui fica assim ó [faz um barulho pra implicar vazio]. É, não passa ninguém eu vou ficar sentado aqui atoa? É a hora que eu vou e faço minhas coisinhas, vou lavar roupa, coloco pra secar, peço pro pessoal ficar olhando.”

Ele me conta que existe a possibilidade de tomar banho no Monumento ao Almirante Marquês de Tamandaré, localizado na chamada Praça Marinha do Brasil, a água, porém, não é confiável e nem limpa na sua visão. Aqui, importante mencionar também, que depois de conseguir um chip para seu celular, Botafogo me conta que fui a primeira pessoa para quem ele ligou, uma vez que o número de seus familiares estava com um amigo no bairro da Urca. Ele narra estar com medo de ser roubado e, aproveitando o ensejo, pergunto se existe lei na rua, e ele responde:

Botafogo:

“Acho que não é nem lei, cara. Eles oprimem a gente... Tipo assim, eles tentam implantar essa lei, de que... Como se nós fossemos os errados, tudo bem, a gente pela lei mesmo... Não existe artigo pra pedinte, pra pessoa que pede, mas também não tem vadiagem, já teve há muitos anos atrás, você caía na vadiagem.”

Filipe:

Chegou a cair? Pergunto.

Botafogo:

“Na vadiagem? Não, eu caí uma vez, mas eu não tava na rua não, eu tava... eu tinha casa. Mas eu tava na loucura com a rapaziada, aí tipo aquela música “eu dormi na praça”. Aí fiquei na rua, deitadão e os caras vieram e me levaram. Fiquei na cela da 22 DP, aí ligaram pra minha família, que eu não queria que ligasse, queriam me extorquir pra me liberar, me liberar do que? não tinha feito nada.”

Filipe:

Você acha que estar na rua é um direito? Ou é contra a lei?

Botafogo:

“Não o ir e vir, é isso, mas ao mesmo tempo é.... Bom, sei lá, tem pessoas que acham que é opção. No meu caso foi acontecendo gradativamente, quando eu vi eu já tava já.... Tem um ditado que a gente diz assim, grava bem isso que eu vou te falar: “Sair da rua não é difícil não, quero ver a rua sair de você.”

Ele me conta que sair da rua não é impossível, mas que ao se acostumar, de certa forma, as coisas se tornam complicadas. Ele passa a relatar sua experiência fora das ruas, no apartamento alugado que já foi mencionado em diálogos anteriores:

Botafogo:

“Mano um silencio, uma escuridão, porra... Pra mim foi um tormento, aí que que eu fazia, eu trocava a noite pelo dia, ia pra sala, ligava a televisão, ai amanhecia, tomava um café e “puf”, dormia. Sei lá, cara. Eu não conseguia ficar. Eu tenho problema com isso, eu adquiri esse problema. A minha madrinha falou que tem um filme, um livro que virou filme, que a pessoa quando fica muito tempo assim em situação de rua, ela tem esse problema de adaptação. Você sabe qual é? Ligava pra madrinha e falava que tava agoniado. Ela perguntava se tava faltando alguma coisa, e eu “não é isso não, não tá faltando nada”, “eu não consigo ficar sossegado aqui dentro”, ficava andando, andava lá dentro, limpava tudo, limpava fogão, pra eu poder me cansar pra poder descansar e dormir.”

Filipe:

É diferente a sensação de “estar lá” e “estar aqui”?

Botafogo:

“É, no iniciozinho é, caraca! Eu mesmo to fazendo minha comida e tal, eu ficava amarradão...”

Filipe:

O processo da rua como uma alternativa então foi gradativo?

Botafogo:

“É, cara. Não se tem planejamento pra isso, né?”

Filipe:

E você acha que chega um momento que ela se torna casa?

Botafogo:

“É... Aqui é... falou uma coisa de verdade, chega um momento... é mesmo, cara! E a gente fala isso brincando, mas é a pura verdade. Eu digo assim, isso aqui é meu quintal, Botafogo é meu quintal, de luxo, né? Vista panorâmica, maravilhosa, nunca enjoa.”

Quando perguntado sobre o que não poderia faltar em uma casa, Botafogo responde: *“Paz, que é o que eu não tinha”*. E quando questiono sobre a possibilidade de se encontrar paz nas ruas, ele me conta que nela consegue encontrar momentos de paz e diz que dentro de casa as vezes essa paz não é possível. Ele explica que antes tentava encontrar paz “enchendo a lata” de cerveja, mas que hoje a bebida não o domina mais e volta a falar sobre a importância de higiene:

Botafogo:

“Não, na verdade, hoje não seria o dia ideal, mas sempre me elogiam: “Você tá sempre limpinho”, por isso que as vezes que eu ando sujinho, eles nem percebem [ele me mostra a sujeira nas unhas]. Vou fazer a barba, lavar a bermuda, tenho roupa pra trocar.”

Um homem em situação de rua o interrompe e pede *“uns goles”*, se referindo a cachaça. Nos dias que antecederam nossa conversa, havia sido feriado e Botafogo aproveita para me falar da vida nas ruas em datas assim. Segundo ele, feriados costumam ser horríveis, mas o fato de ser conhecido pelo Bairro facilita ele encontrar alimento. Quando pergunto se ele havia comido alguma coisa naquele dia, ele responde que sim, afirmando *“sete e meia da manhã”*. Quando pergunto o que comeu, ele fala:

Botafogo:

“Foi dois pães, que é o que eu amo. Cara, pode vir com o café da manhã mais luxuoso da paróquia, mas olha, se eu pudesse, todo dia meu café da manhã era: café com leite, pão com manteiga e uma saladinha de fruta. A preferencial carro chefe é banana, não sinto

câimbras por causa disso. Aí quando eu não ganho, aí chega no final do dia, eu vou e recolho o dinheiro, antes que feche as coisas, aí eu falo: “bom, esse dinheiro aqui dá pra eu comprar”, tô com vontade de um refrigerante? Vou comprar um refrigerante, já tenho algumas coisinhas pra comer, o refrigerante só pra complementar, né? Aí eu vou as vezes eu compro logo uma caixa de leite pra deixar pro outro dia de manhã, aí compartilho pros amigos também, e a banana. Eu chego no hortifruti a moça já fala assim: “ó, lá naquele canto lá, essa daí está verde. Conhecidão aqui também”

Conversamos um bom tempo sobre comida, Botafogo falou dos restaurantes que ficam nas proximidades e que já experimentou, diz que, naquele momento, estava com vontade de comer macarrão com carne moída, mas que seu “sonho de consumo” gastronômico é o pintado na brasa do Restaurante Toca da Traíra que é “um luxo”. Ele afirma que já teve boas condições e por isso gosta de “coisa boa” e diz sentir saudade da reunião dos amigos. Segundo ele alguns amigos passam ali de vez em quando, mas saudades mesmo ele sente dos filhos. Ele chora e diz que faz bastante tempo que não fala com eles e completa dizendo que fala com eles: “*Só pelo celular, mas como eu tava sem...*”.

Se referindo a bens materiais, Botafogo diz sentir falta só de um travesseiro, ele explica:

Botafogo:

“Eu sinto falta mesmo dos meus filhos, mas de coisas materiais, só sinto desse aqui [travesseiro] é um deboche, mas é a pura verdade. As pessoas falam: “você não tem saudade de casa” eu falo: “sinto maior saudade é do travesseiro”.

Ele me conta que só costuma dormir quando o dia clareia, passando a noite acordado. Pergunto se é por conta do perigo e ele diz que é “*desassossego mesmo*”. Botafogo muda de assunto, me conta que quando pegou o Dingo, ele se tremia todo, como se, na opinião dele, pensasse estar “indo pra forca”, agora, no entanto, Dingo está “só na tranquilidade”, Botafogo diz: “*Agora é paizão*”.

Ele conta de um senhor, que chama de amigo, morador de um prédio próximo, que iria viajar e, ao passar por ali, deixou avisado que o daria um “dinheiro legal”. Segundo ele o homem que é português e mão fechada, todos os dias lhe dá o mesmo valor: cinquenta centavos.

A conversa segue seu rumo, e Botafogo me explica que quando está chateado bebe um pouco mais, diz ser um “subterfúgio”, que faz ele ficar brigando consigo mesmo, falo que talvez todos façamos isso, de descontar as frustrações em algo. O assunto de certa forma - e de maneira natural - sempre passa por temas de reflexão que podem contribuir com o trabalho, mas também por aspectos relevantes e cotidianos de sua vida.

No fim de nossa conversa aquele dia, ele me conta que conhece todos os programas da madrugada da rádio Tupi e se diverte com Alexandre Ferreira, conhecido como “zero um da madrugada”, de meia noite as duas da manhã. Botafogo agradece e deseja saúde, eu respondo: “pra nós”.

Alguns dias se passam, volto no meio da tarde de uma sexta-feira, Botafogo me fala que esse horário é sempre “mortinho”, que vai para aquele local no fim da manhã e que o pico de movimento é geralmente das 12h às 14h, horário de almoço. Ele novamente me conta que tem dificuldade pra dormir e que fica ouvindo rádio quando perde o sono, mas que não dá pra dormir até tarde na maioria dos lugares: “*horário flexível só se for dormir na praça [Rua Farani]*”.

Dingo, segundo ele, dorme abraçadinho e não perturba, ele diz: “*mó barato*”. Ele me conta que não recuperou sua camisa do Botafogo e nem conseguiu outra, que o edredom que tinha Dingo sujou de lama no dia da chuva, e que, por não ter como lavar, teve que jogar fora. Segundo ele as roupas que dá pra lavar são as de tecido mais leve, que seca rápido, os “bermudões com bolso do lado” que ele diz gostar tem que usar até não dar mais e jogar fora, a menos que seja verão. Pergunto quanto tempo dura uma roupa e ele responde:

Botafogo:

“Se não lavar? Vai usando até ficar sujo. Sendo que, quando eu ganhava uma, eu ia tomar banho com a de tactel, ficava com ela uma parte do dia, depois colocava ela, isso no verão, que dá pra secar a roupa no corpo. Mas eu gosto de lavar aquelas que eu gosto mesmo. Só aquelas que são muito pesadas que não tem como, vou lavar calça jeans? Tenho nem estrutura. Pô e vem guarda municipal e leva, levaram sabão em pó, escova, balde, maior covardia. O que eles não acham que é necessário. Eles sabem que é necessário, entendeu? Só que eles querem dificultar tua vida na rua, com que intuito? Que você seja forçado a ir pro abrigo, é uma máfia isso aí.”

Botafogo me conta que todos os dias, naquele horário de meio de tarde (14h/16h), a rua fica parada, mas que sábado e domingo são dias legais pela manhã. Durante a semana, ele não vai para o local pela manhã porque diz ser desagradável o pessoal, “na correria de filho pro colégio, pro trabalho ou pro médico”, passando por ele ali. Ele diz: “Vou ficar aqui? Apesar que eu quase nem abro a boca”, dou risada. Botafogo diz que só pede quando está “agoniado” e que suas prioridades são primeiro comer e, depois, sua cachacinha. Pergunto como está sendo aquele dia e ele diz:

Botafogo:

“Tô agoniado pra beber uma, não consegui nada, nem almocei, nada. Se não é a moça passar, aí ela me deu meio biscoito Bauducco, não lembro do que que era, castanha, sei lá. E, depois veio um rapaz com um salgado e um suco, mas isso era 10:30 da manhã, mano. Aí passa muita gente das empresas, esse horário da meio-dia às duas, aí eles não dão dinheiro, nem peço dinheiro, mas vem refrigerante, de vez em quando traz uma roupa, e uma sobra de comida, que eles vão almoçar...Hoje não teve, nem o refrigerante. Pô tinha que ver ontem cara, foram três: um Guaraná Antártica e duas Cocas, tudo assim ó [na metade]. Aí tinha um pessoal sentado ali, que tava garimpando, que carrega esses carrinhos de reciclagem, aí fui e dei pra eles um, não vou deixar essa Coca aqui de egoísmo. Ainda passou outro eu dei a Coca.”

Quando pergunto se Botafogo prefere Guaraná ou Coca-Cola, ele afirma: “Pepsi”. Seguimos conversando e Dingo, nesse meio tempo, que já tinha comido ração e petisco sabor churrasco, seguia terrível mordendo até o vento com seus dentes cada vez mais afiados. Botafogo me fala que aquele horário é chato e que beber ajuda na ansiedade, mas que não bebe naquele horário, ainda mais de barriga vazia. Ele me conta:

Botafogo:

“E a cachaça também, ela ajuda, porque a gente tá nessa situação também, né? É tipo um anestésico, é uma camuflagem... Porque, a vida... Em excesso é ruim, pra todo mundo, porque a pessoa que fica na rua assim, uns usa droga, outros usam tinner, negócio fedorento. sei lá, maconha, pó, crack. Eu prefiro minha cachacinha com refrigerante. Eu há muitos anos atrás, quando morei na tijuca, quase que eu caí nessa, me misturei com uma rapaziadinha ali, ali na tijuca morro é lixo, então a oferta de droga ali é muito grande... Aí amizade... mas, não embalou não, quando eu tava em casa, comprava bebida boa, comprava um vinho, um whisky. É, pra relaxar mesmo, aqui não... aqui é pra dormir, esquecer um pouco dos problemas, sabe? E

o sono acaba sendo até bom. Quando não tem... Caraca, a insônia é certa, o organismo acho que já acostumou.”

Pergunto se ele considerava que a atenção tinha mudado agora com a companhia de Dingo e ele diz que sim, afirmando que por ele ser bonito chama muita atenção e, com isso, passou a ouvir diversos comentários, alguns não tão positivos, insinuando que Dingo ia sofrer muito na rua, ao que Botafogo questiona: “*Eu ser humano aguento, por que que ele não aguenta?*”. Ele explica quando pergunto sobre os comentários:

Botafogo:

“Insinuando, ainda agorinha antes de você chegar, quiseram comprar ele. [Disseram a ele] “Esse cachorro é bonito demais pra ficar na rua”, só faltou falar: “com um mendigo.”

Botafogo diz também estar mais difícil de carregar as suas coisas e as de Dingo, afirmando que o ideal seria ter um carrinho para carregar tudo, o que não seria mais permitido pelas autoridades, ele conta um episódio recente:

Botafogo:

“Encontrei um camarada que queria vender, eu comprei, quarenta reais. Aí veio a SEOP [Secretaria de Ordem Pública] e levou: “não pode mais ter carrinho de mercado na rua, tão roubando muito”. E que que eu tenho a ver com isso se eu não roubei? [Autoridade pergunta] tem nota fiscal?”, Botafogo conclui: “Aí é foda.”

Alguns dias depois reencontro Botafogo e ele, arrumando suas coisas no seu lugar habitual, parece logo querer me contar algo, ele passa a dizer:

Botafogo:

“Aí prendi ele aqui [Dingo], pra ele não correr pra lá, pra eu poder forrar as coisas aqui, [tosse] para uma mulher aqui e diz assim: “Você não acha uma maldade muito grande?”. Aí eu falei: “Não, maldade seria, senhora, se eu deixasse ele solto, pra ele correr lá pra rua e o carro passar por cima, isso aí seria uma maldade. Porque o irracional é ele, eu que tenho que prender pra ele não ir. [a senhora responde]: “Não é isto que eu estou falando”. Falei: “O que que a senhora está falando então?”, [senhora]: “O cachorrinho é obrigado a ficar sentado aí contigo, podendo estar brincando com os outros cachorrinhos. Falei: “A senhora está de sacanagem? Desculpe, olha... A senhora está... não é possível... Falei: “A senhora quer o quê, que eu bote ele

numa creche de cachorro pra ele brincar com outros cachorrinhos? Caraca que loucura, eu hein?”

Rimos da situação e conversamos sobre Dingo por alguns instantes, então lhe pergunto sobre o dia anterior e ele afirma que foi um dia bom já que conseguiu se alimentar e tudo deu certo no final das contas. Ele explica que acabou ganhando outra quentinha⁷⁵ e jantou, o que é “*muito raro*”. Quando pergunto sobre as mudanças na vida com Dingo, ele diz: “*Antes eu ficava aqui só ouvindo meu rádio e meu rádio quebrou, queimou o alto-falante, radinho mixuruca, rádio que é pra durar pouco mesmo...*”.

Estávamos conversando sobre quando Botafogo grita “*AI, CARACA!*”. Dingo, que não tinha compromisso algum com essa pesquisa, o mordeu e ficou abanando o rabo emitindo alguns grunhidos, aparentemente o chamando para brincar. Ele me conta depois: “*Quanto mais eu falo pra ele sossegar, mais ele fica agitado, ele é rebelde.*”

Já outro dia, após uma chuva intensa, encontro Botafogo acompanhado por Dingo, que está deitado em uma cobertura, o clima está mais frio, com um vento gelado. Ele me conta que eles tomaram uma “*surrinha de leve*” no dia da chuva, que os obrigou a mudar de lugar mais de uma vez. Segundo Botafogo, os lençóis ficaram todos molhados, ele relata que ficou com pena de Dingo, chegando a lacrimejar, ambos ficaram molhados com a chuva. Ele diz:

Botafogo:

“Quem não se molhou? Só ficamos secos agora. Pô nem liguei pra mim, cara. Mas fiquei muito agoniado de ver ele daquele jeito. Aí quando chegou aqui, os caras: “Ah, frescura, porra, cachorro, porra, vive na rua, é mendigo, dingo, pô”. Falei: “Não é assim não”. O cachorro se tremendo, o olharzinho dele pra mim e nós batendo o queixo. Sequei ele no lençol. Quando eu vi que o “bicho pegou” [chuva], eu salvei um na mochila, mas fiquei com muita dó dele, cara.”

Em outra oportunidade, chego no início da tarde e Botafogo me conta que haviam roubado uma mochila com a ração e os brinquedos do Dingo, mas que, ao menos a ração ele havia conseguido de novo. Ele reclama do frio. Falamos então do seu time, Botafogo de Futebol e Regatas, que depois de abrir 2x0, havia tomado a virada de 3x2 em um jogo fora de casa. Pergunto se ele ainda era botafoguense e ele

⁷⁵ Nome dado a recipiente térmicos, geralmente de alumínio ou esferovite, para transportar comida.

diz: “*Até a morte*”. Lhe entrego, então, uma camisa do Botafogo que havia conseguido, ele fica animado e a veste na hora.

Ele me conta que passou um aperto no feriado do Dia das Mães que há muito tempo não tomava, passando “*frio, fome e dor de dente*”. Ele explica que foi para um hortifruti pedir porque o local onde fica estava deserto no feriado e só arrumou comida quando estava começando a escurecer. Quando pergunto se ele ficou o dia inteiro sem comer ele fala rindo: “*É, e ele [Dingo] comendo pra caramba*”.

Botafogo nesse momento se levanta e vai colocar o celular para carregar na banca ali perto, Dingo chora até sua volta, quando lhe pergunto se é comum passar aperto no frio, Botafogo diz que não e completa: “*o pior de tudo é a chuva*”. Dingo, satisfeito com o retorno do seu dono, passa a morder meu cadarço. Então, um senhor de meia-idade se aproxima e dá uns trocados para Botafogo, eles parecem se conhecer e ter certa proximidade, ele conta que no Dia das Mães levou uma comida que sua esposa havia preparado, mas não encontrou Botafogo, eles conversam sobre isso e Botafogo lembra que foi justamente o dia que demorou para conseguir o que comer.

Mais alguns dias se passam, Botafogo me diz ter se sentido mal, encontro com ele andando com Dingo perto de um bar onde ele costuma elogiar a comida. Segundo ele, foi abordado ali perto há alguns dias, mas defendido por alguns moradores de prédios no entorno, que disseram coisas como “*esse senhor está sempre aí, todo mundo conhece ele, ele agora com o cachorro dele*” e “*que que está vendo aí, chefe?*”. Ele completa: “*Abordagem normal, passou um morador de rua...*”.

Pergunto como costumam ser as abordagens, ele diz que fala o número dos documentos que sabe de cabeça e lhe fazem várias perguntas como “nome da mãe”, “data de nascimento” e “se tem passagem [pelo sistema carcerário]”. Voltamos andando para o lugar que ele costuma ficar, algumas coisas de menor importância parecem ter ficado ali como alguns papelões e garrafas plásticas, até que Botafogo para de falar e parece se dar conta de algo:

Botafogo:

“Ai meu deus, agora que eu lembrei... Ah, eu não fiz isso... caraca! Ai, deixa eu conferir aqui, ai meu deus, eu acho que eu levantei... Não, eu acho que eu botei aqui dentro, ai me mata do coração, ai meu deus cadê esse negócio. Eu deixei o celular aqui cara, ai eu não fiz isso. O que foi que eu fiz, caraca? Ca-ra-lhoooooo, perdi o celular, porra,

deixei ele aqui. Deixei de bandeja, maior irresponsabilidade. Caraca, ia ligar pra minha amiga agora. O cara acabou de trazer o telefone da minha mãe. Como é que eu dei esse mole. Já era, já era, passaram, deixei assim grandão de bandeja. Burro! Que barreira pra mim falar com a minha mãe, porra, meu deus do céu, que mole. Não lembrei que tava do meu lado. Essa foi do arco da velha, que idiota. Que mole da paróquia. Pô, tava todo animado com o celular, bateria bota à beça. Além de recarregar rápido. Mas tá bom, tudo bem, tô acostumado com as perdas”

Botafogo, ao se levantar, deixou o telefone ao seu lado e ele, sem ver, saiu andando. Ele diz: “*Desanimador. Vão-se os anéis...*”, “e ficam os dedos”, eu concluo. Passando alguns minutos, seguimos conversando sobre vários assuntos, noto que a conversa o distrai um pouco da recente perda material. Dentre os temas surge a questão do trabalho, trazida por Botafogo, que conta que ouve muitos comentários:

Botafogo:

“Tô velho já, escangalhado e mesmo assim ainda escuto historinha pra caramba, pra mim trabalhar: “Eu tenho 73 anos e ainda trabalho, o senhor com 61 está muito novo”, ele diz com uma voz cômica de idoso. “A senhora tem razão. se aparecer uma oportunidade eu vou trabalhar”, ele conclui.

Botafogo me conta sobre a bebida nessas horas de frustração, que serve como uma distração. No entanto, ele afirma “ter consciência de que não é para isso que lhe dão dinheiro”. Do outro lado da rua em que Botafogo costuma passar os dias, na Praça Marinha do Brasil, alguns usuários de crack têm se concentrado entre uma vegetação, formando uma espécie de “Cracolândia”. Botafogo então se lembra que apareceu em uma reportagem perto de um dos lugares onde costuma dormir:

Botafogo:

“Eu não saí na filmagem? Até esqueci de te falar, mas não ali, do lado do prédio [onde as vezes dorme]. Ali subindo, naquela mata, tinha uma Cracolândia também, aí a polícia tava cobrando os bandidos. A presidente da associação dando entrevista pra Record, depois pra Globo, e tô eu deitado lá. Eu deitado coberto com Dingo. Filmagem falando de Cracolândia, mas eu não tenho nada a ver, eu tava deitado no fundo.”

Nela, durante uma entrevista que tratava do assunto de uma possível “Cracolândia” no bairro, o cinegrafista move a câmera em direção a Botafogo e Dingo,

que dormiam sem qualquer relação com o assunto, formalizando, através de uma lente, talvez a mais clara evidência da associação da situação de rua com todo e qualquer problema social existente no universo da rua.

Essa é a reportagem da qual Botafogo se referia⁷⁶:



Encontro com Botafogo alguns dias depois e Dingo está deitado em seu colo, que diz já estar apaixonado pelo companheiro. Segundo ele, Dingo o revigora e o deixa feliz, digo que ali existia uma grande parceria, ele concorda. Botafogo desabafa:

Botafogo:

- *“Tô querendo arrumar um lugar pra mim, eu tô cansado da rua. Nem quero mais celular, sendo sincero. Aqui se eu cochilar, até o chinelo eles levam. Nada que você tem prospera. Esses anos todos de rua, só que eu já tô ficando com medo disso, Filipe. De ficar esse tempo todo. Porra, não é possível, será que meu descanso só... se essa for a vontade Suprema. Porra... Eu acho que não tem mais..... [pausa] Lugar de descanso pra mim... Acho que não tem mais, eu mesmo cavei”*

Filipe:

O que seria um lugar de descanso?

Botafogo:

“Nem eu não sei mais”, ele diz com a voz embargada.

Uma senhora passa e cumprimenta Botafogo e Dingo, ela dá algo pra ele e diz: *“É só um pouquinho”,* ao que ele responde: *“Ô, minha amiga, um pouco com deus...”*. Outra senhora passa, poucos minutos depois, faz questão de cumprimentar todos nós e brincar com Botafogo, ela fala sobre Dingo: *“Cachorro não cobra nada, amigo fiel”,*

⁷⁶ Reportagem disponível em: <https://recordtv.r7.com/balanco-geral-rj/videos/moradores-denunciam-formacao-de-cracolandia-na-zona-sul-do-rio-09052023>.

e ele, concordando, diz “*Você entender o cachorro aqui ó, no olhar, aí que ele se torna seu amigo mesmo*”.

Conversamos sobre assuntos variados: maloca, colchão, quem é “fechamento” e, até sobre água suja da Praia de Botafogo. Então pergunto o que esse bairro significa para ele diz: “*Você já respondeu... Tudo, raiz, vida. O que eu já vi de cobras e lagartos. Cara, eu acho que eu já tô chegando a 30 anos de rua*”.

Os dias passam, uma forte tempestade atinge o Rio de Janeiro na madrugada de um sábado. Por volta das 4 horas da manhã, acordo com os ventos fortes e a chuva, não posso deixar de pensar em Botafogo e Dingo enfrentando o dilúvio sem abrigo. A manhã nasce e a chuva parece dar uma trégua, vou ao encontro deles, que haviam conseguido um bom refúgio na cobertura do supermercado Pão de Açúcar da Rua Barão de Itambi. Pergunto para ele se enfrentar a chuva com Dingo é diferente e ele diz que é uma boa pergunta, afirmando que sua preocupação tinha aumentado agora com a companhia dele e completa:

Botafogo:

“É ótimo a companhia dele nessa hora, entendeu? Eu vou conversando com ele, tô fazendo isso direto. Vou falando no ouvido dele: “Dingo, vamo embora que vai chover, não sei o que, ó, não, fica aqui.”. Ele já está começando a entender melhor as coisas.”

Os dias seguintes a nossa conversa continuam chuvosos, Botafogo e Dingo ficam “entocados” - expressão usada por ele - uma vez que o lugar que habitualmente fica não tem quase nenhuma cobertura e as marquises livres de grades no Flamengo são poucas. Encontro Botafogo no final da tarde de uma sexta-feira, ele parecia revoltado e passa logo a me contar uma situação de discriminação que tinha vivenciado em um bar/restaurante ali perto:

Botafogo:

“Aí fui lá comprar a comida.... Fui urinar, quando eu saio do banheiro, pô, várias pessoas sentadas no restaurante... [pausa] “Não sujou o banheiro lá não né, Botafogo? Falei: “Não, fui lá dentro fazer faxina, limpar a sujeira que os outros fizeram. Vem cá, é porque eu sou mendigo? É isso? Né? Aí eu sujei o banheiro, porque eu sou mendigo. Os outros cagam cheiroso...Escuta só, você podia até não ouvir essa, mas como eu ouvi, você vai ouvir também. Primeiro lugar: você vem lá do xiringuindégui do beregandágui” não sei nem da onde, sou cria, nascido e criado aqui, tô na rua mas eu tô te dando prejuízo?

Acho que não... Aí eu falei: Cara, você não evoluiu nada."

Botafogo estava indignado e disse que tal situação lhe tirou o apetite. Apesar de ter comprado a comida, ficou desanimado de comer: Injustiça tira a fome da gente, falo, e ele concorda. Digo para ele não deixar o acontecido estragar seu dia, e ele responde: *"Não, não... Melhorou. Papai do céu te mandou na hora certa."*

Conversamos sobre a chuva, as abordagens policiais e as traquinagens do Dingo, que não para nem por um minuto, enquanto Botafogo, naquele momento, passado o nervoso, come. Uma senhora que sempre passa por ali caminha calmamente e para diante de nós:

Senhora:

"Tudo bem?", ela pergunta com uma voz doce para Botafogo.

Botafogo:

"Oi, minha linda! Tudo bom?", ele responde.

Senhora:

"Oi, querido. Tudo bem, e você?"

Botafogo:

"É, escapei do dilúvio, entre mortos e feridos..."

Senhora:

"Quando? Ontem? Eu passei aqui feito um pinto molhado, saí da igreja e não levei o guarda-chuva. E você, quer um salgado?"

Botafogo:

"Não, tô de boa, acabei de almoçar, meu amor."

Senhora:

"Ai que bom que você almoçou... Deixa eu deixar o Guaraná!"

Botafogo:

"Obrigado, e a senhora tudo bem?"

Senhora:

"Tudo bem, graças a deus, tudo na paz, olha, saúde e tudo de bom, viu? A gente tendo saúde... É o que interessa"

Botafogo:

"E ó, quando a senhora for ali agora [Igreja]... Porque nossa... Sabe? Muito peso em cima de mim, a gente sente o espiritual, então a gente pede ajuda aos amigos: Reza por mim!"

Senhora:

"Pode deixar que eu rezo, por todos os meus amigos e você tá incluso! É Filipe, né? Tchau, Filipe, tudo de bom. Olha o cachorrinho, como é que tá, tá bem quentinho. Ó seu sem-vergonha, isso é meu [Dingo morde a saia dela]."

Eles se despem rindo, assim como eu. Botafogo olha para mim e diz: *"Pessoas evoluídas..."*, e faz questão de reafirmar que não admite ficar "sugando" ninguém, só pede o que realmente precisa. Alguns dias atrás, conta, uma senhora quis te pagar

uma comida e ele disse que já havia comido, mas que estava precisando de um barbeador, ele então lhe trouxe o barbeador. Botafogo passa a me narrar a experiência do banho, com baldes de água fria, que havia tomado: *“Parei de frente pro balde assim, né? Aí falei assim: “Agora vai, joga logo a primeira”, nós rimos. Ele então diz:*

Botafogo:

“Aí cara, tá tendo uma experiência hein mermão? Ó, pra morar na rua, sei lá, como é que eu poderia... Nem sei. Tipo... Aí, que definição linda que eu tive agora, pelo menos eu acho, você vai me ajudar. É assim: A rua, isso aqui é a rua, o caminho, vários caminhos. Uns escolhem um lado. São várias frentes.”

Passam-se os dias, nesse meio tempo nos encontramos algumas vezes, tendo diálogos pontuais sobre comida, chuva, a vida do Dingo e as experiências da rua. Em um deles, no final de uma manhã de quinta-feira, combino que entregaria um caderno para Botafogo, para que este escrevesse o que quisesse. Digo que, analisando o que já havíamos conversado, a questão dos “momentos de felicidade” tinha me feito refletir. Peço que, caso quisesse, escrevesse sobre o último momento de felicidade que teve, ele sorri, pega a caneta e fica pensativo. Passa logo a escrever, rindo a cada palavra e fazendo pausas para pensar, sua escrita segue, quase que ritmada e sem titubeios, palavra por palavra a caneta desliza até que ele acaba e me pergunta: “Quer ler?”, digo que sim.

Ele mesmo lê para mim, com alegria e emoção:

Botafogo:

“Ó: “Meu último momento de felicidade na verdade, se tornou em muitos momentos felizes, pelo fato de que apareceu um amigo que na verdade se tornou um companheiro.”

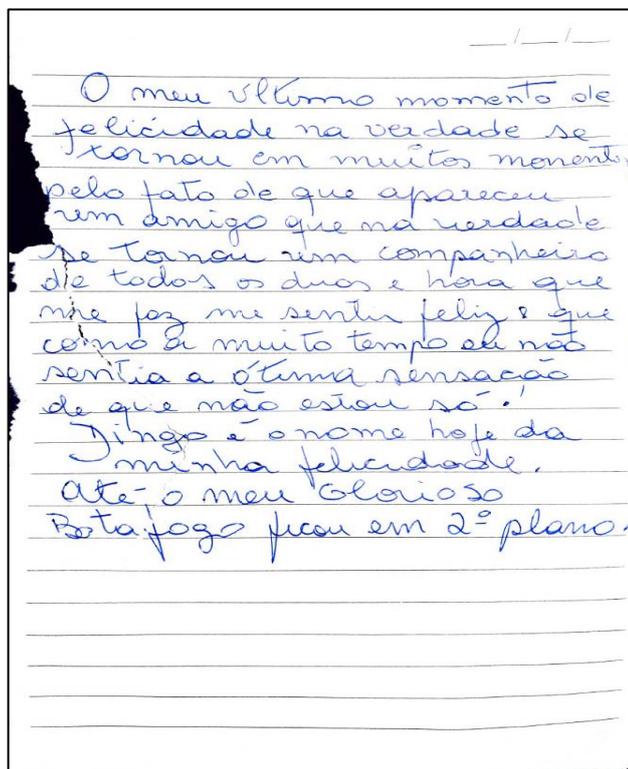
Ele para de ler visivelmente emocionado, com os olhos lacrimejando enquanto olha as palavras que acabara de escrever. Ele faz uma pausa longa e eu respeito seu tempo. Ele enxuga o rosto, funga algumas vezes e prossegue com a voz embargada:

Botafogo:

“se tornou um companheiro de todos os dias e horas, e me faz eu me sentir feliz como a muito tempo eu não sentia, e a ótima sensação de que eu não estou só. Dingo é o nome dessa felicidade, até meu

glorioso Botafogo ficou em segundo plano.”

Botafogo me dá autorização para colocar suas palavras em meu trabalho que, a partir daqui, passa, de certa forma, a ser escrito também por ele:



Rimos juntos, ele fala: “Pô, ele caiu de paraquedas mermo, maior barato”, e continua a pensar sobre essa felicidade que discutíamos:

Botafogo:

“Falar de felicidade é o que... Aí, pra mim até quando eu tô com fome ou às vezes tô com vontade assim de beber um refrigerante, sabe? Esses momentozinhos assim pra mim já tá bom. Tipo, caraca, tô com fome e a pessoa vem na hora e eu fico pra Deus: “Pô, valeu, tu me ouviu.”

Botafogo me conta que Dingo arrumou uma namorada chamada “Vida” que é de um amigo dele, curiosamente chamado de “Dog”. Ela, que também é vira-lata, seria um pouco mais nova e teria os olhos azuis, ele me diz que vou conhecê-la em algum momento. Seguimos conversando sobre a questão do trabalho, ele me conta que depois do exército, foi trabalhar “de carteira-assinada” como vendedor no Shopping Rio Sul, uma vez que sua mãe, gerente de loja, teria lhe indicado.

Segundo ele a experiência foi boa: *“vendia roupa, calçado, depois de um tempo*

tava vendendo até o Pão de Açúcar. Pô, eu gostava, minha mãe me ensinou muita coisa, começou como caixa, quer dizer, tive uma boa professora”. Depois, Botafogo conta ter trabalhado como porteiro, faxineiro, copeiro, auxiliar de trânsito, entre outras coisas... O que dava para trabalhar, ele diz, “caía pra dentro”.

Pergunto se ele se recorda do último trabalho e ele diz que sim: “Banca de Jornal”, ajudava administrar tudo, entrou sem saber nada e passou a aprender diariamente. As bancas eram em Ipanema, Leblon e Copacabana, trabalhou em mais de uma e, segundo ele, era uma ótima fonte de renda, inclusive com as rifas de eletrônicos que ele organizava para tirar uma renda extra, ele afirma que mantinha a casa com esse dinheiro.

Botafogo me diz que o trabalho que mais gostou foi o “quartel”, contando ter se arrependido de ter saído de lá. Pergunto o que significa trabalho pra ele e passamos a conversar sobre o tema e ele relata que se realizou quando trabalhou na banca de jornal, pela comunicação com as pessoas. Pergunto se essa realização tinha a ver com algo além do “dinheiro” e ele responde:

Botafogo:

“É... eu me sentia... eu ia trabalhar satisfeito. Agora, dizer que eu acordava, quando eu trabalhava de faxineiro, que eu acordava feliz da vida porque eu tinha um monte de corredor pra varrer. Tá de sacanagem, né? Mas ao mesmo tempo, sempre fiz minhas coisas com carinho, com boa vontade e sempre ganhei as pessoas muito rápido, das pessoas verem e reconhecerem o meu valor, no sentido de que eu também me entregava. Tinha uma madame que falava assim: “[nome] ó, igual você lava esse corredor não tem ninguém, meu filho da vontade de sentar no chão desse corredor e almoçar, sabe? Cheirinho de limpeza.” Eu vinha mesmo, lá de cima eu já vinha [barulho de esfregão] sem miséria, entendeu? Puxava, puxava, puxava, descia a escada e depois vinha secando com o pano, trabalho pra arrancar o couro.”

Como o “salário de porteiro é pouquinho”, ele me conta que fazia faxina em alguns dos apartamentos. Pergunto se teve algum trabalho que ele considera o pior e ele diz que sim: em Belém do Pará, como porteiro de obra, onde tinha que revistar a “bolsa dos peões” quando saíam, para ver se não estavam roubando as coisas. Botafogo diz que não tem como se aposentar: “*ainda falta um tempo, não tem como, trabalhei muito autônomo também*”. Pergunto então se tinha alguma coisa que o encanta ou encantava e ele diz que tinha saudade de ir no estádio assistir futebol, ele

recorda uma experiência e me conta:

Botafogo:

“Pô, papo reto, eu lembro a primeira vez, eu tinha quatorze anos, ou tinha feito quinze, nunca tinha ido num estádio de futebol a noite. Aí fomos, o pai de um amigo ligou pra minha mãe pra poder... aí eu fui, pô, aquilo é encantamento, o coração..... aquela energia do maraca, aí já escuta o tum, tum, tum, tum, tum. Aí quando fui subindo a rampa, quando tu chega assim pra ir pra arquibancada... Caraca.... Fiquei encantado mesmo, aqueles holofotes. Eu nunca tinha visto aqueles holofotes acessos, porra... Que magia, cara! O gramado ficou parece que fluorescente, aquilo me encantou, eu novinho, apaixonado por futebol, que tá no sangue mesmo, desde criança.”

Imersos nesses assuntos, Botafogo me conta que, no ensino médio, participou de um concurso de poesia, mesmo com o desincentivo da mãe. Ele confessa que nunca tinha lido poesia direito, mas que teria chegado a ganhar o concurso que era promovido pela TV Liberal, afiliada da Globo Pará.

Já em outra tarde, encontro Botafogo cuidando de dois filhotes, sendo eles Dingo e Vida, a mencionada cachorrinha namorada de Dingo. Vida é uma cachorrinha branca com manchas cinza-claro e algumas em um tom castanho, seus olhos são metade pretos e metade azul claro, num tom azul-claro que nunca antes havia visto, é uma cachorrinha encantadora. Botafogo me conta do estacionamento do “Seu Paulo”, debaixo de um viaduto ali perto, onde também costuma dormir, ainda que lá seja *“um buraco horrível, sujo e com outras pessoas.”*

Botafogo diz que, apesar de não ter chovido nos últimos dias, o vento foi intenso e chegou a incomodar mais do que qualquer chuva poderia:

Botafogo:

“Agora ó, graças a deus que parou de ventar, não sei que que é pior. Caraca, eu olhei pro Dingo assim, o Dingo olhou pra mim, parece que a gente se comunicou no olhar, tipo assim: “Caralho, fudeu”. Eu falei: “Calma, sustenta, vai dar tudo certo”. Aí ele quase entrando por dentro de mim, eu falei “não, fica aqui mesmo, não sai daqui não, que tá quentinho.”

O café da manhã de Botafogo tinha sido um pão doce de manhã e um pingado, sendo este último comprado por ele. Constatamos que Dingo já havia crescido bastante. Uma pessoa passa e pergunta se ele está doando os dois cachorros, ele diz que não, que um é seu e, a outra, de um amigo, Botafogo me fala:

Botafogo:

“Pessoal fica intrigado quando passa e vê sentado aqui, fica intrigado.”

Filipe:

Muita gente pergunta?

Botafogo:

“Não, eles têm vontade de perguntar, mas não perguntam. Até agora ninguém perguntou”, ele diz rindo.

Filipe:

Do Dingo?

Botafogo:

“Não, de você. “Quem é esse rapaz que fica aí sentado”. Eles têm vontade de perguntar.”

Filipe:

É mesmo, você sente isso?

Botafogo:

“Aham, aí tem uns que jogam verde “ai eu passei e vi, tinha um rapaz aí, né? Sentado com o senhor.” Aí eu falo: “É, meu amigo, a gente tava conversando.”

Falamos do andamento da pesquisa e Botafogo diz que o que precisasse podia contar com ele e Dingo. Quando pergunto se a relação com as pessoas mudou com o Dingo, ele conta que mesmo sendo conhecido a atenção aumentou, sendo que pessoas que não o ajudavam ou davam bom dia passaram a ajudá-lo.

Como o via sempre com algum papelão, pergunto onde ele os arranjava e ele diz que sempre pega a noite no mesmo lugar, em frente a Padaria Benamor. Segundo Botafogo, todo dia tem algum papelão por lá e, como já é conhecido, algumas vezes consegue lanche, salgados e sopa também.

Um senhor passa e lhe entrega uma manta, falo pra Botafogo que me parecia que na rua as coisas “vão e vem”, no sentido de que alguns pertences se foram e agora outros estavam vindo. Ele diz *“É, na rua é assim, as vezes a gente passa sufoco por causa disso.”* Quando pergunto sobre suas roupas, ele diz que era tudo doado, dizendo *“Eu nem me lembro... quando... foi a última vez que eu entrei assim numa loja*

e comprei uma roupa, eu nem me lembro...”.

Ele me explica que já fazia muito tempo e que não tinha dinheiro para isso. Ele me mostra os únicos dois reais que tinha e diz: *“Tem gente que acha que eu deito e rolo, eles mesmo [pop. rua] “me empresta aí dois reais”, não tenho pô, acham que eu tô cheio de dinheiro...”*. Botafogo, mudando de assunto, fala que o policiamento no bairro é o tempo inteiro e, quando pergunto o motivo, ele diz que é por ser região nobre.

Quando questiono se ele mudaria alguma coisa na cidade, ele diz que sempre teve o sonho de vez quiosques na orla da Praia de Botafogo, mas que isso jamais vingaria por conta de assalto, razão pela qual inclusive colocaram alguns holofotes no local nos últimos anos, segundo ele.

Sobre essas mudanças na cidade, pergunto se a rua mudou muito de anos pra cá, segundo sua experiência, e Botafogo me responde:

Botafogo:

“Mudou, mudou... Tanto pra bom, quanto pra ruim. Foram várias fases, teve a fase da opressão que a gente era obrigado a ir pro abrigo, chegava na porta do abrigo eles falavam “quem quiser fazer a ficha e ficar, senta ali, quem não quiser, pode ir embora. Entendeu? Só pra sacanear, pra te obrigar a ir. Agora é opcional, você vai se você quiser. É, agora o que piorou... Aumentou muito a população de rua, muita coisa e... essa mistura é perigosa, esse crescimento é perigoso. Uma proliferação muito grande da droga, principalmente do crack. E a pandemia ajudou bastante.”

Questiono se havia algum motivo especial para ele ter escolhido aquele lugar que costuma ficar, onde já é conhecido a bastante tempo e ele diz:

Botafogo:

“Aqui, cara, foi uma coincidência, porque eu ficava lá mais pra cima. Aí eu tomava conta de carro ali no Imaculada, aí eu perdi o estacionamento, fiquei meio sem chão, né, cara? Nunca tinha sentado pra pedir dinheiro. Era meu ganha pão ali e as pessoas gostavam de mim também e passavam e me viam ali e traziam roupa, as vezes uma comidinha de casa, biscoito e tal, aquela coisa. Culpado disso são dois amigos, pô, tu é coroa, tu vai arrumar as coisas... “deixa de ser bobo cara, esquece essa porra de estacionamento. Pô, tava meio sem chão, vou pedir pra alguém comprar bala pra eu vender, sei lá... Tentei, mas a empresa toda hora ela falia [risos]. Porque eu gastava o dinheiro. “Pô, eu pensava, tenho que comprar duas caixas de halls, aí fala assim: “pô acho que vou comprar só uma”.

Retomamos a conversa sobre sua experiência quando saiu da rua anos antes e o que aquilo tinha significado para ele diz que teve muita dificuldade de adaptação e afirma: *“o silêncio me incomodava”*. Ele também conta que a escuridão do quarto também o deixava agoniado e que não estava acostumado com aquilo, achando tudo aquilo muito estranho. Botafogo fala que com o tempo: *“você acaba acostumando... com o barulho...”*.

Ele afirma que no início “metralhava” pedidos de ajuda e foi conhecendo aos poucos quem o ajudava e que nem ao menos lhe respondia. Hoje, segundo ele, “fica na sua” para não se desagradável ao outros pedindo o tempo todo e apenas cumprimenta com “bom dia, boa tarde e boa noite”. Sobre seu primeiro dia na rua, ele define: *“eu lembro, foi horrível. Eu fui pro castelo lá no centro da cidade, tipo, só queria beber”*. Pergunto o que mais te marcou no primeiro dia nas ruas e ele diz:

Botafogo:

“Eu sonhava muito com a família, aí então aquele sofrimento me angustiava e eu não conseguia ficar sóbrio por conta disso... Eu não conseguia, cara...”

Pergunto se na opinião dele ele entendia ter se “acostumado” com a rua e ele responde:

Botafogo:

“Sim... Mas é o que acontece, por incrível que possa parecer. Você se acostuma. Cara, não sei se “acostuma” é a palavra certa, você se... condiciona também não... você se adapta. Acaba se adaptando, aí você vai aprendendo as manhas, eu não tinha essas manhas todas. Onde eu vou tomar banho? O que eu vou comer? Hoje não, hoje eu sei... Aí eu comecei a observar a conduta dos moradores de rua. As pessoas, quer dizer, elas podem até gostar de você, mas ao mesmo tempo sempre rola aquela desconfiança por você ser morador de rua. Quer dizer, a qualquer momento ele pode me roubar, ele pode me assaltar.”

Quando pergunto se casa é algo necessário ou se daria para viver sem, ele responde:

Botafogo:

“É... não aconselho... Tem uma questão de adaptação e você também fica vulnerável. Uma casa pra mim é um lar, é uma proteção, um lugar seguro, onde você entra, fecha sua porta e pronto. Pô, é legal, mas não sei se eu acostumo mais... [na rua] Você acaba se acostumando com isso aí também, uma interação com vários tipos de gente. Depois

de tanto tempo na rua, a gente começa a entender as pessoas. Assim... as formas de como é que eu vou tratar um ou outro. Quer dizer, o que vai desagradar, o que a pessoa pode... né? A recíproca ou não. Eu sinto as vezes no olhar. Tem morador de rua que só conversa com morador de rua, e tem morador de rua que não conversa com ninguém mesmo... não sei como consegue. Sei lá, eu acho que as vezes a pessoa se retrai numa redoma em volta de si mesmo, uma barreira. Tem pessoas que foram traídas, muito machucadas, magoadas, pela família, aí eu acho que começa a deixar de acreditar no próximo, então, pra não ter que se decepcionar de novo é melhor eu nem me envolver. Acho que o sentido é esse..”

Em outra data, um sábado, já no início da noite, por volta das 18h, conversava com Botafogo enquanto as luzes da rua eram acessas e iluminavam ele e Dingo situados na minha frente. Ele me contava de duas “duras” [abordagens] que tomou da polícia. Segundo as autoridades informaram, havia uma denúncia de perturbação da ordem no bairro e estavam atrás de facas e outros objetos cortantes. Botafogo diz entender, uma vez que as vezes furtos e roubos com tais objetos pareciam ocorrer. Ele me conta que uma história antiga, sobre a mesma situação atual de policiais atrás de facas junto a população em situação de rua:

Botafogo:

“Outra vez: O bonde do careca, era um careca que era daqueles carrão grandão, blazer, sei lá. E ele é ruim... Aí ele chegou, olhou pra mim e falou: “e aí coroa, tranquilão? Tá fazendo o que aí? Eu falei: tô bebendo minha pinga, fumando meu cigarro, conversando e escutando meu rádio, eu tô escutando futebol. Aí ele: “Vou quebrar o galho de vocês, eu só quero três faquinhas pra eu poder ir embora”. Aí um já olhou pra mim e já sabia que eu não ia aguentar, aí eu falei: “Você quer três? E se aqui tiver dez? Ou cinco? Agora, se tu achar...” Eu sabia que ninguém tinha, já tinha passado a visão pra rapaziada, não anda com faca, não tô andando com faca nem pra cortar fruta mais, antigamente podia. Tá, aí eu falei assim: “eu quero uma. Pra poder cortar minha fruta, eu não tenho dente, entendeu?”. Aí ele: “Fica tranquilo coroa, eu só quero três”. Eu falei: “Então procura, mas se você não achar eu quero uma, aí dentro desse camburão deve ter uma”. Virou as costas e foi embora...”

Demos risada da história e, enquanto isso, duas vans da Guarda Municipal pararam do outro lado da rua. Vários guardas se dirigiram à Praça Marinha do Brasil, momento em que várias pessoas, que aparentemente se situavam atrás da vegetação do local conhecido por ser uma “cena de uso”⁷⁷, correram. Botafogo me diz: “Ali ó, os

⁷⁷ Terminologia usada para descrever locais onde um grupo de pessoas faz uso de drogas.

viciados correndo, alá, alá, ao vivo e a cores, batida policial. Botaram até remédio de rato lá, cara, pode até matar.”

Apesar de algumas pessoas terem sido abordadas, ninguém foi preso na abordagem as vans se dispersaram e, em razão da hora, nos despedimos. Botafogo também se levantava para ir embora dali.

Volto outro dia, no meio da tarde de uma quarta-feira, um típico dia de meio de semana. Botafogo estava contente, havia conseguido um carrinho para carregar suas coisas, ele me conta: *“Vinte reais, comprei agora”*. Ele, que não havia dormido, me conta o motivo: uma gravação de uma série *“Arcanjo Renegado”* ocorreu ao longo da madrugada.

Botafogo:

“Cadê que eu dormi? E nós lá na beirada, aí eu falei, vou encher a cara, eu fiquei assistindo, poxa eu não vejo televisão não vejo nada. Caraca, o carro subiu e tal, tal, tal. Ficamos até de manhã assistindo. Nem dormi... Aproveitei, né? Vários pensamentos..., mas nunca pro mal, né? É, não, não deixei a tristeza chegar. E o Dingo, achei que ele ia fechar junto, ele dormiu.”

São quatro da tarde na calçada da Praia de Botafogo, altura do nº 142, lugar habitual de Botafogo, que me diz ter ouvido no rádio que o tempo iria esquentar. Por enquanto, naquele momento a realidade era de frio e vento, fazendo com que duas vidas conversassem sozinhas embaixo das cobertas, ele me conta sobre a conversa que teve com Dingo, seu cão:

Botafogo:

“Nós dois assim ó, embaixo da coberta, um olhando pro outro “aí fudeu, mané, deu ruim”, debaixo da coberta ele fica quietinho, aí eu conversei com ele debaixo da coberta “ó, ta vendo como ta aí fora...”

Outro dia, no horário que parece apressado das 18h de uma sexta-feira, Botafogo me conta que Dingo e Vida haviam comido o que pareciam ser pedrinhas de veneno de rato, do outro lado da rua, na praça Marinha do Brasil. A praça, que tem tido a presença de usuários de drogas, passava por um processo de sucessivas tentativas de “limpeza” e “expulsão” dessas pessoas pelas autoridades.

Botafogo narra que foi ao veterinário desesperado e, em razão do nervoso com o ocorrido, chegou a ficar com o pescoço travado e chorar, sendo acalmado por outros amigos também em situação de rua. Pergunto se Dingo está melhor e ele diz que sim.

Ele me conta das falas que ouve:

Botafogo:

“Acham que é um absurdo um cachorro tão bonito... Te falei da mulher que falou assim: “Isso aí é uma covardia”. Falei “Covardia, senhora, o que que é?” Ai ela: “o cachorro ser obrigado a ficar o dia inteiro preso.” [Botafogo responde] “O cachorro tá preso porque eu moro na rua.”

Botafogo:

- “Me tira tudo, mas não me tira esse cachorro. Eu só vivo por causa desse cachorro”.

Quando pergunto sobre o veneno, os usuários e essas falas, ele conclui: *“Faz parte do meu mundo de rua”*. Então, fico uma semana fora do Rio e, ao voltar, vou logo de encontro para saber como Botafogo e Dingo passaram a semana. O sentimento, àquela altura, era sempre o mesmo. Caminhava algumas quadras até dobrar à esquerda na esquina da Rua Marquês de Abrantes com Praia de Botafogo. Assim o fiz.

Quando dobrei a esquina, consegui avistar o longo corredor de vasos colocados na calçada em frente ao Edifício que toma quase metade daquele trecho da calçada. Quase ao seu final, vejo Botafogo com suas pernas esticadas. Algo se mexia ao seu lado, e presumi que era o Dingo com suas peripécias de um cão já mais crescidinho.

Segui tranquilo e cheguei sorrindo, mas Botafogo não me sorriu de volta. Em seu rosto não cabia sorriso, seu olhar já abrigava as lágrimas, sua expressão era de dor. Pergunto se está tudo bem e, ao reparar, vejo que quem estava ao seu lado era Vida, e não Dingo. Senti um sentimento confuso, que aqui talvez seja difícil de explicar, ele só me diz duas palavras: *“Dingo morreu”*, e chora.

Fico incrédulo como se partilhasse um pouco também a perda daquele cachorro, sinto como se fosse Loui, meu cão, que tivesse partido. Dingo, que tantas vezes mordeu meu cadarço e a caneta com a qual escrevia minhas anotações, esbanjava alegria e havia se tornado, como eu sabia, os instantes de felicidade e companhia de Botafogo, que agora tinham partido. Enquanto conversamos e Botafogo me conta detalhes do que aconteceu, uma senhora passa e diz, com Botafogo ainda chorando: *“Já tem outro cachorro? Ganhou outro?”*, fico profundamente incomodado, na rua sequer a dor alheia é respeitada.

Ele me conta que Dingo e Vida, após a ida ao veterinário, reagiram bem, mas,

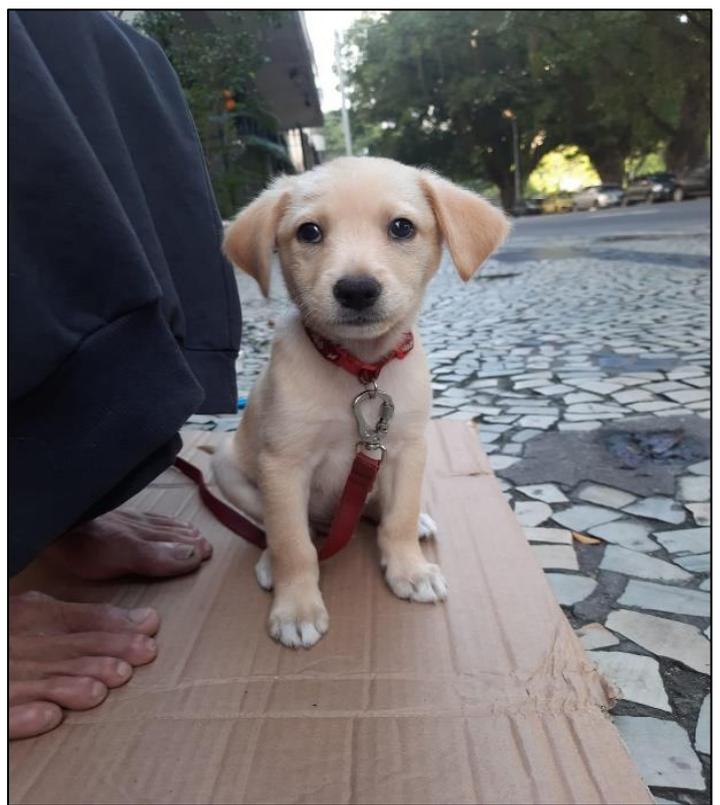
com o passar dos dias, Dingo piorou. Um defensor dos animais, Seu Júlio, até tentou intervir, mas era tarde, sem intenção alguma de romantizar uma tragédia cotidiana, transcrevo as palavras de Botafogo sobre os últimos momentos de Dingo

:

Botafogo:

“Ele não comia, morreu feio, muito feio... cagava sangue, vomitava. Me acordou pra morrer, fez assim no meu rosto, aí lambeu, aí eu sentei e falei: “quer ir no banheiro, filho?”, ele fez “cof, cof”, na terceira, vomitou sangue e caiu duro, eu não tô acreditando, cara. Eu tô acabado. Eu tô beliscando alguma coisa, eu não durmo, não como... Era nosso menino, cara. Eu socorri ele em menos de vinte minutos...”

Botafogo diz estar com saudade até das mordidas enquanto carros e pessoas passam alheios ao seu sofrimento num dia normal na cidade formada por casas e ruas. Ele me explica que já havia passado por coisa pior, por doenças, mas que aquilo o tinha derrubado. Ele completa, me dizendo que a comida “perdeu o gosto” e diz: “eu vivia pra aquele cachorro, meu parceiro”. Botafogo me pede uma foto impressa de Dingo e, aqui, deixa registradas algumas com sua autorização:





IV.I.II. Um dia após o outro: a Vida e o luto que na rua é verbo.

Levo duas fotos impressas de Botafogo e Dingo juntos, ele agradece e diz que iria guardá-las com carinho dentro da Bíblia, onde também guardou o TCLE quando lhe entreguei. Ele faz questão de falar que soube, através das pessoas que ali passavam, que outros cachorros também haviam sido envenenados no mesmo local, sendo um deles uma cachorrinha da raça “poodle” que estava, segundo ele, internada naquele momento.

Botafogo está de luto, sua expressão é cansada e sua fala adota um tom de vazio. Conversamos sobre outros assuntos, inclusive a recuperação da Vida, a cachorrinha sobrevivente. Dog, seu dono, estava a deixando sob os cuidados de Botafogo para que este não se sentisse só nesses momentos sem Dingo.

O clima quente não havia chegado, afinal, ainda era inverno, Botafogo diz ser mais difícil encontrá-lo ali quando faz frio, inclusive me conta sobre a fala de algumas pessoas, que quando o tempo está ruim dizem para ele: “*Vai pra casa, seu Botafogo*”. Pergunto onde seria essa casa e ele responde: “*Caraca, minha casa é enorme. Tenho vários imóveis [rindo]: é na Farani, é no hortifruti... o que não falta é imóvel.*”

Muitas pessoas passam enquanto conversamos, boa parte delas já sabe do falecimento de Dingo, noto que algumas demonstram maior sensibilidade, inclusive desejando-lhe seus sentimentos, enquanto outras parecem não sentir nenhuma. Ele

me confessa voltando ao assunto: “*Tudo me lembra ele*”.

Para dificultar, além da perda de Dingo, Botafogo estava também sem seu rádio, depois que um rapaz que ele conhecia pediu emprestado e sumiu. Um homem alto e corpulento, com voz grossa e arrastada e um jeito despojado para e pergunta:

Homem:

“*Como você tá?*”, o homem pergunta.

Botafogo:

“*Tamo levando na graça de Deus*”.

Homem:

“*Aí, meu irmão, cadê a porra do cachorro?*”

Botafogo:

“*Morreu... Os dois comeram veneno de rato. Essa daqui uma luta pra salvar, uma bolsa de remédios, levamos lá na clínica dezoito de fevereiro.*”

Homem:

“*Vem cá, deixa eu te perguntar numa boa, a gente já se conhece há algum tempo, o que que você imaginou que ia acontecer? Fugiu a tua realidade? Se deprime não, você já tem muita coisa pra se deprimir. Valeu?*”

Botafogo:

“*Valeu.*”

O homem sai, seu tom não era nada amigável e olho pra Botafogo que também parece não entender a razão daquela fala, ele só diz: “*Tá vindo do buteco ali, senta ali. Frequenta aquele barzinho dali, aí enjoa dali, já vai pro outro ali e toma-lhe cerveja. Tem grana*”. Contudo, apesar da aparente falta de empatia do homem, uma senhora passa e diz poucos minutos depois e fala: “*Senti muito sua dor, senti muito por você, eu já perdi três... Fique bem!*”, “ainda há esperança”, concluo.

Nos dias seguintes, Botafogo fica doente, segundo ele com gripe e com o “*corpo todo escangalhado*”. Ele segue com seu carrinho para guardar suas coisas e diz ter recebido remédios de uma “doutora” que passou por ali. Botafogo afirma, também, ter encontrado um “canto quentinho e sem vento” para passar a noite, na entrada de uma agência bancária ali perto.

Botafogo volta a falar de Dingo e conta que Seu Júlio, defensor dos animais que o teria ajudado, seguia passando ali para ter notícias de Vida [cachorrinha]. Ele me diz que quando Dingo faleceu: “*Nós dois choramos junto, choramos abraçados, isso aí é ser humano*”. Enquanto conversávamos, Botafogo em um dado momento se calou. Ele enfim diz uma só palavra enquanto tenta conter o choro:

Botafogo:

“Saudades.”

Uma senhora vem andando com seu carrinho de feira e para diante de nós, possivelmente ao vê-lo chorar. Ela pergunta: *“Está tudo bem?”*. Botafogo responde: *“Tudo bem, são só lembranças...”* A senhora indaga se ele havia caído, uma vez que Botafogo está com um ralado na testa. Ele explica, sorrindo ainda com lágrimas no rosto: *“Foi uma tábua, cismaram de fazer um barraquinho, pra proteger do vento, e eu tô abaixado mexendo no meu rádio e a tábua veio e pumba.”* Ela responde: *“Que sorte que o senhor deu, hein? Podia ter morrido. Um abraço pra você”* ele responde: *“tá bom, pra senhora também, obrigado”*.

Falando de lembranças e perdas, ele novamente me conta que sua avó foi sua primeira grande perda e explica sobre a relação conflituosa com seu tio, que o fez se mudar da casa de sua família, quando ainda não era casado: *“nunca mais volte!”*.

Os dias novamente passam, encontro Botafogo agora com uma tosse seca, mas ele me diz que te deram xarope e remédios, então eu pergunto se algum serviço médico passa na rua e ele diz que não, que é necessário ir buscar atendimento e que, em geral, se é bem atendido na sua opinião. Quando pergunto em que serviço se deve ir, ele responde:

Botafogo:

“Na clínica da família. Mesmo você falando que é morador de rua, porque antigamente a gente tinha medo de falar que era morador de rua, porque tinha aquela visão que os caras tavam dando injeção pra matar, entendeu? Então a gente tinha medo... Eu tinha medo, inventava um endereço, dava um jeito.”

Em outro dia, nos encontramos e Botafogo havia perdido seu carrinho ao dormir em um lugar diferente, mas ganhado um rádio de pilhas que, segundo ele, dormia agora dentro das calças para não ser roubado. O lugar onde estava dormindo com frequência, o estacionamento do “Seu Paulo”, debaixo do Viaduto San Tiago Dantas, era sujo, mas nesse sentido seguro, impondo uma constante reflexão nele entre manter-se limpo ou manter-se livre de furtos a noite. Brinco que por vinte reais o carrinho durou bastante e ele ri, repetindo: *“Vão-se os anéis... Eu que dei mole, tranquilo”*.

Botafogo encerra a conversa dizendo: *“Dingo me distraía, agora é só o rádio”*,

e conclui com uma mensagem: *“Nunca deixe de acreditar, que alguém possa fazer alguma coisa, pra bem e pro mal, na rua é assim. Em todos os segmentos da vida, na verdade.”*

Na última vez que conversamos com relação a este trabalho, Botafogo me contou sobre as novidades dos últimos dias: tinha ganhado um colchão “levinho” ótimo para transportar, seu rádio estava com um botão quebrado, mas seguia funcionando e um colega seu, chamado “marreco”, havia sido atropelado e levado ao hospital para se recuperar.

Notei que Botafogo trazia em sua mochila alguns jornais de propaganda de uma loja de departamento e ele me diz que eles têm múltiplas funções, servindo tanto para evitar que uma comida esfrie como de papel higiênico.

Uma senhora que conhece Botafogo passa e pergunta sobre o andamento do trabalho: *“ainda está fazendo seu TCC?”*, ela menciona a partida de Dingo e diz para Botafogo que era visível o quanto o cachorrinho o amava. Falamos das mordidas durante as conversas e Botafogo conta algumas histórias com seu companheiro. A senhora conta a história de uma médica que, segundo ela, vive há muitos anos em situação de rua no bairro de Copacabana e afirma sobre a visão geral das pessoas com relação ao grupo:

Senhora:

“Pra você ver as coisas que tem na rua, e as pessoas passam, e quando chegam aqui puxam a criança: “passa perto não, é de rua, é gente de rua”. Ela continua: “Quem sabe amanhã eu estou na rua? (...) A vida é uma rua de mão dupla, você vai pra lá você vai semeando, agora quando você volta a colheita é obrigatória. Semeou espinhos pra lá...”

Outra senhora com mais idade passa por ali e logo se dirige a Botafogo, perguntando como ele estava. Eles conversam sobre o frio dos últimos dias e ela diz: *“Ai, eu só fico pensando em você, meu deus, cadê o [nome], tá no viaduto, tá onde?”*. Ele sorri, agradece e conta que havia lembrado dela naquele mesmo dia: *“Quando eu sento aqui, aí vem um e eu já me recordo de outro e eu lembrei da senhora hoje, do pastelzinho”*. Quase sempre que passa, a senhora lhe traz um pastelzinho de um restaurante próximo.

Passamos a falar de um assunto que foi recorrente em nossos diálogos: a questão da comida. Pergunto como que é essa realidade de depender de doações

para se alimentar, sendo que em alguns dias se recebe bastante comida e em outros, muito pouca.

Ele me explica que por estar ali há bastante tempo, tem dias que recebe bastante comida, tanto refeições como itens do mercado, sendo que o mais comum é doarem salgado, biscoitos ou refrigerantes. No entanto, ele conta: “*tem dias que nem eu entendo*” e conclui “*parece que é provação mesmo*”, se referindo aos dias que não ganha nada. No último, ele afirma, se deslocou andando até o bairro vizinho para conseguir comer um “x-tudo” de madrugada, ficando cansado na volta, dormindo em um lugar que não é habitual e tendo seu carrinho furtado. Pergunto como foi esse dia e ele diz que só tinha comido bem cedo:

Botafogo:

“É... Só bem cedo, mas aí a noite dá fome. Tipo, eu comi de dia mas depois também não comi mais nada, nada nada, aí a noite deu uma fome, uma fome, uma fome... Ainda mais agora esse tempo frio.... É uma angústia... as vezes é aquele [imita o barulho na barriga], caraca, aí [imita outro barulho mais grave na barriga]. E empurra água pra dentro... Aí se tiver um trocado vai ali. Ó, eu já me alimentei de bala, de bombom, entendeu?”

Botafogo:

“E realmente nem eu sei como explicar isso... Tem dia que realmente... Aí tem dia que parece que é uma enxurrada. Agora, nesse sentido da fome, tem dia que perco o tempo da bola, como eu digo. Aí o que acontece, eu fico agoniado e ao mesmo tempo resiliente, né? Aí eu fico naquela comigo mesmo: “pô era pra tu ter ido, aí tudo perdeu a hora...”

Falando sobre a questão do pedir, ele explica que tem a liberdade de pedir em lugares que outras pessoas não podem por ser conhecido e ter educação. São três da tarde e Botafogo fala que, se eu não tivesse trazido uma quentinha, seu almoço seria o pastelzinho entregue pela senhora e que, naquele horário, sem ter comido nada, “já ia começar a ficar agoniado”, tendo que “mudar” a estratégia para conseguir algo para comer.

Ele me conta de um dia que adormeceu antes de comer e, ao acordar de madrugada, haviam comido sua comida, então pergunto se ele já chegou a dormir sem ter o que comer e ele responde:

Botafogo:

“Já... tem que ter.... não é qualquer um.... Aprende, né? É horrível.

Teve um dia, agonia, garra d'água, aí eu lembrei que tinha um bombom, caralho eu tinha esquecido do bombom. Cara, sabe o que que é tu comer um bombom... Aí tá, deitei... Porra, mano, eu só sonhava com comida. Entendeu? Então tem essas coisas.... Mas, é assim, aqui é o certo e o incerto. Ó, pior coisa é... eu tento me controlar psicologicamente, aí ligo o rádio, aí tem hora que me emputeço e desligo o rádio, pensando comigo “calma, calma, não fica afobado”, pior coisa, aí você olha pro lado, nenhum conhecido, pô... Meu irmão, ó, eu tô aqui até hoje porque eu dou aula mesmo. Sofri pra cacete também, vacilei quando era mais novo, nas biritas, mas ao mesmo tempo, a gente aprende a se virar e entender que é assim... Vou levando na... Tem hora que eu ajudo, que eu vejo que a pessoa realmente tá no sufoco. Pô, Eu tinha coberta e o cara não tinha nada, eu de casaco e calça, mas por baixo tinha uma bermuda. Eu tirei a meia, tirei a calça, peguei o casaco e dei pro cara, falei: “A coberta eu só tenho essa, então eu vou ficar de bermuda, sem meia, sem casaco, com a minha coberta e aí você...” aqui eu sou conhecido por isso.”

Quando pergunto para Botafogo sobre o que é fome na sua opinião, ele me diz:

Botafogo:

“A fome é horrível, é muito triste, a palavra já é triste. Teve um dia que eu tava tão cansado que eu dormi e esqueci do alimento... Quando eu me liguei, era quatro e pouco [da manhã]. Tipo, num domingo, numa segunda-feira, se tu for... vai ter que pelejar, eu já pelejei muito. Já fui pro Largo do Machado e voltei com um [salgadinho] Fofura. Mangueei tudo que eu podia, de lanche, de alguma coisa pra comer e nada, aí eu vi a banca 24h ali no planalto, encostei ali e falei: “pô, meu amigo, olha só, tô com muita fome mesmo, entendeu? Me arruma um biscoitinho desse aqui? [Ele disse] “Pode pegar aí”, e eu vim comendo biscoito fofura satisfeito, parecia filet mignon... Sabe? Aí bebi uma água e deitei, eu sempre faço minhas orações de madrugada...”

IV.II. Mineiro – “Eu tenho que sorrir mesmo sem o dente, porque o sorriso vem de dentro pra fora.”

Certo dia estava “flanando”⁷⁸ pelas ruas do Bairro do Flamengo, percorrendo as ruas que me eram menos familiares para tentar sentir seus movimentos e reparar seus contornos. Era um dia de sol forte, daqueles que castiga, mas também atribui

⁷⁸ Nas palavras de João do Rio: “Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população (...) É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado flâneur ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas. Do alto de uma janela como Paul Adam, admira o caleidoscópio da vida no epítome delirante que é a rua;” (2013, p. 21/22).

calor a uma vida por vezes tão cinzenta nas grandes cidades. Resolvi entrar em uma rua que não me lembrava de ter percorrido antes, coberta por um corredor de prédios e árvores que a deixavam quase por completo na sombra, o que parecia também conveniente naquele momento.

Notei que era uma rua, como dizem, essencialmente “residencial”, no entanto, quando ia chegando ao seu final, percorrendo a calçada direita no sentido dos carros, notei um rapaz sentado no chão com alguns pedaços de papelão e uma sacola de papel Kraft de um supermercado local.

O rapaz era jovem, na casa dos trinta anos, de pele negra, vestia uma bermuda de tactel em tons de azul, uma camiseta de cor amarelo mostarda e um par de chinelos “havaianas” que pareciam esgarçados pelo uso assim como a sola de seus pés, marcada por rachaduras.

O homem era Mineiro, 37 anos, nascido em Contagem, Minas Gerais, que puxou assunto comigo para saber o que eu estava fazendo andando pelas ruas do Bairro do Flamengo com uma pasta com alguns papéis e um pequeno caderno na mão. Quando lhe expliquei sobre a pesquisa, ele prontamente topou participar do presente trabalho e responder as questões propostas com uma energia e alegria que, com o tempo, percebi que lhe são próprias.

Logo no início do diálogo, conversamos sobre a questão da abertura das pessoas que estão em situação de rua em se abrir para falar da vida com “estranhos”. Ele me diz que: *“as pessoas na rua muitas das vezes, como eu posso dizer... As pessoas na rua elas são mais fechadas e elas não estão tão abertas a se abrir”*.

Ele me explica que para as pessoas que estão “vivenciando a pista, o asfalto e a rua”, um dos maiores medos reside justamente no desconhecido, onde se situa também um preconceito muito perceptível e frequente. Segundo ele, todo mundo é ser humano como qualquer outro, com um passado e um futuro que pode ser melhor e que independe desse presente marcado pela situação de rua.

Mineiro tem vários documentos e afirma querer voltar pra Contagem somente quando estiver estabilizado: *“vai voltar do mesmo jeito que você saiu? Ou até pior?”*. Ele afirma manter contato com a família através da internet e das redes sociais, sendo mais frequente o uso destas quando consegue comprar um “celularzinho”, uma vez que nos serviços públicos existentes o acesso à internet é precário.

Ele trata desse aspecto de sua vida e dá explicação de seu contexto familiar quando diz:

Mineiro:

“Eu sou da rua, eu sou rueiro. Não tenho pai, mas tenho mãe, minha mãe é idosa. Saí [de casa] porque eu sabia que eu ia pro boteco, sabia que ia estar na rua com várias pessoas que não iam estar usando máscara. [E pensei] Eu vou acabar levando doença. Eu sou da pista, eu saio, depois eu volto.”

Mineiro conta que durante a pandemia morava de aluguel na região de Belo Horizonte, sendo esta sua “terceira temporada” na cidade do Rio de Janeiro, segundo ele, a “mais sagaz”. Na primeira, trabalhou na Ilha do Governador, morou no Catumbi e depois conseguiu um emprego como Pizzaiolo em no bairro de Copacabana. Na segunda temporada, com um pouco de dinheiro juntado, foi conhecer a Ilha Grande, tirando várias fotos e “passando legal” o tempo pelo Rio. Essa última, a que chama de “terceira temporada”, já no cenário pós-pandêmico, as coisas estavam mais difíceis, sendo sua pior experiência. No entanto, ele diz: *“tudo é aprendido, cada momento da vida a gente adquire mais bagagem, mais estrutura. O momento que a gente acha que sabe tudo, a gente pode ir embora desse planeta, porque aí não tem mais o que conviver com as pessoas.”*

Para Mineiro, a cidade do Rio, sendo a segunda maior capital do Brasil, é muito próspera, mas com certa dificuldade de qualidade de vida para “quem precisa”. Segundo ele, *“nem todo mundo tem condição financeira para pagar um lugar pra dormir”,* e explica seu pensamento ao dizer que: *“Se eu arrumo um trabalho aqui, preciso ir pra um morrinho pagar um aluguel mais barato pra morar, mas não vou ter condições, precisaria de um albergue, de um hostel. Falta isso pras pessoas ainda.”*

Mineiro, que é jovem, diz ainda ter muito pra queimar e me conta das possibilidades de lugar para dormir na região, havendo um hotel no Catete, que em parceria com a prefeitura, oferece quartos para pessoas passarem a noite de graça. Ele me explica: *“Só pode entrar às 19h, passa a noite, ganha uma janta, toma um banho e tem que sair às 6h. Isso seria ótimo pra quem tá trabalhando. Lugar pra descansar rapidinho e ir pro trabalho.”*

Quem não tem trabalho, precisa passar o dia na rua, se virando para conseguir se alimentar até o horário em que é permitida a entrada no hotel e se organizando para não ir longe e conseguir voltar a tempo de conseguir uma das vagas, que são limitadas. Sobre esse dia na rua, Mineiro me apresenta logo um olhar sobre as dificuldades mais concretas:

Mineiro:

“A pessoa tá o dia inteiro na rua dormindo num banco duro ou no chão de pedra, cheio de desnível, imagina como sua coluna não fica.”

Mineiro me mostra um vasto currículo impresso em um serviço público, onde constam suas experiências como “repositor de mercadoria, conferente de mercadoria, fiscal de loja, auxiliar de produção, pizzaiolo”, entre outras funções. Ele, que tem ensino médio completo, curso técnico em logística e não tem endereço, sendo obrigado a colocar o de um albergue que frequentou anteriormente, reclama: *“Cadê a oportunidade?”*. Pergunto sobre o endereço e ele me diz que aquele é de um albergue no centro e que você precisa colocar endereço para arrumar emprego, e simula o seguinte diálogo: *“Você mora onde? ah eu moro na calçada x, qual que é o número da sua calçada? eu te acho lá? o Sedex chega lá? entendeu?”*, ele fala dando risada.

Pergunto sobre suas experiências no mercado de trabalho e sua última experiência como Pizzaiolo, e ele me diz que ser Pizzaiolo é bom, mas não lhe dá qualidade de vida diante da longa carga horária e a remuneração limitada. Ele então me pergunta, qual a única certeza que você tem? E logo responde: *“que você vai morrer”*, afirmando que *“você tem que ter qualidade de vida”*. Pergunto se ele tem vontade de sair da rua e ele diz: *“Lógico. A rua é lugar de passagem, passa carro e passa pessoas, mas não é lugar de estacionar.”*

Segundo mineiro o que mais falta é oportunidade de emprego, porque *“com emprego você paga seu aluguel, ali você faz um curso, você se prepara, vai ter um local fixo, vai buscando dia após dia, entendeu? Tribulações todo mundo passa.”*

Quando pergunto o maior desafio em situação de rua, ele afirma categoricamente:

Mineiro:

“Segurança. Você não tem segurança nenhuma. Você não tem colete. Alguém passa, pode não gostar de você, pode te dar uma facada, você não tem olho nas costas, entendeu? Pode tacar fogo em você, igual fizeram com o índio.”

Mineiro me afirma que a rua não tem um lado bom mas que nela você pode trabalhar e conhecer algumas pessoas positivas e outras nem tanto, abrindo um “leque de conhecimento”. Ele conclui que isso *“te agrega uma valorização na sua vida, porque tudo é um aprendizado. Mas pras pessoas em situação de rua, que acorda,*

dorme, almoça, janta na rua, não. A lugar é pra passar, pra passar pedestre. Não tem lado bom.”

Pergunto se a rua tem algum significado para ele e de que forma ele a definiria e ele responde:

Mineiro:

“Um significado? Que ela não é brincadeira, ela não é uma brincadeira. Ela bate, bate com força. Enquanto você aguentar segurar a pancada você tá em pé.”

Filipe:

Você acha que a rua é violenta então?

Mineiro:

“Muito! Muito, muito violenta.”

Filipe:

Essa violência você acha que é das pessoas que estão na rua ou da rua em si, esse espaço violento?

Mineiro:

“Da rua em si. Sabe por quê? Suponhamos que tem um bar ali na ponta ali, tem uma turma tomando uma cagibrina, está um cidadão aqui deitado, aí vem a galera, sai do bar chapado, aí, vou fazer algumas versões. Versão número 1: “aí me arruma um cigarro fazendo favor?” Aí vai xingar verbalmente. Outra versão: “me dá uma coisa pra comer?”, “dou o caralho” eles passam xingando. Dependendo da turma: vamos dar um bicudo nesse cara? Vamo fazer esse negrito andar, vamos fazer ele sair do nosso bairro. Tá sujando a rua.” Ele simula gritos de alguém correndo em desespero e de golpes sendo desferidos e conclui: “pronto, cai, bate a cabeça e é traumatismo craniano. Aí alguém pergunta: o que aconteceu?” e vão dizer: Não, era só brincadeira”

Filipe:

Já aconteceu? Já viu acontecer?

Mineiro:

“Isso acontece”, ele responde.

Pergunto então se ele considera que na rua existem direitos para quem está

em situação de rua e ele afirma: *“Não existe direito. A rua tem direito pra uma coisa: pro carro e pro pedestre. O carro tem que parar na faixa e o pedestre tem que passar na faixa, pronto.”*

Quando peço para ele me explicar sobre essa questão do lugar de cada coisa, ele diz:

Mineiro:

“É porque pessoa não é pra tá na rua. Pessoa não foi feita pra tá na rua. Pessoa não nasceu pra tá na rua. Não tem como, não tem como você falar que um ser humano merece estar na rua, não existe isso. Principalmente com tantos prédios vagos, com tanto espaço. Num país que é o melhor país do mundo, que tem terras, mas fica tudo parado pra... pra criar mato. Nada que produz, que gere alimento, numa terra tão produtiva.”

Mineiro me explica que, na sua visão, cidadão é cidadão, independente de onde mora: *“pode morar até numa barraca”*. Para ele, a vestimenta não fala por alguém, de modo que alguém não deveria ser tratado diferente em razão do que está vestindo. Segundo ele, cidadão *“se chama pagador de impostos. Eu sou cidadão, até quando eu compro uma bala. O que falta no nosso sistema é respeito. A polícia tem que me dar respeito como cidadão.”*

Quando pergunto o que, na sua opinião, mantém viva uma pessoa em situação de rua, ele responde: *“Medo”*. Então pergunto do que seria esse medo e ele completa:

Mineiro:

“Medo do desconhecido. Porque agora tá lindo o céu, mas o céu escurece, e quando ele escurece é um outro turno, e aquele outro turno é um pouco mais macabro, é linda a lua, é linda a noite, mas pra quem tá dentro de um local, pra quem tá seguro.”

Mineiro explica que, na sua opinião, além da rua ser insegura, a noite é o pior momento para quem está em situação de rua e completa:

Mineiro:

“Muita das vezes, não posso falar pelos outros, só posso falar por mim. A pessoa se envolve com as drogas, falo drogas do começo ao fim, álcool até os entorpecentes. Ela se envolve com as drogas pra equilibrar esse medo, essa frustração. Porque você tá em campo aberto, cara.”

Filipe:

É frustrante isso? Pergunto.

Mineiro:

“Muito, muito... você sabe por quê? Você está à deriva. Ó, estou ouvindo esse cara raspar a parede aqui atrás [obra], mas eu não estou vendo, e quando você fecha os seus olhos e vai descansar? Passa milhões de pessoas, toda hora tá passando alguém, a intenção do coração só Deus sabe, entendeu? Então, é inseguro.”

Mineiro fala que está há alguns meses no bairro e que há muito pouca oferta de comida sobretudo se considerarmos o Rio como segunda maior capital do Brasil, ele fala de algumas possibilidades: *“de quinta no catete, café do largo do machado, café na glória quinta e parece que uma vez ao mês rola vestuário, é uma ong, um grupo de pessoas que tá tentando ajudar”*. Pergunto se ele chega a ir nesses lugares e ele diz: *“Lógico. Já viu carro sem combustível andar?”*. Pergunto pra ele como é o dia a dia para conseguir comida e ele diz: *“eu vou ser sincero pra você, é pesado. Porque no centro a demanda é muito grande, a demanda cresceu muito.”*

Segundo ele, alguns espaços obsoletos poderiam ser usados para se ofertar doação a quem precisa, facilitar a demanda de quem doar e de quem precisa receber. Ele fala: *“O que eu passo, eu fico muito triste de pensar uma criança que tá aqui na rua, porque eu não nasci na rua. Você vê mães parindo filhos na rua... Pô, irmão, no melhor lugar do mundo, você vê isso, essa criança crescendo com o pai chapando o melão na rua. Você vai querer mudar uma arvore depois que cresceu? Essa criança vai crescer desnorteada.”*

Mineiro diz que na rua não se tem amigos, se tem colegas e que dorme sempre com Deus. Ele diz gostar de ler e observo um livro grosso em uma sacola parda que ele tinha ao lado de si, e ele me conta: *“Achei na rua. É um erro, jogar um livro fora. Olha esse livro, novinho, jogaram fora, mas ele tem uma história”*. O livro é “Lua Nova” da série Twilight, romance escrito por Stephenie Meyer.

Ele, que sugere uma ideia que para ele é tão simples: fazer uma bancada pra se pegar livro para ler, compartilhar e doar. Ele confessa que “viaja” mais em livros do que em um celular, e explica:

Mineiro:

“Eu viajo mais num livro do que no celular. Sabe por quê? Porque aqui eu vou fazer a mentalização, eu não vou estar só vendo o que a pessoa postar. Eu me coloco como ator principal, eu me coloco lá”, ele fala rindo.

Pergunto o que ele considera como sendo liberdade e ele responde:

Mineiro:

“Liberdade? Aí você me pegou. A liberdade ela está maquiada. Com trabalho você conquista qualidade de vida. Um trabalho que te valoriza. Eu tenho que ter foco, tenho que ter direção, eu tô sendo visto. Nossos políticos eles são um exemplo, nós colocamos eles lá pra eles fazerem um papel bacana pra sociedade. Mas eles fazem um papel ridículo. Nós brasileiros somos chacota, vivemos no melhor lugar do mundo mas somos chacota, aí vem os estrangeiros e querem pagar uma merreca, assim vamos perder nossa origem, nossa identidade. Ah você é brasileiro? Então eu vou pagar uma merrequinha. O brasileiro vai deixando, as escolas um caos, os jovens um caos, e os estrangeiros: que povo otário, eles não se unem. O povo brasileiro é desunido, é unido só no carnaval.”

Mineiro, que afirma gostar de carnaval fala que, em sentido contrário, prisão significaria para ele ter uma mente retraída por vários bloqueios e se sentir preso por várias correntes, ainda que diante de uma falsa liberdade. Quando pergunto se ele tem algum sonho, ele responde:

Mineiro:

“Meu sonho é literalmente ver o povo brasileiro um pouquinho mais alegre do que ele é dentro dele mesmo. O brasileiro já é de nascença um povo muito alegre, mas hoje a alegria dele tá muito fútil. Num final de semana ele extravasa, se sente aprisionado por um sistema, por um emprego, por um modo de vida. Qualidade de vida pra alguns e pra outros nenhuma.”

Para ele, qualidade de vida se ganha com trabalho. Mineiro declara que o Brasil é o melhor lugar do mundo na sua opinião e afirma: *“Eu sou brasileiro, eu num sou uma bandeira, não sou um estado. Eu sou raiz, eu sou essa terra”*.

Sobre problemas de saúde, ele afirma com bom humor que “só financeira” e que graças ao Sistema Único de Saúde, qualquer dorzinha ele vai cuidar. Mineiro me mostra sua certidão de quitação eleitoral recentemente expedida e diz valorizar a importância do voto, isto é, de cumprir com seu papel como cidadão e de participar da eleição de representantes que sejam bons para o país. Ele, que tinha onze registros de emprego em seu currículo naquele dia e mostrava-se preocupado com o Brasil, não havia comido nada até perto de meio dia e ainda assim queria acabar as perguntas antes de almoçar. Pergunto o que ele escolheria pra comer e ele diz:

Mineiro:

“Um arroz e feijão, né?”, e ri.

Filipe:

É todo dia que dá pra comer arroz e feijão?

Mineiro:

“Não, quando não dá é salgado, biscoito, talvez você arruma um miojo, passa na padaria pega uma água quente, pega a água do café e o miojo dá aquela amolecida e dá pra dar uma alimentada. Mas não deveria [ser assim], né? Dias melhores virão.”

Filipe:

E quando chove?

Mineiro:

- “Uma merda, né? Aí deu ruim. Se a pessoa conseguir uma vaga no hotel, tranquilo... Tem que ir cedo e ficar na fila. Se não consegui, aí se chama marquise. Aí vai dar ruim, observa essa rua, quase não tem marquise, as que tem são fechadas. O cidadão, não sei por qual finalidade, elas endureceram muito o coração pras pessoas mais vulnerável mesmo. Muitos lugares colocam pedra, tem um nome pra isso, eu não lembro bem.”

Filipe:

Aporofobia? Arquitetura Hostil?

Mineiro:

“Isso, aporofobia, isso ganhou força pra caramba...”

Um cachorro passa e ele faz carinho e diz que gosta de passar a mão no cachorro dos outros já que não pode cuidar de um, ele fala:

Mineiro:

“Eu gosto de passar a mão no cachorro dos outros, eu não posso cuidar mesmo, só que eu não pego porque eu não cuido nem de mim, vou cuidar dele? Mas eu queria, melhor amigo do homem. Pô, sabendo que tem uma vida ali, vou deixar desamparado? Não, vai, sofre eu... Nem filho eu coloco no mundo. Pela situação que eu me encontro, eu ainda, o senhor me deu uma armadura, que vai resistir a um não que o universo vai me dar, mas talvez meu filho não consiga, que ele venha com um DNA mais frágil. Eu que tenho que ser o pilar dele, num vou ser o pilar dele e aí ele vai passar perrengue, e aí vai sofrer o que o sistema tem para oferecer: uma prisão.”

Falando sobre cuidado e essa armadura, pergunto o que ele considerava que era o amor e ele responde: *“Amor é isso, você não colocar um filho no mundo pra ele não sofrer”*. Passamos a falar sobre o julgamento das pessoas que passam com relação a quem vive em situação de rua e mineiro explica:

Mineiro:

“Não. As pessoas estão só observando, nós somos vigiados mais que o Big Brother. Só que as pessoas observando, elas não vêem, elas não se comovem. O julgamento [delas] é uma barreira, é o pré-conceito.

Parar? Nada, vai parar pra conversar com maloqueiro? Elas passam com medo, querem passar o mais rápido possível, elas querem dar o passo mais largo possível, pra não se comunicar com aquele seu próximo.”

Filipe:

Se você pudesse escolher, que as próximas pessoas que passassem aqui pudessem te dar roupa, comida ou atenção, conversa... O que você acha que seria melhor?

Mineiro:

“Uma palavra. Uma palavra ela tem poder, pode agregar coisas positivas ou negativas. Eu quero a palavra, porque com uma palavra positiva ela vai agregar firmeza a luta contra o obstáculo. Somos guerreiros, mas o guerreiro também chora, também sofre.”

Filipe:

E Como você se definiria?

Mineiro:

“Em combate, muitas das vezes mais tomando flechada que atirando, mas jamais desistindo. Mesmo que venha as frustrações..... Esse dente aqui, ele saiu, ele quis me rebaixar, mas eu não sou só um dente. Fiquei triste, é onde as pessoas olham, vai tirar uma foto, tirar uma selfie, dar um sorriso. Mas eu não sou só um dente, um braço, eu sou o conjunto da obra. Eu tenho que sorrir mesmo sem o dente, porque o sorriso vem de dentro pra fora.”

Era hora do almoço e Mineiro sugere que andemos um pouco mais para achar uma opção mais em conta. Compramos duas quentinhas de frango com legumes e dois refrescos Guaravita por R\$30 e fomos comer no Largo do Machado. Ele me conta que gosta de comer na praça porque tem “até mesa” e prefere se alimentar ao ar livre, opção que é, segundo explica, melhor que restaurante principalmente em lugares geralmente abafados como o Rio.

Pergunto sobre a existência de banheiros e ele diz que para “tirar água do joelho” tem que encontrar alguma árvore escondida, ver se não tem polícia ou alguma senhora enjoada passando. Uma van da assistência passa por nós e ele, sobre o serviço, fala que é só “*migué pra manter o salário e o emprego deles*”. À nossa volta, na praça, um número considerável de jovens consome o que Mineiro afirma ser “*thinner*”, uma mistura de solventes que possui efeito narcótico.

Ele aponta para um antigo prédio e fala: “*vou te mostrar uma coisa que só existe na placa*”, no lugar apontado, está escrito “Ao povo o governo”. Trata-se do Centro Educacional Amaro Cavalcanti, uma das chamadas “escolas do Imperador”, construídas por ordem de D. Pedro II e que ainda é utilizada para educação pública.

Mineiro ressalta que no meu trabalho, nem todo mundo vai querer conversar comigo ou me dar um meio de contato, uma vez que há um universo grande de

pessoas de diferentes perfis na rua:

Mineiro:

“Nem todo mundo vai te dar o contato, tem ex-presidiário, nem todo mundo é como eu, eu sou diferente. Não tenho antecedentes, quando tiver chapado nem conversa. Quando ver uma barrigudinha não vá, porque eles não estão em estado pra conversar. Vai em grupo menores. Eu vejo que seu trabalho é muito sério, que mexe com profundidades”, ele diz.

Vamos até o hotel que ele mencionou ter dormido na última noite, é um prédio de fachada simples na Rua Pedro Américo, 173, no bairro do Catete. Novamente pergunto sobre como ele faz para se virar durante o dia, já que o local é apenas para pernoite, e ele responde:

Mineiro:

“A gente sempre arruma um jeito. Na rua a gente sempre arruma um jeito.”

Segundo ele, o plano naquele momento vender os bombons que estão com ele, comprar mais, “fazer um dinheiro” e imprimir currículos para distribuir. Enquanto andamos, ele passa a partilhar vários conhecimentos sobre a situação de rua, que segundo ele poderiam ajudar no meu trabalho:

Mineiro:

“Uma das maiores dificuldades do morador de rua é se locomover. Transporte público é difícil alguém deixar você andar. Cachorro é uma segurança também. As pessoas da rua não ficam em ruas menos movimentadas porque você não vai conseguir alimento. Não vai ter tanta atenção. Pra descansar é melhor porque tem menos atenção, menos circulação, mas não consegue nada. A população até se sensibiliza, mas as coisas são muito caras e nem toda hora a pessoa tem pra ajudar. Tem pessoas que estão na rua não só por drogas e álcool, mas por relacionamentos, crises, perdas... perda de patrimônio.”

Pergunto se existem serviços pra apoio à saúde mental e de enfrentamento dessas outras vulnerabilidades ligadas à ruptura de laços, ele diz:

Mineiro:

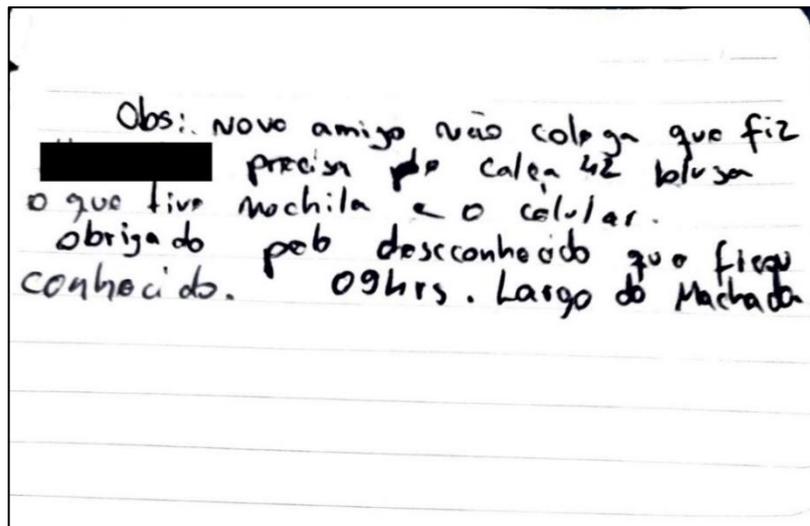
“Não tem. A assistência deveria fazer, a abordagem deles muitas das

vezes é pra tirar as pessoas das vias públicas pra mostrar que ali não tem pessoas com tantas dificuldades, levam pra ilha do governador.” Ele volta a explicar sobre o dia a dia na rua:

Mineiro:

- “Tem algumas pessoas que estão durante o dia aqui na rua, mas de noite vão pro hotel. É um círculo de oportunidades. Ela não pode ir tão distante do abrigo também e não conseguir voltar pela distância e pelo cansaço. A rua cansa, ela tira a energia das pessoas. Alimentação que não é forte, e ainda tem que andar bastante.”

Ao final da nossa conversa, ele escreve para mim alguns itens que precisava e marca comigo outro dia para nos encontrarmos:



Caderno de campo: Anotação feita por Mineiro com seu nome verdadeiro, que foi ocultado para preservar sua identidade.

Pouco tempo depois, Mineiro, após arrumar um celular, me enviou um áudio através das redes sociais, perguntando como eu estava e querendo saber sobre o andamento do trabalho, ele me conta que tinha ido para São Paulo em busca de novas oportunidades:

Mineiro:

“Vou tentar ver o que acontece por aqui, vou ver o que eu faço acontecer de melhoria aqui, vou ver se consigo evoluir nas balinhas, já olhando uns trabalhos. Você sabe que eu não joga pra perder e vou correr atrás da vitória. Aí tava muito complicado os hotéis, tinha que sair sem rumo, sem direção. E aqui pelo menos tem uma condição um pouco melhor, entendeu? Pra eu estar me ajeitando, preciso voltar pro mercado de trabalho. É até bom, mas daqui a pouco começa a garoar, o tempo de chuva, aqui é embaçado, a friagem até mata. E você sabe, sozinho ninguém consegue nada.”

IV.III. Barba: “O falar são como janelas que se abrem e formam frases no entender daqueles que ouvem”

Barba é mais uma pessoa em situação de rua no meio da multidão que anda a passos largos na Rua Senador Vergueiro, no Flamengo. Quando o encontrei pela primeira vez, o tempo, que era bom, se fechou com a chegada de várias nuvens carregadas de chuva. O dia ficou cinza e as pessoas pareciam apertar ainda mais o ritmo de suas caminhadas em direção aos seus destinos diversos. Barba, por sua vez, não tinha pressa alguma. Ele estava sentado em papelões, um deles uma caixa de ovos amassada de cor roxa que destoava dos demais. Suas pernas estão dobradas para o lado direito e suas mãos em cima de uma sacola de ráfia com algumas moedas.

Barba me olha do chão, com olhar caído e melancólico, mas não pede dinheiro. Ele veste apenas uma bermuda jeans clara que aparenta não ser do seu número com um cinto verde militar. Seus pés estão descalços, mas há, ao lado, um chinelo Rider preto e uma camisa de botão azul embolada. Ele é um homem pardo e alto, com cabelo e barba grossos em tom mesclado de branco e preto.

Barba antecipa sua maior dor como se quisesse antecipar e ao mesmo tempo justificar o motivo de estar ali: perdeu a esposa para a Covid-19 em dezembro de 2021, com quem era casado há vinte anos.

Barba tem 48 anos e é nascido em Campo Grande, extenso e populoso bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro, conta saber tudo de obra, já tendo trabalhado em três prefeituras, as quais ele lista: Rio de Janeiro, Mangaratiba e Itaguaí. Barba parece quer explicar o motivo de estar ali, contar da sua vida, ele então diz o que fez após o falecimento de sua esposa, Fabiane:

Barba:

“Então eu vim pra rua, sabe? Larguei tudo pra trás. Quando minha esposa faleceu, eu fiquei andando na rua, triste, né? E eu gastei muito dinheiro. Minha vida era normal, sabe? Uma vida boa. E aí eu mesmo queria me destruir e eu vim pra rua.”

Ao mesmo tempo que fala dessa busca por autodestruição, ele narra ter ido para nas ruas com duas perguntas para Deus: o motivo de sua esposa ter falecido e o que Deus queria dele, uma pergunta que, segundo me conta, perdurava desde os seus treze anos de idade.

Segundo ele, as repostas não demoraram para chegar. Deus o fez entender os

motivos de sua esposa ter partido, de modo que, naquele momento, conseguia ser grato pelos momentos que os dois viveram juntos. Barba me conta que a conheceu na igreja, depois que as “irmãs” [da igreja] falaram que “*eu gostava dela e ela gostava de mim*”.

Ele conta ter seis irmãos e uma filha de trinta anos, [todos] com quem não fala há alguns meses, além de uma casa em Campo Grande, região onde nasceu, para onde não quer voltar por ser onde vivia com a esposa e ter tido alguns conflitos no local. Segundo Barba, muita gente o conhece dali, mas só o conhecem “*de passar assim*” mesmo.

Enquanto fala, algumas moedas pulam de uma mão para outra. Sua fala é calma, sem rodeios, típica de alguém que sabe a própria história e não parece precisar visitar muitos lugares na mente para contá-la. Barba afirma já ter sido roubado diversas vezes, tendo perdido dois celulares e também roupas, apesar disso, diz gostar da polícia, só não gostando tanto “*por conta das merdas que eles fazem*”.

Ele conta já ter trabalhado em um batalhão de polícia ali perto de onde conversávamos, próximo ao Largo do Machado, na calçada entre as ruas Almirante Tamandaré e Machado de Assis, onde segundo ele toda segunda ou terça tem reunião para passar os trabalhos, ele diz: “*Eles nem sabem, eu não falo não, aí eles vêm, maltratam a gente. Vem com pedaço de pau, à toa, eles batem.*”

Barba me explica, ainda que sem dar muitos detalhes: “*Eu tenho uma condição, sabe? Eu não devia nem estar aqui, mas a vida me pregou essa peça.*” Ele fala com amor de seu cachorro Lupi, a quem dedica uma preocupação constante ao longo da conversa e tenta explicar como são seus dias: “*Fico daqui até lá na estação do metrô [Flamengo] e volto. E dormir eu durmo em qualquer lugar, durmo em qualquer canto.*”

Pergunto o que faz quando chove, ele diz: “*debaixo da marquise*”. Aponto a de uma galeria próxima a nós, mas ele responde: “*Essa aí molha, porque é muito alta, está vendo? A chuva passa.*” Curiosamente, no momento em que falávamos da chuva, ela começa a cair. Nos levantamos para achar outro lugar para conversar, rapidamente os papelões se molham, tento salvar alguns e ele diz: “*Não tem problema não, isso aí eu acho depois.*”

Nos sentamos a poucos passos de onde estávamos, na marquise da galeria que havia mencionado pouco antes. A chuva, levada pelo vento, de fato chegava até nós, mas como era fraca, não representava uma ameaça naquele momento, sendo difícil imaginar, no entanto, como seria dormir naquele espaço aberto que representa

um dos poucos abrigos da chuva existentes para quem mora na rua no Bairro do Flamengo:



Barba fala da dificuldade de confiar nas pessoas naquela situação:

Barba:

“É difícil confiar, até pela minha idade, eu já vivi muito. E eu não roubo ninguém, eu não pego nada de ninguém”. E sobre os laços que se formam na rua: “Conheço todo mundo, mas não ando com eles, não pode andar. Eu durmo sozinho. Um roubando o outro. Já me roubaram, eu não ando com nada por isso.”

Ele de fato carregava poucos pertences e, ao ver um homem conhecido passando, me diz: *“Os próprios caras da rua as vezes roubam o outro. Eu conheço aquele ali, é de confiança, mas de vez em quando ele vacila”*. Ele então afirma: *“Eu não conheço ninguém aqui, só conheço da rua mesmo.”*

Barba me conta ter vontade de, após resolver os trâmites da herança e partilha de bens que tinha com a esposa, *“ir pra bem longe, pra se quiser voltar pra cá, der preguiça”*, como a Serra da Capivara.

Pergunto se não sentiria saudade do Rio e ele afirma: *“Saudade? não tem saudade não, minha preocupação agora é só esse cachorro, o Lupi”*. Segundo ele, enquanto não arruma um quartinho para morarem juntos, Lupi está sendo bem cuidado na casa de familiares. Questiono se ele já pensou em trazê-lo para viver junto com ele, ao que ele responde: *“Eu não posso ficar com cachorro na rua, vão roubar meu cachorro, ele é de raça, vão pegar e vender o cachorro.”*

Barba, que reafirma já ter “trabalhado muito”, o que comprovaria com suas mãos e pés grosso e calejados, faz uma afirmação dura e sincera quando fala de sua

aparência e higiene:

Barba:

“Eu deixo a barba porque eu não quero ficar bonito na rua, como é que eu vou pedir dinheiro? Ninguém vai me dar dinheiro se eu ficar bonitinho. Eu não faço a barba, até porque na defensoria eu tô como morador de rua, não vou chegar limpinho lá, querem que eu vá pra casa. Eu não consigo mais morar lá.”

Ele afirma saber seus direitos e conta que é representado pela Defensoria Pública no pedido para abertura de inventário e administração do patrimônio comum com sua esposa. Sobre as fotos da esposa, que afirmou ter rasgado como que numa tentativa de rasgar a dor, ele explica:

Barba:

“Eu penso assim, quer dizer, eu fui ensinado. Eu não fico olhando foto de pessoa morta. A pessoa morreu você tem que guardar no seu coração e seguir sua vida. Olhando foto, eu olhei aí e já fiquei triste. Claro que dá saudade. Foi a forma que eu encontrei pra lidar com isso.”

Apesar de ter conhecido sua esposa na igreja, ele afirma não mais querer ir para nenhuma delas. Segundo ele, a vida inteira foi envolvido com igreja, mas hoje não consegue mais ir, uma vez que lá distorcem a palavra e cada um prega uma coisa. Ele diz: *“Vou resolver minha vida, pra seguir meu caminho”*.

Barba, que só tem a identidade como documento, diz que teve uma bolsa de remédios levada e que é possuidor do vírus da HIV, razão pela qual teria que ir novamente buscar os dois comprimidos que precisa tomar. Pergunto como era a vida dentro de casa e ele diz:

Barba:

“Minha vida dentro de casa tá aí dentro do celular, os vídeos, as fotos. Quem quiser ver pode ver, pra ver que eu não sou uma pessoa... Minha esposa trabalhava, a gente fazia comida, via televisão, gostava de ver matéria, jornal... Matéria é tipo assim que passa no canal fechado.”

Pergunto para ele sobre a diferença entre vida em casa e a vida na rua, e ele diz:

Barba:

“Minha mãe que falava, meu filho, em casa você pode comer o que você quiser na geladeira, na rua você vai passar fome.”

Filipe:

E passa fome? Pergunto.

Barba:

“Passa, olha como que eu tô magro, to vendo o osso do meu joelho que eu nunca vi, só não posso morrer, mas eu não vou morrer não.”

Filipe:

E o que você respondeu para sua mãe?

Barba:

“Que eu tô acostumado, e de fato eu tô acostumado.”

Filipe:

E dá pra se acostumar com a fome? Ou você se acostuma a viver na rua?

Barba:

“Dá, eu nunca mais jantei. Nem almoçar eu almoço todo dia. Então dá pra acostumar sim”.

Filipe:

E pra dormir?

Barba:

“É papelão e uma coberta. Papelão eles levam, se perde, mas a gente acha na rua. Protege do chão gelado.”

Filipe:

Não pensou em ir para o Albergue?

Barba:

“Não presta não, lá a água é na canela no banheiro, e a privada tudo entupida, aquilo ali tinha que estar fechado, sabe? Lá dorme mais de 200, eu não dormia. Os cara trata nós igual bicho. Bate até em mulher. É o que eles chamam de educador. De educador não tem nada, é pessoa comum que contrataram e botaram lá. A comida pelo menos era boa. Não pode sentar no chão, não pode deitar no chão, tinha que ficar em pé o dia todo. Tem 40 cadeiras pra 200 pessoas, não pode sentar. Tem horário pra dormir, dez da noite e acordar às seis horas. Pode estar chovendo, só dorme se chegar no horário. Só tinha coberta, travesseiro não, ninguém gosta de lá. É um local de transição, vai lá, fica lá um tempo e eles te mandam pra outros lugares.”

Filipe:

Onde ficam esses Albergues?

Barba:

“Todos esses abrigos são em favela. Não tem uma coisa errada nisso aí, não? Isso aí é uma máfia. Eu sei que é, já trabalhei em prefeitura, isso aí eles fazem não é pra nós não, é pra eles. Jacarepaguá é lá na milícia, na gardênia, e por aí vai. Todos eles são no pé do Morro. Como é que você vai tratar uma pessoa, um drogado, botando ele... Não tem como, ele tá ali, vai, pega, usa. Lá dentro tinha uso escondido.”

Pergunto se no albergue tinham cursos profissionalizantes, psicólogas e se

dava pra assistir tv e ele responde que: *“Tv dava pra assistir, só via jornal e ia dormir. Não tinha curso profissionalizante, nada. Durante o dia vai pra rua. Psicóloga não é sempre, de vez em quando.”*

Abordo então sobre fontes de renda e Barba me fala que recebe aposentadoria, mas que “recebe pouco” por ter feito empréstimo consignado. Ele continua explicando que durante o dia dá pra conseguir algum dinheiro pedindo e que o principal, para ele, é “comida, água e cigarro”. Com relação a água, diz que as vezes enchem as garrafas em um mercado ali perto, mas nem sempre, sendo que algumas vezes é necessário comprar.

No dia da conversa, passava da uma hora da tarde, Barba havia conseguido R\$ 22 e não havia almoçado até aquele momento. No dia anterior, disse não ter jantado, só comido pão. Segundo ele, após almoçar, gosta de descansar na grama do Parque Aterro do Flamengo. Pergunto se lá é seguro e ele afirma que *“todo lugar é perigoso, difícil falar onde não é perigoso”*, razão pela qual, segundo ele, algumas pessoas na rua andam com faca, o que ele não faz.

Sobre banho ele diz que não tem lugar para tomar e que banheiro existem alguns: o da igreja da Rua Senador Vergueiro, o da galeria, do mercado Extra e, de vez em quando, do Detran, dizendo que *“quando alguém não faz bagunça lá eles deixam”*.

Pergunto se ele sabe ler e escrever e ele diz que sim, apesar de ter estudado até a 4ª série do primário, e completa *“E ainda sei fazer poesia. Mas nunca mais escrevi”*. Falo que poesia, ainda que não escrita, pode ser vivida, ele concorda.

Barba narra que sua matéria favorita era matemática e que quando criança gostava de estudar, mas depois que virou adulto, ao tentar voltar, não era como antes, sentindo que era visto como burro. Então lhe pergunto se ele tem vontade de sair da rua e ele responde:

Barba:

“Eu não sou da rua, eu só tô aqui por um tempo. Eu só tô aqui, bem longe, porque eu me senti ameaçado.”

Filipe:

Existe alguém que seja da rua?

Barba:

“Sabe quem é da rua? Aquela pessoa que a vida inteira vive na rua, são eles. Eu encontrei um ali que tá há 30 anos na rua, já não é da rua? É da rua. Outro ali, 18 anos, o outro 10 [anos]. São da rua. Já pertencem a rua. Tanto tempo na rua, como é que pode uma coisa

dessa, não tem lógica.”

Filipe:

Qual o maior desafio, na sua opinião, para sair da rua?

Barba:

- “É a própria pessoa. Essas pessoas elas não têm objetivo, elas se perderam. Perderam aqueles projetos que o ser humano tem, perderam os sonhos. Então como é que faz pra sair? Como ele vai sair da rua? Ele não consegue sair. Mas eu vou sair, eu vim aqui com prazo. Eu vim aqui buscar um negócio e encontrei. Eu já saí uma vez”

Barba me explica que escolheu o Bairro do Flamengo por ser um lugar onde as pessoas têm dinheiro e poderiam condições de ajuda-lo e, segundo ele, não há um lado bom na rua. Quando pergunto sobre felicidade, ele me diz que independente das derrotas a alegria tem que ser de cada um.

A conversa segue e Barba me explica que sabe o que é o amor:

Barba:

“Eu sei o que é amor. Amor é o que eu sinto pela minha esposa, só posso definir dessa forma. Foi a única pessoa que eu amei, e vou amar pra sempre, por opção minha, eu quero amar minha esposa. Viver minha vida mas nunca esquecer, sabe?”

Ele afirma que tem duas mães vivas, mas que são amores diferentes e que naquele momento sua preocupação era com seu cachorrinho chamado Lupi, que estava aos cuidados de alguns parentes:

Barba:

“Lupi é um pinscher preto com um negócio marrom assim, ele é manso, bonitinho, a raça dele é uma alta, parece um cavalinho, bem musculoso. Tô com uma saudade do caramba. Faz falta, mas não dá pra ter cachorro na rua. Ele come raçãozinha.”

Voltamos ao assunto principal e eu o pergunto o que significa para ele morar na rua, e ele responde:

Barba:

“Eu não sei, eu só sei te dizer que isso aqui é um lugar que quem tá aqui, não quer estar. Quem tá aqui está por algum problema. Cada um aqui tem um problema, isso aí é um fato. Ninguém queria estar aqui. Acho que é o pior que você pode chegar na sua vida, é o fundo do fundo, daqui é só cemitério, não tem lugar pior do que esse aqui”

Segundo Barba, o olhar das pessoas que passam por ele nas calçadas lhe diz que elas pensam que ele poderia estar trabalhando. Quando pergunto o que ele

responderia a essas pessoas, ele afirma que respondeu algumas, contando sua história, e que depois disso: *“passaram a ter uma amizade, passaram a dar bom dia, parar, as vezes não peço e vem me dar dinheiro”*. Sobre isso, pergunto se ele considera que as pessoas o julgam então por não conhecer sua história, e ele responde:

Barba:

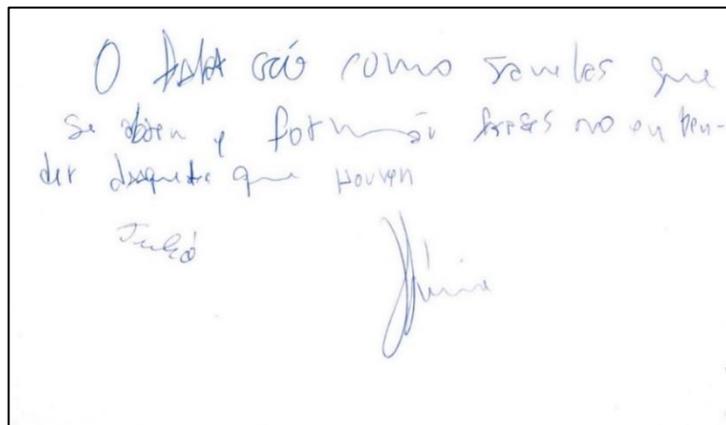
“Elas me olham porque eu sou morador de rua. E como qualquer morador de rua, somos todos iguais, sabe? Não existe diferença, no olhar das pessoas, é tudo morador de rua, é tudo uma pessoa só, uma coisa só.”

Ele conta a história de um dia que estava pedindo em um mercado ali perto e, ao pedir com educação para um homem, este teria lhe respondido com uma voz irônica, olhando-o sentado de forma indiferente. Pergunto se esse olhar o machucou e ele diz:

Barba:

“Eu não ligo não, senhor. Eu escrevi uma frase que justifica: “O falar são como janelas que se abrem no ouvido daqueles que entendem, formam frases” Então eu entendo, porque eles pensam assim.”

Pergunto se ele escreveria para mim essa frase e ele diz que sim:



Barba:

“A frase que eu pensei tem um título, porque tudo tem que ter um título: O poder do pensamento humano”.

Ele então continua, como se recitasse um poema:

Barba:

“Brincando com o poder do meu pensamento, eu me vi pensando em um pensamento jamais pensado em pensar pensando e supondo. De repente me peguei pensando no pensamento que esqueci de pensar quando pensei em tal pensamento. Aqui está o momento. O tempo parou. Me vi num túnel. Pessoas pra lá e pra cá. E pensei: eu não tô atoa.” E conclui: “É o agora, eu não tô atoa, eu to vendo as pessoas passarem. É por isso que eu sei o que eles pensam.”

Pergunto se ele daria algum título para a vida e ele responde que não saberia dizer. Segundo ele a vida é uma história, Deus seria o autor e cada um de nós os protagonistas. Concordando com ele, questiono se é possível ter direitos na rua e ele responde:

Barba:

“É muito difícil. Quer dizer, até dá pra ter, mas é difícil, por conta do próprio pessoal da rua, tem uns que tratam as pessoas com ignorância. Aí acaba todo mundo pagando o pato. Se der algum problema eles acabam com a comida. Por causa de um, ninguém come. É assim que funciona.”

Quando pergunto sobre a possibilidade de sonhar na rua, ele fala:

Barba:

“Sonho? Sonho eu tive antes, agora, senhor, eu tô sem sonho. Quer dizer, sem sonho não, por enquanto, eu tenho que resolver... Pra depois seguir minha vida. Eu tenho o sonho sim, é voltar minha vida normal, mas vai demorar um pouco, entendeu? Sonhar eu já sonho, mas aqui na rua é bem restrito, sabe? Não pode... sabe?”

Segundo ele me conta, seu sonho era pegar um dinheiro e fazer uma casa boa me cima da casa de sua mãe. Ele diz que, para ele, liberdade significa poder falar. Ao perguntar o que seria prisão, ele afirma:

Barba:

“Tem vários tipos de prisão, isso aqui é uma prisão, a pessoa sair daqui é difícil. Agora, tem aquela prisão da tristeza, da angústia, tem vários tipos. Um defeito que você tem, você fica preso naquilo.”

Barba explica que várias histórias o marcaram na rua, mas que lembra do dia em que um padre chamou ele e um grupo de pessoas em situação de rua de “bando de desgraçado” dentro da Igreja porque queria falar e as pessoas ficavam conversando. Quando lhe provoço perguntando se a rua é boa, ele responde:

Barba:

“Boa nada, mas eu gosto, eu gosto de estar aqui. Se eu não gostasse eu já tinha ido embora. Eu vou te contar, a família que me adotou, morreu dois irmãos, agora tem seis, então era oito, a família que me adotou não podia nem ter um filho, porque minha mãe adotiva era doente e meu pai era alcóolatra. Conclusão, com seis anos de idade eu tive que ir pra rua pedir esmola, então isso aqui eu já vivi um dia. Eu comecei isso eu tinha uns seis anos, por conta de necessidade, eu passava fome, a gente passava fome em casa. Fome de comer manga verde, fome mesmo, fome, fome, fome. Aí eu pedia esmola, pedi até uns 14 anos mais ou menos. Aí depois comecei a trabalhar. Aí agora eu voltei aqui. Então por isso pra mim não é tão difícil, eu já tinha vivido essas coisas assim. Olha, quando eu era criança eu pedia esmola, então o que aconteceu comigo, eu aprendi desde novinho a me autossustentar, eu aprendi a me auto proteger, por causa da rua, eu precisei fazer isso aí, então eu aprendi a viver assim.”

Diante dessa trajetória de vida, pergunto se ele saberia me dizer o que é mais diferente entre a vida em casa e na rua, se seria ter onde dormir ou o que comer e ele me conta:

Barba:

“É estar na sua casa, aqui você não consegue descansar, a sua mente nunca para. Você parece que tá cansado a vida inteira. Você não consegue chegar na sua casa, tomar um banho e ligar a televisão. Isso que te traz paz. Aqui o perigo é de tudo. Se você falar uma coisa errada pra alguém, quando eu dormir ele faz uma besteira.”

Filipe:

Já aconteceu alguma coisa com o senhor?

Barba:

“Não, mesmo ficando na minha... Esses dias estava ali magueando ali, e um maluco retardado veio e me deu um pescoção. Ele falou que eu peguei a latinha dele, eu nem cato lata. No outro dia ele veio pedir desculpa.”

Filipe:

E você desculpou?

Barba:

“Dei até comida pra ele”, fala e ri.

Ao falarmos sobre bebida e drogas, Barba me conta que de vez em quando bebe uma cachaça, mesmo não gostando, ele explica: *“Eu detesto cachaça, mas vai fazer o que? Na rua você tem que beber. Tem que beber alguma coisa na rua, tanto que na rua eu tô bebendo”.*

Quando pergunto o motivo de se ter que beber, ele afirma que é: *“Pra passar o*

tempo... pra passar o tempo e aí pra dormir logo. Então a maioria aí da rua bebe, só por isso mesmo". Quando pergunto sobre drogas, depois de me ter dado abertura, ele responde:

Barba:

"Fumo maconha. Pra me dar fome. Pra pessoa com HIV, o remédio tira a fome. Quando minha esposa morreu, eu não conseguia comer nada."

Ele conta detalhes da vida de quem é portador de HIV e afirma que sua esposa também havia contraído a doença. Ele conclui depois de refletir sobre as questões que havia feito: *"O viver, não é você viver por viver e depois morrer e sumir e acabar."*

Duas semanas se passam e encontro Barba no mesmo lugar, ele me reconhece e diz: *"Ô meu amigo, um tempão que eu queria te encontrar. Você viu que você me encontrou aqui, no mesmo lugar, né?"*. Ele me conta que nem sempre está ali diante da necessidade de diversificar lugares e ter uma "rota":

Ele me conta que havia ido até a Defensoria Pública e que aguardava a abertura e resolução do inventário para *"poder ir embora"*, haviam lhe dado um prazo de um mês para a resposta. Mais algumas semanas se passam e, ao encontrá-lo, ele revoltado me conta:

Barba:

"O meu pedido de abertura de inventário, olha que coisa linda a saída deles. Uma sucessão de mortes, viu? Você entende? Aí lá na defensoria, eu entendi assim..."

Ele me mostra os documentos, que analiso por ser advogado. Um deles, que me chama atenção, dizia assim:

"Em atendimento presencial o atendido relatou que construiu uma casa no quintal dos seus sogros. Ocorre que com o falecimento de sua esposa e de sua sogra, o assistido relatou que por ter sofrido ameaças, foi obrigado a se retirar do imóvel. O assistido recorreu a esta defensoria com o pleito de abrir um inventário. Porém, foi constatado que o assistido não é parte legítima para ajuizar a ação, pois sua esposa faleceu antes de seus sogros. 25 maio de 2023"

O imbróglio jurídico parece complexo e, em virtude disso, Barba afirma que na Defensoria a orientação que teria sido dada é que esperasse cinco anos para depois

entrar com uma ação de usucapião e provar que a casa que construiu a casa naquele terreno. Ele conclui: “*Eu provar que minha casa é minha, eu tenho que esperar cinco anos?*”

Barba se mostrava revoltado e me contou que estava aguardando a liberação de um dinheiro que estaria na conta conjunta com sua esposa, para alugar um quarto que havia visto em uma comunidade por R\$580 mensais.

IV.IV. Sr. L. – “Porque ficção eu já tô cheio de ficção, eu sou uma ficção, né?”

Entre as ruas Correia Dutra e Rua do Catete, há uma esquina onde pode se ver pode se ver um longo muro azul. Escorado nele e sentado em um papelão com as pernas esticadas e as mãos no colo, está um senhor idoso que parecia não reparar muito nos movimentos intensos à sua volta. A cidade estava agitada naquela manhã em que pedestres, vendedores ambulantes, entregadores de aplicativos e muitos carros passavam por todos os lados, mas nada parecia lhe tirava o olhar que não se fixava a nada.

Com ele estão dois livros - sendo um deles uma bíblia - uma garrafa de água pela metade, uma sacola de ráfia branca encardida e uma sacola transparente de uma grife famosa com itens esparsos, onde se nota uma cartela de analgésicos. Ao seu lado repousa um suéter verde, um blusão preto com alguns furos e sua bengala, que depois me contou ter sido feita com cabo de vassoura velho.

Sua feição é nitidamente marcada pelo tempo e, talvez, pelos sofrimentos da vida. Possui barba e cabelos ralos e as unhas cumpridas e sujas, nos pés e nas mãos. Ele me pergunta: “Você é pesquisador? Pesquisador da rua?”, digo que sim.

O homem é Sr. L.⁷⁹, um senhor paulistano, da Freguesia do Ó, que na casa dos seus 65 anos, ostenta muitas marcas pelo corpo. Todas elas possuem uma história que pouco a pouco me foi contada pessoalmente, dando indícios de uma trajetória que parece marcada por duas realidades: a violência e o cárcere. De origem portuguesa e filho de um pai que “não valia nada” e o abandonou, ele conta já ter perdido a contagem de quanto tempo está nas ruas. Quando me diz que faz muito tempo, pergunto se algo entorno de vinte anos, ao que ele responde: “*Não, tem muito mais, já perdi até a contagem*”.

⁷⁹ Optei por usar apenas a primeira letra de seu nome para preservar sua identidade e também respeitar sua afirmação de que “apelido é coisa do mal”

Quando começa a me falar de sua vida, passando por relatos que justificam as marcas que traz no corpo, ele ressalta logo que *“já tentaram me matar, na rua acontece de tudo”*, e que ainda assim não tem medo: *“Deus me protege”*. Sua família, segundo afirma, já está no “esquecimento”, ele conclui: *“eles já esqueceram de mim.”* Apesar disso, Sr. L., que parece muito ligado à religião, conta que *“nas orações eu oro por eles, mesmo não gostando, tenho que...”*.

O senhor, com sua fala que consegue ser tanto calma como atropelada, passa por um assunto que parece recorrente na rua: a fome. Ele narra que durante a semana é mais comum que sejam doadas quentinhas, mas aos finais de semana a situação é mais difícil. Segundo me conta, ele não pede para os outros iguais os “cracudos”, só pede para Deus, dono de tudo. Sobre o trabalho, ele me explica:

Sr. L.:

“Já trabalhei com reciclagem, mas hoje tenho um problema na perna, tenho pino no fêmur, encolhe a perna. Tenho dois tiros que tomei na Av. Rio Branco, trabalhando lá, um papeleiro discutiu comigo, faz tempo. As balas ficaram alojadas e depois saíram depois de três meses. Duas balas.”

A grande cicatriz em sua cabeça tem outra história: *“uma paulada que tomei em SP, na maloca lá”*. Ele admite neste ponto, como se justificasse, que bebia muito, *“comia com farinha”*, como é modo de dizer. Sua história é longa, tanto que *“daria para escrever uns seis livros”*, ele volta a contar da paulada:

Sr. L.:

“Você pode não acreditar, mas é verdade, minha alma saiu do meu corpo. Foi lá no Pacaembu, passou um cara e deu uma paulada, veio um branco assim, tava quase morto e revivi. Deus me poupou.”

Sr. L. me mostra uns livros e diz que apesar de ter muito contato com Deus, não gosta de igreja, segundo ele a igreja está desviada e só pensa em dinheiro, inventando muita coisa que na vida não existe, *“tudo pra sugar dinheiro da pessoa”*.

Ele afirma que tinha o sonho de ser advogado e gosta muito da justiça e da lei. Hoje, apesar de não conseguir trabalhar em razão da limitação no andar, afirma ainda ter saúde. Sr. L. me conta mais uma paulada que levou, dessa vez em Bento Ribeiro (bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro), durante a madrugada, de um *“moleque que queria meu isqueiro”*. São poucos os minutos de conversa, mas as histórias de

violências sofridas se acumulam, superando qualquer filme de ação. A ficção e a realidade por vezes parecem mesmo se confundir, como veremos mais adiante.

Quando pergunto sobre os documentos que possuía, Sr. L. afirma não ter nenhum e também não lembrar os números de cabeça, ele diz estar tentando tirar sua certidão de nascimento e se aposentar há algum tempo, sem sucesso: *“Tô tentando tirar a certidão de nascimento, mas parece que eu nasci na china.”*

Ele, cujo único amigo afirma ser Deus, narra não ir até o Largo do Machado ou para Glória, uma vez que ambos são “lugares perigosos” e ele é, ali na esquina da Rua Corrêa Dutra com Rua do Catete, mais conhecido, o que lhe traria maior segurança.

Sr. L., apesar de paulistano, me conta que está há muitos anos no Rio, tendo muitos conhecidos e, acima de tudo, amando a cidade e o povo do Rio de Janeiro: *“Adoro isso aqui. Minha alma é carioca. O pessoal é muito bom, é muito gentil”*. Ele passa a falar do início de sua trajetória na cidade:

Sr. L.:

- “Eu vim novo para trabalhar, já tive bem de vida aqui, depois eu caí e perdi tudo. Morava num ferro velho em Santa Cruz. Um garoto da rua que morava lá também começou a roubar meu patrão e aí deu problema, perdi meu lugar, perdi tudo, né? Aí depois eu fiquei na rua porque.... Já faz anos isso.”

Segundo ele, na pandemia não havia ninguém ali - além dele mesmo - mas a doença em si não lhe diz nada: *“Quem me protege é Deus”*. Ele conta que conseguiu arrumar um “bico” em uma padaria que garantiu ao menos uma refeição por dia: *“Eu limpava até o fim da rua daquele shopping ali e o português da padaria me dava café, na pandemia ali não fechou”*.

Pergunto se ele já pensou em ir para algum abrigo e ele diz categoricamente não gostar, mas admite: *“Gosto de ar livre, mas agora tô pensando em ter um quartinho, me aposentar, sair da rua um pouco”*. Ele novamente conta a saga dos documentos, dizendo que a orientação era de mês em mês ir até o serviço para ver o andamento do processo de expedição de uma nova certidão de nascimento. Ele confessa estar pensando em ir diretamente para São Paulo tentar “resolver isso” e elenca uma grande vantagem na sua opinião: *“Vou ficar em situação de rua também, mas lá tem o restaurante de 1 real, aqui não tem isso. Acabaram com isso aqui.”*

Sr. L. admite ter tido problema com a justiça, segundo ele, “pagou caro”, ficando

preso 9 anos e “ganhando” três em razão do trabalho. Ele ressalta: “*era tratado igual cachorro no semiaberto, não aguentei não, meti o pé*”. Ele afirma não receber nenhum auxílio e não ter mais condições de “catar reciclagem”, então:

Sr. L.:

“Só sobrou a esmola mesmo, mas eu não gosto nem de pedir. Me dão um dinheirinho. Agora comprei um cigarro, eu sou fumante, né. Tenho que parar, isso faz mal.”

Ele afirma no passado ter trabalhado com metalúrgica e, quando contava do período posterior de sua vida, faz a seguinte afirmação “*já tava largado na vida*”. O homem sugere que os “[caras] mais novos sejam colocados pra trabalhar e num quarto”, que vê muitos nas drogas e que essa vida não compensa, ele diz: “*O diabo dá dinheiro pra pessoa usar droga, se matar e depois de morrer pedir a salvação. O diabo dá mas depois cobra caro.*”

Pergunto para ele qual foi a maior quantia que já recebeu na rua e ele responde: “*Uma vez ganhei cem reais, uma nota, nunca tinha ganhado. Um carecão, cheio de nota de cem, ou era ladrão ou era filhinho de papai. [Falei] isso aqui é brincadeira ou é falso?*”. Questiono o que fez com o dinheiro e ele diz somente: “*gastei*”, e ri.

Sr. L., com relação a saúde, conta que ao hospital só chegou a ir quando foi atropelado, que não toma remédios e que não vai ao médico, sendo que nenhum também vai até ele. Hoje, ele afirma, bebe mais devagar, de vez em quando. Com relação a comida, ele conta: “*como o que o pessoal me dá, como aqui mesmo no chão, na esquina*”. Água ele pega nas lanchonetes e em uma pastelaria, dizendo que nesses lugares ninguém nega não, sendo neste ponto o Rio melhor que São Paulo. Aqui, válido mencionar a existência de uma lei estadual que obriga os estabelecimentos como bares e restaurantes a fornecer água filtrada aos clientes⁸⁰.

Pergunto como Sr. L. faz para tomar banho e ele ri, dizendo: “*tomo banho de paninho*”. Quando questiono, logo em seguida, sobre a existência de banheiros, ele novamente ri e conta: “*Tem que achar por aí. Tem que dar um jeito*”. Quando indago se os estabelecimentos que fornecem água não permitem o uso do banheiro, ele logo rebate: “*Eles não querem deixar nem cliente, tem que pagar, comprar alguma coisa, quem dirá morador da rua.*”

⁸⁰ Lei Estadual nº 2424 de 22/08/1995 – “Obriga, bares, restaurantes e estabelecimentos similares a servirem água filtrada aos clientes.”

Sr. L. chega ao mérito do trabalho, passando a me explicar o que parecia acreditar que fosse o centro da minha investigação, ele diz:

Sr. L.:

“Todas as pessoas que moram na rua têm problema, tá? Ou é problema na justiça, ou é problema porque rouba, ou é problema porque não se dá bem com a família. Todo morador de rua. Ou problema com pinga ou problema com droga. Todo morador de rua tem problema, ninguém tá na rua de graça.”

Pergunto se ele saberia me dizer qual era o dele, ao que ele responde: *“Ah, várias coisas, foi tanta coisa”*, passando a discorrer sobre como fazia bagunça na escola, de onde foi expulso três vezes, tendo estudado somente até o primário e, também, das goiabas que roubava no meio do mato. Sr. L. parece mesmo acreditar que sua infância o levou até ali mais do que qualquer outra violência ou dor. Eu pergunto se ele tem vontade de sair da rua:

Sr. L.:

“Sim, tô querendo me aposentar pra sair fora. É, pô. Alugar um quartinho aí... Quatrocentos reais, quinhentos reais... dá pra pagar. Pode ser por aqui ou pode ser na periferia. Aqui mesmo no Morro Santo Amaro tem quarto por quinhentos reais, na rua da delegacia ali, mas agora pra subir lá é duzentos e tantos de grau”, e ri.

Quando questiono o que seria o mais necessário para sair da rua ele diz: *“É dinheiro pô, só isso, dinheiro parece que é tudo as vezes...”*. Quando pergunto como é estar em situação de rua, Sr. L. faz uma pausa e explica:

Sr. L.:

“Não posso reclamar de nada, né? Tenho que aceitar naquilo que eu tô. Eu não vou falar que tá ruim? Tá ruim... Ruim é, porque as vezes tem dia que não passa nada, né? E as vezes passa demais”, ele conta que quando sobra dá comida para os “irmãos” da rua, que no geral nem olham pra ele.

Filipe:

Qual o principal desafio de morar na rua?

Sr. L.:

“Ah, é a parte da comida, né?”

Filipe:

E o frio?

Sr. L.:

“O frio não, tenho um lençol.”

Filipe:

O senhor acha que tem um lado bom?

Sr. L.:

“Tem, tudo tem um lado bom... O lado bom é o pessoal trazer quentinha pra mim”

Filipe:

E é sempre que traz?

Sr. L.:

“Final de semana é mais difícil...”

Filipe:

Se o senhor fosse me dizer, o que é felicidade pra você?

Sr. L.:

“Felicidade é ter liberdade, é ter dinheiro pra você comer aquilo que você quer, lugares pra você ir, felicidade é isso aí.”

Filipe:

E o senhor se considera livre?

Sr. L.:

“Lógico. Depois que eu saí da cadeia tô livre, meti o pé”, ele ri e completa: “Aí, o cara sai num mofo lá da cadeia, mofo desgraçado, pouco sol, pô. Aí o que acontece, quando o cara sai dali, pra saidinha, aí o pessoal fica olhando de lado assim, mas eu não sabia, por isso que a gente que fica ali, a gente não percebe o cheiro, a gente não percebe.”

Ele explica que o corpo fica com um cheiro na cadeia, um cheiro segundo ele “*horrível*”, como se estivesse “*mofando*”. Uma viatura da Guarda Municipal passa e eu pergunto se ele costuma ser abordado, ele responde:

Sr. L.:

“Não, vem o “Choque de Ordem”, que manda tirar os papéis dos... mas eles me conhecem. Eu tenho 65 anos, não podem mexer comigo não, é contra lei, pô. Não pode tirar meu papelão, eles tiram dos novinhos.” E complementa: *“Eles tinham que ajudar né... Eles chamam pra ir pra lá, mas eu não quero, vou ficar na mesma, vou ficar acostumado e vou ficar ali ó... parado”*

Pergunto então se ele saberia me dizer o que a rua significaria para ele, e ele diz:

Sr. L.:

“Não... pra mim significa liberdade, né? Eu tava guardado, pô. Agora eu tô há mais de trinta anos voando na rua. Eu fui pra cadeia com 24 [anos], tirei 9 [anos]. Faz as contas, saí e tô na rua desde esse tempo.”

Quando falamos do assunto direito, Sr. L. afirma: *“direito a gente tem, mas ninguém dá. Meu direito é respeitar o próximo e ser respeitado. Direito que existe na*

rua é isso aí”. Pergunto sobre o significado de direitos humanos para ele:

Sr. L.:

“Direitos humanos é, como eu posso dizer, é o próprio amor. Eu tenho que te respeitar e você me respeitar. Eu não posso te xingar e você não pode me xingar, isso são direitos humanos. Se eu xingar você eu posso morrer, eu não sei quem você é. Então eu sou um direitos humanos. Respeitar a criança, respeitar o idoso”

Sr. L., que afirma ser andarilho, diz que sua fé o mantém vivo e que quando chove o jeito é ir para debaixo da marquise. Pergunto se ele gosta de ler e ele responde:

Sr. L.:

“Gosto. A bíblia, jornal, livro, livro bom, né? Que leve a salvação. Porque ficção eu já tô cheio de ficção, eu sou uma ficção, né?”, ele ri e continua: “Tem muita mentirinha, me interessa a verdade, né? A verdade que liberta.”

Ele, que já tinha me falado que felicidade era ter liberdade, responde quando o pergunto sobre que seria liberdade e prisão na sua visão:

Sr. L.:

“Liberdade é quando o cara tem um dinheirinho, pode comer o que quer, paga suas contas... [E prisão] É você não poder ir pra lugar nenhum. Prisão é o lugar onde você não pode ir pra lugar nenhum. É do pátio pra cela.”

Questiono se em sua vida ele só se sentiu preso dentro da cadeia e ele diz que teve um momento que ele se libertou daquela prisão e que a bebida seria também uma prisão do mundo. Segundo Sr. L., a vida estaria difícil porque não estava conseguindo nada que queria: tirar seus documentos e viver livre da justiça. Quando pergunto se alguma história na rua lhe marcou, ele responde: *“Ah, tudo me marcou: paulada, facada, tiro...”*. Sobre ter alguma história boa, ele apenas diz: *“Coisa boa tá tendo agora, o pessoal dá uma comida, dá uma ajuda”*.

Sr. L. me conta que na rua *“não tem sonho”*, porque *“a morte tá na rua”*. Ele, que me fala gostar de passear em praças e de Coca-Cola, confessa que está cansado da rua:

Sr. L.:

“Mas eu tô cansado, sabe? A rua cansa. Cansa mentalmente, você quer conquistar uma coisa e não consegue, porque você não trabalha, só conquista quem trabalha”

Ele conta que lê a bíblia para buscar a libertação, uma vez que *“a palavra liberta, né? Me liberta do stress, pensamento ruim, isso aqui é muito bom, pô”*. Quando pergunto se ele chegou a passar fome na rua, ele afirma *“Já, pô”*. Segundo Sr. L., na rua *“não tem amigo não”* e tem gente que está na rua porque quer, quando pergunto o motivo, ele responde:

Sr. L.:

“Porque a rua parece que tem açúcar, o pessoal gosta de desafio. A rua é um desafio, pra viver na rua o cara tem que saber a viver na rua.”

Ele explica que aprendeu a viver na rua e que nela *“tem muitos combates”* mostrando uma de suas cicatrizes que, segundo ele, *“ganhou”* enquanto estava dormindo. Quando pergunto como é para dormir e qual período é melhor, ele afirma: *“Eu durmo mais de dia, de noite eu durmo assim ó: um olho aberto e outro fechado.”*

Sr. L., sentado ao lado de sua bengala feita com um cabo de vassoura velho e uma empunhadura improvisada com saco de sanito, conclui que *“sempre fui uma vida torta”*, que cadeia é *“um bagulho esquisito”* onde *“você tem tudo, mas não tem nada”*. Ele afirma achar que quem manda na rua é o mal e, ao ler o título desse trabalho, diz com bom humor: *“casas de papelão, choveu a casa desmorona, quebra o telhado”*, e ri.

O reencontrei duas vezes, em uma delas, ele logo me disse que não estava em um bom dia para participar da pesquisa. Quando respondo que não havia problema algum, ele passa a me contar histórias sobre um livro religioso, me fazendo refletir sobre o fato de que talvez, ele queria naquele momento ser escutado, mas não pesquisado. Na última vez que o vi, ele me contou que uma senhora pagaria sua passagem de ônibus e ele, enfim, iria para São Paulo resolver a questão dos seus documentos. A esquina que Sr. L. ficava, passou a ficar vazia desde então.

PARTE V – OS RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO: O que falam as ruas?

V.I. O Perfil dos Entrevistados

Na pesquisa de campo realizada, central para as discussões desse trabalho, entrevistei quatro pessoas que estavam em situação de rua no Bairro do Flamengo. Todos eram homens, não estavam sob efeito de drogas e se propuseram a conversar comigo após ter-lhes explicado os objetivos dessa investigação. Assim, a seguir apresentarei uma breve descrição do perfil de cada um deles para depois propor uma discussão acerca dos dados existentes nos censos mencionados no início deste trabalho.

- **Botafogo:** é um homem branco, magro, com barba rala e cabelo grisalho penteado para o lado que tem 61 anos. Nascido e criado na cidade do Rio de Janeiro, ele afirma ter curso superior em administração pela Unigranrio, além de ser ex-militar e ter tido diversas outras ocupações ao longo da vida. Segundo seus cálculos, são vinte anos em situação de rua, elencando como motivo para ida às ruas sobretudo os conflitos familiares, em especial com sua ex-esposa. Ele menciona ter sofrido duas perdas significativas: a de sua filha Manoela e de sua avó Maria Emília. Ele tem dois filhos e mãe viva, mantendo atualmente pouco contato todos. Botafogo costuma passar seus dias na calçada da Rua Praia de Botafogo nº 142, onde aparenta ser muito conhecido pelos moradores da região, deslocando-se para dormir em lugares específicos: embaixo do Viaduto San Tiago Dantas, na calçada larga de um edifício situado na Rua Paulo VI ou na Praça Chaim Wizmann situada na Rua Farani, são alguns exemplos. Na rua, afirma já ter exercido os ofícios de catador de latinha, vendedor de balas e flanelinha, vivendo hoje de doações em virtude de uma hérnia inguinal que o impede de se locomover grandes distâncias. Ele carrega sempre uma Bíblia e relata ter vontade de sair da rua, apesar de afirmar não saber se conseguiria. Ele não frequenta ou é atendido por nenhum serviço público voltado à população em situação de rua como albergues, centros de referência etc.

- **Mineiro:** é um homem negro com 37 anos, nascido em Contagem/MG, que tem ensino médio completo e curso técnico em logística, além diversas experiências profissionais, sendo a última em seu currículo como pizzaiolo. Ele afirma que sua mãe é idosa, que não tem pai presente e que mantém contato com a família através da internet. Conta que estava há algumas semanas nas ruas na cidade do Rio de Janeiro, relatando fazer uso de serviços públicos como centros de referência, e, em especial, de um hotel localizado na Rua Pedro Américo, no Bairro do Catete, vizinho ao Flamengo, que através de uma parceria pública, ofereceria vagas limitadas e gratuitas à população em situação de rua. Ele se considera com perfil diferente das pessoas em situação de rua em geral, não fazendo uso frequente de álcool ou drogas e nem possuindo antecedentes criminais. Mineiro estava à procura de emprego, relatava vontade de sair das ruas e foi para São Paulo alguns dias depois de nossa última conversa.
- **Barba:** É um homem magro, pardo e alto, com cabelo e barba grossos em tom mesclado de branco e preto. Ele tem 48 anos, é nascido no Rio de Janeiro e conta que costumava morar em Campo Grande, na Zona Oeste da cidade, até o falecimento de sua esposa em razão da Covid-19. Ele declara ter escolaridade até a 4ª série do fundamental, sendo pessoa vivendo com HIV, que viveria de uma aposentadoria e de doações. Com relação a família, afirma que é filho adotado de uma família com “muitos irmãos”, mãe doente e pai alcóolatra, tendo começado a pedir esmolas aos seis anos, quando passou fome e aprendeu a viver na rua. Ele afirma que costuma pedir em lugares e horários diversos, em especial na calçada da Rua Senador Vergueiro altura próxima à Rua Almirante Tamandaré, em frente ao supermercado da Rua Machado de Assis esquina com Rua Arno Konder e em frente a estação do metrô no Flamengo. Segundo conta, bebe para dormir e faz uso de maconha para abrir o apetite tirado pelos remédios que toma, não se considerando da rua e expressando

ter vontade de arrumar um quartinho para viver com seu cachorro Lupi.

- **Sr. L.:** é um homem pardo, de estatura média, com barba e cabelos ralos e as unhas cumpridas e sujas, nos pés e nas mãos. Ele tem 65 anos, é paulistano da Freguesia do Ó, mas afirma ter “alma carioca”, relatando ter pai português que “não valia nada e o abandonou”. Sem contato com a família que, segundo ele, estaria “no esquecimento”, informa ter escolaridade até o primário. Ele afirma estar em situação de rua desde que saiu da cadeia, há mais de trinta anos, segundo seus cálculos, apesar de relatar ter “perdido a contagem” dos anos na rua. Ele costuma dormir no mesmo lugar onde passa os dias, na esquina da Rua Correia Dutra com Rua do Catete, exceto quando chove, quando é obrigado a procurar alguma marquise. Ele vive de doações e possui diversas cicatrizes pelo corpo, usando muletas para se locomover em razão de um trauma que sofreu na perna. Ele conta ter vontade de tirar seus documentos, viver livre da justiça e sair da rua, tendo ido para São Paulo dias após nossa última conversa, buscando resolver a questão de sua Certidão de Nascimento.

Como mencionado anteriormente, segundo o a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua (2007), considerada como o único Censo oficial, em âmbito federal, realizado com relação a essa população, os entrevistados eram em sua maioria por homens (82%), sendo mais da metade situados na faixa etária entre 26 e 45 anos (53,41%), sendo que 67% dos entrevistados se declararam pardos ou pretos e 63,5% não haviam terminado o primeiro grau (2012, p. 86/87).

Por sua vez, o 2º Censo de População em Situação de Rua (2022) do Rio de Janeiro também apontou a existência de uma maioria composta por homens (81,9%) negros ou pardos (83,7%), com primeiro grau incompleto (64%) e idade média entre 31 e 49 anos (40,5%), indicando, ainda, um aumento de 26% na porção de idosos em situação de rua.

Ambas as pesquisas apontam que os entrevistados elencaram como principais motivos para ida às ruas à existência conflitos familiares, o alcoolismo ou uso de drogas e o desemprego ou perda de renda.

Referidas pesquisas apresentam resultados que coincidem em parte com os

perfis dos entrevistados no presente trabalho. A predominância de homens em situação de rua no Bairro do Flamengo de fato mostrou-se uma realidade ao longo das observações exploratórias pelo território, o que fez com que esse perfil fosse escolhido para o presente estudo. Além disso, dentre os entrevistados, há também a predominância de negros e pardos e a metade deles com escolaridade próxima do primeiro grau.

Por outro lado, deve-se destacar o nível de escolaridade de Mineiro e Botafogo, que possuem escolaridade bem acima do que a da maioria apontada nas pesquisas mencionadas, tendo Mineiro o ensino médio completo com curso técnico e Botafogo ensino superior. Tal situação nos remete a heterogeneidade⁸¹ dessa população, já conceituada pela Política Nacional de População em Situação de Rua (Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009).

Igualmente, a idade me parece outro tema central que pode nos conduzir a discussões sobre o acesso a aposentadoria, o envelhecimento da população em geral e a garantia de melhores condições de vida para a população idosa no Brasil. No caso dos entrevistados, enquanto Mineiro e Barba se encontrariam dentro da faixa-etária da maior parte dos entrevistados nas pesquisas realizadas, Botafogo e Sr. L., acima dos 60 anos, atestariam o aumento de 26% encontrado no último censo municipal de população em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro.

Por fim, com relação as três principais “razões” elencadas para ida às ruas, temos que Botafogo, Barba e Sr. L. mencionaram algum conflito familiar significativo, sendo que os dois primeiros trouxeram também o relato do uso de álcool, no caso de Botafogo sendo esse último pregresso à situação de rua e também significativo nos relatos de sua trajetória. Não obstante, dos quatro entrevistados, Mineiro foi o que trouxe a questão do desemprego como central e o que, carregando um currículo profissional impresso no dia da primeira entrevista, também elencou a falta de oportunidades como elemento determinante para sua situação de rua.

V.II. Temas Emergentes nas Entrevistas

⁸¹ Art. 1º Par. Único. Para fins deste Decreto, considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.

Neste tópico, serão apresentados alguns temas que emergiram nas entrevistas e que serão debatidos a partir das falas de cada um dos sujeitos com quem dialoguei. Com isso, busca-se, com o apresentar dos assuntos que foram trazidos pelo trabalho de campo, evidenciar os detalhes que possam passar despercebidos e que são capazes de demonstrar as implicações desse viver nas ruas do Bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro.

V.II.I. A questão da Violência: Ruas perigosas

- *“Não, seguro não existe lugar.”* (Botafogo)
- *“Você não tem segurança nenhuma. Você não tem colete. Alguém passa, pode não gostar de você, pode te dar uma facada, você não tem olho nas costas, entendeu? Pode tacar fogo em você, igual fizeram com o índio.”* (Mineiro)
- *Aqui o perigo é de tudo. Se você falar uma coisa errada pra alguém, quando eu dormir ele faz uma besteira.”* (Barba)
- *“já tentaram me matar, na rua acontece de tudo”* (Sr. L.)

Viver nas ruas, conforme relatado pelas pessoas em situação de rua no Flamengo, é uma existência permeada pelo perigo constante. *“Não, seguro não existe lugar”*, lamenta Botafogo. A ausência de segurança é uma sombra que paira sobre suas vidas, como as nuvens que encobrem o Pão de Açúcar.

“Você não tem segurança nenhuma. Você não tem colete. Alguém passa, pode não gostar de você, pode te dar uma facada, você não tem olho nas costas, entendeu? Pode tacar fogo em você, igual fizeram com o índio”, desabafa Mineiro, como se recitasse um poema violento das vielas cariocas.

Nesse cenário obscuro, o perigo se disfarça em todas as esquinas, como personagens de um enredo macabro. *“Aqui o perigo é de tudo. Se você falar uma coisa errada pra alguém, quando eu dormir ele faz uma besteira”*, alerta Barba, como se estivesse sussurrando um segredo sinistro. As ameaças são variadas, e a violência espreita a todo momento, como um espectro invisível nas ruas da cidade. *“Já tentaram me matar, na rua acontece de tudo”*, revela Sr. L., com a resignação de quem carrega

as marcas da vida nas calçadas urbanas. A crônica dessas vozes da rua nos revela que a vida sem teto é uma batalha constante pela sobrevivência, onde o perigo é um companheiro indesejado que se manifesta das formas mais imprevisíveis, como as reviravoltas nos romances de Machado de Assis, um dos grandes observadores das nuances da sociedade carioca.

A questão da segurança e violência foi unanimidade nos relatos das entrevistas, assim como a ideia de que não existe a possibilidade de se sentir seguro estando em situação de rua, a que Mineiro define como sendo a sensação de estar “à deriva”. Sr. L., por exemplo, quando perguntado sobre algo que o marcou em sua vivência na rua, mencionou que “*tudo me marcou: paulada, facada, tiro...*”. Assim, seu corpo repleto de cicatrizes, talvez seja a evidência mais concreta desse perigo incessante e uma representação dessa narrada sensação de completo desamparo e violência no que se refere a vida nas ruas, que demonstra um lado dessa realidade sem nenhuma humanidade.

Esse cenário, revela que a noite na rua é muito menos romântica do que se pode imaginar, podendo representar um momento de tensão marcado pelo dormir com os olhos abertos. Assim, a segurança me parece mais uma das carências e ausências vividas pela população em situação de rua.

Por outro lado, as forças de segurança pública, que deveriam proteger essas pessoas, comumente as veem como alvo, havendo, no entanto, aparentemente uma complacência maior com as pessoas idosas em situação de rua, como quando Sr. L. diz que não mexem com ele, mas apenas com os “novinhos” ou quando Botafogo relata que vez ou outra lhe “dão essa moral”, no sentido de não lhe retirarem alguns pertences. A relação específica da polícia com a população em situação de rua, será mais adiante debatida no tópico relacionado às políticas e serviços públicos.

Por fim, concluo este tópico como enredo trazido por Mineiro, onde um transeunte diz para o outro, com relação a uma pessoa deitada na calçada: “Tá sujando a rua”. Ele simula gritos de alguém correndo em desespero e de golpes sendo desferidos e, enfim, chega a uma conclusão: “*pronto, cai, bate a cabeça e é traumatismo craniano. Aí alguém pergunta: o que aconteceu?*” e vão dizer: *Não, era só brincadeira*”.

V.II.II. Cansaços e Descansos:

- *“Tô querendo arrumar um lugar pra mim, eu tô cansado da rua”* (Botafogo)
- *“Esses anos todos de rua, só que eu já tô ficando com medo disso. De ficar esse tempo todo. Porra, não é possível, será que meu descanso só... se essa for a vontade Suprema. Porra... Eu acho que não tem mais..... [pausa] Lugar de descanso pra mim... Acho que não tem mais, eu mesmo cavei.”* (Botafogo)
- *“aqui você não consegue descansar, a sua mente nunca para. Você parece que tá cansado a vida inteira.”* (Barba)
- *“A rua cansa, ela tira a energia das pessoas. Alimentação que não é forte, e ainda tem que andar bastante.”* (Mineiro)
- *“Mas eu tô cansado, sabe? A rua cansa. Cansa mentalmente, você quer conquistar uma coisa e não consegue, porque você não trabalha, só conquista quem trabalha”* (Sr. L.)
- *“Eu durmo mais de dia, de noite eu durmo assim ó: um olho aberto e outro fechado”* (Sr. L.)

A frase do escritor brasileiro Giovani Baffô, que diz: *“em casa de menino de rua, o último a dormir apaga a lua”*, apesar de simbólica, também aborda uma realidade concreta e menos poética, representada pela fala de Mineiro quando menciona as pessoas que estão na rua *“dormindo num banco duro ou no chão de pedra cheio de desnível”*. O descanso na rua é um desafio.

A poesia de Baffô, aplicável, a meu ver, também aos adultos vivendo nas ruas, como abordado na presente pesquisa, nos dá uma imagem delicada e sensível sobre uma realidade complexa e sofrida do cansaço que se vê nas ruas, onde dificilmente se é permitido dormir tranquilamente a qualquer tempo: a noite é perigosa e os dias repletos de movimentos. Dormir na rua requer algumas estratégias.

Todos os entrevistados relataram estarem cansados da rua, não só fisicamente, a que Mineiro atribui aos deslocamentos e a *“alimentação que não é forte”*, como também pela ideia recém mencionada de perigo que parece refletir no aspecto mental e psicológico dessas pessoas. Barba relata que na rua a sensação é de se estar *“cansado a vida inteira”*, enquanto Botafogo me expõe seu medo de não mais conseguir encontrar um *“lugar de descanso”* para ele. O cansaço mental parece

vir também das constantes perdas que parecem maiores do que as conquistas possíveis. Aqui, quando abordo a questão das conquistas, não me refiro à questão econômica, mas de vencer objetivos do dia a dia como a busca de Sr. L. por tirar novos documentos, de Botafogo para operar sua hérnia, de Mineiro em conseguir um emprego e de Barba na resolução dos trâmites jurídicos relacionados à herança de sua esposa.

Outro fator simbólico se relaciona a questão dos horários e das estratégias para esse descanso. Mineiro trouxe que o constante trânsito de pessoas, com “*intenções do coração que só Deus sabe*”, gera uma insegurança para esse descanso, razão pela qual ele procuraria ruas menos movimentadas para descansar, como a que eu o encontrei a primeira vez que conversamos (R. Almirante Tamandaré), uma vez que, na sua visão, “*para descansar é melhor ter menos atenção*”.

Contudo, me parece que esse cenário de busca por lugares menos movimentados se dê somente durante o dia, uma vez que durante a noite, período perigoso e macabro como Mineiro mesmo menciona, muitos optam por lugares mais iluminados e visíveis na tentativa de se proteger de qualquer violência.

É justamente nesse sentido que Sr. L. fala que “*dorme mais de dia*”, estratégia que foi muito visualizada no campo, onde era comum ver pessoas descansando ao longo do dia, e, em alguns casos, sendo abordadas para se deslocarem da frente de estabelecimentos comerciais ou no meio de calçadas. Botafogo é outro que afirma que costuma dormir quando o dia clareia, mas afirma que além da questão da segurança, existe um “desassossego” que o impediria a dormir bem durante a noite.

Outro fator relacionado ao descanso que me chamou a atenção, foi a relação de Botafogo com o escuro e o barulho, tendo ele relatado que, quando saiu das ruas, a escuridão e o silêncio eram um tormento. Diante disso, ele confessa que, com o tempo, “*você acaba acostumando com o barulho*”.

Assim, esse descanso incompleto, de olhos entreabertos, que se adapta à luz do dia e espera o próprio sol apagar a lua, parece as vezes trazer o incômodo de sonhos de passados e ausências, como quando Botafogo relata que sonhava com a família e com comida. Assim, o relato do cansaço vivido pela população em situação

de rua, é aquele que relaciona o dormir com um papelão e uma coberta, podendo apenas se proteger do chão gelado, como nas palavras de Barba.⁸²

V.II.III. Perdas, ausências e rupturas: os laços

- *“Carreguei o caixão da minha filha debaixo do braço, isso aí foi doído.”* (Botafogo)
- *“Não tenho pai, mas tenho mãe”* (Mineiro)
- *“a família que me adotou, morreu dois irmãos, agora tem seis, então era oito, a família que me adotou não podia nem ter um filho, porque minha mãe adotiva era doente e meu pai era alcóolatra.”* (Barba)
- *Quando minha esposa faleceu, eu fiquei andando na rua, triste, né? E eu gastei muito dinheiro. Minha vida era normal, sabe? Uma vida boa. E aí eu mesmo queria me destruir e eu vim pra rua.”* (Barba)
- *“Eles já esqueceram de mim.”* (Sr. L.)

Um dos fatores que aparece comumente relacionado à ida para as ruas é a fragilização ou ruptura de laços familiares, elencado na própria Política Nacional para a População em Situação de Rua que, ao buscar uma definição para essa população, traz também essa questão.

Nas entrevistas, as perdas, ausências e rupturas dos laços familiares apareceram com frequência. Com exceção de Mineiro, os outros três entrevistados não mantinham contato com suas famílias no momento das entrevistas, apesar de todos terem mencionado o assunto e os contextos familiares quando passavam a falar de suas situações atuais, como quando Mineiro menciona que “não tem pai”.

Sr. L. relatou que apesar de orar por sua família *“mesmo sem gostar”*, eles provavelmente já teriam o esquecido, enquanto Barba mencionou seu contexto familiar com mãe doente e pai alcóolatra, que o levaram, segundo conta, a passar dificuldades desde a infância e a ter contato desde cedo com o universo das ruas.

Não só a questão desses laços familiares fragilizados ou rompidos emergiram nesses relatos, como também a questão das perdas. Botafogo em mais de uma oportunidade mencionou o dia em que carregou o caixão de sua filha pequena e demonstrou que a perda de sua avó foi significativa em sua vida. Por sua vez, o

⁸² Filipe: E pra dormir?

Barba: “É papelão e uma coberta. Papelão eles levam, se perde, mas a gente acha na rua. Protege do chão gelado.”

primeiro assunto trazido por Barba foi sua esposa, que havia falecido pouco tempo antes em virtude da Covid-19, motivo que ele atribui, inclusive, como fator que o levou à situação de rua naquela oportunidade.

Aqui, não há como deixar de mencionar, também, o falecimento de Dingo, cachorro ainda filhote de Botafogo, que passou a ocupar papel importante em sua vida ao longo das entrevistas realizadas e, segundo ele menciona, o desestabilizou como há muito tempo não ocorria. Neste caso, pude acompanhar e partilhar tanto a alegria da chegada de Dingo, como a dor de sua partida, alguns meses depois.

Por fim, acredito que a vida marcada por perdas nas ruas nos remeta a reconhecer a resiliência dessa população, que apesar de todas as rupturas e ausências segue reinventando uma forma de viver todos os dias. Como afirma Botafogo: vão-se os anéis e ficam os dedos.

V.II.IV. Companhias, amizades e conversas: Os novos laços na rua

- *“Vocês é que fazem eu me sentir vivo”* (Botafogo)
- *“Meu último momento de felicidade na verdade, se tornou em muitos momentos felizes, pelo fato de que apareceu um amigo que na verdade se tornou um companheiro de todos os dias e horas, e me faz eu me sentir feliz como a muito tempo eu não sentia, e a ótima sensação de que eu não estou só. Dingo é o nome dessa felicidade, até meu glorioso Botafogo ficou em segundo plano.”* (Botafogo)
- *Nós dois assim ó, embaixo da cobertura, um olhando pro outro “aí fudeu, mané, deu ruim”, debaixo da cobertura ele fica quietinho, aí eu converso com ele debaixo da cobertura “ó, ta vendo como ta aí fora... (Botafogo)*

Nem tudo na rua são perdas e dores, sendo certo que essa adaptando da vida nas ruas passa pela reconstrução de novos laços. Nessa perspectiva, uma das falas de Botafogo me fez refletir profundamente sobre a questão em especial da conversa:

“Tem morador de rua que só conversa com morador de rua, e tem morador de rua que não conversa com ninguém mesmo... não sei como consegue. Sei lá, eu acho que as vezes a pessoa se retrai numa redoma em volta de si mesmo, uma barreira. Tem pessoas que foram traídas, muito machucadas, magoadas, pela família, aí eu acho que começa a deixar de acreditar no próximo, então, pra não ter que se decepcionar de novo é melhor eu nem me envolver. Acho que o

sentido é esse...” (Botafogo)

Essa fala, além de passar pelas rupturas de laços e dores existentes na rua, também expressa talvez a importância das conversas e das relações sociais, que considero como uma carência humana imaterial, no sentido de ser necessário reconhecer que não só o corpo possui necessidades para sobreviver, como também a alma, parte imaterial do homem, nos impõe carências existenciais como as de poder falar, estabelecer relações e sermos ouvidos.

Mineiro, sobre a questão da amizade, diz que na rua não se faz amigos, apenas colegas, escrevendo posteriormente para mim o seguinte recado: “*obs: ao novo amigo e não colega que fiz. (...) obrigado pelo desconhecido que ficou conhecido*”. Tais palavras me levaram a pensar que o conceito de amizade na rua, talvez passe por uma escuta sincera e pela questão da confiança.

Sr. L., em sentido semelhante, afirma que seu único amigo é Deus, mas que conhece as pessoas em situação de rua que viviam próximas dele, inclusive afirmando que os ajudaria em algumas oportunidades, como quando ganha alimentos em excesso.

Barba, sobre essa questão, não só relata que as pessoas a quem contou a sua história “passaram a ter uma amizade” e lhe dar bom dia e ajudá-lo, como também me propôs também uma reflexão quando disse “*conheço todo mundo, mas não ando com eles, não pode andar*”. Entendi que “todo mundo”, se referia à outras pessoas em situação de rua, uma vez que posteriormente ele afirmou não conhecer ninguém por ali, “*só da rua mesmo*”, dando a entender que não tinha conhecidos no bairro.

Me parece que essa questão do “conhecer” pessoas se mostra significativa uma vez que pode representar, através desses laços que são formados na rua, a possibilidade de acessar meios de subsistência, diálogo e, em alguns casos, segurança, fato que amolda a escolha de Botafogo pela “maloca” existente embaixo do Viaduto San Tiago Dantas, onde apesar de existirem várias pessoas, todos por se conhecerem se sentiam seguros até quando ocorriam abordagens policiais no local, o que também pude acompanhar.

Dessa maneira, ao mesmo tempo que existem relatos constantes de roubos e furtos entre a própria população em situação de rua, como mencionado por Barba e ocorrido com Botafogo, me parece comum também a afirmativa de que essa população com frequência se ajuda e por vezes se une ou se separa pensando na

própria segurança e bem-estar.

Por fim, a questão da conversa acredito que seja central, uma vez que a experiência no campo e os relatos dos entrevistados passaram por esse ser/estar sozinho e por uma escassez de diálogos que superem a barreira dos cumprimentos formais. O ato de falar e ser escutado, vital para seres sociais como nós seres humanos, mostra-se tema importante, capaz de propiciar a garantia da saúde mental e material, através das sociabilidades que são reinventadas na rua.

Assim, talvez seja a falta de conversa uma carência das pessoas em situação de rua a que se dá pouca atenção. Pegando emprestado um trecho do conto da escritora Adalgisa Nery, intitulado “O Indigente”, nas ruas, por vezes, parece que mesmo que as pessoas estejam no “ponto mais movimentado do trânsito”, suas vozes, junto aos roncões dos motores, caem pulverizadas nas calçadas, fazendo desaparecer até mesmo “a sombra do eco dos passos dos visitantes”. As pessoas em situação de rua têm muito para falar, mas poucos parecem dispostos a ouvi-los.

V.II.V. O olhar “de fora”: As quatro paredes do preconceito

- *“Tudo pro morador de rua, tem um peso e uma medida diferente. Pras pessoas mais evoluídas, digamos, eles... me tratam como igual, porque eu sou igual, a diferença é quatro paredes.”* (Botafogo)
- *As pessoas, quer dizer, elas podem até gostar de você, mas ao mesmo tempo sempre rola aquela desconfiança por você ser morador de rua. Quer dizer, a qualquer momento ele pode me roubar, ele pode me assaltar.* (Botafogo)
- *Não. As pessoas estão só observando, nós somos vigiados mais que o Big Brother. Só que as pessoas observando, elas não vêm, elas não se comovem. O julgamento [delas] é uma barreira, é o pré-conceito. Parar? Nada, vai parar pra conversar com maloqueiro? Elas passam com medo, querem passar o mais rápido possível, elas querem dar o passo mais largo possível, pra não se comunicar com aquele seu próximo.”* (Mineiro)
- *“Elas me olham porque eu sou morador de rua. E como qualquer morador de rua, somos todos iguais, sabe? Não existe diferença, no*

olhar das pessoas, é tudo morador de rua, é tudo uma pessoa só, uma coisa só.” (Barba)

Na segunda parte desse trabalho, relatei a visão existente no imaginário social com relação a população em situação de rua - que passa, na minha opinião, pela forma como ela historicamente é retratada nos meios de comunicação - com a realidade de violência vivida por essas pessoas. Igor Rodrigues (2016), em uma de suas obras, aborda a questão do que vem chamar de “construção social do morador de rua” e do controle simbólico dessas identidades⁸³. Assim, umas das questões que me pareciam importantes com relação ao tema aqui estudado, era ouvir os relatos das pessoas em situação de rua sobre essa questão do preconceito e dos olhares vindos “de fora”, isto é, das pessoas em geral que não vivem essa realidade.

Nas entrevistas realizadas, as falas foram unânimes e assertivas no sentido de reconhecer um preconceito enraizado e muito operante com relação às pessoas em situação de rua, que distante de qualquer definição trazida pela política nacional, enxerga essa população como se fosse uma coisa só, não reconhecendo suas individualidades e perpetuando os preconceitos históricos existentes.

Vários relatos de histórias e comentários são capazes de retratar esse preconceito existente, como quando Botafogo foi questionado sobre ter “sujado” o banheiro de um estabelecimento no qual havia comprado comida ou quando lhe disseram que seu cachorro era “bonito demais para ficar na rua”. A partir desses e outros comentários, que Botafogo conclui que “*tem pessoas que acham que você tem que sofrer mesmo, que você não pode ter nada.*”

Um dos pontos fundamentais a ser explicitado neste tópico, é que os relatos sobre o preconceito existente surgiram espontaneamente na fala dos entrevistados, não sendo conduzidos por perguntas nesse sentido, o que evidencia a importância do assunto para essa população.

A fala que talvez mais retrate essa ideia, é a de Barba, quando conclui que no olhar das pessoas, a população em situação de rua seria uma coisa só e assim que ele era também visto: como morador de rua. Mineiro, por sua vez, ao retratar que esse

⁸³ Para aprofundar o tema, veja: Rodrigues, Igor de Souza. A construção social do morador de rua: derrubando mitos – Curitiba: CRV, 2016.

grupo é constantemente observado, relaciona a barreira do preconceito com o fato das pessoas em geral não se comoverem com essa realidade.

E como Botafogo conclui, tudo para a população parece ter um peso e uma medida diferente, fato que atravessa essa realidade trazendo preocupações que ele mesmo me trouxe quando disse que as pessoas em geral não se incomodavam e vê-lo tomando chuva, mas não aceitavam que Dingo, seu cachorro, a tomasse ou, depois, quando fala que além da dor de sua perda, convivia com o fato de que algumas pessoas o consideram responsável pela morte de Dingo.

Outro ponto importante com relação ao tema do preconceito e as visões existentes, passa pela associação histórica - originada como abordado neste trabalho com o estabelecimento da ideia de classes pobres e perigosas – da população em situação de rua como autora potencial de violências e não como vítima. Essa associação parece clara quando Botafogo menciona que: *“sempre rola aquela desconfiança por você ser morador de rua. Quer dizer, a qualquer momento ele pode me roubar, ele pode me assaltar.”*

Por fim, a presença frequente desses relatos de preconceito e a percepção, por essa população, da ideia genérica estabelecida acerca da população em situação de rua como uma coisa só, a meu ver, pode estar relacionada com a fala de Sr. L. quando ele afirma: *“eu já tô cheio de ficção, eu sou uma ficção, né?”*.

V.II.VI. O álcool, as drogas e a rua: o que vem antes?

- *“E a cachaça também, ela ajuda, porque a gente tá nessa situação também, né? É tipo um anestésico, é uma camuflagem... Porque, a vida... (Botafogo)*
- *“Eu sonhava muito com a família, aí então aquele sofrimento me angustiava e eu não conseguia ficar sóbrio por conta disso... Eu não conseguia, cara...” (Botafogo)*
- *“Muita das vezes, não posso falar pelos outros, só posso falar por mim. A pessoa se envolve com as drogas, falo drogas do começo ao fim, álcool até os entorpecentes. Ela se envolve com as drogas pra equilibrar esse medo, essa frustração. Porque você tá em campo aberto, cara.” (Mineiro)*

- *“Pra passar o tempo... pra passar o tempo e aí pra dormir logo. Então a maioria aí da rua bebe, só por isso mesmo”* (Barba)
- *“Ou problema com pinga ou problema com droga. Todo morador de rua tem problema, ninguém tá na rua de graça.”* (Sr. L.)

Como visto, tanto a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua (2007), como o 2º Censo sobre a mesma temática realizado no Rio de Janeiro (2022), aponta os problemas com álcool e drogas como um dos principais fatores que contribuem para o estabelecimento da situação de rua no contexto de vida de algumas pessoas. Contudo, essa questão complexa ainda parece apresentar inúmeras lacunas não respondidas, como compreender se o uso abusivo é pregresso ou posterior à situação de rua assim como analisar qual o papel do álcool e das drogas na vida de cada uma dessas pessoas.

Ainda que o tema central desta investigação tenha proposto como recorte estabelecer diálogos com pessoas que não estivessem fazendo uso abusivo de substâncias entorpecentes, o tema foi constantemente trazido e se relaciona de alguma forma a situação de rua de cada um dos entrevistados. Quando se menciona a heterogeneidade dessa população, deve-se ter em mente também a existência de grupos com perfis diversos que vivem essa situação, e apesar das fronteiras entre esses grupos serem muito próximas, as entrevistas apontaram ser comum que eles “não se misturem”.

No caso específico de Botafogo, ele afirmou conhecer e manter contato com algumas pessoas que faziam uso de entorpecentes na Praça Marinha do Brasil - localizada em frente a calçada onde ele costuma pedir - afirmando, no entanto, que evitava ir ao local para não ser “confundido” e, assim, visto como um “viciado”.

Mineiro, por sua vez, me advertiu para não conversar com pessoas que estivessem “chapadas” e Sr. L. não só atesta que algumas pessoas estavam em situação de rua por “problemas com pinga” ou com drogas, vendo com frequência pessoas que faziam uso abusivo de substâncias, como também acreditava que essa vida não compensa uma vez que levaria a morte.

No entanto, não só me pareceu haver uma tolerância maior - por parte da população em geral e das forças de segurança - ao uso de álcool, possivelmente em

razão de sua legalidade, como os motivos para o uso foram similares no caso de Botafogo e Barba.

Barba, que relatou detestar cachaça, disse que passou a beber na rua para passar o tempo e para dormir, afirmando ser muito comum o uso de álcool com esses objetivos por parte da população em situação de rua. No caso de Botafogo, além de também trazer a questão da bebida com o objetivo de dormir, apontando a diferença de quando fazia uso de bebidas alcoólicas em casa para “relaxar” e, na rua, para dormir, menciona que o álcool serve como um anestésico ou camuflagem, que dentre outros fatores tinha como intuito pessoal diminuir a angústia trazida pelos sonhos constantes com sua família.

Mineiro, ao longo de sua entrevista, apresentou uma leitura particular sobre um dos motivos da relação da população em situação de rua com o álcool e as drogas, afirmando que esse uso se daria na tentativa de se equilibrar o medo e a frustração que existem quando se está vivendo nas ruas. Esse relato, além de nos conduzir a importância de se investigar mais a fundo essa realidade de pessoas fazendo uso abusivo de drogas em geral, também nos remete a ideia de que o abuso de substâncias talvez seja um sintoma que aponte a outras tantas vulnerabilidades que transpassam essas vidas.

V.II.VII. O acolhimento público: A ordem sem progresso

- *“Outro dia, antes, eles [agentes] vieram sorrateiramente e já vieram de longe gritando assim: “Aí, Botafogo, nem adianta que hoje tu não vai levar nada.” (Botafogo)*
- *“Vinte anos de rua, você quer que eu resolva minha vida em três meses? Tá de sacanagem, né?” (Botafogo)*
- *“A assistência deveria fazer, a abordagem deles muitas das vezes é pra tirar as pessoas das vias públicas pra mostrar que ali não tem pessoas com tantas dificuldades, levam pra ilha do governador.” (Mineiro)*
- *“aí eles vêm, maltratam a gente. Vem com pedaço de pau, à toa, eles batem.” (Barba)*

- “Não, vem o “Choque de Ordem”, que manda tirar os papéis dos... mas eles me conhecem. Eu tenho 65 anos, não podem mexer comigo não, é contra a lei, pô. Não pode tirar meu papelão, eles tiram dos novinhos.” (Sr. L.)

As falas dos quatro entrevistados apontam no mesmo sentido quando assunto passa pela questão dos albergues ou da operação “Choque de Ordem” promovida pela Secretaria de Ordem Pública: os serviços são precários e as abordagens na rua são frequentes. A garantia de ordem parece mais importante que a de direitos na cidade do Rio de Janeiro.

Não bastasse os acontecimentos históricos com relação às violências sofridas por essa população, reais e simbólicas, no sentido de serem constantemente associadas às noções de perigo e desordem, não é de hoje que a Secretaria de Ordem Pública tem a população em situação de rua como alvo. Em 2013, foi proposta ação civil pública⁸⁴ pelo Ministério Público do Estado, a partir de denúncias que apontavam para: a utilização de armas e equipamentos de “choque” nas operações realizadas pela SEOP (Secretaria de Ordem Pública); a prática de violência durante as operações, sobretudo pela Guarda Municipal; o extravio e a destruição dos pertences e documentos das pessoas abordadas; a participação da COMLURB em tais operações; sendo algumas das operações municipais realizadas durante a madrugada, sob justificativa do então Subprefeito da Zona Sul em 2010, que disse: “quando todo mundo está dormindo é mais fácil”.

No mesmo sentido, as falas de Botafogo dão conta de vários episódios em que ele foi alvo dessas operações e teve algum pertence retirado de sua posse, como livros, discos, sacolas, itens para lavar roupa, entre outros. Como diz botafogo, tanto nas “perturbações” do Choque de Ordem, como nas abordagens da Guarda Municipal, os princípios são os mesmos: “Abordagem normal, passou um morador de rua...”.

Os entrevistados me trouxeram que hoje a retirada de documentos é incomum, assim como o uso de violência extrema, como nos casos noticiados na ação mencionada, de uso de armas de choque e cassetetes. Contudo, Botafogo confirmou já ter sido alvo de abordagens durante a madrugada e, durante as idas ao campo, pude observar também a presença de caminhões de lixo da COMLURB

⁸⁴ Petição inicial disponível em:

https://www.mprj.mp.br/documents/20184/2489765/Rogério_Pacheco_Alves.pdf/

acompanhando as abordagens da Assistência Social, como se verá a seguir.

Mineiro, sobre o assunto, diz ter a impressão de que a abordagem da Assistência Social muitas vezes “*é pra tirar as pessoas das vias públicas pra mostrar que ali não tem pessoas com tantas dificuldades*”. Sr. L., que foi entrevistado a poucos metros de onde essa fotografia foi tirada, afirma com relação ao “Choque de Ordem” que não mexiam com ele ou lhe tiravam pertences por ser idoso, concluindo: “*não pode tirar meu papelão, eles tiram dos novinhos*”.



Arquivo fotográfico do campo - Abr.23

Os relatos trazidos apontam uma realidade de constantes violações dos direitos humanos dessa população, que já diante de incontáveis vulnerabilidades, se vê à mercê de ações que parecem promover a ordem em detrimento de garantir direitos. Botafogo acredita que essas ações têm o objetivo de dificultar a vida nas ruas para que as pessoas se vejam obrigadas a ir aos abrigos existentes: “*Só que eles querem dificultar tua vida na rua, com que intuito? Que você seja forçado a ir pro abrigo, é uma máfia isso aí*”.

Com relação aos abrigos e albergues, uma informação também emergiu com frequência: todos são localizados em regiões periféricas e muito próximas ou vizinhas a comunidades. Tanto Mineiro como Barba mencionaram um albergue na região da Ilha do Governador, sendo que Barba afirmou que esse seria um “*local de transição, vai lá, fica um tempo e eles te mandam para outros lugares*”.

Em consulta sobre o acolhimento institucional no portal eletrônico da Prefeitura

do Rio de Janeiro, chamado “Carioca Digital”, consta a informação que tanto a “Central de Recepção de Adultos e Famílias Tom Jobim (adultos misto e famílias)” como a “Central de Recepção de Idosos Pastor Carlos Portela (idosos mistos)” se situam no mesmo endereço: Estrada dos Maracajás, nº 973 - Ilha do Governador⁸⁵. Referido endereço, que consta no Google Maps como sendo do “Centro de Triagem para Moradores de Rua”⁸⁶, está localizado em uma das entradas para o Morro do Barbante, região conhecida como de predominância do crime organizado e do tráfico de drogas.

Todos os entrevistados mencionaram alguma experiência com relação à abrigos, a maior parte delas negativa. Barba inclusive expôs sua opinião com relação ao problema dos serviços possuírem essas localizações, usando a mesma expressão que Botafogo, “é uma máfia”:

“Todos esses abrigos são em favela. Não tem uma coisa errada nisso aí, não? Isso aí é uma máfia. Eu sei que é, já trabalhei em prefeitura, isso aí eles fazem não é pra nós não, é pra eles. Jacarepaguá é lá na milícia, na gardênia, e por aí vai. Todos eles são no pé do Morro. Como é que você vai tratar uma pessoa, um drogado, botando ele... Não tem como, ele tá ali, vai, pega, usa. Lá dentro tinha uso escondido” (Barba)

Além disso, Barba expôs sua visão sobre a estrutura do albergue que frequentou, dizendo que o local “não presta não”, com “água na canela no banheiro”, “privada entupida”, onde “os cara trata nós igual bicho”, reclamando que não pode sentar ou deitar no chão, tendo que ficar em pé por ter “40 cadeiras pra 200 pessoas” e conclui: “ninguém gosta de lá”.

Sr. L., por sua vez, afirmou ser com frequência abordado por profissionais que oferecem encaminhá-lo para um dos serviços de acolhimento. Segundo ele, não aceitava ir uma vez que iria “ficar na mesma”, “acostumado” e “parado”. Essa fala de Sr. L. talvez se relacione à resposta de Botafogo, que contando suas experiências em abrigos, diz que lá é “tudo básico”, no sentido de não oferecerem muitas oportunidades ou outros serviços. Assim, os relatos sugerem uma realidade de precárias estruturas e poucas oportunidades para melhoria das condições de vida.

Botafogo conta ter ficado em um albergue localizado em Jacarepaguá, região também bastante afastada do centro da cidade, reclamando principalmente da questão do tempo de permanência permitido. Segundo ele, no local profissionais o

⁸⁵ Disponível em: <https://carioca.rio/servicos/informacao-sobre-acolhimento-institucional-de-adultos-familias-idosos-e-criancas-adolescentes-centrais-de-recepcao/>

⁸⁶ Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/HEEWVtpaBfEFjYTH9>

informaram que os serviços de acolhimento são rotativos, com tempo limite de três meses, ao que ele conta que fez o seguinte desabafo: “*Vinte anos de rua, você quer que eu resolva minha vida em três meses? Tá de sacanagem, né?*”. Para Botafogo, além dos serviços serem “básicos” e “cheio de maluco”, o maior problema que o desanimava era mesmo o tempo.

A existência de reclamações com relação aos serviços de acolhimentos destinados a população em situação de rua parece ser antiga⁸⁷, sendo possível extrair das reportagens jornalísticas mencionadas neste trabalho, descrições de locais que se revelam mais próximos da ideia de depósito para onde são “varridos” os problemas da cidade, do que compatíveis com espaços propostos para acolher as vulnerabilidades dessa população, resgatando os valores de uma “casa” ou um “lar” e possibilitando o enfrentamento das multicausalidades complexas que fazem surgir essa situação no contexto de vida individual.

Outra lacuna importante com relação a temática dos abrigos é a questão das vagas. Ocorre que, apesar de ser há tempos noticiado o déficit no número de vagas de acolhimento na cidade do Rio de Janeiro⁸⁸, é comum que algumas prefeituras afirmem que essas vagas não são totalmente preenchidas, como no caso recente da cidade de Campinas⁸⁹. Deve-se investigar, então, a razão das pessoas escolherem às ruas, analisando não só a precariedade mencionada desses locais, já noticiada outras vezes, como também algumas particularidades que, a meu ver, surgem do desconhecimento dos perfis dessa população, como nos casos específicos da proibição de entrada de animais e bebidas, dos serviços que não acolhem casais e da inexistência de espaços individualizados para descanso.

Por fim, as falas dos entrevistados nos conduzem a concluir que a realidade pouco tenha mudado na questão dos abrigos e das operações que buscam “garantir” a ordem. Em que pese não ter encontrado nenhuma reportagem ou matéria que aponte qualquer meta de melhoria nos serviços de acolhimento disponíveis para a população em situação de rua, a estratégia do governo carioca parece a mesma anunciada pelo secretário especial de ordem pública da época Rodrigo Bethlem, em matéria publicada no Jornal “O Globo” em 04 de janeiro de 2009:

⁸⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/rio-tem-2-mil-vagas-em-abrigos-para-14-mil-moradores-de-rua.ghtml>

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ Disponível em: <https://www.acidadeon.com/campinas/cotidiano/mesmo-com-frio-intenso-abrigos-de-campinas-ainda-tem-vagas/>

"No quesito desordem urbana, a população de rua é a principal queixa dos moradores do Rio e será um dos dois maiores desafios do secretário especial de Ordem Pública, Rodrigo Bethlem. O Secretário - que também considera a desocupação dos espaços públicos a sua outra grande meta - anuncia que a prefeitura não permitirá que pessoas acampem e durmam em calçadas, praias e embaixo de viadutos. Ele afirma que, nas operações de choque de ordem que começam amanhã, aqueles que se recusarem a ir para abrigos terão que circular. O direito de ir e vir é de todos. Todos os cidadãos têm de poder circular livremente pelos espaços públicos." (Rodrigo Bethlem, Jornal O Globo, em 04 de janeiro de 2009).

O que se vê do discurso, que elenca a população em situação de rua como um “desafio” para a ordem pública, é que ao estabelecer a meta de desocupação dos espaços públicos e afirmar o direito dos “cidadãos” de circular livremente, não somente se nega a cidadania das pessoas em situação de rua, como também se declara que um espaço público livre de pessoas é mais importante do que a garantia de um espaço para morar à essas pessoas.

Curioso notar que o déficit de vagas e a melhoria dos serviços de acolhimento não parecem receber a mesma prioridade, nos levando a uma contradição evidente: o governo do Rio de Janeiro tenta impor a saída dessas pessoas das ruas para os serviços de acolhimento, mas sequer existem vagas caso todas optarem por ir. O retrato das falas dos sujeitos dessa pesquisa expressa uma realidade atual não muito distante: a população em situação de rua parece seguir sendo alvo dos serviços públicos, não destinatária.



Jornal O Globo, em 04 de janeiro de 2009

V.II. VIII. A distância entre os direitos e os humanos na rua:

- *“Depende a quê.”* (Botafogo)
- *“Acho que não é nem lei, cara. Eles oprimem a gente... Tipo assim, eles tentam implantar essa lei, de que... Como se nós fossemos os errados, tudo bem, a gente pela lei mesmo... Não existe artigo pra pedinte, pra pessoa que pede, mas também não tem vadiagem, já teve há muitos anos atrás, você caía na vadiagem.”* (Botafogo)
- *“Não existe direito. A rua tem direito pra uma coisa: pro carro e pro pedestre. O carro tem que parar na faixa e o pedestre tem que passar na faixa, pronto.”* (Mineiro)

A noção de direito é genérica e não sugere representar algo próximo ou concreto para a população em situação de rua. Nessa realidade, a violação de direitos humanos é mais comum do que a ideia de sua existência. É nesse sentido que Sr. L. afirma: *“direito a gente tem, mas ninguém dá”* e Botafogo pergunta *“depende a quê”*, respondendo depois que *“só a isso mesmo”*, quando me menciono direitos básicos como não ser forçado a ir para o abrigo, ser respeitado e poder dormir na rua. Mineiro, sem rodeios, conclui: *“não existe direito”* quando assunto é rua.

A Secretaria de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos (SEDSDH), responsável pela promoção de Direitos Humanos, é chamada por Botafogo de *“sub[desenvolvimento]”*, uma vez que, para ele, nunca o auxiliam a desenvolvimento algum. Durante o trabalho de campo, igualmente, os relatos dos sujeitos da pesquisa apontavam uma enorme distância entre a garantia de direitos na prática e a vida nas ruas. O que se extrai das entrevistas realizadas, são relatos que mencionam sucessivas violações de direitos humanos e quase nenhuma proteção, conduzindo alguns dos entrevistados a passarem a entender direitos a partir do mínimo que lhes foi garantido: direitos humanos na rua virou sinônimo de não condução forçada aos abrigos e não terem seus documentos recolhidos, retirados ou descartados pelos agentes municipais.

Contudo, enquanto a Secretaria de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos não possui nenhuma coordenadoria, superintendência ou subsecretaria específica para promoção dos direitos da população em situação de rua⁹⁰ e a

⁹⁰ https://www.secsocial.rj.gov.br/subsecretaria_dos_direitos_humanos

assistência social segue promovendo ações em conjunto com caminhões de lixo, os objetivos elencados na Política Nacional para a População em Situação de Rua de desenvolver ações educativas permanentes para resguardar a observância aos direitos humanos e implantar centros de defesa dos direitos humanos para a população em situação de rua (Incisos V e VII do Decreto nº 7.053/09), seguem existindo somente no papel.

V.II.IX. A comida que nem sempre vem

- *“Tipo, eu comi de dia mas depois também não comi mais nada, nada, nada, aí a noite deu uma fome, uma fome, uma fome... Ainda mais agora esse tempo frio.... É uma angústia...”* (Botafogo)
- *Porra, mano, eu só sonhava com comida. Entendeu?* (Botafogo)
- *“quando não dá é salgado, biscoito, talvez você arruma um miojo, passa na padaria pega uma água quente, pega a água do café e o miojo dá aquela amolecida e dá pra dar uma alimentada. Mas não deveria [ser assim], né? Dias melhores virão.”* (Mineiro)
- *“Minha mãe que falava, meu filho, em casa você pode comer o que você quiser na geladeira, na rua você vai passar fome.”* (Barba)
- *“Eu nunca mais jantei. Nem almoçar eu almoço todo dia. Então dá pra acostumar sim”* (Barba)
- *“tem dia que não passa nada, né? E as vezes passa demais”* (Sr. L.)

Café da manhã e jantar são raros e o almoço nem sempre vem, essa é a realidade mencionada com relação a comida. É unânime e recorrente na fala dos entrevistados a dificuldade em se alimentar em quantidade e qualidade adequada, sendo um dos fatores principais a incerteza de ter o que comer.

Várias são as falas em que Botafogo trata dessa realidade, afirmando algumas vezes receber muitos alimentos e não ter como guardá-los e, em outras oportunidades, receber muito pouco ou quase nada. Em um desses dias, ele me conta: *“não consegui nada, nem almocei, nada”*, e explica *“se não é a moça passar, aí ela me deu meio biscoito Bauducco”* e *“depois veio um rapaz com um salgado e um suco, mas isso era 10:30 da manhã”*, naquele momento eram quase 16h e nem mesmo as pessoas “das empresas”, que segundo ele costumam passar trazendo alguma sobra de comida ou refrigerante, tinham lhe oferecido nada, ao que ele conclui:

“Hoje não teve, nem o refrigerante”.

A importância do assunto, parece ser expressada com sinceridade por Botafogo quando em outra data lhe pergunto se o dia anterior tinha sido bom para e ele responde *“foi, consegui me alimentar, deu tudo certinho no final”* e depois confessa *“ainda consegui jantar”*. Como o arroz e o feijão não se vê todo dia, conseguir comer parece sinônimo de um dia bom e jantar é um acontecimento raro.

Mineiro, assim como Botafogo, diz que se fosse escolher o que comer, escolheria *“um arroz e feijão”*. No entanto, quando pergunto se é todo dia que dá para comer arroz e feijão, ele diz que não, contando em relato semelhante ao de Botafogo que alguns dias a alimentação é *“salgado, biscoito, talvez você arruma um miojo, passa na padaria pega uma água quente, pega a água do café e o miojo dá aquela amolecida”*. Ele conclui de maneira bastante objetiva que *“dá pra dar uma alimentada”*, mas não deveria ser assim.

Fome é uma palavra mencionada algumas vezes nos diálogos, como quando Barba compartilha uma conversa que teve com sua mãe, que lhe disse que na rua ele passaria fome. Quando pergunto, ele afirma de fato passar, usa como exemplo o osso de seu joelho para mostrar o quanto está magro e conclui ser possível se acostumar com fome: *“dá, eu nunca mais jantei, nem almoçar eu almoço todo dia, então dá pra acostumar sim”*. Barba também afirma que passava fome na infância: *“fome de comer manga verde, fome mesmo, fome, fome, fome”*.

A fala de Sr. L. vai no mesmo sentido das anteriores. Quando eu pergunto o principal desafio de morar na rua, ele fala: *“ah, é a parte da comida, né?”* e expressa a mesma realidade de Botafogo quando menciona que *“tem dia que não passa nada, né? E às vezes passa demais”*.

Quando a comida não vem, a estratégia de Botafogo é “colocar água pra dentro” na tentativa de enganar a barriga que faz barulho, sendo que uma vez, tendo ido deitar com fome, conta que chegou a sonhar com comida. Sobre o assunto, ele fala: *“é uma angústia”*. A situação de rua dos entrevistados, é também, algumas vezes, situação de fome.

V.II.X. Higiene x Limpeza: Por que não existem banheiros públicos?

- *Não, na verdade, hoje não seria o dia ideal, mas sempre me elogiam: “Você tá sempre limpinho”, por isso que as vezes que eu ando sujinho,*

eles nem percebem [ele me mostra a sujeira nas unhas]. Vou fazer a barba, lavar a bermuda, tenho roupa pra trocar.” (Botafogo)

- *Pô e vem guarda municipal e leva, levaram sabão em pó, escova, balde, maior covardia. O que eles não acham que é necessário. Eles sabem que é necessário, entendeu? (Botafogo)*
- *“Eu deixo a barba porque eu não quero ficar bonito na rua, como é que eu vou pedir dinheiro? Ninguém vai me dar dinheiro se eu ficar bonitinho. Eu não faço a barba, até porque na defensoria eu tô como morador de rua, não vou chegar limpinho lá.” (Barba)*
- *“tomo banho de paninho” (Sr. L.)*

A população em situação de rua é com frequência relacionada à sujeira, mas a questão da higiene dessa população me parece intimamente ligada a das necessidades fisiológicas: acessar um banheiro é um desafio na rua. Os banheiros acessíveis são raros e quase não existem banheiros públicos na cidade, assim, apesar do número crescente de pessoas vivendo nas ruas, a questão dos banheiros parece ignorada enquanto a higiene pessoal de cada pessoa que vive na rua parece representar fator importante sobre a forma como são vistas socialmente.

Quando pergunto sobre a existência de banheiros acessíveis, todos mencionam uma realidade parecida com a que Sr. L. trouxe quando disse: *“tem que dar um jeito”*. Mas dar um jeito não parece tarefa fácil, uma vez que são raros os banheiros públicos e, segundo ele mesmo conta, sobre a possibilidade de uso dos banheiros em estabelecimentos privados: *“não querem deixar nem cliente, tem que pagar, comprar alguma coisa, quem dirá morador da rua”*.

Mineiro sugere uma solução mais prática, afirmando que procura alguma árvore e espera um menor movimento de pessoas para se aliviar. Botafogo, por ser conhecido, conta que algumas vezes consegue acessar o banheiro de um supermercado, mas afirmou para mim em uma oportunidade que foi barrado, mesmo *“estando limpinho”*, sob o argumento de que o banheiro estaria interditado, ao que ele concluiu: *“interditado para morador de rua”*. Quando não consegue acessar um banheiro, Botafogo conta também recorrer às praças e moitas por aí para fazer suas necessidades.

Na região, o único serviço público com disponibilidade de banheiro que conheci foi o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) Maria Lina, que não era frequentado por nenhum dos entrevistados. Todos relataram a dificuldade de se acessar banheiros e, também, concordaram que a aparência era algo determinante para a forma com que a população em geral os enxergava.

Neste ponto, entra outra questão, relacionada a higiene, que era exercida de diferentes maneiras pelos entrevistados. Botafogo lavava o rosto todos os dias ao acordar e tomava banho com frequência, desde que não estivesse muito frio ou cansado, ele também costumava fazer a barba quando conseguia barbeadores. Seu cabelo normalmente estava penteado para o lado e ele trocava de roupa sempre que possível, relatando que só conseguia lavar as mais leves, em especial no verão, usando as demais até onde se mostrava possível.

Barba, no entanto, afirmou que não se limpava com frequência, deixando a barba e o cabelo crescerem, pois não queria ficar bonito na rua. Ele diz que ninguém o ajudaria se ele ficasse bonitinho e que, por estar cadastrado como “morador de rua” na Defensoria Pública, onde cuidava dos assuntos relacionados ao inventário de bens da sua esposa, não poderia chegar “limpinho” no local. Aqui, me parece que a associação da população em situação de rua com a sujeira, presente no discurso de Barba, foi incorporada até mesmo por ele.

Mineiro conseguia em geral tomar banho no hotel quando conseguia vaga, sendo bem pontual e organizado para que isso ocorresse. Sr. L., por sua vez, afirmou que tomava banho “de paninho”, trocando de roupa quando ganhava novas.

V.II.XI. Alegrias e Felicidades, Palavras e Sorrisos: Nem tudo são lágrimas

- *“Mas um sorriso ajuda a melhorar muita coisa.” (Botafogo)*
- *Falar de felicidade é o que... Aí, pra mim até quando eu tô com fome ou às vezes tô com vontade assim de beber um refrigerante, sabe? Esses momentozinhos assim pra mim já tá bom. Tipo, caraca, tô com fome e a pessoa vem na hora e eu fico pra Deus: “Pô, valeu, tu me ouviu” (Botafogo)*
- *“Eu sei o que é amor. Amor é o que eu sinto pela minha esposa, só posso definir dessa forma. Foi a única pessoa que eu amei, e vou*

amar pra sempre, por opção minha, eu quero amar minha esposa. Viver minha vida mas nunca esquecer, sabe?” (Barba)

- *“Uma palavra. Uma palavra ela tem poder, pode agregar coisas positivas ou negativas. Eu quero a palavra, porque com uma palavra positiva ela vai agregar firmeza a luta contra o obstáculo. Somos guerreiros, mas o guerreiro também chora, também sofre.” (Mineiro)*
- *.” Mas eu não sou só um dente, um braço, eu sou o conjunto da obra. Eu tenho que sorrir mesmo sem o dente, porque o sorriso vem de dentro pra fora.” (Mineiro)*
- *“Coisa boa tá tendo agora, o pessoal dá uma comida, dá uma ajuda.” (Sr. L.)*

É certo que as falas dos entrevistados sugerem uma realidade difícil onde são enfrentados diversos obstáculos e desafios para garantir a própria sobrevivência diária. Apesar disso, a rua não é e nem poderia ser um lugar só de mágoas ou dificuldades e esse trabalho procura se propor a olhar também os detalhes de vida e os instantes de felicidade que foram compartilhados em cada relato.

Botafogo admitiu que, mesmo nos dias ruins, um sorriso ajudaria a mudar muita coisa, demonstrando que felicidade pode ser muito menos do que se imagina, como um refrigerante para beber ou uma comida quando se está fome, ele, que afirma que a felicidade plena não existe, mencionou vários “instantes de felicidade” que teve na rua: Quando não se tem tv, ao menos se pode assistir a uma gravação ao vivo na madrugada ou ouvir o seu time jogar no rádio, quando se sente sozinho, uma nova companhia pode surgir de maneira inesperada, como ocorreu com Dingo. Nos dias difíceis, um sorriso pode mudar muita coisa.

E as palavras também têm seu potencial revolucionário, tem seu poder melhorar um instante que seja, como quando Mineiro escolhe uma palavra positiva a qualquer outra doação que poderia receber. Barba, por sua vez, ainda que afirme que na rua não se tem lado bom, ensina o que é o amor e dá uma lição de resiliência ao dizer que vai amar sempre sua esposa, vivendo sua vida, sem nunca se esquecer. E ele mesmo menciona uma saudade boa, a saudade do reencontro, quando diz que está ansioso para viver com seu cão Lupi, um pinscher preto que parece um “cavalinho”.

E se a rua tem seus lados alegres e tristes, bons e ruins, o ser humano também é, como fala Mineiro, o “conjunto da obra”. Ele dá uma das mais sensíveis e valiosas lições que repousam nas linhas desse trabalho quando fala sobre o ato de sorrir depois de perder alguns dentes: *“mas eu não sou só um dente, um braço, um sou o conjunto da obra. Eu tenho que sorrir mesmo sem o dente, porque o sorriso vem de dentro pra fora”*.

V.II.XII. Os desafios da rua:

- *Tem um ditado que a gente diz assim, grava bem isso que eu vou te falar: “Sair da rua não é difícil não, quero ver a rua sair de você.”* (Botafogo)
- *“A gente sempre arruma um jeito. Na rua a gente sempre arruma um jeito.”* (Mineiro)
- *“É a própria pessoa. Essas pessoas elas não têm objetivo, elas se perderam. Perderam aqueles projetos que o ser humano tem, perderam os sonhos. Então como é que faz pra sair? Como ele vai sair da rua? Ele não consegue sair. Mas eu vou sair, eu vim aqui com prazo. Eu vim aqui buscar um negócio e encontrei. Eu já saí uma vez”* (Barba)
- *“isso aqui é uma prisão, a pessoa sair daqui é difícil.”* (Barba)
- *“A rua é um desafio, pra viver na rua o cara tem que saber a viver na rua.”* (Sr. L.)

São muitos os desafios para a vida nas ruas: a violência, o cansaço, o preconceito, a comida, os banheiros, as oportunidades. E apesar de Sr. L. mencionar que o próprio viver na rua é um desafio, os demais entrevistados elencaram como principal dificuldade a saída das ruas.

Barba menciona que algumas pessoas acabam perdendo seus sonhos e objetivos e, por isso, não conseguem sair da rua, mencionando que o principal desafio para sair das ruas está na própria pessoa. Ele mesmo, que diz estar na rua com prazo certo, fala depois que a rua é uma prisão e é difícil sair dela. Para Mineiro, que afirmou que a rua é lugar de passagem, o principal desafio para sair dela seriam as oportunidades, uma vez que com um emprego, segundo ele, você ganha seu dinheiro e paga um lugar para morar. Sr. L. também considerava a questão do dinheiro a

principal para a saída nas ruas, afirmando que “dinheiro parece que é tudo às vezes”.

Com albergues precários, poucos direitos e, muitas vezes, perdidos em sonhos e objetivos depois de tantos anos vivendo essa situação, sair da rua parece possuir uma etapa anterior complexa: encontrar um espaço ou lugar no mundo que abrigue quem se é. E conforme o tempo passa, surge um momento em que, como Botafogo concorda, a rua parece se tornar casa na falta de outra melhor.

Assim, entendendo a dificuldade colocada por Botafogo quando diz que sair da rua não é impossível, sendo o difícil fazer “a rua sair de você”, é importante compreender os significados dessa rua para que se possa pensar em permitir um lugar digno para as pessoas que vivem nela, acreditando, assim, nas palavras de Mineiro quando diz: “*A gente sempre arruma um jeito. Na rua a gente sempre arruma um jeito*”.

V.II.XIII. Rua: Os significados

- *“Pra mim é um subterfúgio de fugir. É uma fuga, cara. (Botafogo)*
- *Um significado? Que ela não é brincadeira, ela não é uma brincadeira. Ela bate, bate com força. Enquanto você aguentar segurar a pancada você tá em pé.” (Mineiro)*
- *É porque pessoa não é pra tá na rua. Pessoa não foi feita pra tá na rua. Pessoa não nasceu pra tá na rua. Não tem como, não tem como você falar que um ser humano merece estar na rua, não existe isso. Principalmente com tantos prédios vagos, com tanto espaço. (Mineiro)*
- *Eu não sei, eu só sei te dizer que isso aqui é um lugar que quem tá aqui, não quer estar. (Barba)*
- *“Não... pra mim significa liberdade, né? Eu tava guardado, pô. Agora eu tô há mais de trinta anos voando na rua.” (Sr. L.)*
- *“Porque a rua parece que tem açúcar, o pessoal gosta de desafio. A rua é um desafio, pra viver na rua o cara tem que saber a viver na rua.” (Sr. L.)*

Apesar da pergunta objetiva trazida no título da presente investigação, é necessário que se pontue duas questões fundamentais que emergiram das entrevistas: a rua tem significados próprios e múltiplos para cada sujeito que vive nela e é um espaço complexo de se definir.

Todos os entrevistados foram perguntados e responderam elencando algum significado direito para a rua. Botafogo a definiu com uma “*fuga*”, falando depois que a rua é um caminho e tem várias frentes. Mineiro, em sua definição, trouxe uma frase que representa a dureza desse viver à deriva, quando disse: “*ela não é brincadeira*”, para ele a rua é também um lugar de passagem. Barba quando perguntado sobre o que a rua significava para ele, disse não saber, mas concluiu com uma única certa: “*só sei que aqui é um lugar que quem tá aqui, não que estar*”. Sr. L. foi claro ao responder que a rua, para ele, significava “*liberdade*”, justificando sobre o tempo em que esteve preso “*eu tava guardado, pô*”, para ele, no entanto, a rua é também um desafio.

Apesar das respostas, noto que outras falas também são passíveis de conduzir a significados particulares da rua para cada um, que se relacionam com suas vivências e visões de mundo. Se por um lado, para quem esteve preso, a rua pode representar uma liberdade (Sr. L.), para outros, que vem de um lar que ficou vazio, a rua pode ser uma prisão (Botafogo e Barba), há também quem concorde que ela é só um caminho, onde se passa, mas não se estaciona (Mineiro). Todos esses significados e simbolismos serão abordados com maior profundidade no próximo capítulo, onde serão propostas as principais discussões deste trabalho.

PARTE VI – DISCUSSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a tantos caminhos possíveis e diante de todas as interseccionalidades que atravessam o tema da presente investigação, os encontros e desencontros teóricos, as incertezas sobre os diálogos e o trajeto a ser percorrido, constato que pesquisar é mesmo um desafio que envolve enfrentar as angústias, aceitar fragilidades e assumir riscos.⁹¹

A presente dissertação procurou analisar os dados existentes com relação a temática da população em situação de rua, em especial da única pesquisa em âmbito nacional e do recente Censo Municipal realizado na cidade do Rio de Janeiro, para propor um diálogo entre a realidade encontrada no campo, as lacunas ainda existentes sobre o tema e o que apontam essas pesquisas.

⁹¹ Sobre essa lição, tomo com referência os ensinamentos de Igor Martins Medeiros Robaina (2015) no premiado trabalho: “Entre Mobilidades e Permanências: Uma Análise das Espacialidades Cotidianas da População em Situação de Rua na Área Central da Cidade do Rio De Janeiro”.

Após isso, no marco teórico, foram propostas reflexões acerca da formação histórica dessa população, trazendo o debate especificamente para o contexto brasileiro e, em especial, para a realidade carioca, sendo expostas, também, algumas representações desse grupo que foram encontradas em acervos de grandes meios de comunicação no passado e no presente.

Assim, busquei discorrer sobre a formação das categorias nunca bem definidas dos “mendigos”, “vagabundos” e demais sujeitos que eram associados à ideia que se tinha da população em situação de rua. Essa população, que pertence a uma camada marginal e pobre da sociedade, me parece sempre ter sido percebida a partir de ideias preconceituosas e rasas que se estabeleceram no imaginário social.

De igual modo, a exclusão social histórica dessas pessoas das cidades, foi abordada nesta dissertação na busca por analisar o contexto em que, pouco a pouco, as ruas vêm a se tornar local de moradia de alguns indivíduos. Assim, para compreender o que é a rua para quem mora nela, se fez necessário buscar entender também a formação das cidades e de duas esferas de significação da vida, o público e o privado, para assim analisar a temática à luz da diferença entre casa e rua.

No cenário brasileiro, duas questões são determinantes para o que se discute no presente trabalho com relação a essa população e os seus contextos de vida nas cidades: o primeiro é a questão racial originada desde o período da abolição da escravidão, onde a preocupação das classes dominantes e políticas foi no sentido de disciplinar e condicionar ao trabalho a massa de pessoas libertas, sem jamais ter lhes concedido um espaço na sociedade ou a possibilidade de uma existência digna. Assim, me parece também que as pesquisas vão no mesmo sentido ao apontar um fator racial determinante para compreensão da formação dessa população que vive em situação de rua.

O segundo ponto, se relaciona ao processo de Proclamação da República e de desenvolvimento específico da cidade do Rio de Janeiro, onde a modernização da cidade passava pela expulsão da população marginalizada, que sempre foi excluída do projeto de nação que se formulava.

Tal realidade me parece bastante evidente na guerra aos cortiços e na consolidação da ideia de que a população pobre era responsável pela transmissão das doenças e não as condições sub-humanas de habitação a que eram submetidas.

E a própria formação das favelas surge de mais uma intervenção sofrida pelas camadas populares sem que lhes fosse concedido um espaço de moradia ou de

existência na escala social. As favelas e os cortiços, considerados “não casas”, eram vistos como núcleos de desordem e insalubridade, conceitos constantemente associados à essas populações que só buscavam reivindicar um espaço para existir.

Portanto, inúmeros foram os fatores que deram os contornos do que hoje se concebe como uma crise global de Direitos Humanos (ONU), no entanto, a ausência de espaços na sociedade e os preconceitos que enraizaram uma visão genérica e abstrata da população em situação de rua, se situam no cerne do que aqui me propus discutir.

Igualmente, o foco desse trabalho está na pesquisa de campo, uma vez que somente através dos diálogos construídos com os quatro sujeitos da pesquisa que se fez possível tentar compreender e discutir o que é a rua para quem mora nela, quais as estratégias adotadas para garantir a própria sobrevivência e como essas pessoas são afetadas pelas constantes violações de direitos humanos.

Não obstante, inúmeros foram os resultados dessa pesquisa de campo, que podem ser visualizados nos temas emergentes desses diálogos, que passam pela questão da violência constante, das rupturas e formações de novos laços, dos preconceitos, da precariedade dos serviços públicos, da tentativa de imposição de uma ordem pública voltada a manutenção de privilégios, entre outros.

Nesta parte, elenquei três tópicos principais para encaminhar as discussões e concluir esse trabalho, sendo a questão da higiene a primeira, por estar ligada também a esse imaginário social estabelecido, onde muitas vezes se relaciona a população em situação de rua à sujeira e pouco se discute a grave violação de seus direitos à saúde, higiene e acesso à água. Em segundo lugar, todas as entrevistas passavam pela questão da alimentação precária, que coloca essa população, diante da ineficiência de serviços públicos aptos a garantir o direito à alimentação adequada, em situação de insegurança alimentar que carece de ser debatida.

Por fim, proponho uma discussão sobre os significados da ideia de rua, de casa e o que cada um dos entrevistados contribuiu para que fosse possível chegar à conclusão deste trabalho.

VI.I. Entre O Sujo E O Limpo: Uma População Sem Acesso A Banheiros

Quando se pensa na realidade da população em situação de rua no bairro do Flamengo hoje, higiene é uma palavra que se liga mais às políticas e práticas

higienistas, destinadas a ocultar os problemas das cidades, presentes por exemplo nas tentativas constantes de conduzir essa população para serviços distantes de abrigo temporário, como relatado na pesquisa de campo.

As medidas de higiene social a que me refiro aqui, seriam àquelas vinculadas as práticas idealizadas para uma higiene moral da sociedade, que tem por objeto determinadas condutas individuais e acabam por tornar alvo grupos populacionais que se busca excluir socialmente.

Referida prática, que marca a busca por realocar os conflitos e tensões existentes na esfera pública, é bem definida nas palavras de Mineiro, quando diz que alguns serviços públicos atuam na *“tentativa de tirar as pessoas das vias públicas para mostrar que ali não tem pessoas com tantas dificuldades”*.

E como abordado anteriormente, a guerra aos cortiços e demais habitações populares, surge de um discurso médico-sanitarista que confundia a questão da higiene com o preconceito e a aversão às classes pobres, associadas às noções de perigo e insalubridade.

Assim, as medidas sanitárias do passado, implementadas pelas classes dominantes que buscavam ocultar os problemas das cidades, se ligam ao higienismo social atualmente presente nos centros urbanos, que privilegiam a manutenção de uma ordem pública desejada marcada pela tentativa de expulsão de certos grupos - como a população em situação de rua - dos espaços públicos.

Não obstante, assim como nas práticas de higienismo social, a arquitetura hostil, que utiliza elementos arquitetônicos para restringir certos espaços e excluir determinados grupos sociais, é também presença constantes na cidade do Rio de Janeiro, a exemplo dos bancos públicos que são divididos ou não revitalizados para pessoas não poderem se deitar, das marquises cercadas por grades que não podem servir de abrigo da chuva, dos vasos que impedem pessoas de se situarem nas calçadas e das pedras embaixo de viadutos.

Desse modo, a pesquisa de campo realizada me leva a concluir que, enquanto a higiene social é recorrente e se opera através da tentativa constante de conduzir esses indivíduos para abrigos temporários distantes e precários, praticamente inexistem esforços para garantia de direitos humanos à saúde da população em situação de rua, sendo que todos os quatro sujeitos dessa pesquisa afirmaram não ter acesso permanente e regular à banheiros.

E essa realidade nos remete a uma contradição clara e um problema urgente a

ser enfrentado: Quase não existem banheiros acessíveis para a população em situação de rua do Rio de Janeiro e o acesso a água potável ainda é limitado.

Aqui, cabe destacar que apesar da questão do acesso a banheiros ser problema antigo, como já colocado por Robaina (2015), no “Questionário de Rua”⁹² aplicado para realização do Censo de População em Situação de Rua na Cidade do Rio de Janeiro – 2022, não há qualquer pergunta relacionada ao acesso à banheiros ou cuidados de higiene. Como se vê do documento, no Bloco 6, destinado às questões de saúde, somente existem perguntas sobre gravidez, pré-natal, acesso a água para beber, problemas/serviços de saúde e uso de drogas.

Assim, constata-se que a população em situação de rua, historicamente colocada à margem da sociedade, enfrenta diariamente desafios e barreiras para realizar suas necessidades fisiológicas e práticas básicas de higiene, tendo seus direitos humanos negados no cerne da cidade em que as medidas de higienização são constantemente empregadas.

Por outro lado, apesar desse contexto de constantes violações do direito à saúde e a higiene, ainda pouco debatidas, a população em situação de rua é historicamente relacionada a um discurso que associa a sujeira como característica imoral que se confunde com a desordem de sujeitos vistos como “ociosos” e “vadios”.

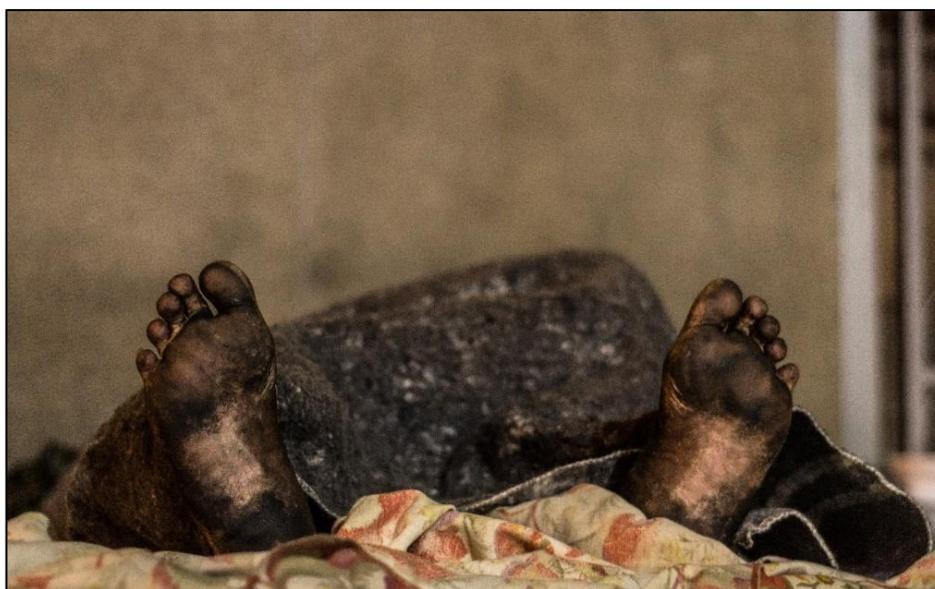


Foto por: Matheus Tomaz – Arquivo Projeto Campinas Invisível (maio 2018)

⁹² Disponível em: <https://censoru-pcrj.hub.arcgis.com/pages/metodologia-questionarios#>

A imagem acima representa um estereótipo da população em situação de rua, que no imaginário social das classes dominantes parece associar essas pessoas como sujeira na paisagem urbana e não como seres humanos privados de seus direitos.

Botafogo, por exemplo, apesar de estar há vários anos em situação de rua, estabeleceu diversas estratégias para toma banho sempre que possível. Ele afirma que as pessoas o querem ver limpo, bem apresentado, apesar de, ainda assim, relatar que aparentemente não deixa de ser visto como “morador de rua”.

Por outro lado, em importante obra que se dedica a debater sobre a história da higiene corporal, Georges Vigarello (1996) discorre sobre as definições dos padrões e técnicas de limpeza entre a Idade Média e o Século XX.

Segundo o autor, é somente a partir do segundo terço do século XVIII que o banho passa a ter uma nova presença, ainda sem que seu objetivo seja a limpeza propriamente dita. A nova prática, notadamente inabitual, propõe reflexões sobre os empregos da água, pureza, saúde e até mesmo sobre a sociedade de uma maneira geral.

Em dado momento da história, na iluminada Paris de 1770-1780, a questão do ar e dos ambientes humanos passa a ser percebida com novos olhares e sob novos conceitos por uma questão muito clara: “*o que estava próximo transpôs o limite do intolerável: cidades empestadas, acúmulo de imundícies, bafio de águas paradas. A morte ronda todos os lugares infectos. O mau cheiro não é apenas incômodo, é perigoso*” (1996, p.162).

Práticas populares passam a ser reprovadas e alguns espaços se tornam alvo de necessárias mudanças no contexto urbano. O mal passa a ser ligado ao amontoamento de “*respirações, de coisas, de pessoas, misturando seus cheiros confusos*” (1996, p. 165). A questão da doença é central no período, inúmeras epidemias assolavam as populações, mas apesar disso, sobretudo após 1780, como aponta Vigarello, há um discurso médico que diferencia a falta de limpeza popular do bem-estar burguês.

Sujeira, miséria e doença passam então a ser associadas em um discurso que contamina as sociedades até hoje. E as atenções também se voltam para a salubridade do ar, a limpeza das ruas e a ideia de um banho popular, que era não voltado ao conforto, mas estratégia de prevenção aos odores e as doenças.

No início do século XIX, uma palavra passa a ocupar um lugar inédito: higiene,

a literatura médica que antes se referia aos cuidados e a conservação da saúde, agora passam a usar esse termo que “*não é o adjetivo que qualifica a saúde (hygeinos, em geral, significa “o que é são”)*”, mas o conjunto de dispositivos e saberes que favorecem sua manutenção” (1996, p. 186). A medicina com isso se aproxima da política desde o final do século XVIII e passa a influenciar a disposição das cidades e de diversos espaços, influenciando a vida cotidiana.

O banho passa ser inserido na equação dos fluxos urbanos, da quantidade de água necessária para lavar os corpos de toda uma cidade, mas a distribuição dos estabelecimentos destinados a essa prática, são distribuídos de maneira desigual pelo tecido social, concentrando-se nas regiões mais nobres.

Diante desse cenário, Vigarello conclui que não só a imagem do pobre, como também da miséria, assume outras formas mais ameaçadoras e desconfortantes na cidade industrial. Em meados de 1840, uma nova pedagogia destinada aos indigentes e o lugar ocupado pelas práticas de limpeza também se altera: é imposta uma relação entre a limpeza dos pobres como aval de sua moralidade e a garantia de uma “ordem”.

Como bem coloca o autor, vê-se aí uma “ambição complexa e totalizadora ao mesmo tempo, uma vez que, do asseio da rua ao das habitações, do asseio dos aposentos ao dos corpos, o objetivo não é outro senão transformar os costumes dos mais desfavorecidos” (1996, p. 211).

Busca-se com a limpeza eliminar os “vícios” associados à pobreza, sendo estes verificáveis ou não, modificando também suas práticas corporais e adequando-os também a um novo conceito de ordem e moral.

Eis aí o retrato de uma limpeza “conquistadora” que ia da casa até a roupa, da roupa até o corpo, do corpo até os costumes mais íntimos dos humildes, onde se avizinhavam ordem e virtude. Essa “ética das purezas” se formaliza em uma regra clara onde a sujeira nada mais é do que a “insígnia do vício” (1996, p. 212).

Vigarello ainda ressalta o que já parece óbvio:

“E o público alvo, longe de ser a burguesia, é evidentemente o povo pobre das cidades. Aquele que as cidades do início do século XIX jogam nos quartos de aluguel superlotados, quando não nos porões mal iluminados, aquele do qual as pesquisas de Villermé traçam uma imagem sinistra: “Em Nîmes, por exemplo, na casa dos mais pobres, eu poderia dizer nas casas da maioria dos tecelões de 3ª classe, só há uma cama sem colchão, na qual dorme toda a família; mas sempre vi lençóis, só que o pano destes às vezes parece um pano de chão gasto.” (1996, p. 212)

Aqui, situa-se a correlação direta entre pobreza, situação de rua e essa sujeira sempre percebida como algo mais. Essas descrições de séculos passados retratam um contexto que parece não ter deixado de existir simbolicamente como relação aos indigentes.

A síntese que se objetiva explicitar com o presente tópico, está presente no seguinte trecho expresso em um “Relatório sobre o trabalho do conselho salubridade de saúde do departamento norte”, datado de 1843, trazido por Vigarello (1996, p. 213):

“E sua pele? Sua pele, embora suja, é reconhecida em seu rosto, mas no corpo ela é tingida, escondida, por assim dizer, por depósitos graduais de exsudações diversas, nada é mais horrivelmente sujo do que esses pobres desonrados”

Essas “moralidades duvidosas” se mesclam, na visão oficial, com os odores e suores, de modo que se torna repugnante o cheiro de um povo. As ligações imaginárias se tornam de certa forma concretas, não há distinção entre sujeira e vício: “a miséria inquietante, cujos farrapos e insetos parasitas são o sinal de um ilegalismo sempre possível e de uma delinquência pelo menos latente”. A ideia é que se o homem se habitua a andar “aos andrajos”, está fadado com isso, inevitavelmente, a perder seu sentimento de dignidade e, assim, diante dessa perda, abrem-se as portas para todos os vícios (1996, p. 214).

Apesar de enraizado no âmago do imaginário social, esse pensamento até hoje percebido fez surtir poucos efeitos práticos na tentativa, desde o século XIX, de “corrigir a falta de limpeza indigente” (1996, p. 218).

Contudo, essa discussão nos apresenta não só uma reflexão sobre o espaço da sujeira dos indigentes e sua percepção, mas também sobre sua reinvenção pública que também transgrede uma prática tida socialmente como privada: os banhos são tomados no banheiro, com portas fechadas.

Assim, ao mesmo tempo que se condena essa construída ideia de sujeira da população em situação de rua, que a ligaria, também no cenário fictício e simbólico, a desordem, a imoralidade e ao vício, continuam a não se ofertar espaços suficientes para que essa exigida limpeza seja praticada.

Desse modo, nos chafarizes onde ainda há água - aqueles que não sucumbiram a arquitetura hostil que visa a expulsão dessas pessoas - nos limitados serviços onde ainda se oferta a possibilidade de um banho, e nas raras pias de

banheiros geralmente privados, a higiene da população em situação de rua é uma prática recorrente e comum, que se vê como mais uma a ser inventada dentro das escassas possibilidades que lhes são ofertadas cotidianamente.

A limpeza que continua no cenário atual sendo moralizante e ligada à uma ordem, segue amalgamada a essa antiga sujeira a ser combatida, que não se refere ao bem-estar, mas a uma ética das purezas que ainda hoje está longe de ser democrática e realista: O cheiro do povo segue incomodando uma sociedade que tenta negar essa parte de si enquanto toda uma população vive sem acesso à banheiros e a água potável.

VI.II. Pessoas Em Situação De Fome No Rio De Janeiro

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), no relatório “*The State of Food Security and Nutrition in the World*” [Situação da Segurança Alimentar e Nutricional no Mundo – disponível somente em inglês], a pobreza e a desigualdade seriam causas estruturais subjacentes à insegurança alimentar e à desnutrição em todas as suas formas, responsáveis por amplificar os impactos negativos desses fatores globais. Assim, a insegurança alimentar seria agravada por níveis elevados e persistentes de desigualdade, sendo o acesso limitado à rendimentos um elemento determinante para o aumento da probabilidade de insegurança alimentar, em especial para grupos socialmente excluídos ou marginalizados.⁹³

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), em conjunto com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a FAO, e outras entidades, indica que os números globais de fome vêm subindo no mundo, sendo mostrado no último relatório de 2022, um retrocesso global nos esforços para eliminar a fome e a desnutrição.⁹⁴ No mencionado relatório, são definidos conceitos importantes para o tema que será discutido neste tópico:

- **Fome:** uma sensação desconfortável ou dolorosa causada pelo consumo insuficiente de calorias. Privação alimentar. Nesse relatório, o termo fome é sinônimo de subalimentação crônica.

⁹³ Disponível em: <https://www.fao.org/documents/card/en/c/cb4474en>

⁹⁴ Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/relatorio-da-onu-numeros-globais-de-fome-subiram-para-cerca-de-828-milhoes-em-2021>

- **Insegurança alimentar moderada:** um nível de gravidade da insegurança alimentar em que as pessoas enfrentam incertezas sobre sua capacidade de obter alimentos e foram forçadas a reduzir, em alguns momentos do ano, a qualidade e/ou quantidade de alimentos que consomem devido à falta de dinheiro ou outros recursos. Refere-se à falta de acesso consistente aos alimentos, o que diminui a qualidade da dieta e interrompe os padrões normais de alimentação. Medido com base na Escala Internacional de Insegurança Alimentar (FIES).
- **Insegurança alimentar grave:** um nível de gravidade da insegurança alimentar em que, em algum momento do ano, as pessoas ficaram sem comida, passaram fome e, no mais extremo, ficaram sem comida por um dia ou mais. Medido com base na Escala Internacional de Insegurança Alimentar (FIES).
- **Insegurança alimentar aguda:** insegurança alimentar encontrada em uma área específica em um momento específico e de gravidade que ameaça vidas ou meios de subsistência, ou ambos, independentemente das causas, contexto ou duração. Tem relevância na orientação estratégica de ações que focam em objetivos de curto prazo para prevenir, mitigar ou diminuir a insegurança alimentar grave.
- **Má nutrição:** condição fisiológica anormal causada pela ingestão inadequada, desequilibrada ou excessiva de macronutrientes e/ou micronutrientes. A má nutrição inclui desnutrição (desnutrição crônica e desnutrição aguda infantil e deficiências de vitaminas e minerais), bem como sobrepeso e obesidade.
- **Subalimentação:** condição na qual o consumo alimentar habitual de um indivíduo é insuficiente para fornecer a quantidade de calorias necessárias para manter uma vida normal, ativa e saudável. A prevalência de subalimentação é usada para medir a fome (indicador ODS 2.1.1).

Nesse contexto, em julho de 2023, o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome noticiou a piora da fome nos últimos três anos no Brasil.⁹⁵ Segundo a reportagem, o país que havia saído do mapa da fome em 2014/2015, retornou em 2022 com situação ainda mais agravada no recente relatório da FAO. Sobre essa realidade, o Ministro do Desenvolvimento Wellington Dias afirmou que “*se tornou comum ver pessoas passando fome, na fila por ossos e catando comida no lixo para se alimentar.*”⁹⁶

Por sua vez, a Escala Global de Experiência de Insegurança Alimentar (FIES

⁹⁵ Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/fome-no-brasil-piorou-nos-ultimos-tres-anos-mostra-relatorio-da-fao>

⁹⁶ Idem.

Global) é composta por oito questões com foco em comportamentos e experiências relacionados com a alimentação adequada, associados a dificuldades crescentes no acesso aos alimentos devido a restrições de recursos, que buscam estabelecer a gravidade da insegurança alimentar⁹⁷:

1. Você estava preocupado por não ter comida suficiente para comer?
2. Você não conseguiu comer alimentos saudáveis e nutritivos?
3. Você comeu apenas alguns tipos de alimentos?
4. Você teve que pular uma refeição?
5. Você comeu menos do que deveria?
6. Sua família ficou sem comida?
7. Você estava com fome, mas não comeu?
8. Você ficou um dia inteiro sem comer?

Isto posto, antes de adentrar nos relatos dos sujeitos que fazem parte dessa pesquisa, alguns dados com relação ao local onde o presente trabalho foi realizado devem ser mencionados. Primeiramente, no já referido Censo de População em Situação de Rua na Cidade do Rio de Janeiro – 2022, houve a inclusão⁹⁸ de um bloco específico para questão da segurança alimentar (Bloco 5), que contou com duas perguntas: “*Onde você se alimentou hoje*” e “*Na última semana, você ficou algum dia inteiro sem comer porque não conseguiu comida?*”.⁹⁹ Dentre os resultados obtidos, destaca-se que quase metade dos entrevistados afirmaram ter ficado um dia inteiro sem comer na semana anterior a pesquisa.

Na pesquisa de campo, Botafogo trouxe em algumas falas a angústia de não ter o que comer, afirmando já ter sonhado com comida e ficado longos períodos sem se alimentar, bebendo água para enganar a sensação da barriga vazia que fazia um barulho também narrado por ele. Segundo ele, alguns dias recebia muitos alimentos e, em outros, quase nenhum, não tendo também onde armazenar os alimentos em excesso, que comumente eram compartilhados com outras pessoas em situação de rua.

Mineiro afirmou que quando não é possível arrumar comida, se alimenta de

⁹⁷ Disponível em: <https://www.fao.org/in-action/voices-of-the-hungry/fies/en/>

⁹⁸ Por inclusão me refiro que no Censo de População em Situação de Rua na Cidade do Rio de Janeiro realizado em 2020, não havia qualquer pergunta com relação a alimentação no questionário aplicado.

⁹⁹ Disponível em: <https://censoruapcrj.hub.arcgis.com/pages/metodologia-questionarios#>

salgados e biscoitos ou miojo amolecido pela água quente que pedia em padarias. Ele, que quando perguntado, disse que se pudesse escolher, comeria “*arroz e feijão*” todos os dias, relatou que diante da inexistência de serviços para acesso à alimentação adequada, frequentava espaços de doações organizados por entidades da sociedade civil uma vez que “carro sem combustível não anda”. Mineiro conclui ser pesada sua realidade para conseguir comida e afirma que a demanda de pessoas na mesma situação cresceu muito.

No mesmo sentido, Barba atesta que sua mãe estava certa quando disse que na rua ele passaria fome, mostrando seu corpo magro e o osso do joelho como exemplo claro disso. Ele afirma também ter se acostumado com a fome ao dizer que nunca mais jantou e nem almoçar ele almoçaria todo dia.

Por fim, Sr. L. traduz sua situação quando diz “*como o que o pessoal me dá, como aqui mesmo, no chão, na esquina*”. Ele, quando perguntado diz que o maior desafio de morar na rua é a “*parte da comida*” e que se fosse elencar um lado bom para a sua vida atual, diria que é “*o pessoal trazer quentinha pra mim*”.

Nos diálogos construídos na pesquisa de campo, todos os quatro sujeitos que participaram dessa pesquisa afirmaram (i) não conseguir comida todos os dias para se alimentar; (ii) se alimentar de biscoitos ou salgados as vezes; (iii) pular refeições; (iv) não existirem serviços públicos acessíveis para alimentação adequada.

Diante desse cenário, uso aqui o termo “pessoas em situação de fome” para expressar a realidade da população em situação de rua que se situa entre a insegurança alimentar moderada, constatada na incerteza sobre a capacidade de obter alimentos e na qualidade ou quantidade reduzida de alimentos consumidos e a insegurança alimentar grave, evidenciada pelos relatos das pessoas que chegaram a ficar mais de um dia inteiro sem comida.

À vista disso, não desconhecendo as diferenças entre a fome existente no Brasil da década de 60 e o que aqui chamo de situação de fome vivenciada nas ruas do Brasil atual, traço um paralelo entre as falas dos sujeitos dessa pesquisa e os relatos de Carolina Maria de Jesus em sua obra “Quarto de Despejo”.

Quando Carolina nos alertava que o Brasil precisava ser governado por alguém que já passou fome, ela afirma que “*a fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo e nas crianças*” (2014, p. 29). Essa fala me remete diretamente a Mineiro, quando logo após falar de suas dificuldades para se alimentar na rua, afirmou que “*O que eu passo, eu fico muito triste de pensar uma criança que*

tá aqui na rua, porque eu não nasci na rua. Você vê mães parindo filhos na rua...".

O mesmo Mineiro emprega a analogia da comida como combustível, que é traduzida de maneira sutil e marcante por Carolina, quando diz:

“A comida no estomago é com o combustível nas maquinas. (...) O meu corpo deixou de pesar (...) Eu tinha a impressão que eu deslizava no espaço. Comecei a sorrir como se estivesse presenciando um lindo espetáculo. E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer?” (2014, p. 44)

No entanto, os horrores de levantar de manhã e não ter nada para comer, (2014, p. 99), as dificuldades e o nervosismo de querer descansar, mas ter que sair para conseguir comida (2014, p. 33) e a energia que é poupada uma vez que se sabe que é necessário rodar para conseguir arranjar dinheiro para comer (2014, p. 55), são experiências partilhadas que das falas de Carolina me remetem a Botafogo e tantos outros. A situação de fome na rua, é também aquela que não sabe quando ou o que vai comer.

E a dureza de ter que se render ao que o destino lhe dá como alternativa, expressa na fala de Carolina ao afirmar que: “*Quando eu encontro algo no lixo que eu posso comer, eu como. Eu não tenho coragem de suicidar-me. E não posso morrer de fome*” (2014, p. 162), foi visualizada como realidade de algumas pessoas em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro durante a parte exploratória e de observação da presente pesquisa.

E nem mesmo os sonhos parecem escapar desse cenário onde a fome tem cor, sons e rostos. Carolina, assim como Botafogo, sonhava com uma realidade onde ter comida era sinônimo de enfrentar a miséria:

“30 de julho – Escrevi até tarde, porque estou sem sono. Quando deitei adormeci logo e sonhei que estava noutra casa. E eu tinha tudo. Sacos de feijão. Eu olhava os sacos e sorria. Eu dizia para o João: - Agora podemos dar um ponta-pé na miséria.” (2014, p. 185)

Ao mesmo tempo que encontrava, ainda que em sonho, um espaço para dar esse pontapé na miséria, Carolina Maria de Jesus escrevia sobre sua vida e sobre sua fome, transcrevendo a alma de um povo marginalizado que, apesar de suas dores, vive sempre a encontrar novos motivos para sorrir, ainda que seja da própria desgraça:

“1 de agosto – Deitei, mas não dormi. Estava tão cansada. Ouvi um ruído dentro do barraco. Levantei para ver o que era. Era um gato. Eu ri, porque eu não tenho nada para comer. Fiquei com dó do gato.” (2014, p. 186)

E essa resiliência reside na fala de Botafogo quando comemora que seu dia foi bom por ter conseguido se alimentar, de Sr. L. que afirmava o lado bom ganhar quentinhas e de Mineiro que sorria mesmo com dentes faltando e afirmou: “*dias melhores virão*”.

Este tópico é um retrato expresso da situação de insegurança alimentar das pessoas em situação de rua e de fome na cidade do Rio de Janeiro, em especial no Flamengo, no ano de 2023.

VI.III. Afinal, O Que É A Rua Pra Quem Mora Nela?

Início este tópico acometido por um turbilhão de pensamentos e ideias que tornam de certa forma árdua a tarefa de, com responsabilidade, tentar sintetizar todos os significados encontrados para essa rua que se torna espaço de moradia de muitas pessoas no Brasil hoje.

Neste ponto, gostaria de pontuar que quando proponho no título o termo “Casas de Papelão”, o faço pensando em um duplo sentido: primeiro, pelos simbolismos do papelão para a população em situação de rua (como matéria-prima, isolante térmico, e vida que se recicla e se renova), caracterizado pelo fato de todos os quatro sujeitos dessa pesquisa estarem sentados em um quando conversamos e quase todos repousarem nele para dormir. Em sentido diverso, buscava no termo me referir a ideia de fragilidade desse morar nas ruas, realidade que é tão marcada pela violência, pelo descanso precário ou pelas intempéries do clima e da vida. Sobre isso, Sr. L. bem define o que quero dizer, quando ao ler este título, me disse dando risada: “*casas de papelão, choveu a casa desmorona, quebra o telhado*”.

Assim, pensar a rua é também analisar a ideia de casa, de espaço íntimo, de lugar no mundo, de modo que, sob a ótica da população em situação de rua, todos esses conceitos se relacionam com disputas, carências, rupturas e exclusões que atravessam essa realidade.

Por sua vez, entendo que quando se lê sobre um acontecimento que não se viveu, a fronteira entre o real e o imaginário na mente é marcada por uma linha tênue. A partir disso, procuro através dos áudios com sons ambientes, das imagens que

capturaram instantes da vida e das transcrições dos diálogos do campo, possibilitar ao leitor uma inserção em um contexto mais próximo da realidade vivida por cada um dos sujeitos que participaram desse trabalho.

E aqui destaco que faltarão, por óbvio, a beleza do som das risadas, a dureza do assistir das lágrimas e a sutileza do escutar, segundo a segundo, o compartilhar da vida. No entanto, espero que esses detalhes e sensibilidades estejam representados nas palavras dispostas neste trabalho, que apesar de revestidas das formalidades necessárias para propositura do debate acadêmico, buscam não só fundamentar a discussão principal que é tema dessa investigação, mas também evidenciar o aspecto humano das vidas que fazem parte dele.

Por fim, ainda que conhecer a vida da população em situação de rua passe por pensar também sua história, a cidade e a (não) garantia de direitos às camadas marginalizadas socialmente, entendo que o universo simbólico da rua nos remete a reconhecer também a resiliência dessas pessoas em forjar a própria sobrevivência apesar de tantos obstáculos impostos.

Nesse sentido, me parece evidente que toda e cada pessoa em situação de rua é obrigada a aprender a viver na rua e enfrentar a violência, a fome, a chuva, e muitas outras barreiras, de modo que, a meu ver, não há como se propor a construção de medidas para enfrentamento desse cenário que não passem pelas visões e saberes próprios das pessoas que vivem essa realidade.

Esse trabalho, então, teve como enfoque o cotidiano dessa gente que vive a rua como único espaço imediato possível para sua existência, construindo uma relação única com ela a partir de olhares e significados que são particulares e únicos, ainda que por vezes caminhem no mesmo sentido.

Machado de Assis já advertia, como mencionei, sobre a existência de duas faces do Brasil ao dizer que “*o país real, esse é bom, revela os melhores instintos; mas o país oficial, esse é caricato e burlesco*”, frase que foi depois interpretada por Ariano Suassuna, em 1999, ao concluir que o país do povo continuaria a ser bom e o oficial caricato e grotesco¹⁰⁰.

Para Suassuna, o Brasil real seria aquele do povo que habita as favelas urbanas e os arraiais do campo, enquanto o oficial teria seus símbolos mais

¹⁰⁰ Suassuna, Ariano. A favela e o Arraial, Folha de São Paulo, 27 de abril de 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz27049907.htm>

expressivos nos bancos e palácios do governo, onde reinam presidentes e os ministros. Acredito aqui, que o Brasil real seja também o país de um povo de rua nunca antes reconhecido como parte de sua sociedade.

Por essa definição, acredito que este trabalho apresenta alguns pontos de vista desse Brasil real, que revela os traços de um povo que luta todos os dias para sobreviver e encontrar um espaço para chamar de seu.

A rua

Tomei como exemplo a obra do cronista João do Rio para tentar relatar os contrastes dessa cidade maravilhosa que só se preocupa com sua imagem oficial, deixando de lado a existência de vidas que (sobre)vivem na cidade real do Rio de Janeiro.

A partir da crônica de João do Rio, fundada em outros pontos de vista não-oficiais, percebi que a história oficial da cidade maravilhosa, é a história de uma cidade que sempre buscou excluir e expulsar sua população marginalizada sem lhe oferecer espaços dignos de sobrevivência. Foram impostas barreiras físicas, legais, sanitárias e simbólicas na tentativa de associar a desordem e o perigo à essa população, de modo que seu único crime talvez tenha sido ser pobre e não aceitar os espaços onde se permite existir pobreza na cidade.

Desse modo, João do Rio, ao trazer um outro olhar da rua carioca, expôs com sua crônica, diretamente do período de intensas transformações da já mencionada Belle Époque, o cotidiano de vidas que se situavam nos submundos, almas que não estavam na história literária oficial e nem no que tentava-se vender como sendo o Rio de Janeiro.

O autor também foi responsável por afirmar que a rua criou um “tipo universal” que vive em cada aspecto urbano, em cada detalhe, em cada praça, feito de sorrisos e lágrimas, de abandono e de inédita filosofia, que “pede como se fosse natural pedir” e que pode rir francamente depois de ter conhecido todos os males da cidade (2013, p. 21), sendo possível relacionar essa figura concebida por ele com a população abordada neste trabalho.

Ainda, sobre a limitação de se ter somente uma visão oficial de mundo, João do Rio sugeriu que a própria população carioca não conhecia parte de si, o que ainda parece se fazer atual:

“O Rio pode conhecer muito bem a vida do burguês de Londres, as peças de Paris, a geografia da Manchúria e o patriotismo japonês. A apostar, porém, que não conhece nem a sua própria planta, nem a vida de toda essa sociedade, de todos esses meios estranhos e exóticos, de todas as profissões que constituem o progresso, a dor, a miséria da vasta Babel que se transforma. E, entretanto, meu caro, quanto soluço, quanta ambição, quanto horror e também quanta compensação na vida humilde que estamos a ver” (2013, p. 48).

Nesse caminho de pensar a cidade com outros olhos, fui de encontro ao pensamento de Luiz Antonio Simas (2022), que define que a rua seria o lugar onde os corpos da cidade circulam, lugares de fazeres cotidianos que urgem ser escutados, e, sobretudo das vozes silenciadas que desvelam a gramática de outros mundos que são marginalizados e pouco compreendidos.

Para Simas, “*é neste sentido que percebo, mirando as cidades que formam a grande cidade, que uma pista para se pensar o Rio é atentar para a relação, aparentemente paradoxal, entre as elites cariocas, o poder público e os pobres da cidade*” (2022, p. 12). E pensando nessa relação paradoxal - como busquei propor no presente trabalho - o autor menciona a existência de grupos que “*sobrevivendo, ousaram inventar a vida na fresta, dando o nó no rabo da cascavel e produzindo cultura onde só deveria existir o esforço braçal e a morte silenciosa.*” (2022, p. 13).

É diante dessas visões marginais e reais do Rio de Janeiro que se busca entender o que é a rua para quem vive nela. Pensando a cidade a partir de seus paradoxos e contradições, verificou-se a continuidade de visões antigas sobre o estigma do “morador de rua” e a tentativa de expulsão das pessoas em situação de rua para “garantia da ordem”. Nesse contexto, Simas dá indícios de como captar as nuances dessa cidade quando propõe:

(...) Esqueçam a fábula da Cidade Maravilhosa. A história do Rio de Janeiro é a de uma cidade à beira do precipício que aprendeu a voar para driblar o abismo. Ela não pode ser esvaziada da pulsação de vida que escarra na cara do precário e zomba da morte ao celebrar o mundo.” (2022, p. 48)

E é a partir dessa noção que defendo que as pessoas em situação de rua inventam cotidianamente maneiras de construir seus espaços de sobrevivência, sociabilidade e lazer, de modo que “*muitas vezes se apropriam exatamente dos espaços disciplinados pela lógica do controle e redefinindo, às margens e nas frestas,*

seus usos” (2022, p. 86). A rua seria, assim, seu único espaço restante de sobrevivência e reinvenção da vida.

A casa

Por outro lado, entendi ser necessário compreender se essa rua, onde se faz possível a vida, assumia algum aspecto de casa para quem vive nela. Segundo a visão de Gaston Bachelard (1993, p. 24), casa seria o “*nosso canto no mundo*”, o que nos remete a ideia de centralidade desse espaço, que se molda ao que o autor traz quando define que a casa “*é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade*” (1993, p. 36).

Segundo ele, “*todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa*” (1993, p. 25), de modo que a imaginação poderia:

“construir paredes com sombras impalpáveis, reconfortar-se com ilusões de proteção – ou inversamente, tremer atrás de grossos muros, duvidar das mais sólidas muralhas. Em suma, na mais interminável das dialéticas, o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos.” (1993, p. 25)

A partir dessa definição, a rua como espaço habitado de pensamentos e sonhos, comportaria em si essencialmente alguma noção de casa, ainda que essa ilusão de proteção se apresente mais como uma certeza de sua ausência. Por outro lado, também, o autor concebe que nas grandes cidades, passam-se a se formar casas sem cosmicidade, com ausência de “*valores íntimos de verticalidade*”, que forjariam relações artificiais da moradia com o espaço (1993, p. 45). Essa artificialidade e a falta de valores íntimos nas cidades, que são cada vez mais divididas e segregadas, também se relaciona, segundo acredito, com a incompletude dessa ideia de lar.

O que proponho aqui, é que a rua habitada pode carregar, ainda que diante da falta de outros lugares possíveis, um aspecto de casa para quem mora nela, uma vez que se torna o lugar de moradia de toda uma população que as vezes só vê nesse lugar a possibilidade de existir.

Por outro lado, o acesso desigual à terra, a reprodução de modelos de vida limitados pela pobreza e o combate aos poucos espaços restantes às camadas populares da sociedade, também fazem, a meu ver, com que a ideia de casa a partir

da visão da rua, seja muito diferente da realidade das classes dominantes e privilegiadas.

Portanto, a moradia que se estabelece na rua, atrelada a uma fragilidade e infixidez a meu ver provocada por um projeto de exclusão, acaba restrita ao pequeno espaço apropriado onde se faz possível a vida, sendo a partir dele que se vê o mundo e de onde se tenta ser visto. Dessa apropriação que se dá sob diferentes formas e objetivos, que decorrem os significados próprios para cada indivíduo, tornando-se possível, também, escolher uma paisagem mais agradável do que a frequentemente imposta.

Nesse contexto, compreender o significado de casa e rua passa, segundo acredito, pela análise dos significados dessas esferas para cada indivíduo e a limitação dos espaços oferecidos às camadas marginalizadas. Aqui, menciono como exemplo a realidade dos abrigos, espaços costumeiramente coletivos e rotativos onde dificilmente se faz possível construir uma ideia de lar ou intimidade, de modo que nem mesmo os serviços públicos existentes parecem ainda hoje direcionados a garantir um lugar adequado e digno para vida da população em situação de rua.

O olhar de quem vive a rua e os significados próprios

O que é a rua para Botafogo:

A rua para Botafogo é um lugar de fuga, um caminho com várias frentes onde ele também vislumbrou a possibilidade de buscar uma paz que parecia não residir em sua antiga casa. É a rua o espaço de seus sorrisos e angústias, dos ganhos e perdas, onde a chuva castiga e a ordem pública o perturba. E é nela, também, onde o encontro com alguns instantes de felicidade se fazem possíveis.

A situação de rua para Botafogo foi acontecendo gradativamente e hoje ele se vê preocupado com a dificuldade de fazer a rua sair de dentro de si, ele alerta: "*Sair da rua não é difícil não, quero ver a rua sair de você*". Depois de viver tanto tempo na nela, o silêncio e o escuro parecem lhe atormentar, de modo que ele acabou se acostumando com os barulhos e as luzes presentes na vida na rua.

Para Botafogo, chega um momento que a rua se torna casa e, no caso dele, seu quintal é aquele com uma vista panorâmica que nunca enjoa. A rua para Botafogo é um universo que passa pela calçada situada na Praia de Botafogo nº 142 no Rio de Janeiro.

A rua para Botafogo é onde ele sente a falta de seus filhos e sofre com as saudades quem já partiu: sua filha Manoela, sua avó Maria Emília e seu cachorro Dingo.

Botafogo afirma não sentir saudades de casa. Casa, para ele, significa um lar, uma proteção, um lugar seguro, onde se entra, se fecha a porta “e pronto”. Sua ideia de casa não parece nada com sua realidade na rua, mas na falta de outro lugar de descanso, acaba sendo nela que ele repousa sua vida.

A rua para Botafogo é o lugar de um cansaço marcado pela preocupação de não mais encontrar um espaço tranquilo para ele. A rua para Botafogo é hoje sua casa, lugar onde, segundo ele, você se acostuma e acaba se adaptando, aprendendo as manhas para enfrentar a vida, mas também sofrer com seus contratemplos.

E o significado da rua para Botafogo é marcado por um “*se acostumar*” que talvez possa ser entendido a partir da crônica “*Eu sei, mas não devia*”, de Marina Colasanti:

“A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. (...) A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.”¹⁰¹

O que é a rua para Mineiro:

A rua para Mineiro “não é brincadeira” e bate com força. É a rua da pista e do asfalto, onde você se mantém de pé enquanto segurar a pancada. A rua para ele é marcada pela violência, pela falta de oportunidade e pelo desemprego.

É a rua do preconceito e da insegurança, é lugar de passagem, uma vez que pessoa não nasceu para estar na rua, ainda mais com tantos espaços vagos. A rua para Mineiro é o lugar onde o céu só é lindo de dia, sendo a noite um outro turno.

A rua para ele é também onde alguns fogem da realidade na tentativa de equilibrar o medo e as frustrações de se estar em campo aberto. A rua para o Mineiro é o lugar onde ele sonha com mais qualidade de vida para as pessoas, onde ele lê e

¹⁰¹ Colasanti, Marina. *Eu sei, mas não devia*, Editora Rocco - Rio de Janeiro, 1996, pág. 09. Disponível em: <http://falphaville.agenciafrutifera.com.br/wp-content/uploads/2014/03/Eu-sei-mas-na%CC%83o-devia.pdf>

se coloca como protagonista. A rua para ele é onde nem sempre encontrar comida e onde é difícil se locomover ou descansar. A rua para Mineiro é também se deitar num banco duro ou no chão de pedra cheio de desnível.

A rua para Mineiro é lugar do combate, onde ele sorri um sorriso que vem de dentro para fora, lugar onde se arruma um jeito pra tudo.

O que é a rua para Barba:

A rua para Barba é o lugar onde quem está, não queria estar. É lugar de problemas, mas também onde se pode buscar algumas respostas depois que a vida muda drasticamente. A rua para Barba é o espaço onde se é maltratado e visto como uma coisa só: morador de rua.

Para ele a rua é onde se vive com desconfiança e se dorme sozinho. A rua para Barba é uma etapa até resolver sua vida e seguir seu caminho. É o lugar onde se acostuma a nunca mais jantar e nem almoçar todo dia. A rua para Barba é o espaço onde o papelão protege do chão gelado. A rua para Barba é perigosa, mas pode ser também poesia.

A rua para Barba é onde alguns perdem os sonhos e os projetos que os seres humanos têm, onde por causa de um ninguém come, onde o sonhar é restrito, e onde se vive uma prisão semelhante à da angústia e da tristeza. A rua para ele é um espaço conhecido desde a infância, onde ele aprendeu a viver.

A rua para Barba é onde não se pode descansar porque sua mente nunca para.

O que é a rua para Sr. L.:

Para o Sr. L. a rua significa liberdade depois de tanto tempo “guardado”. É o espaço onde se perde a “contagem” de quantos anos se está nela e onde se vê a vida passar. Para o Sr. L. a rua é um lugar que marca a pele pela violência das pauladas, facadas e tiros, mas também lugar de fé, onde se é protegido por Deus.

A rua para Sr. L. é a esquina onde se come a comida que se ganha e onde se tem que achar um banheiro por aí. Para ele, a rua é o lugar de quem tem algum problema: seja na justiça, com a família, com a pinga ou com drogas. A rua para Sr. L. é a situação que ele almeja que um dia seja passado, mas que se vê obrigado a aceitar quando diz: “*não posso reclamar de nada, né?*”.

A rua para Sr. L. é o lugar em que as vezes a comida passa demais e em outras

nem passa, onde as doações são mais difíceis e escassas nos finais de semana. A rua para o Sr. L. é o lugar onde o “Choque de Ordem” que tira o papelão dos “novinhos”, mas respeita ele por ser mais velho.

A rua para Sr. L. é o espaço onde se é o próprio direito humano ao mesmo tempo que se é uma ficção.

A vida nas ruas

O papelão é transformado em casa, cama e parede, uma lata grande pode ser uma panela e um conjunto de tijolos o fogão, os talheres muitas vezes são descartáveis e a água e a comida vem das mais diversas fontes, o importante é que venha. Nas praças, pensadas na ótica sociabilidade, encontram-se espaços de possibilidades e as grades dos monumentos vez ou outra são feitas de varais. O corpo em situação de rua é um território, que muitas vezes, na pulsação das cidades, se torna seu único bem durável e o próprio lar.

Os pertences se limitam aquilo que se pode carregar e o que não é levado pela guarda municipal ou pelos “mãos-leves”. A noite é perigosa, por isso o sono geralmente é de dia. As roupas, dependendo do material, não podem ser lavadas e são usadas até onde for possível. Não há tanto apego aos bens materiais, mas as boas companhias são consideradas valiosas, como a de cães fiéis que nunca decepcionam mesmo quando agitados.

A privacidade é rara, o público é o que resta, onde se vê a vida passar, a própria e a dos outros. E em meio a tanta gente, ainda assim a solidão existe, mas como diz o ditado: “antes só do que mal acompanhado”. O rádio conversa e a tv só se espia. O celular conecta, mas nem sempre é acessível mesmo em um mundo onde todos aparentemente vivem em outra realidade.

A sujeira as vezes não incomoda, podendo ser uma estratégia de sobrevivência e defesa ou simplesmente a dificuldade de suportar o peso do autocuidado aliado à rara existência de banheiros públicos.

Lixo é só aquilo que não tem mais utilidade, de resto, tudo se recicla e se reutiliza, tudo se renova. O trabalho é diverso, habitualmente informal, quando falta ou não se recebe, o que resta é pedir.

O frio é duro, mas a bebida ajuda. As drogas têm o seu papel, criando uma realidade por vezes menos dolorida. A chuva dificulta tudo e faz obrigatório buscar

abrigo. As doações são de toda ordem, até de alguns poucos direitos que parecem sempre vir fracionados.

A lei geralmente incomoda, assim como a igreja às vezes protege. A sociedade tem seus anjos e o Estado, seus vilões. Os dias são únicos, duradouros e por vezes lentos. Sobreviver todo dia parece dar trabalho e custar caro.

A construção da realidade da situação de rua é complexa e molda toda uma população, envolvendo não só pessoas, mas sociedades, territórios, espaços e políticas. A ocupação de lugares, a apropriação de recursos, tudo não se dá ao acaso. Esse viver, que se cruza e se confunde com os padrões de vida oficiais, dominantes, o choque de classes, realidades, de histórias de vida, deve ser percebido e sobretudo escutado.

A vida pulsa incessante nas cidades e o existir no espaço urbano só é possível a partir dos consensos e acordos moldados através de longos processos, o fluxo é constante e com feições próprias das lentes pelas quais se enxerga a vida.

Essas negociações e os modelos de vida diversos, que se entrelaçam e colidem, foram objeto da presente investigação, que procurou expor os detalhes e sensibilidades de uma realidade camuflada no dia a dia das grandes cidades.

O que é rua pra quem mora nela?

Dentre tantos significados expressos neste trabalho, me parece necessário destacar que a rua é, antes de tudo, uma realidade que é vivida por um número cada vez maior de pessoas no Brasil de 2023.

No entanto, para os fins do que se propôs discutir neste trabalho, a rua é também o lugar da distância entre os direitos e os humanos, da situação de fome, da violência, do preconceito e de um higienismo social que ataca uma população que não tem sequer acesso a banheiros: é o espaço onde as violações constantes de direitos se dão sob as antigas vestes da imposição da ordem.

E a rua para a população que vive nela no Rio de Janeiro, é um espaço limitado, violento e moldado para se fazer prevalecer privilégios há muito estabelecidos. Ainda assim, foi escutando as pessoas que vivem nessas ruas que percorri, dia e noite, ao longo de todo o trabalho de campo, onde percebi ainda ser possível visualizar a pulsação da vida, a invenção da sobrevivência dos que *“ousam existir nas frestas”* e o celebrar o mundo de um povo que *“aprendeu a voar para driblar o abismo”*.

A rua, aqui, é também o lugar de encontro com um Brasil real que, na figura da população em situação de rua, define diariamente novos usos para espaços pensados cada vez menos para o povo. Assim, ela pode ser o local de fuga quando a alma pede silêncio absoluto a todos os problemas ou da contradição entre o barulho incessante dos motores e o ritmo apressado das pessoas que transforma os sons das cidades cada vez menos em conversa sobre a vida.

É nessa rua que se buscou definir, onde a população em situação de rua desafia cotidianamente a ausência de proteção - representada pelo simbolismo do não ter uma porta para fechar - enquanto vive em um mundo aberto em que tudo pode acontecer. E sendo uma realidade, a rua é o lugar da vida cotidiana, onde se tenta escapar à linearidade da imposição de um sistema marcado para excluir e esconder o que não quer enxergar como parte de si.

A rua, no fim, acaba sendo o que existe entre o que ela é e o que poderia ser. Tem significados próprios que lhes são atribuídos, expõe e oculta os conflitos das cidades e dá abertura a vivências múltiplas e vários (des)encontros. Afinal, é para fora que se vai quando se foge de algo de dentro, quando se busca respostas além das quatro paredes e depois que se fica preso em uma cela suplicando por um viver ao ar livre. E é nessa rua de portas abertas onde, às vezes, os caminhos encontram uma passagem que, pouco a pouco, de situação vai se transformando em realidade.

A rua é, na ausência de outra definição melhor, um mundo que dá lugar a possibilidade de outros mundos excluídos existirem. É o espaço de muitos acontecimentos, mas, para os fins desse trabalho, a rua é também cada significado próprio atribuído pelos sujeitos dessa pesquisa. Ela é, afinal, o que quiser que seja: casa, caminho, fuga ou liberdade: é lugar de vida. E essa rua, marcada não só por perdas e carências, acaba sendo o espaço que restou no mundo para ser palco da luta histórica de toda uma população pela própria sobrevivência.

Assim, espera-se que tenha sido apresentado aqui, o oculto por trás do singelo, a partir do ponto de vista de quatro pessoas que vivem em situação de rua no Rio de Janeiro, de modo que, se “todo ponto vista é a vista de um ponto”¹⁰², esses componham também as eternas reticências do viver.

¹⁰² BOFF, Leonardo. A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998, p. 9.

VI.IV. Considerações Finais

No início desta investigação, notei que apesar de existir a ideia de que as pessoas em situação de rua “preferem ficar nas ruas”¹⁰³, pouco ainda é estudado sobre os significados desse espaço ou as implicações de se viver nele a partir das visões próprias dessa população.

Como destacado anteriormente, o risco que se corre é universalizar uma pluralidade de motivos que conduzem a trajetória de uma pessoa ao ponto em que a rua se torna sua única possibilidade de moradia. Para além das questões socioeconômicas, culturais ou de saúde mental, existe uma multiplicidade de fatores complexos que levam a rua a se tornar uma alternativa de sobrevivência e que devem ser analisados, segundo defendo, a partir das visões de quem vive essa realidade.

Assim, inicialmente foi proposta uma análise dos dados estatísticos existentes com relação a realidade da população em situação de rua no Brasil, no sentido de argumentar que a limitação desses dados contribui para as múltiplas violências enfrentadas por essas pessoas e para a negação de seus direitos humanos, exemplificada na brecha existente entre a realidade relatada por todos os entrevistados de inexistência de banheiros acessíveis, e a mencionada ausência de perguntas sobre acesso à banheiros no recente Censo realizado na cidade do Rio de Janeiro (2022).

A partir disso, a preocupação central do presente trabalho esteve direcionada a compreender os significados do espaço da rua para quem vive nela, buscando analisar sua relação com o conceito de casa e com as estratégias diárias de sobrevivência que são adotadas. Diante desse cenário, parti da hipótese de que a rua representaria um espaço simbólico importante, com significados diversos e particulares para cada pessoa, possuindo semelhanças e distinções com a ideia de casa.

Essa hipótese, que surgiu de experiências anteriores no contato com essa população, foi confirmada através das entrevistas realizadas, onde foram destacados os diferentes significados da rua para cada indivíduo e sua importância simbólica, que

¹⁰³ “Pessoas preferem dormir nas ruas e sobra lugar em abrigo na noite mais fria do ano em SP”. UOL, 30 jul. de 2021. Disponível em: <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/07/pessoas-preferem-dormir-nas-ruas-e-sobra-lugar-em-abrigo-na-noite-mais-fria-do-ano-em-sp.shtml>; “Moradores de rua preferem ficar nas ruas do que ir para abrigos”. Diário do Vale, 25 de jun. de 2016. Disponível em: <https://diariodovale.com.br/cidade/moradores-de-rua-preferem-ficar-nas-ruas-do-que-ir-para-abrigos/>.

passa pela ideia da rua representar um espaço ainda restante de acolhimento onde se faz possível o viver apesar dos inúmeros desafios.

Por sua vez, a relação complexa da rua com a casa, abordada neste trabalho tanto no campo, através dos diálogos, quanto em seu aspecto teórico, demonstrou que para algumas pessoas a rua pode assumir uma frágil ideia de casa, sobretudo após longas trajetórias de vida nessa situação.

No entanto, em sentido diverso, verificou-se que para outros indivíduos a rua não deixa de significar apenas um “caminho” ou uma “passagem”. Fato é que, segundo proponho, ainda que esse espaço assuma qualquer aspecto de casa, não há como se pensar na ideia de lar ou proteção vivendo em situação de rua, razão pela qual o viver com dignidade passa necessariamente pela criação de espaços adequados e individuais onde as pessoas em situação de rua possam estruturar suas vidas, enfrentar suas vulnerabilidades e reconstruir eventuais laços rompidos ou fragilizados com o apoio de serviços multidisciplinares que proponham uma abordagem humanizada e a garantia de direitos.

No mesmo contexto, a relação dessa população com o espaço provou-se também significativa, no sentido de ser apontado pelos sujeitos entrevistados a necessidade de se “aprender” a morar na rua, elencando estratégias de dias, lugares e horários que são influenciadas pelo clima, pelo fluxo de pessoas e pelas possibilidades de se conseguir acesso ao necessário para a própria subsistência. Diante disso, foi possível aprofundar a análise também no sentido de uma maior dificuldade de sair das ruas após longas trajetórias vivendo nessa situação, onde parece se tornar mais complexo visualizar a existência de outros caminhos possíveis para superação dessa realidade.

Por outro lado, os objetivos dessa pesquisa passavam não só por investigar os significados próprios de se morar nesse espaço para a população em situação de rua, como também analisar como as vidas dessas pessoas são afetadas pelas violações de seus direitos humanos e em que medida essas violações influenciam nas estratégias de sobrevivência.

Neste ponto, busquei compreender também qual a noção de direitos humanos que existe na rua, além de procurar evidenciar as principais e mais significativas violações de direitos que eram relatadas pelos entrevistados. Assim, elenquei como principais violações de direitos humanos a questão da violência, da insegurança alimentar e da falta de acesso à higiene básica e pude perceber que essas violações

influenciam diretamente nas possibilidades de vida e estratégias de sobrevivência dessas pessoas.

Com relação a violência, pude perceber que esta é praticada sob diversas formas: desde o “Choque de Ordem”, que são operações promovida pela Secretaria de Ordem Pública que constantemente tem a população em situação de rua como alvo, até a retirada de pertences pessoais, os caminhões de lixo que acompanham a Assistência Social em abordagens, as coações de agentes públicos para que essa população saia das ruas e vá aos serviços de acolhimento e as forças de segurança pública que não oferecem proteção à essas pessoas que vivem expostas dia e noite às mais diversas ameaças.

A insegurança alimentar, que chamei de “situação de fome”, foi constatada na inexistência de serviços públicos que garantissem o acesso à alimentação adequada no bairro do Flamengo, que impunha que todos os entrevistados vivessem de doações intermitentes de alimentos diversos, muitos deles relatando passar longos períodos sem se alimentar ou afirmando que, não tendo acesso a comida todos os dias, se socorriam do descarte de alimentos de estabelecimentos comerciais ou de biscoitos.

Outra questão igualmente significativa, que aponta a uma clara violação de direitos humanos, é a ausência de banheiros acessíveis pela população em situação de rua. Segundo relatado, não existem banheiros públicos disponíveis e os estabelecimentos privados raramente permitem o acesso dessa população aos banheiros. Assim, os sujeitos entrevistados afirmaram não só ter que encontrar lugares ao ar livre para realizar suas necessidades fisiológicas, como também enfrentar obstáculos para promover atividades de higiene de um modo geral, tais como: tomar banho, lavar roupas e escovar os dentes.

Nesse sentido, as entrevistas realizadas permitiram que a pesquisa revelasse muitos detalhes sobre as estratégias de sobrevivência dessa população, que foram apresentados também a partir dos tópicos emergentes, onde foram debatidas as principais contribuições sobre as implicações de se viver na rua, abordando questões centrais como dormir, se deslocar, comer, a ruptura de laços, os desafios, etc.

É fundamental que se explicita também, neste tópico destinado a concluir a presente investigação, que ao se propor produzir uma análise acerca da questão da situação de rua no Brasil sob a ótica dos direitos humanos, constatou-se no campo, através dos relatos das quatro pessoas que compõe essa pesquisa, que os direitos humanos para quem vive em situação de rua são as lutas dessa população, de forma

que sua insistência na vida é o que, segundo acredito, inaugura uma nova forma de fazer política como ato de resistência, que é expressada através dos corpos que ocupam um espaço público nas cidades que incessantemente os expulsa, buscando expelir de si um outro que é indesejado.

Isto posto, viver na rua é lutar pela vida, e essa luta, como se verificou, é o que faz possível pensar a existência, ainda que incompleta e abstrata, de direitos humanos para a população em situação de rua. Igualmente, deve-se reconhecer que tais direitos humanos não podem existir somente no nível declaratório, devendo ser capazes de impulsionar novas subjetividades emancipatórias, de modo a permitir a transformação da realidade da situação de rua e a mobilização dessa população para reivindicar um viver com dignidade que vá além de sobrevivência diária.

E, aqui, devo pontuar que o que foi constatado no presente trabalho, com base nas visões e nos diálogos da pesquisa de campo, não impede que sejam reconhecidas outras formas de se viver, lutar ou conceber a existência dos direitos humanos para a população em situação de rua em contextos diversos.

Desse modo, a partir dos resultados obtidos e das discussões apresentadas, esse trabalho se propõe a enfatizar a importância de ouvir as histórias de vida das pessoas em situação de rua, permitindo que elas expressem não apenas suas dores, mas também suas vidas e potencialidades, razão pela qual procurei destacar os momentos de felicidade e alegria que se fazem possíveis na rua e a resiliência dessa população que luta todos os dias para sobreviver.

E além das contribuições mencionadas, aponte como lacunas existentes com relação ao tema a condição dos serviços de acolhimento, em geral representados por abrigos coletivos e temporários, sempre distantes geograficamente do centro da cidade, relatados com unanimidade como precários pelos sujeitos dessa pesquisa; e a questão da relação do uso abusivo de álcool e drogas com a situação de rua, que apesar de ser apontado como um dos principais motivos para ida às ruas, ainda precisa ser analisado com mais profundidade.

Por fim, devo destacar que defendo que compreender a complexidade do fenômeno da população de rua passa por escutar as histórias de vida das pessoas que vivem a rua como única realidade possível para moradia e que reinventam seus usos diariamente para forjar sua sobrevivência no cotidiano das cidades. Dessa forma, promover pesquisas que se voltem a analisar as relações dessa população com os espaços e estratégias de vida, me parece central para que se avance na oferta de

políticas públicas adequadas, que considerem as carências dessa população e que enfrentem a situação de rua efetivamente, possibilitando uma vida digna, com garantia de direitos humanos e onde, enfim, se possa pensar na ideia de lar.

Assim, o viver nas ruas no que chamo de “casas de papelão”, nos remete a fragilidade de uma população que luta pela vida e por um espaço de existência digno, mas que hoje vive tendo seus direitos humanos violados e suas histórias desconsideradas nas várias esquinas, ruas e marquises do cotidiano das cidades. E pesquisar sobre essa realidade, reconhecendo suas complexidades, contornos e pulsações, é propor um debate necessário que requer respostas urgentes para promoção de direitos humanos historicamente negados.

REFERÊNCIAS

A alma encantadora das ruas: crônicas/João do Rio – 2ª edição. – São Paulo: Martin Claret, 2013.

ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo – Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARENDT, Hannah. A Condição Humana. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense. Universitária, 2007.

ARGILES, Mariglei dos Santos. POPULAÇÃO ADULTA EM SITUAÇÃO DE RUA: DA INVISIBILIDADE SOCIAL AO DIREITO À TER DIREITOS. 2012. 106 f. Dissertação (Mestrado em Social) - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2012.

AUGÉ, Marc. Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade – 9ª ed. – Campinas: Papirus, 2012.

BERMAN, M. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

BILAC, Olavo. Vossa insolência: crônicas, SP: Cia. das Letras, 1996.

BOFF, Leonardo. A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Rua: aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua – Brasília/DF: Mds: Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2009.

BRECHT, Bertolt. Antologia poética. Rio de Janeiro: ELO Editora, 1982.

BROIDE, Jorge. A escuta nas Ruas. Youtube: Café Filosófico CPFL - 11 de out. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u782x1weUAI>

BURSZTYN, Marcel (Org.). No meio da rua: nômades, excluídos e viradores. Brasília: Garamond, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. “O lugar: mundialização e fragmentação” in Fim de Século e Globalização. São Paulo: Hucitec, 1993.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Cidade e fabrica: a construção do mundo do trabalho na sociedade brasileira. Unicamp, 1983.

CASTEL, Robert. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. 7. Ed. – Petrópolis: Vozes, 2008.

CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial – São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 3a ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

CHALHOUB, Sidney. Vadios e Barões no Ocaso do Império: O debate sobre a repressão da ociosidade na câmara dos deputados em 1888. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, vol. IX, nºs 1 e 2, p. 53, jul./dez. 1983.

COLASANTI, Marina. Eu sei, mas não devia", Editora Rocco - Rio de Janeiro, 1996.

COSTA, Jurandir. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

DAMATTA, Roberto. A casa & a rua – 5. Ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEMO, Pedro. A pesquisa social. Serviço Social & Realidade, Franca, v.17, n.1, p. 11-36, 2008.

DIAS Antonio, Mariana. A “Operação mata-mendigos” (Rio de Janeiro, 1962-1963) às margens de alguns livros. Simbiótica, Revista Eletrônica, vol. 7, núm. 2, pp. 163-180, UFES, 2020.

Diôgenes Laêrtios. Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres, 2ª ed., Brasília: Editora UnB, 2008.

Direitos Humanos e globalização [recurso eletrônico]: fundamentos e possibilidades desde a teoria crítica/ org. David Sánchez Rúbio, Joaquín Herrera Flores, Salo de Carvalho – 2. Ed. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

ESCOREL, S. Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999.

ESCOREL, Sarah. Vivendo de teimoso: moradores de rua na cidade do Rio de Janeiro. In: BURSZTYN, Marcel (Org.). No meio da rua: nômades, excluídos e viradores. Brasília: Garamond, 2000.

FOUCAULT, M. História da Loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. A coragem da verdade – São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. A sociedade punitiva: curso no Collège de France (1972 -1973); Tradução Ivone C. Benedetti. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

FRANGELLA, Simone M. Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo. São Paulo: Anablume, Fapesp, 2009.

GEREMEK, Bronisl w. Os filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na literatura européia: 1400-1700 /Bronisl w Geremek; tradu o do polonês Henryk Siewierski. - São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GONÇALVES, J. W. A revolu o francesa e a inven o social da pobreza. BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informa o, v. 23, n. 1, p. 9-24, 2009.
HARVEY. D. O direito   cidade. Lutas Sociais, n. 29, p.73-89, jul./dez. 2012.

HERRERA FLORES, J. Hacia una visión compleja de los derechos humanos. In: El vuelo de Anteo: Derechos humanos y crítica de la razón liberal. Bilbao: Desc ee De Brouwer, 2000.

HERRERA FLORES, Joaquin. A reinven o dos direitos humanos. Tradu o de: Carlos Roberto Diogo Garcia; Ant nio Henrique Graciano Suxberger; Jefferson Aparecido Dias – Florianópolis: Funda o Boiteux, 2009.

História da Vida Privada no Brasil: República: Da Belle  poque   Era do rádio/
Organizador do volume Nicolau Sevcenko – 1^a ed. – São Paulo: Companhia de bolso, 2021.

História da vida privada, 5: Da Primeira Guerra a nossos dias/organiza o Antoine Prost, Gérard Vincent; tradu o Denise Bottmann; Dorothee de Bruchard, posfácio – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HOLLOWAY, Thomas H. Polícia No Rio De Janeiro: Repressão E Resistência Numa Cidade Do Século XIX. Funda o Getúlio Vargas, 1997.

HUBERMAN, Leo. História da Riqueza do Homem - 17 ed. - Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades; trad. e rev. – 3 ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de Despejo: diário de uma favelada – 10 ed. – São Paulo:  tica, 2014.

LEFEBVRE, Henri. Critique de la vie quotidienne, vol.II. Paris: L'Arche  diteur, 1961.

LEFEBVRE, Henri. Le droit a la ville. Paris: Anthropos, 1968.

LEITE, Ligia Costa. A razão dos invencíveis: meninos de rua – o rompimento da ordem (1554-1994) – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

LOFLAND, Lyn H. A World of Strangers: Order and Action in Urban Public Space. Nova York: Basic Books, 1973.

MAGNI, Cláudia Turra. Nomadismo Urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2006.

MENDES, Mariana Vilas Boas. Os moradores de rua e suas trajetórias. Mariana Vilas Boas. BH, 2007.

MUMFORD, L. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Naomi Scheman. Engenderings: Constructions of Knowledge, Authority, and Privilege. Nova York: Routledge, 1993.

NEVES, D. Os miseráveis e a ocupação dos espaços públicos. Caderno CRH, Salvador, n. 31, jan/dez, 1999.

PARK, Robert E. et al. The City. Chicago: The University of Chicago Press, 1925.

PRATES, Jane Cruz; PRATES, Flávio Cruz; MACHADO, Simone. Populações em situação de rua: Os processos de exclusão e inclusão precária vivenciados por esse segmento. Temporalis, [S. l.], v. 11, n. 22, p. 191–216, 2012.

ROBAINA, Igor Martins Medeiros. Entre mobilidades e permanências: uma análise das espacialidades cotidianas da população em situação de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UFRJ, 2015.

RUBIO, David Sánchez. Encantos e desencantos dos Direitos Humanos. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2014.

SANTOS JR., O. Palestra. In: SEMINÁRIO DIREITO À CIDADE: TEORIA E PRÁTICA, 2015, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Ipea, 2015.

SANTOS, Daiane dos Santos. O RETRATO DO MORADOR DE RUA DA CIDADE DE SALVADOR-BA: UM ESTUDO DE CASO. 2009.

SANTOS, Milton [1988]. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo, Edusp, 2008
SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como Missão, tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo, Brasiliense, 1983.

SNOW, David A. Desafortunados: um estudo sobre o povo de rua/ David A. Snow, Leon Anderson; tradução de Sandra Vasconcelos. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

STOFFELS, M. G. Os mendigos na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

TOMAZINE, E. A produção da cidade capitalista, problemas urbanos e ondas conservadoras. In: DEMIER, F; HOEVELER, R. (org.). A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983
Valladares, Lícia. Cem Anos Pensando a Pobreza (Urbana) no Brasil, in:

Corporativismo e desigualdade: a construção do espaço público no Brasil/organizador. Renato R. Boschi – Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed. IUPERJ, 1991.

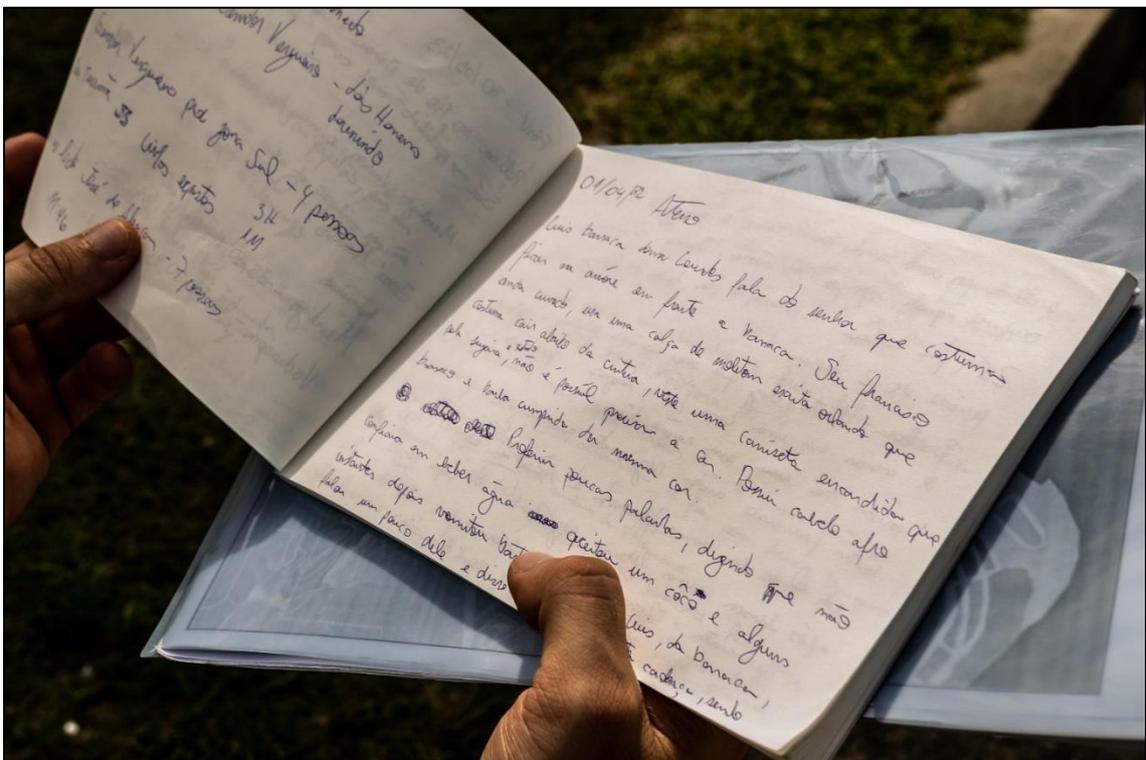
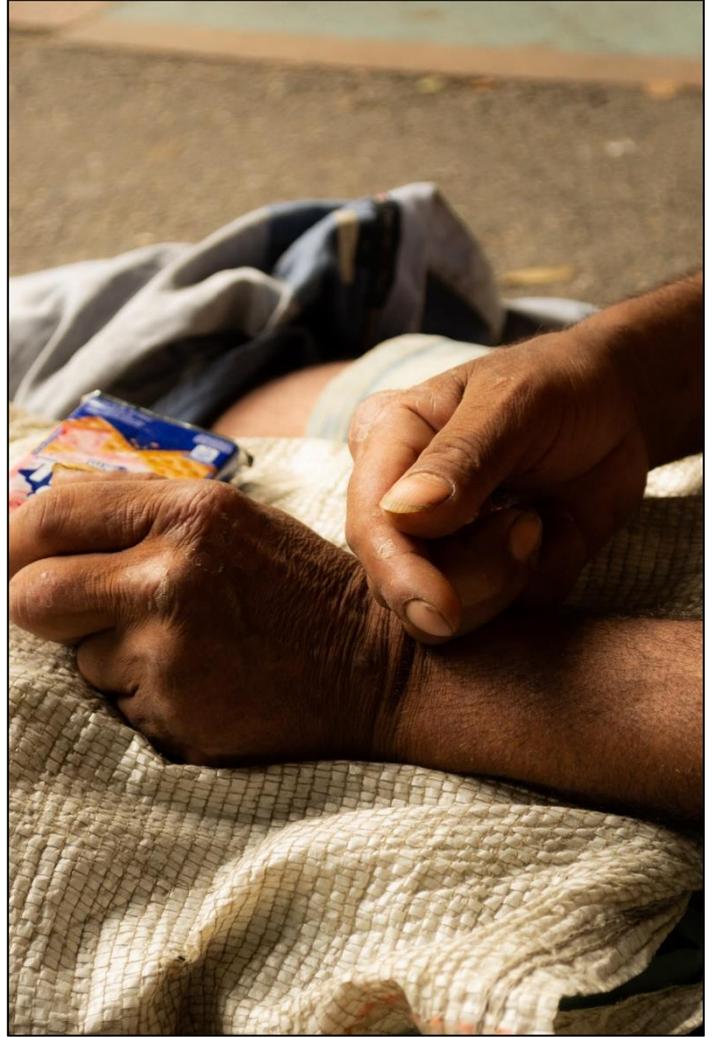
VELHO, Gilberto. O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira – Rio de Janeiro: Campus, 1980.

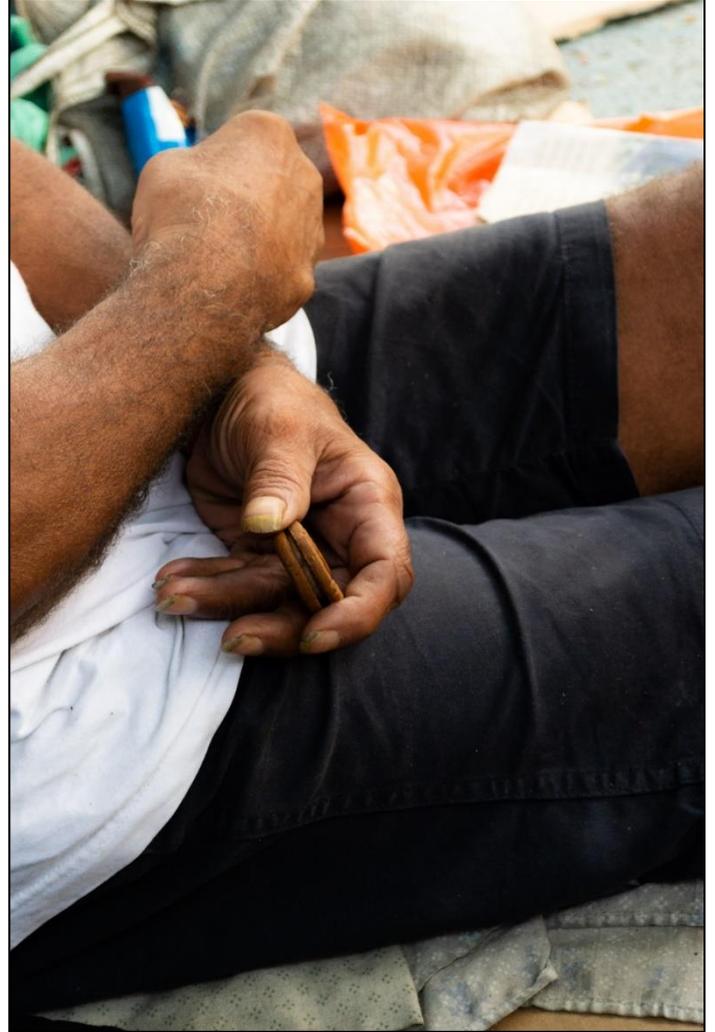
ANEXOS

Acervo de fotografias do Trabalho de Campo

Fotos por: Matheus Tomaz

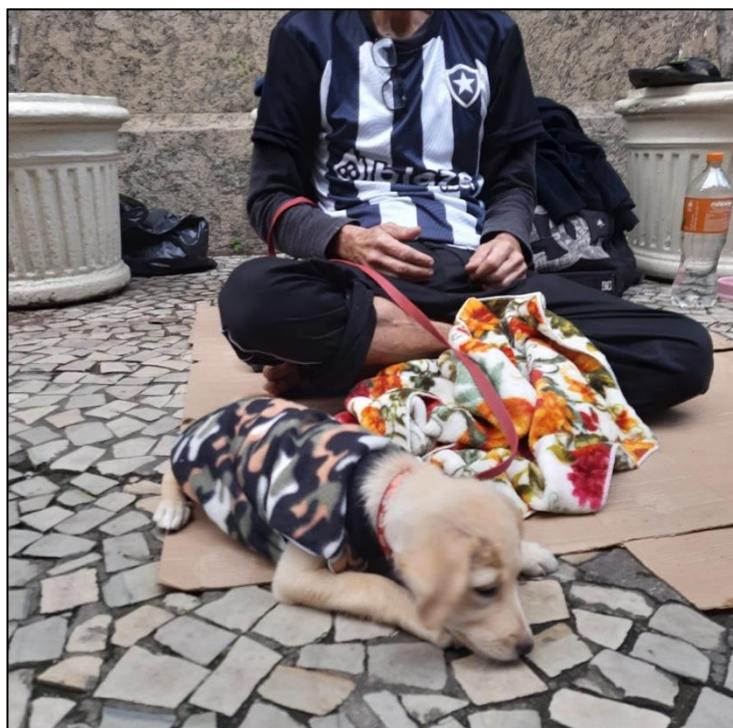






Outras fotografias do Trabalho de Campo

Acervo Pessoal



APÊNDICES

- I. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.**
- II. Instrumento de Coleta de Dados**
- III. O parecer de Aprovação Consubstanciada do Comitê de Ética em Pesquisa**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar do projeto de pesquisa “**Casas de Papelão: O que é a rua pra quem vive nela?**”, sob a responsabilidade do pesquisador **Filipe Luna Jucá de Castro**. O projeto, que busca conhecer as vidas de algumas pessoas que estão em situação de rua, tem como objetivo compreender o que é a rua para quem vive nela, qual a concepção de cidadania e direitos humanos é possível encontrar na rua e como é viver nesses espaços.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a).

A sua participação se dará por meio de entrevistas com gravação de áudios que serão posteriormente transcritos. O procedimento tem um tempo estimado para sua realização previsto em 2 horas.

Caso aceite participar, você estará contribuindo para compreensão do que representa viver na rua e a análise das diferentes concepções de cidadania e direitos humanos existentes.

O(a) Senhor(a) pode se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a).

Não há compensação financeira relacionada a sua participação, que será voluntária.

Os resultados da pesquisa serão divulgados no Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília, podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidas pelo telefone (61) 3107-1592 ou através do e-mail cep_chs@unb.br, horário de atendimento das 08h00 às 14h00, de segunda à sexta-feira, ou ainda com o pesquisador responsável Filipe Luna Jucá de Castro, pelo telefone (19) 99727-5776, e-mail: filipe.jucah@gmail.com.

Caso concorde em participar, pedimos que assine este documento que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o Senhor(a).

Nome / assinatura

Filipe Luna Jucá de Castro
Pesquisador

Rio de Janeiro, ____ de _____ de _____.

Instrumento de Coleta de Dados

Questionário – Casas de Papelão: O que é a rua pra quem vive nela?

PARTE 0 - CONTROLE DE ENTREVISTA

Controle de campo:

- Data da entrevista: ____/____/____

- Turno: 1. () Manhã 2. () Tarde 3. () Noite

- Local:

PARTE 1 – IDENTIFICAÇÃO DO/A ENTREVISTADO/A (OPCIONAL)

1. Qual seu nome completo?
2. Caso possua, qual seu nome social/apelido?
3. Qual o nome dos seus pais?
4. Qual sua idade?
5. Qual seu sexo?
6. Com qual gênero você se identifica?
7. Qual sua cor/raça?
8. Qual cidade/estado nasceu?
9. Possui algum tipo de doença ou deficiência?
10. Quais documentos possui?
11. Gostaria de voltar para sua cidade natal?
12. Possui família com quem mantém contato?

PARTE 2 – TRAJETÓRIA

1. Você possui residência fixa?
2. Quantos dias você dormiu nas ruas nos últimos 30 dias?
3. Qual o principal motivo que levou você a dormir nas ruas?
Ex: 1. () Nasci nas ruas e permaneço nela 2. () Conflitos familiares (inclui separação) 3. () Demissão do trabalho/desemprego ou perda de renda 4. () Perda de casa por causas naturais/acidentes (ex: alagamentos, deslizamentos e incêndios) 5. () Alcoolismo e/ou uso de drogas 6. () Sofria ameaças, abusos ou violência 7. () Saída do sistema prisional (Casa de detenção/cadeia/penitenciária/ DEGASE) 8. () Desentendimentos na comunidade ou vizinhança 9. () Família passou a viver na rua 10. () Migrantes ou refugiado 11. () Andarilho / Nômade / Viajante
4. Há quanto tempo você dorme nas ruas da cidade do rio de janeiro?
5. Você foi para a rua depois que a pandemia de coronavírus começou?
6. Você recebeu alguma ajuda em função da pandemia?
7. Antes de dormir nas ruas da cidade do rio de janeiro, onde você dormia?
8. Em que local você costuma dormir?
9. Já dormiu em abrigo ou unidade de acolhimento da prefeitura?

10. Da última vez que dormiu em abrigo ou unidade de acolhimento da prefeitura, quanto tempo ficou acolhido?
11. Em sua opinião, os abrigos ou unidades de acolhimento da prefeitura apresentam problemas? Se sim, qual(is)?
12. Você tem dificuldade para ser atendido nos centros como creas, centro pop ou outros centros de referência da prefeitura?
13. Foi já esteve preso ou por alguma passagem policial?

PARTE 3 – TRABALHO E RENDA

1. Você exerce alguma atividade para obter renda? Qual?
2. Recebe alguma das seguintes outras fontes de renda?
3. Você trabalhou ou trabalhará no dia de hoje?
4. Quanto recebeu ou irá receber e quanto tempo irá durar o trabalho?
5. Você possui alguma formação ou profissão?
6. Já trabalhou? Qual foi o emprego mais longo?
7. Com o que gostaria de trabalhar?
8. Já viu algum incentivo ao trabalho para pessoas em situação de rua?
9. Qual o principal desafio para conseguir dinheiro?
10. Você promove/promoveu a prática de pedir dinheiro nos últimos sete dias? Caso positivo, quanto recebeu?

PARTE 4 – SAÚDE

1. Você possui algum problema de saúde?
2. Quando você precisa de atendimento médico qual tipo de unidade de saúde você procura?
3. Faz uso de drogas?
4. Faz uso de algum tipo de medicação?
5. Você fez uso de algum tipo de bebida alcoólica nos últimos sete dias?
6. Já foi interado?
7. Teve algum atendimento de saúde negado?
8. Possui o cartão sus?
9. O que acha do sistema único de saúde?
10. Você almoçou/almoçará no dia de hoje?
11. Quais foram os lugares que você realizou suas refeições (almoço) nos últimos sete dias? (buscar a precisão dos locais, como a rua e o nome do espaço de alimentação)
12. Quais os motivos por você não ter realizado a refeição nestes dias?
13. Como você faz para beber água? Aponte três lugares que você utilize para beber água e os motivos pela escolha destes lugares.
14. Quantas vezes você tomou banho nestes últimos sete dias?
15. Quais são os locais que você utiliza para tomar banho?
16. 4 - quais são os locais que você utiliza para (ir ao banheiro) realizar as suas necessidades fisiológicas?
17. Você realiza a lavagem das suas roupas?

PARTE 5 – EDUCAÇÃO

1. Você sabe ler e escrever?

2. Frequenta ou frequentou escola ou estabelecimento de ensino?
3. Qual a sua escolaridade? (último ano concluído com aprovação)
4. Tem vontade de estudar algum curso?
5. Qual matéria ou tema mais gosta?
6. O que é estudar para você?

PARTE 6 – AUTOPERCEPÇÃO

1. Como você se enxerga morando na rua?
2. Tem vontade de sair da rua?
3. O que você mais precisa para sair da situação de rua?
4. Como você acredita que é visto por outras pessoas?
5. O que mais te dói?
6. Como é estar em situação de rua?
7. Quais são os principais desafios?
8. Existe um lado bom de morar na rua?
9. Você é feliz?
10. Você se ama?

PARTE 7 – PERGUNTAS CENTRAIS

1. O que é a rua para você?
2. O que significa estar/morar nas ruas?
3. Quais direitos você considera ter?
4. O que são direitos humanos para você?
5. Como você entende a cidadania?
6. Você se considera cidadão?
7. Como você definiria sua situação?
8. O que te mantém vivo na sua opinião?

PARTE 8 – PERGUNTAS COMPLEMENTARES

1. Você saberia informar pelo menos cinco locais que distribuam comida, roupa, corte de cabelo, espaço para banho ou outro tipo de ajuda?
2. Você gosta de ler? Se sim, o que e com que frequência?
3. O que é amor para você? E dor?
4. O que é felicidade na sua opinião?
5. Quais são seus sonhos?
6. O que você considera liberdade?
7. Como você definiria o que é prisão?
8. Como você considera que está a vida?
9. Quais sonhos são possíveis aqui?
10. Você possui alguma história sobre a vida nas ruas?

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CASAS DE PAPELÃO: O QUE É A RUA PRA QUEM VIVE NELA?

Pesquisador: FILIPE LUNA JUCA DE CASTRO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 66068622.3.0000.5540

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.869.820

Apresentação do Projeto:

Igual ao da primeira versão

Objetivo da Pesquisa:

Igual ao da primeira versão

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Igual ao da primeira versão

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não há comentários a fazer

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram atendidos

Recomendações:

Não há recomendações a serem feitas

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pesquisador aceitou as sugestões e realizou as alterações que foram solicitadas

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de

Bairro: ASA NORTE

CEP: 70.910-900

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3107-1592

E-mail: cep_chs@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



Continuação do Parecer: 5.869.820

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2050728.pdf	12/01/2023 22:13:54		Aceito
Outros	Carta_revisao_etica_rev.pdf	12/01/2023 22:10:56	FILIFE LUNA JUCA DE CASTRO	Aceito
Cronograma	Cronograma_rev.doc	12/01/2023 22:09:45	FILIFE LUNA JUCA DE CASTRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_rev.doc	12/01/2023 22:09:29	FILIFE LUNA JUCA DE CASTRO	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes.pdf	07/12/2022 15:25:35	FILIFE LUNA JUCA DE CASTRO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	carta_de_encaminhamento.doc	07/12/2022 15:24:47	FILIFE LUNA JUCA DE CASTRO	Aceito
Outros	Instrumento_de_Coleta_de_Dados_Questionario.docx	07/12/2022 15:21:09	FILIFE LUNA JUCA DE CASTRO	Aceito
Outros	Justificativa_Aceite.pdf	07/12/2022 15:20:07	FILIFE LUNA JUCA DE CASTRO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_nov2022_Filipe.pdf	22/11/2022 15:56:01	FILIFE LUNA JUCA DE CASTRO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Plataforma_Brasil.pdf	22/11/2022 14:52:36	FILIFE LUNA JUCA DE CASTRO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 31 de Janeiro de 2023

Assinado por:
ANDRE VON BORRIES LOPES
(Coordenador(a))

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br